

QUANDO CHEGA A NOITE

Alexandra Ivy



Deveria ter sido um sonho transformado em realidade. Que mulher não iria querer trocar seu trabalho monótono e sua vida aborrecida para converter-se em uma deusa? Uma deusa que não só é imortal, mas também estará atada por toda eternidade a um vampiro fantasticamente bonito? Porém... ser uma deusa não é tão bom como parece, como Abby Barlow logo descobre. De fato, em poucas horas ela se encontrará fugindo de uma horda de demônios, um bando de zumbis e um poderoso mago que tem intenção de sacrificá-la para seu Príncipe Sombrio.

E se por acaso isso não fosse suficientemente ruim, perdeu seu trabalho, seu aluguel venceu e finalmente, ser a salvadora do mundo não vem com pagamento incluído.

Bem-vinda aos Guardiões da Noite!

Prólogo

Inglaterra, 1665

O grito rasgou o ar noturno. Pulsando com selvagem agonia, encheu a vasta habitação e ressonou pelos corredores. Os serventes, encolhidos de medo nos salões inferiores do castelo, apertaram com força as mãos sobre os ouvidos em um intento de bloquear os agudos gemidos. Inclusive os endurecidos soldados nos barracões fizeram o sinal da lua, a protetora da noite.

Na torre sul, o Duque de Granville passeava por sua biblioteca privada e seus traços escurecidos estavam talhados pelo desgosto. Diferente de seus serventes, ele não fez o sinal a sua frente e nem tentou afastar o mal de seus ouvidos. E por que deveria?

A maldade já tinha golpeado. Tinha invadido seu lar e ousado lhe manchar com sua imundície.

A única coisa que restava era purgar a infecção com um golpe desumano.

Colocando o capuz de seu casaco para assegurar-se que sua face desfigurada estava

completamente escondida, alinhou os ombros curvos. Paciência, disse-se uma e outra vez. Logo a lua entraria no equinócio adequado e então o ritual teria por fim um final. A menina que tinha sacrificado às bruxas se converteria em seu valioso Cálice e seu sofrimento teria um final.

Virando bruscamente sobre seus pés, dirigiu-se para a janela acanalada que lhe oferecia uma boa vista da rica campina. Na distância podia ver o débil brilho das fogueiras. Estremeceu. Londres. A imunda Londres, infestada de camponeses, iria ser castigada por sua alma pecadora.

Um castigo que tinha saído dos desmantelados bordéis e varrido o caminho até seu santuário.

Suas mãos se apertaram aos flancos. Era inaceitável. Ele era um homem justo. Um homem de Deus que sempre tinha sido ricamente recompensado por sua pureza. Ter essa... vil enfermidade entrando em seu corpo era uma perversão de tudo o que acreditava e seguia.

Essa, é obvio, era a única razão pela que tinha permitido que os pagãos entrassem em sua propriedade, para trazer com eles aquela

criatura do mal que estava atualmente presa com grilhões em sua masmorra.

Tinham-lhe prometido uma cura.

Um final à praga que estava consumindo sua vida.

E tudo o que lhe custaria era uma filha.

Capítulo 1

Chicago, 2006

— Oh, Deus, Abby. Não se deixe levar pelo pânico. Simplesmente não se deixe levar pelo pânico.

Inspirando profundamente, Abby Barlow pressionou as mãos contra seu estômago com náuseas e estudou os fragmentos de cerâmica que jaziam pulverizados pelo chão.

Tinha quebrado um vaso. Bom, possivelmente mais que quebrado, tinha o feito em pedaços, dizimado e aniquilado o vaso, percebeu a contra gosto. Pois bem. Não era o fim do mundo.

Um vaso era um vaso. Certo?

Repentinamente fez uma careta. Não, um vaso não era só um vaso. Não quando era um vaso muito diferente. Um vaso de incalculável valor. Um que sem dúvida deveria estar em um museu. Um que era o sonho de qualquer colecionador.

Maldito inferno.

O pânico levantou sua feia cabeça uma vez mais.

Tinha destruído um vaso Ming que não tinha preço.

E se perdesse seu trabalho? De acordo, não era um grande trabalho. Demônios, sentia como se estivesse entrando na Dimensão Desconhecida cada vez que entrava na elegante mansão nos subúrbios de Chicago. Mas sua posição como acompanhante de Selenia LaSalle apenas lhe exigia esforço. E o pagamento era muito melhor que passar droga em algum antro.

A última coisa que precisava era estar de volta nas longas filas do desemprego. Ou pior...

Deus querido e se esperassem que pagasse o maldito vaso?

Inclusive se havia tal coisa à venda a metade do preço teria que trabalhar dez anos para reunir tal soma. Acaso não fosse único em sua classe.

O pânico já não estava simplesmente aparecendo, estava retumbando através dela a todo vapor.

Só havia uma coisa a fazer, deu-se conta. A coisa amadurecida, responsável e adulta que fazer.

Esconder a evidência.

Jogando um olhar encoberto ao vasto vestibulo, Abby se assegurou de que estava sozinha antes de ficar de joelhos e reunir as numerosas partes que sujavam o liso mármore.

Não era como se alguém fosse dar conta de que o vaso tinha desaparecido, tentou reconfortar-se. Selenia sempre tinha sido uma reclusa, mas nas últimas duas semanas quase tinha desaparecido. Se não fosse por suas ocasionais e breves aparições para pedir que Abby preparasse essa repugnante beberagem de ervas que tomava com aparente prazer, Abby podia pensar que a mulher partiu sem dizer nada.

Certamente Selenia não perambulava pela casa fazendo inventário de suas diversas quinquilharias.

Tudo que Abby precisava era assegurar-se de não deixar nenhum rastro de seu crime e certamente tudo iria bem.

Ninguém saberia nunca.

Ninguém.

— Bem, bem, bem... nunca pensei que veria você sobre suas mãos e joelhos, querida. Uma posição das mais intrigantes e que leva a todo tipo de deliciosas possibilidades — disse

uma voz zombadora arrastando as palavras, da entrada do salão.

Abby fechou os olhos e fez uma profunda exalação. Estava amaldiçoada. Tinha que ser isso. Que mais poderia explicar sua interminável rajada de má sorte?

Por um momento se manteve de costas, esperando em vão que o convidado de Selena, o completamente desagradável Dante, desaparecesse. Podia desaparecer. Sempre restava a combustão espontânea, os buracos negros ou os terremotos.

Desgraçadamente, o chão não se abriu para tragar-lhe tampouco os detectores de fumaça começaram a dar o alarme. Ainda pior, realmente podia sentir o escuro e divertido olhar vagando sem pressa por sua rígida silhueta.

Reunindo seu maltratado orgulho, Abby se obrigou a virar-se lentamente, e manter o vaso quebrado escondido atrás dela enquanto contemplava a atual maldição de sua existência.

Ele não parecia uma maldição. A verdade absoluta era que parecia um delicioso, perigoso e pecaminoso pirata.

Ainda de joelhos sobre o chão, Abby permitiu que seu olhar viajasse sobre as botas negras de motociclista e as largas e poderosas pernas embainhadas em uns jeans desgastados. Ainda mais acima passou pela camisa negra de seda que pendurava frouxamente sobre seu torso. Frouxamente, mas não o bastante frouxa, reconheceu com um calafrio traidor. Para sua grande vergonha, durante os últimos três meses encontrou-se olhando às escondidas o jogo de músculos ondulantes debaixo daquelas camisas de seda.

De acordo, talvez se tivesse permitido mais que umas meras olhadas às escondidas. Talvez tivesse estado olhando fixamente. Olhando estupidamente. Comendo-lhe com os olhos. Ocasionalmente babando.

Que mulher não o faria?

Apertando os dentes, obrigou-se a elevar o olhar até o rosto de alabastro com suas formas perfeitamente esculpidas. Uma testa larga, um estreito nariz aristocrático, afiadas e definidas maçãs do rosto e exuberantes lábios esculpidos. Tudo se juntava em uma feroz elegância.

Era o rosto de um nobre guerreiro. Um chefe.

Até que as pessoas notavam aqueles pálidos olhos prateados.

Não havia nada nobre naqueles perturbadores olhos. Eram penetrantes, perversos e brilhavam com uma zombadora diversão para o mundo. Eram olhos que lhe marcavam como um “tipo mau” tão facilmente como os longos cabelos negros azeviche que caíam com descuido por debaixo dos ombros e os aros de ouro que levava nas orelhas.

Era sexo com pernas. Um predador. Do tipo que mastigava e cuspiam mulheres como ela com patética facilidade.

Isso era, quando se incomodavam em notar mulheres como ela em primeiro lugar, o que malditadamente não era muito freqüentemente.

— Dante. Tem que chegar assim? — perguntou-lhe, desesperadamente consciente da valiosa confusão bem detrás dela.

Ele deu uma amostra de considerar sua pergunta antes de lhe oferecer um ligeiro encolhimento de ombros.

— Não, suponho que não tenho que chegar assim. — murmurou com sua rouca voz de meia-noite. — Simplesmente me divirto fazendo-o.

— Bem, é um hábito muito vulgar.

Seus lábios tremeram com diversão ao chegar ainda mais perto.

— Oh, possuo hábitos muito mais vulgares, doce Abby. Vários que não duvido que encontrasse prazer se me permitisse demonstrar.

Deus, apostava que o faria. Aquelas grandes e diabólicas mãos sem dúvida fariam gritar uma mulher de prazer. E aqueles lábios...

De improviso estava esmagando a fantasia traidora e provocando o desgosto que com a maior segurança deveria estar sentindo.

— Argh. É asqueroso.

— Vulgar e asqueroso? — seu sorriso ampliou para revelar uns fabulosos dentes brancos. — Carinho, está em uma posição muito precária para estar lançando tais insultos.

Precária? Lutou contra o impulso de olhar para trás e descobrir se algum fragmento de seu crime era visível.

— Não sei o que quer dizer.

Com fluída elegância, Dante ficou de joelhos frente a ela e aqueles perturbadores dedos se elevaram para lhe acariciar

ligeiramente a bochecha. Seu toque era fresco, quase frio, mas enviou uma assombrosa labareda de calor ardente através dela.

— Oh, acredito que sim. Acredito recordar um vaso Ming bastante prezado que estava acostumado a posar-se sobre aquela mesa. Diga-me, querida, empenhou-o ou o quebrou?

Maldição. Sabia. Abby tentou pensar desesperadamente em alguma mentira plausível para explicar o vaso perdido. Ou em realidade, qualquer mentira, plausível ou não. Desgraçadamente, nunca tinha sido particularmente habilidosa nos enganos.

E não ajudava muito que seu persistente contato estivesse fazendo de seu cérebro um mingau.

— Não me chame assim. — murmurou fracamente ao final.

— Como? — suas sobrancelhas se elevaram.

— Querida.

— Por quê?

— Pelo fato óbvio de que não sou sua querida.

— Ainda não.

— Nunca.

—Tsk, tsk — Dante estalou a língua e seus dedos se moveram para lhe riscar descaradamente os lábios. — Ninguém nunca advertiu você que é perigoso desafiar ao destino? Tem a tendência de voltar e te morder. — seu olhar vagou sobre o pálido rosto e a suave curva do pescoço. — Às vezes bem literalmente.

— Nem em um milhão de anos.

— Posso esperar. — disse com voz rouca.

Ela apertou os dentes enquanto aqueles habilidosos dedos viajavam para baixo pelo arco de sua garganta e pela gola de sua camisa lisa de algodão. Simplesmente estava brincando com ela. Demônios, o homem flertaria com qualquer mulher que tivesse pulso.

E talvez com umas poucas que não o tivessem.

— Se esse dedo se mover mais para abaixo sua estadia no mundo vai ser grandemente mais curta.

Ele soltou uma suave risada afogada ao permitir a contra gosto que sua mão caísse.

— Sabe, Abby, algum dia se esquecerá de dizer não. E nesse dia, tenho intenção de fazer você gritar de prazer.

— Meu Deus, como é possível que leve com você esse ego?

O sorriso de Dante era puramente cínico.

— Acredita que não noto? Todas essas olhadas às escondidas quando acredita que não estou olhando? O modo como treme quando passo roçando em você? Os sonhos que atormentam suas noites?

Presunçoso sapo inchado.

Abby deveria rir. Ou desprezá-lo. Ou inclusive esbofetear sua arrogante cara. Em vez disso enrijeceu como se houvesse enlouquecido alguma fibra sensível que nem sequer sabia que possuía.

— Não tem que estar em algum lugar? — apertou os dentes— Na cozinha? Nas bocas-de-lobo? Nos fogos do inferno?

Surpreendentemente as feições de pirata endureceram enquanto seus lábios se torciam em um sorriso sardônico.

— Boa tentativa, meu carinho, mas não necessito que me condene aos fogos do inferno. Isso foi realizado faz muito tempo. Por que estaria aqui?

Abby elevou suas sobrancelhas, intrigada por sua insinuação de amargura. Pelo amor de Deus, que mais podia querer? Possuía o tipo

de vida cômoda que a maioria dos playboys obcecados com o sexo só podiam sonhar. Um lar elegante. Roupas caras. Um porsche prateado. E uma amante perfeita que não só era jovem, mas também o suficientemente bonita para pôr a qualquer verão quente e incômodo. Sua vida dificilmente estava em baixa.

Diferente da sua própria.

— Oh sim, realmente deve sofrer — replicou, com o olhar movendo-se rapidamente sobre a camisa de seda que custava mais que todo seu guarda-roupa — Meu coração simplesmente se rompe por você.

Os olhos chapeados cintilaram com um assombroso calor enquanto o feroz poder que sempre ardia a seu redor formigou através do ar.

— Não se atreva a falar de coisas das quais não sabe nada, querida. — advertiu.

“Deixa estar, Abby”, advertiu-se. Independentemente de seu fácil encanto, o homem era perigoso. Um autêntico menino mau. Só os bobos brincam de propósito com fogo.

Naturalmente, quando se referia aos homens, bem podia ter tatuado a palavra idiota na testa.

— Se você não gosta de estar aqui, então, por que não vai?

Ele a olhou em um inquietante silêncio antes que seus olhos se entrecerrassem lentamente.

— Por que não vai você?

— O que?

— Eu não sou o único que está sofrendo aqui, verdade? Cada dia parece se murchar um pouco mais. Como se sua frustração e tristeza tivessem tomado outro pedaço de sua alma.

Abby quase caiu de costas ante sua aguda percepção. Ela nunca tinha sonhado que alguém pudesse ter notado o desespero por sua monótona existência, nem tampouco o crescente medo de que logo estaria muito velha e cansada para preocupar-se de estar indo a nenhuma parte.

Com segurança não este homem.

— Você não sabe nada.

— Conheço uma prisão quando vejo uma.

— murmurou— Por que permanece presa quando poderia escapar tão facilmente?

Ela deixou escapar uma curta risada sem humor. Facilmente? Obviamente não era tão perceptivo como lhe tinha dado crédito.

— Porque necessito desse trabalho. Diferente de você, não tenho uma amante generosa que me paga as faturas e me mantém na moda. Alguns de nós temos que ganhar nosso pagamento com um trabalho real.

Se pensava que o tinha insultado, estava longe de acertar. De fato, suas afiadas palavras simplesmente lhe devolveram esse humor zombador que ela achava tão malditamente perturbador.

— Crê que sou o amante de Selena?

— Não é?

Ele levantou um ombro.

— Nossa... relação é um pouquinho mais complexa que isso.

— Oh sim, sem dúvida é. Ser brinquedinho de uma rica e elegante mulher é surpreendentemente complexo.

— É por isso que tenta me manter a distância? Por que acredita que compartilho a cama de Selena?

— Mantenho a distância porque eu não gosto de você.

Ele se inclinou para frente até que os lábios estiveram quase tocando os seus.

— Pode ser que você não goste, doçura, mas isso não evita que me deseje.

O coração dela se esqueceu de pulsar enquanto lutava por não cortar essa superficial distancia e sair da incerteza. Um beijo. Só um beijo. A necessidade era quase insuportável.

Não, não, não. De verdade queria ser um pobre divertimento para se livrar do aborrecimento? Não tinha jogado esse humilhante jogo antes?

— Sabe Dante, tive minha cota de imbecis em minha vida, mas você...

O controlado insulto teve uma assombrosa interrupção. No ar houve um repentino e crepitante calor. Tão eletrizante como o golpe de um relâmpago.

Nervosa pela formigante sensação, Abby virou a cabeça para as escadas justo quando uma ensurdecadora comoção rasgou a casa. Pega com a guarda baixa caiu de costas, com o ar fora de seu corpo.

Por um momento ficou perfeitamente quieta. Esperou que o teto se derrubasse sobre ela. Ou que o chão se abrisse e a tragasse.

Que diabos tinha acontecido? Um terremoto? Uma explosão de gás? O fim do mundo?

Fosse o que fosse, tinha sido suficiente para tirar as pinturas das paredes e derrubar as mesas. De repente o vaso Ming que tinha quebrado fazia jogo com todos os outros objetos de grande valor.

Sacudindo a cabeça para esclarecer o toque de campainha de seus ouvidos, Abby inspirou profundamente. Bem, ao menos parecia estar viva, disse a si mesma. E embora estivesse segura de ter uns poucos machucados, não percebeu que nada vital estivesse realmente perdido ou perfurado.

Deitada no chão de costas, ouviu o baixo grunhido animal, mas ainda assim conseguiu fazer que lhe pusessem os cabelos da nuca em pé. Senhor, agora o que é?

Lutando por ficar direita, deu uma olhada pelo sujo vestibulo. Surpreendentemente estava vazio. Nenhum animal selvagem. Nem um louco aproximando-se.

Nem Dante.

Com o cenho franzido, Abby ignorou seus instáveis joelhos e se obrigou a ir próxima as escadas. Onde tinha ido Dante? Tinha sido

golpeado pela explosão? Ou arrojado fora do vestibulo? Tinha desaparecido simplesmente em uma baforada de fumaça?

Não, não, naturalmente que não. Pressionou a mão contra sua dolorida cabeça. Estava ficando louca. Devia ter estado inconsciente durante um momento. Isso explicaria tudo. Sem dúvida ele tinha ido comprovar os danos. Ou pedir ajuda.

Seu trabalho certamente era assegurar-se que Selenia não estivesse ferida.

Concentrando-se em pôr um pé diante do outro, uma tarefa alarmantemente difícil, conseguiu escalar as amplas escadas de mármore e torpemente percorreu o corredor. Ao final da longa ala oeste, a porta do quarto de Selenia já estava aberta e ela passou pelo portal.

Não foi mais longe.

Um grito afogado saiu de sua garganta enquanto seu olhar aberto varria a demolida habitação. Como escada abaixo, as pinturas e vários objetos tinham sido atirados ao chão, a maioria deles feitos em pedaços além de todo reconhecimento. Mas ali o caos geral tinha deixado as paredes enegrecidas e em alguns

lugares desintegradas em pó. Inclusive as janelas tinham sido arrancadas de seu lugar.

Seu olhar flutuou sobre a enorme cama que estava jogada em um canto e ao final ao centro do quarto onde Dante estava ajoelhado frente a uma massa forma golpeada.

— Oh, Meu Deus! — sustentando as mãos contra a boca, Abby tropeçou para frente, com o coração firmemente preso na garganta. — Selenia.

Dando-se conta de sua presença pela primeira vez, Dante levantou a cabeça de um puxão para olhá-la com o cenho franzido. Quase distraidamente, Abby notou a palidez mais forte de sua pele e o estranho brilho frenético em seus olhos prateados.

Obviamente ele estava tão desesperado quanto ela.

— Saia daqui — grunhiu ele.

Ela ignorou sua advertência enquanto caía de joelhos frente ao corpo queimado. Qualquer que fosse seu secreto desgosto pela mulher bela e fria de coração, foi esquecido enquanto as lágrimas fluíam por suas bochechas.

— Está... morta? — disse com voz rouca.

— Abby, disse para sair. Agora! Sai desse quarto. Fora dessa casa.

Às escuras e furiosas palavras continuaram, mas Abby já não estava escutando. Em vez disso observou com fascinado horror como uma das mãos queimadas se crispava sobre o tapete. Maldito inferno. Estaria a pobre mulher ainda viva? Ou era alguma horrível brincadeira de sua imaginação?

Congelada pela surpresa, Abby olhou fixamente os dedos que continuavam sacudindo-se e contraindo-se ainda mais perto. Era como estar em um pesadelo. Uma sensação que se fez mais profunda quando a mão se abriu para cima e lhe agarrou o pulso com um doloroso apertão.

Abrindo a boca para gritar, Abby descobriu que seu fôlego era arrancado do corpo. Uma frieza estava estendendo dos dedos que se cravavam em sua carne. Uma frieza que avançava lentamente por seu sangue com uma abrasadora e implacável agonia. Com um gemido, tentou desesperadamente liberar a mão do brutal agarre.

Iria morrer, deu-se conta com assombrada incredulidade. A dor estava arranhando seu coração, ralentizando seus batimentos cardíacos até que esteve condenado a deter-se.

Iria morrer e nem sequer tinha se incomodado a viver ainda.

Que idiota tinha sido.

Levantando a cabeça, encontrou-se com o brilhante olhar metálico de Dante. Seus belos e zombadores traços pareciam sombrios a tênue luz. Sombrios e afiados por algo que podia ter sido fúria, arrependimento ou desespero.

Tentou falar, mas uma brilhante labareda de luz ardeu através de sua mente, e com um grito estrangulado se afundou de cabeça na bem-vinda escuridão.

Capítulo 2

Rodeada por uma névoa prateada de dor, Abby flutuava em um mundo que não era de todo real.

Estava morta?

Certamente não. Nesse caso estaria em paz, não? Não sentiria como se seus ossos estivessem sendo lentamente esmagados e sua cabeça estivesse a ponto de explodir.

Estava morta, então essa coisa da outra vida era uma enorme e asquerosa fraude.

Não. Tinha que estar sonhando, tranqüilizou-se ao fim. Isso certamente explicaria que a névoa prateada estivesse começando a apartar-se.

Curiosa apesar do vago sabor de medo no ar espiou através da luz trêmula. Momento depois pôde ver uma escura câmara de pedra que estava fracamente iluminada por uma tocha oscilante. No centro do chão de pedra jazia uma jovem com túnica branca. Abby franziu o cenho. A cara pálida da mulher era notavelmente familiar, embora fosse difícil determinar exatamente os traços enquanto a mulher se retorcia e gritava em óbvia agonia.

Ao redor de sua forma prostrada se sentavam em círculo mulheres com capas cinza, segurando-se as mãos e cantarolando em voz baixa. Abby não podia captar as palavras, mas parecia como se estivessem levando a cabo algum tipo de ritual. Possivelmente um exorcismo. Ou um feitiço.

Lentamente uma mulher de cabelo cinza ficou em pé e elevou as mãos para o teto escurecido.

— Se eleve Fênix e manifeste seu poder. — gritou com tom ressonante — O sacrifício é devotado, o convênio selado. Benze nosso nobre Cálice. Benze-a com sua glória. Ofereça-lhe o poder de sua espada para lutar contra o mal que ameaça. Convocamos-lhe. Aparece.

Chamas cor carmesim surgiram por toda a câmara enquanto as mulheres continuavam cantarolando, revoando no ar espesso antes de rodear a mulher que gritava sobre o chão. Então, tão abruptamente como tinham aparecido, as chamas se fundiram com a pele da mulher.

A mulher de cabelo cinza virou bruscamente a cabeça para um canto escurecido.

— A profecia se cumpriu. Que se aproxime a besta.

Esperando algum horrível monstro de cinco cabeças que encaixaria perfeitamente neste pesadelo extravagante, Abby conteve o fôlego quando um homem vestido com uma camisa branca desgrenhada e calções de cetim até o joelho se adiantou, com um pesado colar de metal e correntes penduradas no pescoço. Sua cabeça estava inclinada, deixando que seu comprido cabelo azeviche lhe cobrisse o rosto, mas isso não deteve o tremor de premonição que baixou centímetro a centímetro pela coluna vertebral de Abby.

— Criatura do mal foi escolhido entre todos os outros — entoou a mulher.— Malvado é seu coração e ainda assim é bento. Entregamos-lhe o Cálice. Em fogo e sangue lhe vinculamos. Na sombra da morte lhe vinculamos. Por toda a eternidade e mais à frente lhe vinculamos.

A tocha flamejou de repente e com um terrível grunhido, o homem elevou a cabeça.

Não. Não era possível. Nem sequer no estranho e ridículo mundo dos sonhos. Especialmente não neste que parecia tão horrorosamente real.

Ainda assim, não havia possibilidade de engano com essa aterradora beleza. Ou esses olhos entre prateados e vermelho vivo.

Dante.

Estremeceu de horror. Isto era uma loucura. Por que essas mulheres o tinham prendido? Por que o chamavam de monstro? Uma criatura do mal?

Uma loucura, sem dúvida. Um sonho. Nada mais, tentou convencer-se.

Então sem advertência, a ansiedade que percorria sua coluna se converteu em absoluto terror. Com pura raiva, Dante andou para frente bruscamente e os perfeitos traços de alabastro ficaram banhados pela luz oscilante. A mesma luz oscilante que revelava suas compridas e mortíferas presas.

Quando Abby despertou ao fim, a névoa prateada e as bordas mais afiadas de sua dor tinham desaparecido.

Ainda assim, com estranha cautela, obrigou-se a permanecer perfeitamente imóvel. Depois do dia que já tinha suportado, esse não parecia o melhor momento para estar lançando-se e movendo-se com estupidez em seu estilo habitual. Em vez disso tentou avaliar seus arredores.

Jazia sobre uma cama, decidiu ao final. Não sua própria cama, entretanto. Esta era dura, cheia de ondulações e tinha um aroma de mofo que nem sequer queria considerar. Na distância, podia ouvir o som do tráfego ao passar e, mais perto, o som amortecido de vozes ou possivelmente um televisor.

Bom, não estava na casa chamuscada de Selenia. Já não estava em uma úmida masmorra com mulheres que gritavam e demônios. E não estava morta.

Isso certamente era um progresso, não?

Reunindo coragem, Abby elevou lentamente a cabeça do travesseiro para dar uma olhada à sombria habitação. Não havia muito que ver. A cama em que jazia ocupava a maior parte do reduzido espaço. Sobre ela havia paredes nuas e as cortinas floreadas mais feias que já havia visto. Aos pés da cama havia uma cômoda quebrada que sustentava um televisor antigo e num canto uma cadeira andrajosa.

Uma cadeira que atualmente estava ocupada por um homem grande de cabelo negro como o azeviche.

Ou não era um homem?

Seu coração se contraiu com um medo crescente enquanto seu olhar passou sobre o adormecido Dante. Deus. Tinha que estar louca para pensar o que estava pensando.

Vampiros? Vivinhos e abanando o rabo... ou o que fosse que faziam os vampiros... em Chicago? Panaquice. Estupidez. Estava se encaminhando para a loucura.

Mas o sonho. Tinha sido tão vívido. Tão real. Inclusive agora podia cheirar o ar pestilento e úmido e o aroma acre da tocha. Podia ouvir os gritos e cantos. Podia ouvir o estalo contínuo de pesadas correntes. Podia ver Dante sendo empurrado para frente e as presas que o marcavam como a uma besta.

Real ou não, tinha-a posto o bastante nervosa para desejar um pouco de espaço entre Dante e ela. E possivelmente várias cruces, umas poucas estacas de madeira e uma garrafa de água benta.

Logo que se atreveu a respirar, Abby se levantou e passou as pernas pela borda do colchão. Sua cabeça ameaçou se rebelar, mas apertou os dentes e se empurrou para frente. Queria sair dali.

Queria estar em sua familiar casa, rodeada por suas coisas familiares.

Queria sair desse pesadelo.

Dando um passo instável atrás de outro, Abby cruzou o quarto. Estava a ponto de alcançar o trinco da porta quando se produziu o mais fraco dos sussurros atrás dela. Os cabelos de sua nuca se arrepiaram antes que um par de braços de aço a rodeassem.

— Não tão rápido, querida. — murmurou uma escura voz diretamente em seu ouvido.

Por um momento sua mente ficou em branco e se paralisou de medo. Então o pânico puro tomou o controle.

Arqueando as costas, tentou lhe chutar freneticamente as pernas.

— Me deixe partir. Solte-me.

— Partir? — os braços simplesmente se apertaram ante sua luta—. Diga-me, carinho, onde planeja ir?

— Isso não é seu assunto.

Surpreendentemente ele soltou uma risada curta e sem humor.

— Meu Deus, não sabe como desejaria que isso fosse verdade. Ambos seríamos livres, compreende isso? Seríamos livres. Agora estamos presos um ao outro.

Abby ficou quieta ante suas amargas e acusadoras palavras.

—O que quer dizer?

Ele esfregou o rosto no topo de sua cabeça, num gesto estranhamente íntimo antes de girá-la firmemente para que enfrentasse seu brilhante olhar.

— Quero dizer que se tivesse mantido seu precioso nariz fora do que não era seu assunto, ambos teríamos podido seguir alegremente nosso caminho. Agora, por causa de seu ato de Florence Nightingale, aonde vá, o que faça e o que condenadamente pense é muito mais que meu assunto.

De que demônios estava falando? Inconscientemente seu olhar percorreu rapidamente os perfeitos traços de alabastro. Quão último precisava era mais problemas.

— Está louco. Solte-me ou...

— Ou o que? — exigiu ele com tom sedoso.

Boa pergunta. Lástima não ter uma brilhante resposta.

— Eu... gritarei.

As sobrancelhas escuras se elevaram com sardônica diversão.

— E realmente quer descobrir que tipo de herói vai se apressar em resgatar você neste lugar? Quem crê que será? O vendedor local de crack? As putas que trabalham no vestibulo?

Sabe, eu apostaria pelo bêbado da porta do lado. Havia um definitivo aroma de violação no ar quando levei você nos braços por diante dele pelo corredor.

De repente Abby entendeu onde estavam, os vis aromas e os ecos de desespero. Dante a tinha levado a um dos infinitos e sórdidos hotéis que atendiam as necessidades dos pobres e dos desesperados.

Poderia haver estremecido de asco se essa não tivesse sido a menor de suas preocupações.

— Não poderiam ser piores que você.

Ele se enrijeceu ante sua acusação e sua expressão se tornou reservada.

— Palavras bastante duras para o homem que muito bem poderia ter salvado sua vida.

— Homem? Isso é o que é?

— O que disse?

Os dedos se afundaram em seus ombros e Abby compreendeu tardiamente que enfrentar Dante diretamente poderia não ter sido a decisão mais sábia.

Ainda assim, tinha que saber. A ignorância podia ser uma bênção, mas também enlouquecedoramente perigosa.

—Você... te vi. No sonho. — estremeceu quando as lembranças arderam através de sua mente— Estava preso e elas cantavam e vocês... suas presas...

— Abby — a olhou profundamente nos olhos— Sente-se e explicarei.

— Não. — deu uma frenética sacudida à cabeça. — O que vai fazer comigo?

Os lábios dele se retorceram ante seu alto tom.

— Embora em diversas ocasiões passaram por minha cabeça várias idéias tentadoras, no momento quero só falar com você. Consegue se acalmar o suficiente para escutar?

Por ele não ter rido e nem dito que ela tinha enlouquecido pelo que contou do sonho só aprofundou o terror de Abby. Ele sabia do sonho. Reconhecia-o.

Deixando que seu instinto tomasse o controle, Abby se obrigou a fingir uma resignação que estava longe de sentir.

—Tenho escolha?

Ele deu de ombros.

— Na realidade não.

— Muito bem.

Seguindo fracamente sua liderança para a cama, Abby esperou até que Dante estivesse

convencido de sua vitória antes de esticar a mão e lhe empurrar com força. Pego com a guarda baixa, cambaleou e em uma piscada ela estava escapando para a porta.

Foi rápida. Ter crescido com cinco irmãos mais velhos assegurava que tinha muita prática fugindo de um massacre em potencial. Mas surpreendentemente só tinha dado uns quantos passos quando os braços de Dante se envolveram a seu redor e a elevaram sobre seus pés.

Com um grito amortecido, esticou os braços sobre a cabeça e aferrou dois punhados de sedosos cabelos. Ele soltou um grunhido baixo quando lhe deu um violento puxão. Ainda aferrando seu cabelo com uma mão, moveu a outra para afundar as unhas no flanco de seu rosto.

— Demônios, Abby. — resmungou e seu apertão se afrouxou enquanto tratava de se esquivar do seu ataque.

Sem perder um momento, Abby se retorceu para liberar-se e, virando-se, dirigiu um ponta pé nas partes íntimas de Dante, golpe que ao longo dos anos tinha provado conseguir que inclusive o maior dos homens tivesse que parar-se em seco. Ele ofegou

enquanto se dobrava de dor. Sem deter-se para admirar seu trabalho, Abby se equilibrou para a porta.

Nesta ocasião, se arrumou para tocar realmente a tranca, mas foi rudemente levantada, atirada sobre um amplo ombro e carregada de volta à cama. Chiou de novo quando Dante a lançou facilmente sobre o pestilento colchão e depois a seguiu, cobrindo seu corpo combativo com outro muito maior e muito mais duro.

Mais aterrada do que tinha estado em sua vida, Abby contemplou a pálida face com sua beleza sobrenatural. Estava aguda e perturbadoramente consciente dos músculos compactos que se pressionavam contra os dela. E do conhecimento de que a tinha completamente a sua mercê.

Insegura do que ia ocorrer, sobressaltou-se quando um lento sorriso curvou os lábios dele.

—Tem poderosas armas por ser uma coisa tão diminuta, querida. —murmurou — Pratica esses truques sujos com freqüência?

De algum modo as brincadeiras conseguiram aliviar um pouco de seu raivoso medo. Certamente se ia matar-lhe, não seria

tão indulgente para lhe dar conversação, certo?

A menos, é obvio, que os vampiros preferissem um pouco de bate-papo pre-jantar.

—Tenho cinco irmãos mais velhos. — disse apertando os dentes.

—Ah, isso explica. Sobrevivência do mais apto, ou neste caso, sobrevivência de quem tenha o arsenal mais sujo.

— Saia de cima de mim.

Ante isso ele elevou as sobrancelhas.

—E me arriscar a ficar como um eunuco? Não, obrigado. Terminaremos nossa discussão sem mais arranhões, puxões de cabelo ou golpes baixos.

Ela fulminou com o olhar sua zombadora expressão.

—Não temos nada que discutir.

—Oh, não, — disse ele arrastando as palavras—, nada além do fato de que sua chefe acaba de assar-se num quarto, o fato que eu sou um vampiro e o de que graças a sua estupidez, agora tem a cada demônio da vizinhança atrás de sua cabeça. Absolutamente nada que discutir.

Chefas assadas, vampiros e agora demônios? Era muito. Mais que muito.

Abby fechou os olhos enquanto seu coração se encolhia de horror.

—Isto é um pesadelo. Meu Deus, por favor, faz que Freddy Krueger atravesse a porta.

—Não é um pesadelo, Abby.

—Não é possível. — Abriu a contra gosto as pálpebras para encontrar o brilhante olhar prateado. — É um vampiro?

Ele fez uma careta.

—Minha herança é a última de suas preocupações neste momento.

Herança? Engoliu o histérico desejo de rir.

—Sena sabia?

—Que sou um vampiro? Oh, sim, sabia. — seu tom era seco— De fato, poderíamos dizer que isso era um requisito para meu emprego.

Abby franziu o cenho.

—Então ela era um vampiro também?

—Não. — Dante fez uma pausa como se considerasse cuidadosamente suas palavras. Ridículo já que poderia havê-la informado que Sena era Belzebu e ela não teria movido nem um músculo enquanto a retinha em sua implacável garra. — Ela era... um Cálice.

— Cálice? — o sangue frio. A mulher que gritava em agonia. As chamas carmesins. — A Fênix. — sussurrou.

As sobrelanceiras dele se uniram com surpresa.

—Como sabe disso?

—O sonho. Eu estava em uma masmorra e havia uma mulher deitada no chão. Acredito que as outras mulheres estavam levando a cabo algum ritual sobre ela.

—Selena. — resmungou ele— Deve ter passado para você uma porção de suas lembranças. É a única explicação.

—Passado suas lembranças? Mas isso é... — suas palavras se desvaneceram quando um zombador sorriso curvou os lábios dele.

—Impossível? Não crê que já estamos além disso?

Estavam, é obvio. Tinha entrado em tropeções em algum mundo de fantasias onde tudo era possível. Como Alicia em Através do espelho.

Só que em vez de gatos que desapareciam e coelhos brancos, havia vampiros e misteriosos Cálices e quem sabia o que mais.

—O que fizeram a ela?

—Converteram-na em um Cálice. Uma vasilha humana para uma poderosa entidade.

— Essas mulheres eram bruxas?

— Na falta de um termo melhor, sim

Genial. Simplesmente genial.

—E puseram um feitiço sobre Selena?

Os olhos prateados brilharam sob a luz sombria.

— Foi bem mais que um feitiço. Convocaram o espírito da Fênix para que vivesse dentro de seu corpo.

Abby quase podia sentir as chamas carmesins que tinham ardido na carne da mulher. Estremeceu de horror.

—Não estranho que tenha gritado. O que faz essa Fênix?

—É uma... barreira.

O olhou de esguelha com cautela.

—Uma barreira contra o que?

—Contra a escuridão.

Bem, isso deixava tudo tão claro como o barro. Impacientemente Abby se retorceu sob o homem que a prendia contra a cama.

Um mau movimento.

Como se um raio a tivesse golpeado de repente, foi vibrantemente consciente do corpo duro encravado no seu. Um corpo que a tinha açoitado mais de uma noite em sonhos.

A mandíbula de Dante se enrijeceu ante os movimentos involuntariamente provocadores e

seus quadris se moveram instintivamente em resposta.

—Crê que possa ser um pouco mais claro?
— conseguiu pronunciar sufocadamente.

—O que querer que diga? — exigiu ele com tom crispado.

Abby lutou por manter seus pensamentos concentrados. Bom Deus. Esse não era o momento de ficar pensando em... em... isso.

—Algo um pouco mais específico que a escuridão.

Houve um momento de silêncio, como se ele estivesse travando sua própria batalha. Então ao fim encontrou seu olhar diretamente.

—Muito bem. O mundo dos demônios se refere à escuridão como o Príncipe, mas na realidade não é um ser real. É mas um... espírito, como é a Fênix. Uma essência de poder que os demônios chamam para realçar suas habilidades escuras.

—E a Fênix faz algo a esse Príncipe?

—Sua presença entre os mortais afastou o Príncipe deste mundo. São dois opostos. Nenhum pode estar no mesmo lugar que o outro no mesmo momento. Não sem que ambos sejam destruídos.

Bem, isso parecia uma coisa boa. O primeiro raio de esperança em um dia muito pouco prometedor.

—Assim, não há mais demônios?

Ele elevou um ombro.

—Permanecem, mas sem a presença tangível do Príncipe estão debilitados e confusos. Já não se agrupam para atacar com força e raramente caçam aos humanos. Foram forçados a permanecer entre as sombras.

—Isso é bom, suponho. — disse ela lentamente — E Slena era essa barreira?

—Sim.

—Por quê?

Ele piscou ante a abrupta pergunta.

—Por quê?

—Por que a escolheram? — esclareceu Abby, não de todo segura de por que lhe preocupava saber. Só sabia que nesse momento parecia importante. —Era uma bruxa?

Estranhamente Dante se deteve, quase como se estivesse considerando responder a sua pergunta. Ridículo depois de tudo o que já lhe tinha revelado. O que podia ser pior que o fato de que estava sendo mantida cativa por um vampiro? Ou de que a única pessoa que

mantinha a todas as coisas más e aterradoras na noite estivesse agora morta?

—Não foi escolhida, foi oferecida em sacrifício por seu pai — confessou ele ao fim, a contra gosto.

—Foi sacrificada por seu próprio pai? — Abby piscou alarmada. Demônios, sempre tinha pensado que seu pai era um firme candidato para maldito do ano. Tinha sido sempre brutal só redimido pelo fato de que tinha feito todo o mau ao lado de uma garrafa de uísque. Ainda assim, não a tinha dado como pasto para um bando de bruxas enlouquecidas. — Como pôde fazer tal coisa?

Os elegantes traços se endureceram com uma raiva ancestral.

—Muito facilmente. Era poderoso, rico e acostumado a sair-se bem em tudo. Ou o era até que foi golpeado pela praga. Em troca da cura, entregou às bruxas sua única filha.

—Santa merda. Isso é horrível.

—Suponho que pensou que era um intercâmbio justo. Ele se curava e sua filha se fazia imortal.

—Imortal? — Abby conteve o fôlego com súbita esperança— Então Selena ainda vive?

Os formosos traços se endureceram ainda mais.

—Não, está bem morta.

—Mas... como?

—Não sei. — seu tom era áspero pelas emoções que sentia. — Ao menos ainda não.

Abby mordeu o lábio inferior, tentando envolver seu dolorido cérebro ao redor das conseqüências de semelhante morte.

—Então a Fênix se foi?

—Não, não se foi. Está... — sem advertência, Dante fluiu até ficar em pé, com a cabeça voltada para a porta fechada. Um tenso silêncio encheu o quarto antes que ao fim seu olhar voltasse para a sobressaltada face de Abby. —Abby, devemos ir. Agora.

Capítulo 3

Dante amaldiçoou ferozmente sua estupidez.

Durante 341 anos tinha permanecido como guardião da Fênix. Não por gosto e não sem ferver a fogo lento com fúria por seu destino, mas com absoluta dedicação. Não é como se tivesse tido escolha. Aquelas bruxas se encarregaram disso.

Mas agora, quando o perigo era maior, esquecia de si mesmo, sendo apenas capaz de concentrar-se na ameaça que tinha entre as mãos.

Impacientemente jogou o emaranhado cabelo para trás. Condenado inferno, não era a toa que estivesse distraído. Nas poucas horas anteriores, tinha suportado mais sobressaltos dos que tinha tido em séculos. A morte da imortal Selena. A feroz e intoxicante alegria quando sentiu que as algemas começavam a afrouxar-se. E o horror de ver a Fênix sendo gravada em Abby.

Abby.

Duplamente condenado inferno. Olhou para sua magra figura. A mulher tinha sido

uma praga e uma peste desde que tinha chegado à propriedade de Selena. Com a pele tão suave como a seda. Os doces cachos loiros que emolduravam sua travessa face. Os vulneráveis olhos. E as ardentes paixões que buliam lentamente embaixo dessa atitude de “que-se-dane-o-mundo”. Chamava-lhe como um canto de sereia. Um saboroso bocado que tinha toda intenção de consumir a sua conveniência.

Mas agora tudo tinha mudado. Agora já não era mais uma adorável diversão. Não mais uma pequena brincadeira. Estava sob seu amparo. E a protegeria até a morte.

—Vamos — ordenou em um tom suave, convocando seus antigos instintos.— Algo se aproxima.

Esforçando-se para ficar em pé, olhou-o com cautela.

—O que?

Agarrou-a pelo braço firmemente.

—Demônios — se estendeu com seus sentidos, tocando a escuridão que sentia.— E mais de um.

Ficou pálida, mas com essa força interior que Dante sempre tinha admirado, nem desmaiou, nem gritou, nem fez todas essas

coisas chatas que os mortais são tão propensos a fazer quando se enfrentam com o místico.

—Mas certamente não nos incomodarão. Não temos nada que possam querer.

Os lábios dele se curvaram.

—Está equivocada, linda. Temos um tesouro além de todos os sonhos.

—O que?

—Temo que as outras vinte perguntas tenham que esperar até mais tarde, Abby.

Aproximando-a mais a seu flanco, cruzou silenciosamente para a quase oculta porta situada ao lado da cama. Estendendo a mão, girou o trinco e empurrou para abri-la. A madeira se estilhaçou quando o fecho inútil foi arrancado do marco. Mantendo ainda Abby perto, jogou a porta através das sombras do quarto contíguo, dirigindo apenas um olhar ao bêbado que roncava no esquecimento da vodca sobre a cama.

Dante se dirigiu diretamente para a estreita janela. Forçando-a para abri-la, virou-se para inclinar-se mais perto da orelha de Abby.

—Fique perto de mim e não faça ruído — sussurrou— Se nos atacarem, quero que fique

atrás de mim e não corra. Tentarão assustar você para levá-la até uma armadilha.

—Mas quero saber por quê...

—Agora não, Abby — grunhiu impacientemente— Se quiser sair viva daqui, necessito que confie em mim. Pode fazê-lo?

Houve um momento de silêncio. Na escuridão Dante podia sentir a fragilidade de seu controle. Estava tremendo e só podia esperar que seu iminente colapso pudesse ser retardado até conseguir estar a salvo.

Ao final respirou com força e a contra gosto assentiu com a cabeça.

—Sim.

Dante a olhou profundamente nos olhos, assustado pelo despertar de algo que não podia ter sentido. Calidez.

—Então vamos.

Agarrando sua mão, ajudou-a a subir através da estreita janela, esperando até que estivesse sobre a escada de incêndios antes de segui-la na escuridão. Deteve-se apenas um momento, olhando o sujo beco que havia abaixo. Seus instintos lhe advertiram que vários demônios espreitavam nas cercanias. Infelizmente, ficar significaria ser rodeado e

apanhado. Não tinham mais escolha que seguir em frente.

Ou em seu caso, para baixo.

Dante lhe assinalou com a cabeça para a próxima escada. Com passos resistentes, Abby cruzou a plataforma e se forçou a descer pelas travessas. Ele esperou até que ela chegasse embaixo antes de dar um passo para a borda e saltar, aterrissando junto a sua tremente figura.

Quando separou os lábios para falar, ele estendeu uma mão para lhe pressionar um dedo sobre a boca, sacudindo bruscamente a cabeça. O perigo lhe produzia coceira sobre a pele. Algo estava perto. Muito perto. Virando-se para um grande contêiner, deu um passo lento para frente.

—Mostre-se — ordenou.

Houve um sussurro nas sombras seguido por um agudo chiado de garras sobre o pavimento antes que uma forma grande e forte aparecesse lentamente. A primeira vista, teria sido fácil desprezar ao intruso por causa de sua aparência, uma torpe e descerebrada besta. Com a grossa pele, supurantes furúnculos e uma disforme cabeça que luzia três olhos, era o claro exemplo do monstro de

debaixo da cama. Mas Dante estava muito familiarizado com esse demônio em particular e sabia que sob toda essa fealdade havia uma ardilosa inteligência muito mais mortal que qualquer músculo.

—Halford — Dante lhe ofereceu uma zombadora reverência.

—Ah, Dante — a profunda e retumbante voz tinha um acento educado e elegante como se tivesse estado em um fino internato. Um contraste ridículo com sua aparência brutal. — Sabia com segurança que passaria por aqui assim que captasse o rastro desses cães infernais. Tentei treiná-los durante séculos para que sejam um pouco discretos, mas sempre têm que entrar correndo quando a cautela nos viria melhor.

Assegurando-se de permanecer exatamente entre Abby e o demônio, Dante lhe ofereceu um débil encolhimento de ombros.

—Os cães infernais nunca foram conhecidos por sua inteligência.

—Não. Uma pena, realmente. Ainda assim, têm sua utilidade. Como por exemplo, eliminar as presas para que eu não precise perder tempo com essa porcaria — Halford lançou um olhar desdenhoso para o decrepito hotel. —

Devo dizer, Dante, que sempre acreditei que tinha melhor gosto.

—Que lugar melhor para me esconder da escória que sob seus próprios narizes?

Halford soltou uma retumbante risada que provocou um eco sobrenatural no beco.

—Uma tática inteligente salvo pelo fato de que cada irmão na cidade pode cheirar a sua beldade a um quilômetro de distância. Temo que não haja esconderijo.

Dante amaldiçoou silenciosamente. Apesar de Abby levar a Fênix, ainda não tinha adquirido completamente seus poderes ou nenhum conhecimento a respeito de como controlá-los. Até que o fizesse, seria um farol para cada demônio que houvesse na zona.

—Subestima minha habilidade — disse lentamente em tom sedoso.

—Oh não, nunca seria tão estúpido para subestimar você, Dante. — o demônio deu um passo para frente, suas unhas chiando no pavimento e levantando pó.— Diferente de muitos na irmandade, eu posso sentir facilmente o poder que foi forçado a manter sob controle todos esses aborrecidos anos. Por isso que estou bastante disposto a deixar você partir. Não tenho desejo de te matar.

Dante arqueou uma sobrancelha.

—Me permitirá partir?

—É obvio. Nunca me deu prazer matar a meus companheiros demônios —Halford lançou o que podia passar vagamente por um sorriso, considerando sua tripla fila de dentes—. Deixa à garota e prometo a você que nunca será incomodado de novo.

Ah! Dante abruptamente compreendeu a verdade. Halford estava sozinho. E não estava muito seguro de poder vencer a um vampiro. Ao menos não antes que pudessem chegar os outros demônios reunidos e complicassem as coisas.

—Uma oferta bastante generosa — murmurou Dante.

—Acredito que sim.

—Ainda assim, acredito que entregar um tesouro tão inestimável deve valer algo mais tangível. Depois de tudo, se vê forçado a brigar comigo pela moça, pode se encontrar tendo que compartilhar a glória com qualquer quantidade de demônios que apareçam correndo nessa direção.

Um repentino golpe no centro de suas costas lhe assegurou que Abby tinha escutado suas insultantes palavras. E naturalmente

tinha chegado à conclusão previsível. Depois de tudo, ele era um vampiro malvado.

Andando para trás, agarrou a esbelta mão em um apertado punho. Não podia arriscar-se que fugisse.

Halford entreceerrou os olhos. Os três.

—O que pode haver mais tangível que sua vida?

Dante deu de ombros.

—Não vale a pena viver uma eternidade se me vejo reduzido a me derrubar ante a miséria. Como disse, estou acostumado a um estilo de vida bastante luxuoso que está a ponto de acabar-se sem a Selena.

—Por que você... — Com um rouco grunhido, Abby lutou freneticamente contra seu agarre, chutando-o com uma selvageria que teria feito cair de joelhos um mortal.

—Silêncio, amor — ordenou sem nem sequer virar a cabeça— Halford e eu estamos a ponto de começar as negociações.

—Porco. Monstro. Besta.

Dante ignorou os chutes que acentuavam cada palavra enquanto encontrava o divertido olhar de Halford.

—Uma coisinha ferosa — chiou o demônio.

—Um defeito de caráter que pode ser facilmente corrigido.

Halford flexionou os avultados músculos.

—Bem facilmente. Agora vamos terminar com isso. Qual é seu preço?

Dante fingiu considerá-lo.

—Um fornecimento preparado de sangue, é obvio. Nestes dias e época, realmente é muito perigoso estar caçando entre o povo.

—Bastante simples.

—E possivelmente umas poucas Shantong para manter minha guarida cálida pelas noites — murmurou, escolhendo deliberadamente demônios que eram conhecidos por seu insaciável apetite sexuais.

—Ah, um vampiro com um gosto delicioso. Isso é tudo?

Notando o triunfo brilhando nos olhos de Halford, Dante ao fim julgou que tinha chegado o momento oportuno. O demônio estava consumido por delírios de grandeza enquanto oferecia a Fênix a seu Príncipe escuro.

—Realmente, não. Também necessitarei isso — soltando Abby, agachou-se e com um movimento fluido agarrou as adagas ocultas em suas botas. No mesmo movimento rodou

para frente, com as adagas já abandonando suas mãos enquanto voltava a ficar em pé.

Durante um momento Halford simplesmente permaneceu em silêncio na escuridão. Era quase como se não tivesse notado ainda as adagas profundamente cravada em seu olho central e a outra que se sobressaía sob ventre. Tanto estava em choque como se era indiferente ao perigo, os mísseis mortais tinham feito seu trabalho; com um gemido, derrubou-se sobre o vil lixo que sujava o beco.

Dante não vacilou enquanto se deslizava para frente. Com eficiência, cortou a garganta de Halford e lhe tirou o coração. Nunca era tão estúpido para supor que um demônio estava morto até que sustentasse seu coração entre as mãos. Por fim, satisfeito, levantou-se para recuperar as adagas e voltar para Abby. Ela se retirou apressadamente de sua cercania, com os olhos abertos de angústia.

—Abby.

—Não — levantou as mãos — Fique longe de mim.

Sufocando duramente um momento de impaciência, Dante se forçou a retornar as ensangüentadas adagas às botas e a alisar o

enredado cabelo antes de dar outro passo para aproximar-se. Ela estava a um passo de sair correndo. Um deslize e se encontraria perseguindo-a pelo labirinto de becos.

Um pensamento malvadamente delicioso sob circunstâncias mais normais surgiu tristemente. Essa noite, entretanto, era tudo menos normal.

—Abby, o demônio está morto — a acalmou—. Não fará mal a você.

—E o que me diz de você? — reclamou com tom desigual— Iria me vender a essa... coisa. Por sangue.

—Não seja tola. É obvio que não ia vender-lhe — agarrou-a com força pelo queixo, forçando-a a encontrar seu sereno olhar— Só tentava distrair Halford o tempo suficiente para golpeá-lo. Caso não tenha notado, era maior que eu. Pareceu melhor evitar uma desagradável briga.

A língua dela apareceu para tocar os lábios. Foi um gesto diminuto e involuntário e ainda assim fez que os dedos de Dante se esticassem sobre a pele delicada. Não importava o perigo sobre eles, tê-la tão perto agitava um doloroso e feroz anseio. Um que

temeu não puder aplacar durante muito tempo.

—Por que deveria confiar em você? — gemeu.

Seus lábios se curvaram quando baixou a mão e a estendeu para ela.

—Porque no momento, querida, não tem escolha.

Passou um longo momento enquanto batalhava com seus próprios demônios antes de aceitar ao fim que os demônios que atualmente os estavam caçando eram muito mais perigosos que ele.

Ainda assim, era óbvia a inapetência com a que ao final pôs a mão sobre a sua.

Sem lhe dar tempo para pensar pela segunda vez, Dante agarrou seus dedos e, com um puxão, estavam deslizando-se através da escuridão. Estava assombrado pelo brilho de desilusão que lhe produziu o persistente temor que lhe tinha Abby. Que outra coisa esperava de uma mortal?

Infelizmente, saber que o considerava só um passo acima daquelas malvadas criaturas que os perseguiam, e possivelmente nenhum completo, mas bem como meio passo de bebê, deixava-lhe uma sensação de vazio.

Virando para descer por um beco lateral, Dante continuou meditando sobre a mulher que se esforçava por lhe manter o passo as suas largas pernadas. Meditando e estremecendo-se com a consciência da carne cálida tocando a sua. O que explicava sem dúvida por que tinha a guarda baixa quando o cão infernal saltou bruscamente do edifício sobre eles e o derrubou ao chão.

Em um batimento do coração, um mortal cão de caça o sujeitou contra o chão, o ácido de seus dentes gotejando na carne de Dante com uma dor abrasadora.

—Condenado inferno — resmungou—
Pestilenta e lamacenta parte de merda.

Esticando-se, Dante estava preparando-se para capturar o pescoço do demônio e rompê-lo quando houve uma repentina rajada de ar, seguida pelo repugnante rangido de ossos. Ele piscou quando o cão caiu a seu lado, obviamente morto.

—Está ferido?

Como uma visão de um sonho, Abby estava inclinada sobre ele, o rosto sujo e os cabelos em completo desalinho, mas sua expressão era de gentil preocupação. Dante levou um momento para saborear a

encantadora vista antes de se apoiar relutantemente nos cotovelos. Girando a cabeça, olhou ao demônio que se convulsionava antes de voltar a prestar atenção em Abby.

—Bom golpe, amor — murmurou, notando o cano mofado que sustentava na mão. — Uma assassina de demônios extraordinária, de fato. Quase tão boa como...

—Pronuncia o nome Buffy e cravarei uma estaca em você — advertiu, levantando o cano com um movimento ameaçador.

Ele riu arrogantemente.

—Muito me atemoriza, doçura, mas se realmente quer terminar o trabalho, deveria ser de madeira.

—Isso pode arrumar-se.

—Sem dúvida — Virou para ficar em pé e a segurou. — Infelizmente terá que esperar até mais tarde. Agora devemos seguir com nosso caminho.

Tomando-a pelo braço, Dante já estava de novo movendo-se pelo beco, agora mantendo seus sentidos alerta. Agudamente, terrivelmente alerta.

Merda do diabo. Tinha sido derrubado por um cão infernal. Em frente de uma formosa

mulher. Não estava disposto a ser humilhado de novo.

Assassinado, possivelmente. Estacado, morto ou decapitado, possivelmente. Uma alternativa muito mais preferível para um vampiro orgulhoso. Mas não humilhado.

Durante quase meia hora se moveram em silêncio, deslocando-se inclusive mais profundamente pelos becos. Não houve mais ataque surpresa, mas Dante ainda podia sentir os demônios ao longe.

Maldição, precisava descobrir se ainda estavam seguindo-os ou se ele e Abby tinham conseguido cobrir seus rastros.

Ralentizando o passo, procurou entre as sombras até descobrir uma estreita porta na parte de atrás de um edifício de tijolo. Olhou ao redor para assegurar-se de que estavam sozinhos antes de levantar a perna e golpear a pesada porta tirando-a das dobradiças. Houve um fraco rangido seguido de uma sufocante nuvem de pó, mas Dante não se deteve em nenhum momento. Empurrando Abby para entrar na garagem abandonada, apoiou-se contra o retorcido batente para manter a vigilância sobre qualquer desagradável verme que pudesse espreitar na escuridão.

Passaram uns momentos tensos antes que Abby, ao fim, terminasse sua forçada paciência.

—O que estamos fazendo aqui? — demandou.

—Esperando.

—Sabe ao menos aonde vamos?

—Longe daqui.

Abby rangeu os dentes.

—Tão pasmosamente ambíguo como sempre. Suponho que acredite que isso faz você mais escuro e misterioso.

—Oh, mas sou escuro e misterioso — se arriscou a jogar um olhar sobre o ombro para encontrar outro ardente olhar em troca— Não é assim como você gosta dos homens?

—Quero-os com coração pulsante e que gostem de quiche, não de sangue — lhe devolveu o golpe rapidamente.

Dante riu entre dentes enquanto voltava a olhar ao beco.

—Como pode estar tão segura, amor? Ainda não tentou com um vampiro. Posso prometer a você que será uma experiência que nunca esquecerá.

—Deus, deve estar mal da cabeça. Ou ser o mais arrogante...

Dante levantou bruscamente a mão em advertência.

—Sssh.

Ficando alerta instantaneamente, Abby apareceu na escuridão.

—Vem algo?

—Sim. Fique atrás de mim.

Esperaram em tenso silêncio até que ao fim puderam ouvir suaves sons de passos aproximando-se. Cheirando o repugnante ar, Dante se assegurou rapidamente que os intrusos eram humanos e não demônios antes de relaxar seus tensos músculos. Não era um perigo real para ele.

Então, o silêncio foi quebrado pelo zumbido estático de uma voz saindo de um walkie-talkie e ouviu Abby ofegar.

— Dante, é a polícia. Podem nos ajudar — sussurrou antes de sair de trás dele para a porta.

Por puro instinto, Dante se esticou para estreitar a delicada figura entre seus braços. Facilmente a arrastou de volta ao edifício e a pressionou contra a parede. Suas mãos se elevaram para golpeá-lo ferozmente no peito, mas antecipando já o grito que ia pôr em

evidência sua presença, ele baixou a cabeça e lhe cobriu a boca com a sua.

Suas intenções eram honoráveis. O beijo simplesmente era uma forma de deter o desastre. Mas no momento que tocou a acetinada tentação de seus lábios, toda honra foi esquecida.

Um calor ardente flamejou entre eles enquanto enrijecia o abraço e a devorava com uma fome que não podia ocultar. Condenado inferno, queria-a. Queria saboreá-la, seduzi-la, consumi-la até que sua escura necessidade fosse saciada.

Inquietamente as mãos de Dante deslizaram para cima por suas costas, acariciando a tentadora pele da nuca antes de afundar-se nos doces cachos. Sustentou-lhe a cabeça enquanto continuava lhe saqueando a boca, esquecendo qualquer pensamento de perigo na neblina do prazer.

Apertada contra ele, Abby se enrijeceu momentaneamente pela comoção do repentino abraço, mas com grande velocidade, deixou escapar um gemido baixo e lhe envolveu o pescoço com os braços enquanto abria os lábios. Quase como se tivesse estado

esperando esse momento com a mesma feroz intensidade que ele.

Ante a inconfundível capitulação, Dante instintivamente suavizou os lábios, aprofundando os beijos com persuasiva intenção. Ela se agitou inquieta contra suas endurecidas coxas enquanto seus lábios se moviam para deslizar-se sobre as lisas bochechas e descer pelo arco do pescoço. Estava afogando-se no apaixonado fogo que tinha liberado nele.

—Abby... minha doce Abby... Quero sentir você debaixo de mim — disse com voz baixa e áspera.

Sentiu o estremecimento ansioso sob seu tato antes que o empurrasse bruscamente para olhá-lo com enormes e dilatados olhos.

—Está louco? — sussurrou, pressionando os dedos contra seus intumescidos lábios.

Pego despreparado pelo brusco rechaço, Dante apertou os dentes e colocou as mãos grosseiramente nos bolsos dos jeans. Foi uma severa batalha dominar o desejo que ainda pulsava por seu tenso corpo. Um rápido puxão, uns poucos beijos quentes e a teria no poeirento chão, embainhado profundamente em seu corpo.

Felizmente a prudência abriu espaço lentamente na neblina de sua mente e dando um cuidadoso passo atrás, olhou-a com certa calma.

—Estava tentando deter você para que não acabássemos os dois mortos. Não podia permitir chamar esses policiais — explicou em tom suave.

Ela franziu o cenho.

—Crê que esses demônios infestaram o corpo policial de Chicago?

—Não, acredito que no momento que tentasse explicar a esses agradáveis policiais sem imaginação que estávamos sendo perseguidos por viciosos demônios e cães infernais, nos encontraríamos encerrados em uma adorável cela acolchoada. Se primeiro não nos lançassem em uma cela pelo assassinato de Selena. Não sei você, mas prefiro não ser preso por uma camisa de força ou convidado a uma cela com uma espetacular vista do amanhecer.

A expressão de Abby endureceu, como se quisesse discutir sua lógica. Então se abraçando pela cintura, exalou outro molesto suspiro.

—Bem. E qual é sua brilhante solução? Arrastar-nos por estes becos repugnantes por toda a eternidade?

Ele deu de ombros, voltando para a porta aberta.

—Não tanto tempo, espero. Conheço um lugar, mas devo me assegurar que nos livramos que nossos amigos sedentos de sangue.

—Deus, que confusão — murmurou.

Dante forçou suas presas a cortá-lo enquanto os estremecimentos subsistentes de desejo torturavam seu corpo.

—Por uma vez, amor, estamos completamente de acordo.

Capítulo 4

Duas horas mais tarde, Abby estava esgotada.

Tinha suportado a explosão de uma casa, a violenta morte de sua chefe, tinha sido perseguida por demônios (um dos quais tinha matado com suas próprias mãos), horas de caminhada por becos com vis aromas e ser beijada por um vampiro. E para ser honesta, não estava segura do que a tinha assustado mais.

Agora, entretanto, um dilacerador cansaço a tinha invadido por inteiro.

Doíam-lhe os pés, cheirava como um fétido lixeiro e uma paralisante confusão nublava sua mente. Demônios, neste momento pagaria a qualquer demônio que estivesse à espreita para que se lançasse sobre ela e a tragasse inteira.

Infelizmente, as horrorosas criaturas que tinham parecido tão decididas a destruí-los fazia três escassas horas, aparentemente tinham desaparecido no momento em que podiam ter sido úteis e só ficou o caminhar

com dificuldade sobre suas pernas trementes detrás de um silencioso vampiro.

Possivelmente isto era o inferno, teorizou. Possivelmente de verdade tinha morrido na misteriosa explosão e agora estava condenada a vagar por becos escuros e infestados de demônios durante toda a eternidade.

Não, não o inferno, sussurrou-lhe uma voz traiçoeira. Não se fosses oferecer uma eternidade de beijos de um magnífico vampiro que a fazia derreter-se em um atoleiro de dolorosa necessidade.

Seu coração saltou um renegado pulsar antes que sacudisse com brutalidade na cabeça.

Obviamente estava delirando. Beijos de vampiro. Deus. Sem dúvida o fedor tóxico a tinha levado a limite. Suficiente, era suficiente.

— Dante — parando em seco, dobrou os braços sobre o peito— Não posso ir mais longe.

Com uma clara relutância, ele parou na esquina do beco e virou para encontrar-se com seu obstinado e fixo olhar.

Tão cansada como se encontrava, seu fôlego lhe entupiu a garganta. Banhado pela apagada luz dourada, Dante era surpreendentemente formoso. Os cabelos

negros azeviche solto. Os traços elegantemente ferozes. Os olhos prateados que brilhavam com um perigo mortal. Tudo isso se combinava para criar uma visão que estava destinada a debilitar os joelhos de qualquer mulher.

Felizmente ignorante de seus traidores pensamentos, Dante estendeu a mão para segurar a sua.

—Estamos chegando, prometo-lhe isso — disse brandamente.

A expressão de Abby só endureceu ante suas palavras.

—Está dizendo isso há meia hora.

Os lábios dele tremeram com malvado regozijo.

—Sim, mas agora não minto.

—Ugh — ela se apoiou contra o edifício de tijolo, muito cansada para preocupar-se de que estava acrescentando mais imundície a que a cobria. O que eram uns poucos germens repugnantes a mais?

—Deveria ter enfiado uma estaca em você quando tive a possibilidade.

Uma sobranceira negra se arqueou ante seu irritado tom.

—Sabe Abby, realmente é uma mulher ingrata.

—Não, estou cansada, tenho fome e tudo o que quero é ir para casa.

Os traços de Dante se abrandaram quando estendeu uma mão e aproximou a mulher à dureza de seu corpo. Meigamente, acariciou seus enredados cachos com uma mão.

—Sei querida. Sei.

Vampiro ou não, Abby descobriu que sua carícia era estranhamente calmante. E deliciosamente maravilhosa. Sem um pensamento consciente, apoiou a cabeça contra seu amplo peito.

— Dante, esta horrível noite se acabará?

—Pelo menos isso posso prometer a você.

— assegurou, lhe dando um pequeno puxão até que estiveram fora do beco, em uma estreita ruela— Vê o edifício da esquina? Esse é nosso destino. Pode fazê-lo?

Ela avaliou o singelo edifício, chegando à conclusão de que devia ter sido um hotel fazia anos. Um hotel que agora era úmido, mofado e sem dúvida infestado de comunidades inteiras de ratos famintos. Deu um suspiro enquanto assentia a contra gosto para ele.

Estava muito cansada para discutir por besteiras. Se uns poucos ratos e uma cadeira

podre eram o preço para descansar seus pés doloridos, então que assim fosse.

—Vamos —resmungou.

Aceitando de boa vontade a ajuda de Dante, Abby coxeou através da rua, ao redor do edifício para a parte traseira. Ele não fez caso da estreita porta que se pendurava languidamente de suas dobradiças e em troca estendeu a mão para tocar um dos tijolos soltos perto da janela. Assombrosamente (bem, possivelmente não tão assombroso nesta particular noite), um brilho prateado encheu o ar e antes que Abby pudesse fazer perguntas sobre o que tinha ocorrido, Dante a tinha empurrado pelo véu místico para um enorme vestibulo carmesim e dourado.

Parando com um tropeço, Abby deu uma olhada a seu redor com os olhos muito abertos. Era impossível. Não havia nenhuma praga de ratos neste lugar. Não nas negras colunas de mármore, paredes carmesins aveludadas e teto decorado com pinturas de formosas mulheres nuas.

Era exuberante e exótico e, bom, mais que um pouco decadente.

—O que é esse lugar? — sussurrou maravilhada.

Dante riu ironicamente ao agarrá-la pelo braço e a conduziu para uma cavidade oculta ao final do quarto.

—Melhor não perguntar.

—Por quê?

Ignorando a pergunta, ele afastou uma cortina de gaze adornada com lantejoulas de estrelas douradas e a levou por um escuro corredor até que chegaram a uma última porta. Abrindo-a com um puxão, esperou que ela entrasse para fechar a porta atrás deles com firmeza e acender as luzes.

Para seu grande alívio, Abby descobriu uma grande habitação muito mais cômoda que o luxuoso vestibulo que acabavam de deixar atrás. Havia uma sólida calidez devido ao revestimento de madeira e os móveis de couro dispersos sobre um tapete de cor marfim. Assemelhava-se mais a uma propriedade rural inglesa que a um luxuoso bordel, sentenciou.

Passeando distraidamente para estudar os livros encadernados em couro que enchiam a estante de uma parede, tomou fôlego profundamente antes de voltar-se para encontrar o cauteloso olhar fixo de Dante.

—Estaremos a salvo aqui?

—Sim, o edificio é propriedade de um conhecido meu. Tem um conjuro que impedirá a qualquer um sentir sua presença aqui. Humano ou demônio.

Conjuro? Bom, isso soava... menos estranho que tudo o que tinha ocorrido durante essa estranha tarde. Ainda assim, Abby sentiu que havia muito mais que não lhe contava. Sempre um mau sinal.

—E seu amigo? — exigiu.

—O que?

—É humano ou demônio?

Dante deu de ombros.

—É um vampiro.

Abby pôs os olhos em branco para o teto de vigas.

—Estupendo.

Com uma graça silenciosa, de repente ele estava em pé diante dela, sua expressão implacável na tênue luz.

—Sugiro que tente ocultar esse juízo tão desagradável que tem, querida. —advertiu em tom sedoso. — Necessitaremos da ajuda de Viper se quisermos sobreviver durante os próximos dias.

Dando-se conta de repente que tinha sido mais que um pouco grosseira com o homem

que tinha salvado sua vida mais de uma vez nas últimas horas, Abby mordeu o lábio inferior.

—Sinto muito.

Os olhos prateados se obscureceram quando Dante acariciou meigamente suas acaloradas bochechas com a parte posterior dos dedos.

—Há algumas coisas que devo fazer. Quero que permaneça aqui — os dedos se deslizaram sob seu queixo enquanto a olhava fixamente aos olhos—. E independente do que acontecer, não abra essa porta até que eu volte. Entendeu?

Um tremor percorreu suas costas. Iria deixá-la? Sozinha?

Por Deus! E se não voltasse? E se algum demônio a atacasse enquanto ele não estava?

—E se...

Reunindo sua destroçada coragem, Abby elevou o queixo. Deixa de se comportar como uma débil sem caráter, repreendeu-se. Maldição! Tinha estado cuidando de si mesma desde que tinha quatorze anos. Não só de si mesma, mas também de sua mãe, desde que a mulher descobriu que a vida era mais fácil de agüentar no fundo de uma garrafa de uísque.

E tudo sem a ajuda de um vampiro pecaminosamente formoso.

—Entendo.

Como se sentisse o esforço que lhe custava aparentar essa valentia, os dedos de Dante lhe apertaram o queixo. Olhando-a fixamente, baixou lentamente a cabeça.

—Abby — sussurrou.

Brandamente roçou os lábios nos dela. Uma e outra vez. Seu toque era ligeiro como uma pluma, mas suficiente para fazer que seu corpo inteiro formigasse de prazer. Formigasse e tremesse e muitas outras coisas estimulantes.

Por fim ele levantou a cabeça e se afastou. Ainda cambaleando pelos efeitos do beijo, ela olhou em silêncio como ele dava a volta para deixar o quarto. Só quando a porta soou firmemente ao fechar-se detrás dele que recordou a necessidade de respirar.

Bem...

Parecia que seus pés não estavam nem de perto tão cansados como pensava, já que tinha os dedos firmemente curvados de prazer.

Um impulso histérico de rir borbulhou em sua garganta quando se moveu para deixar-se cair em um sofá de couro. Beijos de vampiro,

sim. Estava louca. Essa era a única explicação. Estava louca de pedra.

E felizmente muito esgotada para preocupar-se nesse momento.

Permitindo que sua cabeça repousasse nas almofadas de couro, Abby inspirou profundamente e fechou os olhos. Pela primeira vez em horas, não estava olhando sobre seu ombro em busca de demônios, cães ou abrindo passo entre lixo podre. Nem sequer havia um vampiro à vista.

No momento simplesmente poderia relaxar.

Relaxar? Sim, lógico, burlou uma voz em sua cabeça.

Inspirou outro profundo fôlego. Poderia fazer isto. Tudo o que precisava era um pouco de concentração.

Relaxe, relaxe, relaxe, cantarolou mentalmente. Ajeitou-se mais profundamente entre as almofadas. Reduziu o ritmo de sua respiração. Tentou imaginar uma formosa cascata, um pacífico prado, o som de baleias (sem importar como demônios soassem).

Todas as tentativas foram utilizadas, até que finalmente foram perturbadas quando um calafrio percorreu sua pele.

Uma repentina certeza de que não estava sozinha fez que seus olhos revoassem abertos e sua cabeça se erguesse. Seu coração se deteve quando compreendeu que seus instintos não se equivocaram.

Havia um homem em pé no centro do quarto.

Não, não um homem, corrigiu-se imediatamente. Agora que conhecia a verdade sobre Dante, podia detectar o que aqueles traços tão perfeitos e a forma intensamente elegante significavam.

Não que esse vampiro fosse a viva imagem de Dante, concluiu rapidamente. Era mais alto e mais magro, com uma ondulação de duros músculos sob o casaco carmesim aveludado que caía quase até seus joelhos e calças negras de cetim. Tinha os cabelos compridos, que eram como prata pálida da luz da lua e seus olhos eram como a escuridão alarmante da meia-noite. E apesar de seus traços formosos, havia uma rigidez em seu semblante que enviou um calafrio por suas costas.

Esse não era um encantador e perverso menino mau.

Este era um delicioso anjo cansado que se mantinha afastado do mundo que o rodeava.

Levantando-se lentamente, ela se encontrou lambendo os lábios com nervosismo quando ele avançou despreocupado para frente. Seu fixo olhar meia-noite a percorreu de cima abaixo com uma intensidade desconcertante. Não se deteve até que esteve a um mero passo dela.

— Abby certo?

A escura voz fluiu como mel quente sobre ela. Uma voz tão mortalmente fascinante como o resto dele. Caramba. Pertencia à categoria de perigosos, com P maiúsculo.

De todo modo, Dante não a teria deixado ali se não acreditasse que a deixava em boas mãos. Pode ser que não soubesse muito sobre seu vampiro salvador, mas sabia que não a entregaria deliberadamente como jantar a um de seus amigos.

—Sim, e você, suponho, é Viper — obrigou-se a murmurar em um tom educado.

—Muito ardilosa. — os escuros olhos percorreram seus delicados traços e a queda de cachos dourados— E encantadora.

Encantadora? Um ligeiro cenho franziu seu rosto. Estava cego? Ou de fato estava planejando algo infame? Nunca tinha sido mais que medianamente passável. E isto era

quando não estava coberta de imundícies de vários becos.

—Obrigado... acho.

Os lábios do vampiro se torceram em um sorriso suave.

—Você não tem que me tratar com tanta desconfiança. Nunca me alimento de meus convidados. É ruim para os negócios.

Bom, isso era um alívio. Abby esclareceu a seca garganta.

—E do que se trata seu negócio?

—Sou alcoviteiro. — disse simplesmente.

—É um fanfarrão?

Sua suave risada lhe recordou com força Dante quando inclinou a cabeça a um lado.

—Nada tão vulgar — ronronou em tom baixo — Ofereço... ah não, Dante não me agradecerá se a expusesse a semelhantes histórias amorosas. É assombrosamente protetor com você — sem nenhuma advertência, elevou a mão para lhe acariciar brandamente a bochecha— E é uma pequena maravilha.

Ela ficou rígida de inquietação.

—Como?

—Tanta pureza — seu penetrante olhar escrutinou seu tenso corpo antes de voltar

para seu pálido rosto— Um farol dourado na escuridão.

Primeiro encantadora e agora pura? Esse pobre vampiro incrivelmente formoso realmente devia estar mal da cabeça.

Não era um pensamento muito consolador.

—Temo que deva ter me confundido com outra pessoa — respondeu em tom lento e compreensivo.

Seus lábios se estiraram como se compreendesse que temia por sua saúde mental.

—Não me refiro à castidade — ondeou elegantemente a mão— Uma obsessão humana tão aborrecida. Ou inclusive ao espírito que agora leva dentro de você. Falo de sua alma, Abby. Conheceu a tragédia e inclusive o desespero, mas permanece incorrupta.

Abby retrocedeu um passo cuidadosamente, desejando com desespero que Dante voltasse. Havia algo muito desconcertante nesse Viper.

—Não sei do que está falando.

—O mal, a luxúria, a avareza... as paixões mais escuras que tão facilmente tentam aos mortais.

—Bom, suponho que todo mundo é tentado.

—Sim, e muito poucos resistem — cortou a pequena distância entre eles, seus dedos outra vez riscando a linha de sua bochecha— Tanta inocência está obrigada a ser uma atração irresistível para os que caminham na noite. A maldade sempre procura a redenção assim como as sombras procuram a luz.

O cérebro dela começava a doer por tentar seguir as escuras revelações. Vá à merda, e ela que pensava que Dante falava de forma confusa.

—Ah... de acordo — ela resmungou, retrocedendo outro passo em seu estranho baile— Onde está Dante?

Viper deu de ombros.

—Não me deu seu itinerário completo, mas sei que foi em busca do café da manhã.

Seu estômago deu um repentino grunhido de alívio. Nem sequer podia recordar sua última comida. O que significava que fazia muito tempo.

—Graças a Deus, estou morta de fome. Espero que traga... — as deliciosas imagens de tortilhas com ovo e toucinho foram empanadas de repente pelo pensamento do que Dante

devia estar tomando como comida prévia ao amanhecer. Estremeceu.

Viper levantou uma sobrancelha dourada ante seu inequívoco estremecimento.

—Não se preocupe, encantadora Abby. Não foi caçar — movendo-se com uma graça hipnótica, Viper abriu com rapidez um painel oculto na parede para revelar um pequeno frigorífico cheio de escuras garrafas. — Estas garrafas é a casa de um vampiro. Sempre possuo um amplo fornecimento de sangue sintético. O café da manhã é para você.

Aliviada de forma ridícula por saber que Dante não estava chupando a vida de desgraçados pedestres, Abby deixou escapar um profundo suspiro.

—Ah, isso é bom.

Fechando o painel, o vampiro riu de forma misteriosa enquanto voltava de novo para estar em pé ante ela.

—Não sabe, verdade?

Suas sobrancelhas se franziram.

—Saber o que?

—Desde que Dante foi capturado pelas bruxas, foi incapaz de tomar o sangue de um humano. É um elemento do encantamento que o ata à Fênix.

—OH, sim... entendo.

—Não, não acredito que entenda absolutamente — murmurou brandamente— O sofrimento que Dante agüentou durante os últimos trezentos anos foi incomensurável. Foi pego e encarcerado por aquelas que carecem de compaixão, da capacidade de vê-lo como algo mais que um monstro.

Abby paralisou. Santo céu. Tinha estado tão consumida por seus próprios medos que não se deteve nem um momento em considerar o que Dante devia ter agüentado durante todos aqueles intermináveis anos. Tinha sido um prisioneiro, encadeado por toda a eternidade a Selenia. Deus, era surpreendente que não tivesse abandonado seu traseiro na boca-de-lobo mais próxima e a tivesse deixado como comida para os demônios.

—Ele não é nenhum monstro. — replicou em tom cortante.

—Não tem nenhuma necessidade de me convencer, minha querida —escrutinou atentamente dentro de seus olhos— Só posso esperar que compreenda seu sofrimento e que faça o possível para aliviar suas cargas.

—Eu?

—Agora tem o poder.

Abby piscou, sacudindo fracamente a cabeça.

—E eu que acreditava que Dante era misterioso. Não se ofenda, mas os vampiros são umas criaturas estranhas. Não tão estranhas como esse Halford ou os cães infernais, mas definitivamente estranhas.

Viper soltou uma risada afogada enquanto estendia a mão para tocar seus cachos.

—Somos seres antigos. Vimos o nascimento e a queda de nações. Presenciamos intermináveis guerras, fomes e catástrofes naturais. Certamente nos permite algumas excentricidades, não?

E o que respondia ela a isso?

—Ou ao menos um Coração Púrpuro.

Os olhos meia-noite pareceram encher-se momentaneamente com algo que pôde ser entretenimento.

—Também há visões de alegria, prazer e inesperada beleza. Beleza como a sua.

—Um gosto delicioso como sempre, Viper — falou uma aveludada voz na entrada, arrastando as palavras.

Sobressaltada pela interrupção, Abby virou a cabeça para ver Dante avançar lentamente para eles. Com um movimento despreocupado,

lançou a mala que levava ao sofá, sem deter em nenhum momento seu avanço.

Mais aliviada por sua volta do que gostaria de admitir, Abby se embebeu do pálido e perverso semblante. Muito ridículo para poder ser aceito, era quase como se uma parte dela tivesse estado perdida durante sua ausência. Uma parte que agora se sentia satisfeita.

Logo foi consciente que Viper se situou atrás dela, suas mãos descansando brandamente sobre seus ombros.

—Assim está de volta por fim, Dante — murmurou Viper— Estávamos preocupados.

O penetrante olhar prateado se estreitou quando Dante olhou de forma significativa as mãos que apertavam intimamente os ombros de Abby.

—Sua preocupação é muito tocante, Viper — arqueou uma sobrancelha com lentidão— E falando em tocar...

Não havia forma de confundir a afiada ameaça na suave voz, mas Viper simplesmente riu.

—Você não pode culpar um vampiro de admirar tal pureza. É bastante... embriagadora.

—Então talvez devesse tomar um sopro de ar fresco para esclarecer a mente — advertiu Dante.

—Sempre o guerreiro —Viper aproximou os dedos de Abby a seus lábios— Se decidir que prefere a um poeta, não se esqueça de me chamar.

—Viper — grunhiu Dante.

Com essa misteriosa risada, Viper fez uma breve reverencia a seu companheiro antes de dirigir-se para a porta.

—Os deixarei para que descansem. Não se preocupe de ser incomodado. Prometo manter aos lobos, ou neste caso aos demônios, afastados.

Uma vez sozinhos, Dante fez uma pausa durante um instante antes de mover-se para agarrar a mão que Viper acabara de acariciar.

—Deve perdoar meu amigo — disse com uma risada sardônica— Acredita que é irresistível para as mulheres.

Sufocando o impulso de alargar a mão e acariciar a face esculpida, ela deu de ombros distraidamente.

—É bastante fascinante — se sentiu obrigada a admitir. Certamente nem sequer um idiota falador acreditaria que era

completamente indiferente a esse formoso anjo cansado, certo?

—O acha atraente?

—De uma forma sobrenatural.

A expressão de Dante endureceu.

—Já entendi.

Abby tremeu.

—Ele também me aterroriza. Acredito que destruiria algo ou pessoa em seu caminho se lhe viesse a seu propósito.

Uma risada apareceu nos lábios dele.

—Não fará mal a você. Não enquanto eu esteja perto.

—Onde esteve?

Dante apertou brandamente os dedos antes de dirigir-se para a mala que tinha arrojado no sofá e abri-la.

—Na casa da Selenia para recuperar uns poucos pertences que acreditei poderíamos precisar — tirou vários pares de jeans e camisetas informais de algodão que uma vez tinham pertencido a sua chefe— Pode ser que não fiquem perfeitas, mas deve servir.

Abby suspirou de puro alívio ao pensar em roupa limpa. Uma pequena parte de paraíso.

—Obrigada.

Ele mexeu na mala para tirar uma pequena vasilha de plástico.

—Também trago isso.

—O que é?

—Algo que acredito que necessitará logo.

Aferrando-se à esperança de que fosse um sorvete com calda de chocolate, agarrou a vasilha e lentamente tirou a tampa. Seu nariz se enrugou ante o asqueroso aroma que saía da substância verde que certamente não era um sorvete de chocolate.

— É essa coisa asquerosa que Selenia estava acostumada a beber.

— Alimentará você.

Rapidamente pôs a vasilha em uma mesa próxima.

—Como o fará um hambúrguer de queijo e batatas fritas, e sem nenhum gosto verde asqueroso.

—Abby — de forma estranha, Dante virou para caminhar pelo grande quarto, revolvendo com agitação os compridos cabelos negros— Há algo que deve saber.

Seu sangue congelou ante seu tom áspero. Podia não saber nada sobre vampiros, mas conhecia esse tom. Significava problemas. Sempre significava problemas.

—O que?

Devagar, virou-se para estudá-la com uma expressão sombria.

—Quando Selena estava morrendo, tocou em você.

Abby recordou a contra gosto aqueles horríveis momentos no dormitório queimado de Selena. Era algo que tinha tentado apagar de sua mente.

Cabeceou afirmativamente.

—Sim, recordo-o. Seus dedos estavam se movendo e logo agarrou o meu braço. Doeu.

—Foi porque transferiu seus poderes a você.

—Seus... poderes?

—O espírito da Fênix — disse— Agora reside dentro de você.

Ela tropeçou para trás enquanto esperava o arremate final da brincadeira de mau gosto. Tinha que haver um arremate final, verdade? De outra maneira, ele estaria falando a sério. E isto significaria que tinha alguma horrível criatura estabelecendo seu acampamento dentro dela.

Abby segurou a garganta com mãos trêmulas. Não podia respirar. Não podia pensar.

—Não — conseguiu ofegar finalmente—
Mentira.

Detectando facilmente sua angústia, Dante avançou, estendendo as mãos.

—Abby, sei que isto é difícil.

Abby soltou uma risada histérica inclusive quando se chocou contra a parede de painéis.

Tinha pensado que não havia nada mais que pudesse convulsioná-la. Como poderia? Nada podia ser pior que demônios e vampiros.

Ou isso tinha pensado.

Agora sacudiu violentamente a cabeça.

—Como pode saber? Nem sequer é humano.

Capítulo 5

Dante reprimiu o impulso de grunhir de frustração.

Durante sua rápida excursão à casa de Selena, preparou-se para esta confrontação. Não tinha pretendido que Abby desse saltos de alegria por ser o Cálice para a Fênix. Ou que lhe agradecesse por lhe oferecer a verdade.

Sabia que ela estaria alterada, inclusive histérica.

Mas aquele súbito medo em seus olhos e que se afastasse dele foi suficiente para agitar seus instintos mais primitivos.

Condenado inferno, por que lhe preocupava se ela voltava a pensar nele como um monstro? Tinha agüentado mais de trezentos anos preso à Fênix sem lhe importar um nada Selena como pessoa. A menos que as pessoas considerassem os deliciosos sonhos de deixá-la seca.

Ela não tinha sido mais que sua captora. A fonte tangível de sua fúria latente.

Mas Abby...

Importava, admitiu lúgubremente. Importava maldita seja, e muito.

A contra gosto estudou os frágeis e muito pálidos traços, sabendo que faria todo o necessário para aliviar sua angústia.

—Por favor, me escute, Abby — murmurou.

Ela sacudiu outra vez a cabeça.

—Não, só se mantenha longe de mim.

Manter-se longe? A ironia lhe levou um sorriso irônico aos lábios.

—Temo que não possa fazê-lo. Estamos ligados. Nenhum de nós pode deixar ao outro. É parte do feitiço.

Seus olhos se abriram com horror antes de entrecerrar-se bruscamente.

—Agora sei que está mentindo. Você me deixou.

—Não fui longe e, além disso, tinha a segurança de que voltaria logo para seu lado — disse com suavidade, avançando lentamente—. Se tivesse tentado fugir de propósito, a dor teria sido insuportável. Confia em mim, tentei suficientes vezes durante séculos para estar seguro.

Ela lambeu seus secos lábios.

—Não.

—Abby pode me dizer com sinceridade que não sentiu minha ausência? Muito dentro de você?

A verdade estava gravada em seus pálidos traços inclusive quando ela sacudiu a cabeça negando.

—Isso... não pode ser. Saberia se alguma criatura estivesse vivendo dentro de mim.

—Quer provas?

Ela se apertou até mais forte contra os painéis.

—O que quer dizer?

Dante estendeu a mão lentamente.

—Vamos.

Abby se deteve, olhando sua mão por uns momentos antes de colocar por fim os dedos nos dele. Dante foi consciente da descarga de calor que se produziu ante seu tácito desdobramento de confiança. E outra descarga de calor pela sensação da suave pele roçando a sua.

Algo embriagador para um vampiro que tinha estado frio durante uma eternidade.

Com um gentil puxão, levou-a através da habitação até o grande espelho pendurado sobre a chaminé de mármore. Colocando-se

atrás dela, colocou as mãos sobre seus ombros.

—Me diga o que vê — exigiu em tom baixo.
Ela emitiu um impaciente som.

—Vejo... Oh — se inclinou para esquadrinhar o espelho— Deus, não tem reflexo

Dante elevou os olhos para o céu.

—Claro que não, sou um vampiro.

—Isso é tão estranho.

—Abby se olhe — disse com voz áspera.

—O que? — franziu as sobrancelhas—
Quer que veja que pareço um destroço? Notícia de última hora, já sabia.

—Olhe seus olhos.

—Meus olhos? Eu... — suas palavras cessaram bruscamente enquanto estirava os trementes dedos para tocar seu reflexo. E não era para estranhar. Os suaves olhos marrons que sempre tinham fascinado Dante agora eram brilhantes safiras azuis. O mesmo azul que tinha marcado Selena. Um sinal visível da Fênix que não podia negar— Não, não, não, não.

Deu um tropeção, direto a seus braços. Ele virou-a com delicadeza, pressionando a cabeça

em seu peito enquanto passava a mão por seus cachos.

—Tranqüila, amor — murmurou— Tudo vai ficar bem.

Um violento calafrio percorreu o corpo feminino antes que ela retirasse a cabeça para apunhalá-lo com um choroso olhar.

—Como? Como vai tudo bem? Tenho uma... criatura dentro de mim — deu um brusco ofego— Oh, Deus, por isso os demônios estavam tentando me matar, não é?

Abraçou-a com mais força. Podia mentir, é obvio. E durante uns poucos minutos estaria reconfortada. Mas ao final, sabia que ela teria que conhecer a verdade.

—Sim. Eles percebem o espírito em seu interior tanto como o fato de que é vulnerável. Não se deterão ante nada para recuperar o seu Príncipe.

Um absoluto terror obscureceu o brilho de seus recentes olhos azuis.

—Vou morrer.

—Não — jurou em desumana negação— Não permitirei que aconteça.

—E quanto tempo supõe que podemos nos defender de cada demônio da terra? A menos que pretenda que nos escondamos aqui

durante os próximos cinqüenta trilhões de anos?

Trocando de posição, colocou os dedos sob seu queixo e a obrigou a encontrar seu severo olhar.

—Não será necessário. Com cada hora que passa a Fênix acumula força.

—A Fênix está acumulando força? — soltou uma curta risada seca— Dentro de mim? Supõe que isso é tranqüilizador?

Um toque de ternura aliviou sua dura expressão.

—Só quero dizer que logo será capaz de ocultar-se de forma que os demônios não possam perceber sua presença.

Longe de estar reconfortada, Abby o observou com cautela.

—E que mais estará fazendo dentro de mim?

—Não posso dizer com certeza — admitiu a contra gosto— Selena não me considerava seu confidente. Eu somente era sua besta encadeada.

Abby deixou cair a cabeça sobre seu peito.

—Meu Deus, o que vou fazer?

Dante apoiou a bochecha no alto de sua cabeça, rodeando-se de boa vontade no seu doce calor.

—Tenho uma sugestão.

—O que?

—Devemos procurar as bruxas.

Sentiu-a aspirar em um assustado ofego.

—As bruxas? Quer dizer as mulheres que puseram a Fênix dentro de Selena?

Seus traços se endureceram. Ainda depois de três séculos, recordava vivamente cada momento que suportou nas mãos daquelas bruxas. O negro calabouço. As correntes que tinham queimado toda sua carne. A magia que o tinha feito como a um cão castrado.

Seu ardente ódio não se aliviou, mas a preocupação por Abby era inclusive maior. Não havia ninguém mais que pudesse ajudá-la.

—Sim.

—Mas — se tombou para trás para contemplá-lo franzindo o cenho—, sem dúvida já estão mortas.

—Seus poderes estão conectados com a Fênix. Enquanto este viva farão elas.

—E pensa que podem me ajudar?

—Possivelmente— expressou com cautela.

—Então vamos até elas — alargou a mão para agarrar as lapelas da camisa de seda— Onde estão?

—Na realidade, não estou completamente certo.

—O que quer dizer?

—Como disse a você, Selena guardava muitos segredos, mas sei que se encontrava com as bruxas em certas ocasiões. Devem ter um esconderijo muito perto.

—Em Chicago?

Ele sacudiu ligeiramente a cabeça, tendo considerado já as possíveis localizações.

—Não na cidade. Necessitam um lugar que esteja bem afastado.

—Por quê?

Dante titubeou. Embora tivesse decidido não esconder a verdade de Abby, admitiu que não havia necessidade de detalhes gráficos. Não quando só fossem para aterrorizá-la ainda mais.

—Celebram... alguns rituais que não querem que outros presenciem.

Felizmente ela estava muito distraída para considerar a natureza dos rituais. Em lugar disso, mordiscou seu lábio inferior até que

Dante tremeu com a necessidade de acalmá-lo com um suave beijo.

—Então como podemos as encontrar?

Agora era ele que estava distraído. O perfume da acetinada pele, a sensação das suaves curvas, o delicioso calor que provocava sua paixão.

—Me permita — murmurou, baixando as mãos por sua coluna até o início dos quadris— Agora, o que diz de um banho quente?

—Um banho? — a desesperada urgência se desvaneceu quando um sonhador desejo se assentou em seu rosto— Diria que soa como o paraíso.

Dante gemeu silenciosamente ao pensar em ver essa expressão sonhadora por uma razão inteiramente diferente que água quente e borbulhas de sabão. Razões como suas mãos roçando aquela pele de seda e desarrumando aqueles cachos de mel enquanto seus lábios riscavam caminhos que nunca antes tinham sido riscados.

Apartou-se bruscamente, absolutamente acostumado a reprimir suas paixões. As bruxas podiam lhe haver roubado a cobiça por caçar humanos, mas todos os outros desejos seguiam em delicioso funcionamento.

—Vamos querida. Terá seu banho.

Girando sobre seus pés, Dante se moveu para uma porta cuidadosamente oculta pelos painéis. Pressionou a alavanca oculta e a porta girou abrindo-se para revelar um estreito vestibulo. Com um olhar sobre seu ombro para assegurar-se de que Abby o seguia, levou-a por vários lugares, até o banheiro principal.

Com um toque ao interruptor, a luz encheu silenciosamente o banheiro. De trás escutou um débil suspiro, e então Abby passou até o centro da habitação com uma expressão aturdida.

Por um momento ele a contemplou perplexo, mas quando estendeu a mão para passá-la pela banheira de mármore do tamanho de uma piscina pequena, um sorriso tocou seus lábios. É obvio. Para alguém não acostumado ao extravagante gosto de Viper, a perfeita réplica de um banho grego seria um tanto surpreendente. E possivelmente bastante entristecedor.

—Viper nunca é sutil — murmurou ele, caminhando por diante dela para abrir os grifos com forma de deusas.

—É precioso.

—Sim.

Detendo-se para verter gel de banho perfumado na cascata de água, Dante virou para Abby e então com firmeza estendeu a mão para começar a desabotoar sua imunda camisa.

Os olhos dela se alargaram enquanto ele se ocupava agilmente dos botões e tirava o ofensivo objeto de sua magra figura. Sem vacilação, levou a cabo a mesma tarefa com suas calças cáqui e as deslizou ao longo de suas pernas.

— Dante — conseguiu por fim dizer em voz baixa—, o que está fazendo?

Deixando-se cair de joelhos, ele lhe tirou os sapatos e as calças, lançando-os em um monte ao canto.

—Preparando você para o banho, minha senhora — murmurou, levantando-se para abordar o sutiã.

Instintivamente, Abby levantou as mãos em um gesto de protesto.

—Não pode...

O olhar dele chocou com o seu quando colocou de lado suas mãos e desabotoou o fecho do sutiã com um movimento.

—Confie em mim, meu amor.

Ela trágou com força, mas evidentemente estava muito cansada, ou possivelmente tão apanhada no feitiço do momento como ele, que não protestou. Ainda mantendo seu olhar, segurou as meias de seda em seus dedos e lentamente as deslizou para baixo antes de tomá-la por fim em seus braços e levá-la à água que esperava.

Com cuidadosa ternura, baixou-a a água e alcançou uma esponja que estava guardada em uma preciosa concha.

Viu-se obrigado a estar de joelhos sobre o chão de mármore ao começar a lenta tarefa de esfregar sua pele até que estivesse limpa. Não é que notasse a dureza sob seus joelhos ou o quente vapor que estava fazendo que a camisa de seda lhe pegasse ao corpo. Todos seus pensamentos estavam ocupados com o sensual deleite de tocar a esta mulher.

—Tão suave. — murmurou, esfregando o pano ao longo de seu braço—. Como marfim quente.

Reclinando a cabeça, Abby permitiu que seus olhos se fechassem lentamente.

—Sinto-me maravilhosa.

Maravilhoso. Sim. E estupendo. E tentador de forma pecaminosa.

Uma lenta e enervante fome despertou dentro de Dante enquanto continuava sua tortura. Metida na banheira construída para o culto das deusas, ela poderia ter flutuado do monte Olimpo com seus compridos e finos membros e seus cachos de cabelo de mel flutuando ao redor de sua frágil face.

Cuidando de não fazer nada que pudesse despertá-la do esquecimento no qual estava consumida, lavou sua cremosa pele e depois os cachos de mel. O calor dela enchia seu frio corpo. Enchia-o e fazia que seu sangue corresse quente enquanto tirava os restos de xampu de seus cabelos.

Apenas consciente do que fazia ele embalou brandamente seu rosto e riscou suas bochechas com os polegares. Uma beleza tão delicada, admirou com silenciosa satisfação. Não a absurda beleza física que os humanos tinham em tão alta estima e que podia mudar com qualquer pretexto. Demônios, qualquer uma podia comprar essa classe de beleza em um cirurgião plástico. Mas Abby possuía uma beleza espiritual que o chamava com uma força irresistível.

Lentamente, muito lentamente, baixou a cabeça e lhe acariciou a boca com os lábios.

Por um momento pareceu ficar rígida, mas quando ele se preparava para retirar-se, seus lábios surpreendentemente se abriram em um silencioso convite.

A rendição foi tão suave como um sussurro, e ainda assim Dante sentiu um relâmpago de prazer brilhar através de seu corpo.

Condenado inferno. Tinha sonhado e suspirado por esta mulher durante semanas. Meses. Agora tremia pela pura força de abster-se de devorá-la.

Os dedos se esticaram sobre o rosto dela. Podia saborear o sabão em seus lábios e cheirar o calor de seu sangue. Doce e proibida magia corria através dele enquanto os beijos se faziam mais profundos com sua demanda.

Abaixo ele, Abby suspirou com apreciação enquanto levantava seus úmidos braços para envolvê-los ao redor de seu pescoço. Ele gemeu com aprovação e saboreou as fortes sensações que apertavam seu corpo. Suas paixões sempre tinham sido muito fortes. Tinha desfrutado de incontáveis mulheres durante séculos. Mas nunca se excitou com tão desumana força.

Era como se ela tivesse despertado uma sonolenta fome que não seria satisfeita com nada mais que a posse absoluta.

Separando os lábios com a língua, explorou a úmida caverna de sua boca. Necessitava mais. O corpo dela pressionando embaixo dele. As pernas envolvendo sua cintura. Os quadris subindo para embainhar-se profundamente em seu corpo.

Ela apertou os dedos em seus cabelos enquanto ele deslocava a boca, riscando um caminho de ardente fogo sobre sua bochecha e descendo pela curva de seu pescoço.

Dante sentiu como se estivesse afogando-se enquanto acariciava o frenético pulso na base de sua garganta e movia as mãos para baixo para roçar as esbeltas curvas. Abby tremeu em resposta antes de seus dedos rodearem de repente seu rosto e seu corpo se arqueasse para ele.

— Dante? — exigiu em suave confusão.

Perdido em suas ardentes paixões, ele queria ignorar o sussurro. Seria o mais fácil. Sob suas mãos podia senti-la tremer com um desejo que igualava o seu próprio. Por que não devia lhe proporcionar a doce liberação que rondava tão sedutoramente perto?

Foi a inoportuna memória de suas próprias palavras que fez sua cabeça elevar-se lentamente.

Confie em mim, havia dito enquanto a preparava para o banho.

Maldição. Tinha-a animado a deixar de lado sua inata cautela e ficar em suas mãos. Possivelmente o mais difícil de fazer para uma mulher como Abby. Apesar de todo seu desejo por ela, não podia arriscar a nenhum tardio sentimento de traição. A vida de ambos dependia de sua confiança nele.

Levantando-se com expressão sombria, Dante segurou cuidadosamente Abby em seus braços e a envolveu em uma toalha quente.

—Vamos, é hora de que te coloque sã e salva na cama.

Por um momento ela ficou rígida, como envergonhada pela descarada reação ao seu contato. Então com um triste suspiro permitiu que sua cabeça descansasse sobre seu ombro.

—Estou tão cansada. — murmurou.

—Eu sei meu doce. Descansaremos aqui hoje.

Deixou cair um distraído beijo sobre sua cabeça e se moveu através da porta que conectava diretamente com o dormitório

principal. Apesar de a manhã ter chegado fazia muito, nem sequer um isolado indício de luz danificava a perfeita escuridão. Mesmo assim ele não tinha dificuldade em encontrar seu caminho através do opulento carpete para a cama. Apartando bruscamente as mantas, colocou Abby sobre os acetinados lençóis e pôs o edredom sobre ela.

A ponto de sair, foi pego despreparado quando ela se estirou bruscamente para lhe segurar a mão.

— Dante?

— Sim?

— Estaremos seguros aqui?

— Nada fará mal a você aqui.

— E... — houve uma pausa como se lutasse com algo dentro de si —, estará perto?

Um pequeno sorriso tocou seus lábios. Sabia que esta mulher preferiria uma endoscopia, uma má permanente e celulite antes que confessar sua vulnerabilidade.

— Estarei ao seu lado, querida — prometeu enquanto se movia com elegância para meter-se na cama e agasalhá-la entre seus braços. Cobrindo-os com o edredom, permitiu que seu calor o envolvesse — Por toda a eternidade.

A orgulhosa igreja vitoriana com suas vidraças e seus bancos de noqueira estava a muito em ruínas. Com o fechamento da fábrica de papel, o pequeno povo que tinha sido chamado ao culto tinha abandonado a esperança e a fé, e ao final tinha emigrado a pastos mais ricos. Inclusive o cemitério anexo agora era só uma massa de criptas quebradas e tenazes ervas daninha.

Sob os restos de pedras e esquecidos cadáveres, não obstante, as vastas catacumbas eram conservadas com meticulosa atenção.

Nenhum rato ousava entrar no labirinto de túneis ou câmaras de pedra que tinham sido polidas, tão suaves como o mármore. Nenhuma aranha podia alterar a severa simplicidade.

Difícilmente era o que alguém poderia esperar do escuro templo de um demônio. Por outro lado, Rafael, o professor do culto, não era um demônio normal.

Na realidade, não era absolutamente um demônio.

Um homem alto e forte com gastos traços tinha sido uma vez tão absurdamente mortal como qualquer um. Mas tinha dado sua

humanidade e sua alma ao Príncipe Escuro fazia séculos.

Em recompensa por sua fria crueldade, e acaso por sua maldade, rapidamente tinha subido na fila até uma posição de poder. Um poder que se tornou virtualmente ineficaz na chegada das bruxas e sua detestável Fênix.

Passeando de um lado a outro pela habitação em sombras, Rafael acariciava distraidamente com os dedos o pesado pendente de prata que pendurava em seu pescoço.

Tantos dependiam dele.

De suas ações esta noite.

Não podia falhar.

Ouvindo o som de passos aproximando-se e que tinha estado esperando, Rafael alisou seus traços em uma fria máscara de invencibilidade. Agora, mais que nunca, precisava usar a letal reputação que ganhou ao longo dos anos.

Houve uma chamada. Autorizando ao visitante a entrar, Rafael estudou atentamente ao jovem aprendiz.

Estava de pé tão imóvel e imponente como o granito enquanto olhava o aprendiz fechar a porta e mover-se para o centro da habitação. O

jovem ainda não tinha a cabeça raspada de um convertido. Tal honra não lhe seria permitida a menos que sobrevivesse às provas. Muitos deviam adorar ao Príncipe, mas poucos sobreviviam.

Seu perspicaz olhar atravessou facilmente a modesta conduta do jovem, discernindo a acuidade de seu semblante e a astúcia de seus pálidos olhos.

Oh sim, o faria, decidiu com um sorriso interno.

Claramente desconcertado pelo implacável olhar, o aprendiz se moveu com nervosismo.

—Convocou-me, Professor Rafael?

—Sim, Aprendiz Amil. Por favor, sente-se.

— Rafael esperou até que o estudante se moveu para acomodar-se sobre a incômoda cadeira de madeira. Então se moveu lentamente para situar-se ante seu visitante.

— Está cômodo?

Amil se moveu com um leve cenho.

—Sim, obrigado.

—Relaxe, meu filho. — disse Rafael arrastando a voz, colocando as mãos dentro das mangas de sua roupa. — Apesar dos persistentes rumores entre os irmãos, não estou acostumado a comer coroinhas para o

jantar. Nem sequer aqueles que se atreveram a praticar as artes escuras proibidas inclusive para nós.

Houve um momento de comoção antes que o jovem deslizesse bruscamente da cadeira e caísse sobre seus joelhos.

—Professor, me perdoe. — rogou em tom trememente. — Foi simples curiosidade. Não tive a intenção de fazer mal.

Rafael fez uma careta ao ver que o parvo enrugava a prega de sua roupa. Tinha sido mais a sorte que a habilidade que lhe tinha levado a descobrir ao avantajado aprendiz deslizando-se da torre para recitar os feitiços negros. Seu primeiro instinto tinha sido lhe arrancar a garganta. Não só teria sido um castigo adequado, mas também lhe teria proporcionado uma grande quantidade de prazer.

Mas ao final tinha retrocedido. Um homem em sua poderosa posição sempre tinha a necessidade de serventes fiéis. E nenhum servente era mais fiel que um que se sabia a um suspiro da morte.

—Oh, se levante, verme.

Com passo vacilante o homem se obrigou a voltar para a cadeira, observando Rafael com cautela.

—Vou ser assassinado?

—Esse é o castigo.

—É obvio, professor. — agradeceu obedientemente o homem, embora sua sinceridade fosse questionável.

—A magia escura não é um brinquedo. É perigosa para você e os que lhe rodeiam. Colocou-nos em perigo com sua estupidez e se arriscou a pôr ao descoberto nosso templo.

—Sim, professor.

Os magros lábios de Rafael se endureceram.

—Mas é ambicioso, não é, Amil? Deseja exercer o poder que está fora do seu alcance?

O pálido olhar observou com dissimulação o poderoso medalhão de Rafael, antes de recordar que estava no fio da faca de converter-se no jantar. Ou algo pior.

—Só se o Príncipe o deseja.

—Sinto seu talento. Flui profundo em seu interior. Seria uma pena desperdiçá-lo antes que possa florescer em todo seu potencial.

—Por favor, professor aprendi a lição. Não me extraviarei de novo.

Rafael elevou as sobrelancehas lentamente.

—E crê que deveria confiar em sua vazia promessa? Você, que já demonstrou uma inata tração?

Possivelmente sentindo um fio de esperança, Amil inclinou para frente, com seus magros rasgos ruborizados.

—Tudo o que peço é uma segunda oportunidade. Farei tudo o que me peça.

—Tudo? Uma promessa muito imprudente.

—Não me preocupa. Só me diga o que devo fazer.

Rafael fingiu considerar a súplica. É obvio, tinha sabido que o patético aprendiz venderia sua alma. Tinha contado com isso. De alguma forma o jovem recordava a si mesmo com seu ardente afã de conhecimento. Mas a diferença deste tolo, ele havia tido a inteligência para guardar seus estudos secretos bem escondidos. E a sabedoria de não ficar nas mãos de outros.

—Possivelmente consideraria ser benevolente nesta ocasião. — disse lentamente, arrastando as palavras. — Com uma condição.

—Bendito seja, professor —suspirou—
Bendito seja.

—Não acredito que estará tão agradecido quando descobrir minha condição.

—O que deseja de mim?

Com passos mesurados, Rafael se moveu para tomar assento atrás da enorme escrivaninha. Dobrou os dedos sob o queixo e contemplou seu visitante com um olhar agudo. Os próximos momentos decidiriam seu destino.

Se iria ser aclamado como O Salvador do Príncipe dos demônios ou um arrogante fracassado. Não podia permitir-se cometer uma falha.

—Primeiro desejo que me diga tudo o que sabe da Fênix.

Pego de improviso, Amil piscou com surpresa.

—Eu... o que todas as criaturas da escuridão sabem, suponho. Faz uns trezentos anos, bruxas poderosas se reuniram para chamar o espírito da Fênix e o colocaram dentro de um corpo humano. A presença da infame besta manteve ao Príncipe banido deste mundo e seus seguidores ineficazes.

—Eu não sou ineficaz — estalou Rafael zangado.

—Não o entendo — Amil observou ao velho bruxo com um cenho receoso—Por que falamos da Fênix?

—Porque nos mantém longe de nosso verdadeiro professor.

O jovem deu de ombros.

—Esteve perdido para nós. O que podemos fazer?

Rafael reprimiu uma labareda de fúria.

Tolos. Todos eles. Enquanto tinha trabalhado duro e se sacrificou para restituir ao Senhor Escuro, os outros tinham permitido que a desesperança os esmagasse. Já não eram bestas orgulhosas que inspirassem medo e ódio entre os mortais. Em lugar disso punham-se a correr entre as sombras como animais raivosos.

Davam-lhe asco.

—Não, meu filho. O Príncipe não esteve totalmente perdido para o mundo.

—O que está dizendo?

—O Cálice foi destruído. As bruxas já não têm controle sobre a Fênix.

Os pálidos olhos se abriram surpreendidos.

—É um milagre.

—Certamente.

O aprendiz agarrou os braços de sua cadeira.

—O Príncipe logo será liberado.

—Não — a voz de Rafael era áspera— O Cálice pôs o espírito no corpo de outro mortal. A Fênix ainda vive, mas está debilitada e vulnerável.

—Deve ser destruída. E logo.

A expressão de Rafael endureceu em sérias linhas e seus magros dedos se moveram para acariciar o pesado pendente em seu pescoço.

—Certamente deve ser destruída.

—E o que quer de mim?

—Quero que me traga o Cálice. Vivo.

O aprendiz entreceerrou o olhar de forma calculada.

—Me perdoe, professor, mas, não seria melhor chamar os demônios para esmagar à Fênix antes que possa recuperar suas forças?

Rafael torceu os lábios com ironia. Como muitos que ansiavam poder, Amil era muito rápido em recorrer à violência quando se necessitava astúcia.

—Certamente uma simples, embora mais sangrenta, solução. —reconheceu— Mas considere, meu filho. Será uma grande honra para aquele que ofereça a Fênix ao professor. E

tenho a intenção de que essa glória seja minha.

Amil pensou durante um minuto antes de assentir com a cabeça.

—É obvio. Um inteligente stratagema. Mas, por que eu? Por que não faz esta importante tarefa você mesmo?

—Porque alguém deve assegurar-se que as bruxas não interfiram. E eu sou o único com o poder de desafiá-las — deu de ombros—. E, é obvio, você manipula forças que podem te ajudar a descobrir onde está escondida a mulher.

Houve uma longa pausa antes que Amil cruzasse as mãos sobre o peito, com um ligeiro sorriso em seus lábios.

—É algo muito perigoso o que me pede, professor. O vampiro que está protegendo ao cálice. Arrisco muito mais que minha vida.

Rafael deu de ombros para ocultar o desprezo por um homem que faria uma troca por poder antes que ganhá-lo. Infelizmente, não possuía outros servos voluntários para chamar os poderes proibidos inclusive pelo Príncipe.

Alguns sacrifícios deviam ser feitos, reconheceu a contra gosto.

Inclusive se significava estar associado com tão patético parvo.

—Deseja conhecer sua recompensa? —
requereu em tom frio.

—Sou um homem prático.

Sacrifícios.

Rafael manteve a compostura.

—Conduzirei seu treinamento pessoalmente. Quer ganhar seu medalhão antes que todos os outros? Posso dar isso.

O sorriso se alargou.

—E uma amostra da gratidão do Príncipe?

Rafael baixou brevemente o olhar às mãos, imaginando ao redor do ambicioso pescoço do Amil. Logo sacudiu ligeiramente a cabeça.

O futuro estava suspenso sobre a noite seguinte. Tinha que fazer o que fosse necessário para assegurar o retorno de seu professor.

—Assim será.

O jovem ficou em pé, com a satisfação gravada em seus magros rasgos.

—Então temos um trato.

Rafael também se levantou, seu próprio semblante tão duro e escuro como as paredes de pedra.

—Amil, não me falte. Já enfrentou à morte. Se descobrir que é incapaz de finalizar essa tarefa que te encomendei, então a morte será o último de seus temores. Entende?

O aprendiz teve o bom senso de empalidecer ante a ameaça.

—Sim.

Rafael agitou uma mão impaciente.

—Então vá. Tem muito que fazer antes que o sol caia e o vampiro esteja em plena força.

Amil saiu da habitação, e Rafael voltou a passear para o fogo que se consumia no centro do chão.

O Príncipe Escuro logo poderia voltar para seu lugar de glória.

E ele lideraria o caminho

—Logo meu senhor — suspirou.

Capítulo 6

Umás horas depois Abby despertou de um profundo sono, felizmente sem sonhar. Levantando suas pesadas pálpebras, ao princípio se sentiu atordoada pelo tato dos lençóis de seda roçando sua pele e as sombras que cobriam a ampla habitação.

Não era o tipo de moça que despertava em quartos estranhos. Certamente não em um com lençóis de cetim e um eco que poderia rivalizar com a catedral de São Pablo.

De todos os modos, era melhor que o colchão cheio de ondulações e o fedor asqueroso que lhe tinham dado boas vindas a última vez que despertou, disse-se ironicamente. E com a vantagem acrescentada de um par de deliciosos braços masculinos rodeando-a.

Não era uma má forma de despertar.

Ao menos não o seria se aquelas memórias putrefatas de demônios e bruxas, e de ser invadida por um espírito poderoso não voltassem com intensidade.

Fazendo uma careta, Abby rodou a um lado para estudar o homem que dormia a seu lado.

Não, não um homem, recordou-se ferozmente. Um vampiro.

Estudando os incríveis e perfeitos traços sob a débil luz, parecia impossível que não tivesse adivinhado antes a verdade. Ele era a fantasia de toda mulher. A vida lhe tinha ensinado que tinha que haver uma armadilha em algum lugar.

Seus lábios tremeram. Todas as mulheres sabiam a classe de homens que podiam roubar o coração de uma mulher com um olhar tinham que ser gays, psicóticos, ou estar casados. Agora supôs que teria que acrescentar vampiros à lista.

Apenas consciente do que fazia, Abby silenciosamente levantou o edredom para descobrir a forma magra e musculosa. Embora para sua decepção os jeans permanecessem, não usava a camisa de seda e mostrava um peito que era tão letalmente formoso como tinha imaginado em seus sonhos acalorados. Era amplo e liso com suficientes músculos esculpidos para satisfazer à mulher mais

exigente. Deus querido virtualmente rogava ser acariciados.

E por sorte não havia vultos estranhos ou escamas que invadiam a outros demônios. Nem sequer uma tatuagem danificava a pele de alabastro.

—Bom dia, querida — repentinamente uma voz rouca irrompeu no silêncio.

Levantando a cabeça de repente, Abby fixou se olhar na ranhura de prata brilhando sob as espessas pestanas.

Bem, isso era embaraçoso.

Uma coisa era passear com papel higiênico pego ao sapato. Ou ter batom nos dentes. Ou inclusive destruir um muito valioso vaso Ming.

Mas que a pilhassem olhando abertamente com lascívia a um homem meio nu enquanto dormia...

Era completamente lascivo.

Repentinamente Abby deixou cair o edredom como se lhe pudesse chameuscar os dedos.

—Eu... não percebi que estava acordado — conseguiu grasnar.

—Pode ser que eu esteja morto, mas nem sequer eu posso dormir enquanto uma formosa mulher me come com os olhos — seus lábios

se torceram em um sorriso sardônico— Me diga doce, o que procurava? Um chifre e uma cauda?

O fato de ter tido a necessidade furtiva de assegurar-se de que não tinha nenhuma singularidade peculiar, a fez ficar à defensiva.

—Não, é obvio que não.

—Ah, então planejava se aproveitar de mim enquanto dormia, não é? Diferente, mas eu gosto.

—Não... eu... — enrugou o nariz, aceitando que tinha sido total e verdadeiramente pilhada. O que ficava, salvo admitir a verdade?— Suponho que sentia curiosidade. Parece tão... normal.

Ele ficou rígido ante sua confissão.

—Quer dizer humano?

—Sim.

—Está decepcionada ou aliviada?

Ela deu de ombros fracamente.

—Depois do Halford e os cães infernais, tenho que admitir um pouco de alívio.

Sem advertência, ela se viu sobre as costas com Dante em cima, as mãos do vampiro apoiadas a ambos os lados de sua cabeça.

—Possivelmente não possuo três olhos nem tenho ácido gotejando de minhas presas

— disse ele, seus formosos traços sombrios—, mas nunca deve cometer o engano de fingir que sou humano. Sou um vampiro Abby, não um homem.

Seu coração pulsou acelerado ao observar o perigoso guerreiro suspenso em cima dela. De repente não parecia nada humano. Era uma morte enroscada e elegante que sustentava sua vida entre as mãos.

—O que está dizendo? — sussurrou ela— Que não posso confiar em você?

As sobrancelhas escuras se juntaram.

—É obvio que pode confiar em mim. Morreria antes de permitir que alguém fizesse mal a você.

—Então o que?

—É só não quero que finja que sou algo que não sou — seu olhar fixo metálico lhe perfurava profundamente os olhos — Isso só nos causará mais dor.

Fingir que não era um vampiro? Santo inferno, sobre o que estava balbuciando? Ela poderia fingir que comer uma incrível taça de sorvete era uma comida equilibrada enquanto tivesse amendoins e nata em cima. Ou que Johnny Depp era sua verdadeira alma gêmea se só tomasse o tempo para conhecê-la.

Mas o fato de que esse homem não era um vampiro? Nunca.

Estranhamente, entretanto, quando abriu a boca para lhe informar que estava mal da cabeça, vacilou bruscamente.

Demônios. Podia dizer com franqueza que durante alguns momentos durante as horas anteriores não tinha tentado esquecer a verdade sobre Lhe Dêem? Em momentos como sua terna sedução na banheira? E quando se agarrou a ele na escuridão como se fora seu anjo da guarda?

Certamente para Abby era normal ignorar o que não queria ver.

Baixando as pestanas, combateu o ridículo impulso de ruborizar-se.

—Deveríamos nos levantar.

—Abby, por favor, não me deixe fora — disse ele, sua voz suavizando-se em um escuro e agradável tom que deslizou como uma pluma por sua espinha — Não foi minha intenção assustar você. É só que...

Contra sua vontade, os olhos dela se levantaram para encontrar seu fixo olhar prateado.

—Só o que?

—Quero que me conheça como e quem sou, não como a imagem doce e picante que desejaria que fosse.

—Vi você lutar contra aquele demônio, Dante. Sei o que é.

Surpreendentemente ele fez uma careta nas escuras sombras.

—Não, não sabe, mas o fará antes que tudo isto termine. E isso é o que temo.

De repente Abby entendeu. Isso se tratava de muito mais que sua opinião incerta sobre os vampiros. Era sobre a fé. A confiança nele.

—Ambos sabemos que eu estaria morta se fosse humano. Seria uma hipócrita se desejasse que fosse algo distinto do que é — confessou, com um sorriso tocando seus lábios— Além disso, meus antecedentes com homens da espécie humana não me fazem precisamente estar muito ansiosa por me juntar com um para a eternidade.

Por sorte as feições masculinas se abrandaram ante sua pesarosa confissão.

—Nenhum cavalheiro de brilhante armadura?

—Cavaleiros? Só adolescentes idiotas.

—Adolescentes idiotas?

—Bom, meu último namorado me deixou por nosso carteiro, e realmente quero dizer carteiro, e o anterior a ele ficou só o tempo suficiente para roubar meu código do BANCO 24 HORAS e poder limpar minha conta de economias.

—Animais desprezíveis — Dante entrecerrou o olhar.

—Incrivelmente foi uma melhora a respeito do primeiro namorado, que pensava que o melhor modo de terminar uma briga era com os punhos.

Houve um absoluto silêncio enquanto lhe estudava o rosto.

—Golpeou você?

—Só uma vez. Ao menos aprendi com minha estupidez.

—Quer que o mate?

Abby piscou, não de todo segura se estava brincando.

—Ah... bom... uma oferta tentadora, é obvio, mas suponho que devo deixar passar.

Ele deu de ombros.

—É uma oferta sem limites, se por acaso mudar de opinião.

—Na realidade, simplesmente prefiro esquecer que alguma vez existiram — lhe assegurou.

—É uma solução, de algum jeito — seu olhar baixou à plenitude de seus lábios antes de levantar-se— Mas crê que é acertada?

Abby franziu o cenho. Por Deus, certamente não estava a ponto de receber conselho amoroso de um vampiro meio nu que resultava estar em cima dela, não?

Um vampiro meio nu loucamente atrativo.

—Eu diria que pelo menos é mais acertada que te deixar devorá-los — se obrigou a resmungar Abby.

—Só me pergunto se realmente aprendeu com seus enganos — disse ele.

—Aprendi que tenho um critério muito mau no que concerne aos homens.

—Ou busca aqueles destinados a te decepcionar de modo que não tem que preocupar-se por um vínculo emocional.

—Oh Deus, por favor, não dê uma de psicólogo comigo — grunhiu ela, nem um pouco bem humorada para considerar que poderia ter razão — Quão último preciso é ser analisada por um vampiro.

Ele arqueou uma lustrosa sobrancelha negra.

—Bom, não sabe nada sobre mim. – disse Abby

—Não? — seus lábios se curvaram em um débil sorriso— Sei que odeia as cebolas e o atum, que consome seu peso em chocolate cada dia sem ganhar nem um quilograma e que necessita uma receita para ferver água. Sei que finge desfrutar da música clássica, mas troca de emissora de rádio a uma de rock punk quando pensa que ninguém está ao redor. Também sei que se esconde do mundo e que está sozinha. Sempre esteve sozinha.

Abby diligentemente tratou de respirar. Infelizmente seus pulmões rechaçaram cooperar.

Maldito seja. Uma coisa era ela ter passado os últimos três meses olhando-o com secreta fascinação. Depois de tudo, não tinha descoberto nada mais íntimo que o fato de que ele era vergonhosamente magnífico e possuía uma inquietante habilidade ao piano. Pensar que tinha atravessado tão facilmente suas barreiras cuidadosamente eretas era desconcertante.

—Bem — resmungou ela— Tenho problemas de intimidade. E tudo isso. Agora, podemos nos levantar?

O sorriso dele só se alargou.

—Não há pressa. O sol apenas está se pondo agora.

—Bom, iria bem um pouco de sol — lhe informou com secura— Está muito pálido.

—Quer me ver como um montão de cinzas, não é? — os olhos prateados arderam com um fogo repentino— E como protegerei você se...?

Hipnotizada pela melosa voz escura e a promessa que suavizava seus traços, Abby quase não percebeu a sombra que se elevou devagar atrás da cabeça morena. Mas quando essa mudou e aproximou-se, os olhos de Abby se alargaram e um grito saiu de sua garganta.

—Não!

Distraído pela aguda luxúria que tão facilmente o consumia quando estava perto desta mulher, Dante estava despreparado quanto o grito de Abby rasgou o ar e ela ficou bruscamente reta.

De costas, ele levou um momento para lutar contra o edredom que o agasalhava. Um momento muito longo, já que Abby saltou do colchão e atacou à forma que surgia.

—Abby, não! — ordenou ele, levantando-se em um tardio intento de parar seu impetuoso assalto.

Não demorou mais que uma olhada de um humano antes que ela empurrasse ao intruso longe da cama e os dois caíssem ao chão. Em um batimento do coração, ou o que teria sido um batimento do coração se fosse algo menos um vampiro, Dante levantou Abby afastando-a e ficou agachado ao lado do corpo imóvel.

—Agüenta querida, está morto — murmurou, seu olhar fixando-se com rapidez na podridão negra e na mão descarnada que ainda agarrava uma estaca de madeira. Um assassino de vampiros— Pela segunda vez, se não me equivoco.

Aferrando-se a sua toalha com um apertão feroz, Abby olhou a forma imóvel com repulsão. Algo não muito surpreendente. Ser atacada por um cadáver em estado de putrefação tendia a ser um acontecimento único na vida.

—Meu Deus, o que é isto?

—Uma abominação.

—O que?

—Um zumbi — sua voz mostrava repugnância. Inclusive entre o mundo dos

demônios, o uso de semelhante magia estava condenado. Perturbar o reino dos mortos era um sacrilégio— Uma casca morta animada por magia poderosa. Mais magia que possuía a maior parte dos demônios. Não está vivo ou morto, o que explica por que não o senti e como conseguiu passar pelo feitiço de amparo de Viper.

—Zumbis — Abby soltou uma risada curta e quase histérica— Genial. Simplesmente genial. Agora tudo o que precisamos são umas múmias e um homem lobo para completar nosso grupo oficial de monstros.

Dante esticou a mão para tocar o corpo frio que estava estirado com a cara no tapete.

—Abby, necessito que me diga o que aconteceu.

—O que quer dizer?

—Depois de ver o zumbi, o que fez?

Ele detectou o movimento inquieto dela ante sua pergunta.

—Estava aqui. Sabe o que aconteceu.

Dante levantou a cabeça para encontrar-se com seu desconcertado cenho franzido. Ela estava ainda horrorizada pela inesperada violência, mas nesse momento não podia consolá-la como desejava. Era imperativo que

descobrisse todo o possível sobre esta última ameaça.

—Por favor, Abby, me diga exatamente o que fez.

—O que importa? — percorreu-a um tremor— Está morto, certo?

—Tão morto como Elvis nesta ocasião. A pergunta é: por que está morto?

—Bom, poderia ter algo que ver com esse buraco aberto em sua cabeça.

—Não, isso o matou a primeira vez. Quando entrou no quarto, estava animado pela magia, não pelo batimento do coração. Nada poderia havê-lo matado salvo o fogo, preferentemente da variedade mística.

—Fogo? — ela sacudiu a cabeça— Tudo o que fiz foi empurrá-lo.

Dando a volta pelo corpo, Dante abriu de um puxão a formal camisa branca com a que o pobre desgraçado tinha sido sepultado. Na luz sombreada, a decomposição do peito era visível, e não havia dúvida, as queimaduras profundas que tinha eram a forma perfeita de duas mãos.

As mãos de Abby.

—Foi todo um impulso, querida — murmurou ele.

Ela fez um profundo som com sua garganta ao retroceder apressadamente com horror.

—Está dizendo que eu fiz isso?

A angústia refletida em sua voz fez que Dante se levantasse e ficasse diretamente ante ela, bloqueando a vista do repugnante cadáver.

—Estou dizendo que me salvou — a informou severamente— Se não tivesse parado ao caminhante não-morto, eu estaria sobre você em forma de poucas favorecedoras cinzas.

—Mas como? — sussurrou— Como eu poderia fazer algo assim?

As mãos dele lhe acariciaram os ombros com movimentos calmantes.

—Disse que a Fênix encontraria modos de proteger-se. Não há nada do que assustar-se, Abby.

Os brilhantes olhos azuis cintilaram com uma emoção reprimida.

—Acabo de queimar enormes buracos nessa... coisa sem nem sequer saber o que fazia.

—Protegia-se. E por sorte a mim no processo.

Ela levantou as mãos para contemplá-las como se fossem objetos estranhos.

—Mas não sei como o fiz.

—Importa isso?

—É obvio que importa — replicou em tons bruscos— Vi Olhos de fogo. Crê que quero ser uma maldita tocha humana?

Dante sufocou com rapidez o brilho de humor que lhe produziram seus temores. Apesar de toda sua coragem, Abby pendia por um fio.

—Querida, se acalme. Não é uma tocha humana — brandamente segurou uma mão e a colocou no centro de seu peito. Calor agudo e ardente flamejou para ele ante seu tato, mas não tinha nada que ver com o poder da Fênix— Vê?

—Mas...

—Abby — descansou sua testa sobre a dela, lhe apertando os dedos em silencioso consolo— Isto não é diferente de sua habilidade para parar um homem com um chute bem dirigido ou usando as unhas como armas letais. É simplesmente outra arma. Uma que pode manter você viva.

Ela permaneceu rígida entre seus braços durante um longo momento, e logo por fim soltou uma risada chorosa.

—Há algo que alguma vez incomode você?

Retirando-se, ele seguiu uma solitária lágrima que rodava por sua bochecha.

— Isto me incomoda. Faz-me sentir uma profunda dor.

— Dante.

A vulnerabilidade que suavizou seus traços foi a perdição de Dante. Antes de poder resistir, sua cabeça estava baixando para lhe capturar os lábios em um suave beijo que brilhou até os ossos.

Devagar, apertou os braços ao redor de seu tremente corpo, consolando-a da única forma possível. Condenado inferno, queria tirá-la dessa confusão infestada de demônios. Um desejo impossível, é obvio. Até que encontrassem às bruxas, tudo o que podia fazer era tentar protegê-la e esperar que ela pudesse suportar os terrores que ainda ficavam por vir.

Movendo os lábios sobre suas bochechas em uma carícia e descendo pela longitude de sua mandíbula, Dante sussurrou com paciência palavras de ânimo até que sentiu diminuir seu tremor.

— Abby, meu amor — murmurou ao final, retirando-se para encontrar seu escurecido olhar— Não podemos permanecer mais tempo

aqui. Acredito que deveríamos juntar nossas coisas e partir. Não sabemos quantos outros zumbis poderiam estar à espreita.

Embora pálida, Abby tinha recuperado de novo sua firme coragem. Envolvendo os braços ao redor da cintura, levantou decidida o queixo.

—Aonde iremos?

—Encontrar o esconderijo — replicou ele sem vacilar— O que significa que primeiro terei que falar com Viper.

As sobrancelhas dela se elevaram com surpresa.

—Ele sabe onde está o esconderijo?

Os lábios dele tremeram.

—Não. Mas possuí o que necessitamos para encontrá-lo.

—E o que é?

—Transporte.

Capítulo 7

Abby levou menos de um quarto de hora para pôr a roupa e prender os cabelos em uma simples trança. Não foi muito surpreendente, em realidade. Não havia nada como um corpo duas vezes morto jazendo no chão para lançar a uma mulher a velocidade impressionante.

Não só era repugnante, mas também o aroma certamente maturaria em pouco tempo. Algo que não estava particularmente ansiosa em experimentar.

Com cuidado de evitar olhar-se no espelho ao reflexo que já não era o seu, escovou rapidamente os dentes e retornou ao quarto contíguo onde Dante a esperava.

Um arrependido brilho de diversão a invadiu ao vê-lo do lado da porta. Enquanto ela se via como se tivesse passado os últimos dois dias rodando em becos, sendo caçada por demônios e atacada por zumbis, ele era um perfeito Versace.

Os lustrosos cabelos negros estavam afastados de seu rosto de alabastro para cair por suas costas. A camisa de seda negra não tinha nenhuma ruga e reluzia sobre seu

imponente torso, e um par de calças de couro negro abraçavam suas pernas com um resultado do tipo “Oh Meu Deus”.

Inclusive suas maliciosas feições não tinham falhas. Não havia sombras, nenhum sinal de cansaço. Nem sequer um indício de barba.

Era condenadamente injusto, decidiu, ao continuar avançando. Ao menos poderia ter os cabelos revoltos de dormir ou um pouquinho de sono nesses olhos magníficos.

Ignorando seus ridículos pensamentos, ele lhe ofereceu um sorriso alentador.

—Está pronta?

—Só no sentido proverbial de “Tão pronta como jamais estarei” — admitiu ironicamente.

Seu sorriso de pirata se alargou.

—Suficientemente bom por agora, suponho. Vamos.

Deixaram juntos o apartamento, descendo pelo passadiço ao rebuscado vestibulo. Entretanto, em lugar de dirigir-se à porta, ele a conduziu para uma escada curvada de mármore. Em silêncio subiram até o piso mais alto e se dirigiram à parte traseira do edifício. Somente quando se encontraram frente a um

par de portas esculpidas de mogno, ele se deteve.

Abby o seguia tão perto que quase se chocou contra ele quando se virou abruptamente para olhá-la com o cenho franzido.

—Olhe Abby, não posso deixar você por sua conta, não enquanto não saibamos com certeza que é seguro.

Abby arqueou as sobrancelhas.

—Crê que vou discutir? Depois destas últimas horas, decidi me pegar a você como cola.

—Uma visão muito agradável, sobre a que tenho intenção de refletir em profundidade mais tarde, querida. Ainda assim...

—O que?

Os lábios dele se estreitaram.

—Esse não é lugar para inocentes.

Abby pôs os olhos em branco para o céu. Todos os vampiros eram dementes? Ela não tinha sido inocente desde o dia que deixou o berço.

—Não sou uma menina. — replicou com um olhar escuro— Não acredito havê-lo sido nunca. Vi mais maldade em minha vida que muita gente pode sonhar.

A expressão dele se suavizou quando esticou a mão para deslizar os dedos pela bochecha.

—Sei, querida, mas não significa que em seu coração ainda não seja pura. Infelizmente neste momento, não temos muita opção. Só... permanece perto.

Perguntando-se que novos horrores poderiam estar atrás da porta, Abby assentiu lentamente enquanto se aproximava dele e lhe rodeava a cintura estreitamente com os braços.

—Terá que usar um feitiço para me separar de você.

Dante gemeu baixo enquanto fechava os olhos brevemente.

—Condenado inferno.

Abby franziu o cenho ante seu estranho comportamento.

—Passa algo?

—Se não estivesse morto, me levaria à tumba, querida — resmungou e depois, estirando a mão, abriu a porta de um puxão— Façamos logo isto.

Ela poderia ter estado perplexa ante suas estranhas palavras se não a tivesse empurrado pela soleira a um escuro quarto que vibrava com o som de música oriental.

O harém de um xeque, compreendeu ao dar uma olhada à câmara circular coberta com tênues gazes e seda com lantejoulas. Sobre o piso estavam colocadas dúzias de grandes travesseiros, alguns deles ocupados por uma variedade de homens e mulheres que respiravam profundamente a fumaça de ópio proveniente dos braseiros de cobre.

Foram os cantos, entretanto, que chamaram sua atenção

Embora estivesse escuro, não era possível confundir as formas que se retorciam e os fortes gemidos que ressonavam nas sombras. Podia ser que nunca tivesse estado em uma orgia, mas certamente podia reconhecer uma quando se tropeçava com ela.

Sentindo que seu estômago se retorcia em repugnância, aferrou-se mais apertadamente a Dante. Tinha pensado que nada poderia incomodá-la — bom, ao menos nada na variedade humana—, mas havia uma escura e faminta decadência na habitação que lhe arrepiava a pele.

Era desespero sem esperança, decidiu. Essa familiar enfermidade do espírito contra a que tinha lutado por mais tempo de que queria considerar.

Dante colocando um braço ao redor dos seus ombros fez o possível para lhe bloquear a visão enquanto a conduzia firmemente para um nicho na lateral do quarto.

—Viper está na parte de trás — murmurou—, é onde ele...

O ele, foi asperamente afogado pelo repentino grito que cortou o ar, e Dante foi separado de Abby por uma mulher claramente furiosa.

Petrificada pelo inesperado ataque, Abby tropeçou para trás, observando com assombro como a assaltante agarrava Dante pelo pescoço e o levantava do chão para fixá-lo à parede com assombrosa força.

Uma vampira deu-se conta com rapidez. Não só que uma mulher mortal seria incapaz de levantar um homem já crescido com tanta facilidade, mas também possuía essa beleza estranha que a marcava como algo mais que humana.

Muito mais que humana, reconheceu Abby quando Dante estendeu uma mão para evitar que se aproximasse.

Tão alta como ele, a vampira possuía um corpo esbelto apenas oculto por um traje de gaze para guardar as aparências. O cabelo por

abaixo da cintura continha o estranho matiz de um dourado amanhecer. Seu rosto era magro, quase felino, com ardentes olhos verdes e lábios luxuriosos que poderiam satisfazer a fantasia de qualquer homem.

E claramente estava com um humor de síndrome pré menstrual.

Sem lutar, Dante olhou sua captora de forma cautelosa.

—Sasha.

— Dante, esta é uma surpresa deliciosa — ronronou a mulher— Não pode imaginar quantos dias sonhei apenas com esse momento.

Abby ficou rígida ante o inconfundível tom. Demônios, não estava o atacando porque ele protegia a Fênix.

Ela era sua ex.

Uma surpreendente chama de algo que podia ser ciúmes percorreu Abby quando cruzou os braços sobre o peito. Esse era o tipo de mulher que ele desejava? Formosa, poderosa e imortal?

Ele... sapo...

—Uma velha amiga tua? — exigiu Abby.

—Algo assim — admitiu ele, torcendo os lábios com humor ácido— Agora Sasha não é o

momento para uma de nossas pequenas rixas. Obviamente conseguiu escapar. Não aconteceu nada.

Sasha grunhiu baixo.

—Estive aí durante três semanas. Tive que comer ratos.

—Escutei que são muito nutritivos — ele grunhiu quando os dedos lhe apertaram a garganta— Maldição, Sasha, nunca teria sido presa naquele maldito porão se não tivesse tratado de me cravar uma estaca.

—Sabe que nunca teria feito algo assim, só estava brincando.

—Brincando?

—Estava acostumado a gostar de nossos joguinhos. Recorda quanto desfrutou ser preso à...

—As algemas são uma coisa, Sasha, mas uma estaca é bem diferente — interrompeu Dante com rapidez— Não tinha muito interesse em ficar e descobrir onde tentaria pô-la. Chame-me de louco.

Sasha aspirou ruidosamente.

—Mesmo assim foi rude.

—Tem minhas desculpas mais profundas — resmungou—, assim como a solene

promessa de nunca voltar a encerrar você em um porão.

Passou um longo momento antes que os traços de Sasha se suavizassem em uma expressão sedutora e o baixasse ao piso.

—Suponho que poderia me convencer a te perdoar.

—Não é nada menos que uma Santa.

Permitindo que a mão que tinha estado tratando de sufocar Dante deslizesse brandamente até seu peito, a vampira inclinou para frente até estar pressionada intimamente contra ele.

—Agora, beijamo-nos e nos perdoamos?

Abby apertou os punhos enquanto a mulher se esfregava contra ele como uma gata no cio. Não estava segura se desejava golpear a ele ou Sasha, a Fresca. Mas estava muito segura de que queria golpear alguém.

—Na realidade, tenho pressa. Preciso falar com Viper.

A pressão se fez mais pronunciada.

—Sempre escapando. E sempre com algum inútil humano — acusou, seus olhos de gata girando para a silenciosa Abby— Ou é seu jantar?

Com um fluido movimento, Dante se deslocou para o lado de Abby, sua expressão cheia de advertência.

—Ela não está no menu.

—Grande coisa — a voz da Sasha era puro veneno—. Realmente deveria passar mais tempo com sua própria gente Dante. Essas criaturas o fazem débil.

—Levarei isso em conta.

Com uma zangada aspiração, Sasha deu a volta afastando-se, suas curvas perfeitamente visíveis sob a pequena gaze.

Só com Dante, Abby lhe lançou um desgostoso olhar carrancudo.

—Encantadora.

—Sasha é um pouco... emocional — admitiu com pesar.

—Mais que um pouco se tentou matar você.

Ele deu de ombros.

—Cada relação tem seu lado perigoso. Você mesma o admitiu.

—Mas não morte por estacas de madeira — resmungou, ainda lutando contra o persistente sentimento de hostilidade ao imaginá-lo com a bela vampira— A mulher está realmente louca.

Uma lustrosa sobrancelha negra se curvou enquanto ele varria com o olhar suas rígidas feições.

—Só para lembrar, você tentou me cravar uma estaca mais de uma vez.

—Sim, mas isso era diferente.

—Como?

—Porque o era.

—Ah! — nos olhos dele apareceu um brilho de malvada diversão— Acredito que sei o que fez você ficar zangada. Está com ciúmes.

Abby colocou as mãos nos quadris. Muito idiota. É obvio que estava com ciúmes. Pode ser que Sasha estivesse morta, mas ainda era asquerosamente formosa com a paixão ardente que fazia babar aos homens.

Mais importante que isso, tinha conseguido apanhar Dante com suas habilidades sedutoras. Ou com as tais algemas, murmurou uma desagradável voz no fundo de sua mente.

Em todo caso, havia possuído o que Abby tinha desejado com luxúria durante meses.

É obvio que estava condenadamente ciumenta.

Não é que fosse admiti-lo. Tinha seu orgulho, para o que valia.

—Não seja tão arrogante, Dante. Minha única preocupação é saber quantas outras namoradas poderiam saltar de qualquer parte. As coisas já estão suficientemente mal sem mulheres vingativas espreitando.

Ele seguiu o contorno de seus lábios com a ponta do dedo.

—É uma mentirosa terrível, querida.

Instintivamente Abby se afastou do seu contato.

—Não viemos aqui para encontrar Viper?

—Algum dia próximo, Abby, teremos uma longa conversa. Será muito interessante — disse brandamente— Até então, tem razão, deveríamos estar procurando Viper para sair daqui.

Apesar do infantil desejo de ficar e desfrutar da vista do indiscutível ataque de ciúmes de Abby, Dante lhe agarrou o braço com firmeza para guiá-la para o fundo do quarto. Não só não era esse o lugar para uma inocente, mas também, além disso, tinha mais de uma desgostosa ex-amante, sem mencionar os inúmeros demônios que abrigavam a desagradável idéia de que lhes devia dinheiro.

Quanto mais cedo pudesse obter as chaves do automóvel de Viper, melhor.

Entrando em um lugarzinho escuro, Dante precisou parar para dar uma olhada melhor no vestibulo além. Estava grato por que a maior parte das portas estava fechada e que nenhum dos perversos prazeres que Viper oferecia a seus clientes pudessem ser descobertos com facilidade. Porém, ficou ainda mais agradecido ao descobrir Viper apoiado tranquilamente contra a parede.

Ao menos não teria que arrastar Abby pelos desfeitos mais baixos da libertinagem.

—Aí está — murmurou, girando-se para colocar suas mãos sobre os ombros do Abby— Espera aqui mesmo. Só será um minuto.

Os olhos dela aumentaram ao olhar intranquãila por cima do ombro.

—E se algum de seus amigos tem fome?

—Os matarei — prometeu com crua sinceridade— Não deixarei que nada aconteça a você.

O olhar de Abby retornou para encontrar-se com a decidida expressão de seu rosto antes de assentir lentamente.

—De acordo, mas vá rápido.

—Irei — lhe roçando a testa com os lábios, Dante virou e andou até o seu amigo. Detendo-se ao lado de Viper, esperou até que o

vampiro o olhasse com as sobrancelhas arqueadas

— Viper, um momento por favor.

Dirigindo um olhar para Abby, Viper se separou da parede e cruzou os braços sobre o peito.

—Desejaria que se decidisse, Dante. Primeiro insiste em proteger sua beldade da minha malvada clientela, e agora a exhibe como uma fruta tentadora. A menos que deseje distúrbios, sugiro que a tire daqui.

—As coisas mudaram — replicou Dante, rapidamente revelando o último ataque sobre Abby em breves palavras.

Um áspero cenho foi crescendo na testa de Viper enquanto escutava em silêncio. Quando Dante ao fim terminou, lançou uma furiosa maldição.

—Quem se atreveria soltar semelhante criatura?

—Um idiota imprudente.

—Um humano sem dúvida — Viper apertou os dentes, não era dos que escondiam seu desdém pelos mortais.

Dante deu de ombros. No momento não podia dar o luxo de perder o tempo refletindo quem podia estar por trás do ataque.

—Possivelmente. De momento só me interessa manter Abby segura. Viper estreitou o olhar.

—Uma tarefa digna; entretanto, espero que tenha um milagre ou dois guardados sob a manga, Dante. Neste momento sua companheira é o Santo Gral para cada criatura do submundo.

Um milagre? Dante sorriu com ironia. O mais próximo a um milagre que tinha era o fato que Abby ainda estava viva e ele não tinha terminado com uma estaca cravada no peito

—Nenhum milagre, mas tenho um plano — confessou a contra gosto.

—Um que inclui desaparecer pelos próximos séculos, espero.

—A levarei até as bruxas.

Um penetrante e incrédulo silêncio descendeu antes que Viper abruptamente segurasse o braço de Dante e o empurrasse às mais escuras sombras do corredor.

—Perdeu por completo a cabeça? — grunhiu seu amigo com ardente fúria— A última vez que se encontrou com essas cadelas lhe prenderam como um cão. Esta vez muito bem podem te matar.

Dante colocou as mãos nos bolsos. Demônios, não era idiota. Ao menos não um completo idiota. Era plenamente consciente de que isso convinha às bruxas, poderia voltar a ter grilhões, ou pior.

—Não tenho escolha — disse rigidamente.

—Por que?

—São as únicas que podem tirar a Fênix de Abby.

Viper parecia longe de estar impressionado por sua perfeitamente razoável explicação. Em troca, começou a olhar Dante como se estivesse considerando uma camisa de força.

—Agora sei que está louco. — resmungou— Por que deixaria que unisse a outra? Esta mulher ao menos se preocupa com você.

Dante fechou com força sua mente à tentação. Não era de natureza nobre. Ou dado a sacrificar-se. Tomava o que queria e ao inferno com a moral.

Mas de algum jeito as regras tinham mudado. Abby tinha se ocupado disso.

—Esta não é sua responsabilidade.

—Nem tampouco a sua — continuou Viper com suavidade letal— Não por escolha.

Lentamente Dante virou a cabeça para a delicada forma que esperava ansiosa junto à porta. Seus lábios se torceram em um sorriso sarcástico.

—Agora é.

—Arriscará tudo por essa mulher?

—Tudo — admitiu Dante em tom baixo.

Houve um curto silêncio antes que Viper suspirasse com resignação.

—Que loucura. O que posso fazer para ajudar?

Dante virou com uma expressão decidida.

— Por hora tudo o que preciso são suas chaves.

Capítulo 8

Horas mais tarde, Dante continuava a caçada pelos silenciosos subúrbios da cidade. A seu lado, Abby, que tomava a contra gosto as ervas que tinha insistido que bebesse, estava sentada em um estranho silêncio. Muito silenciosa, deu-se conta quando jogou uma olhada ao delicado perfil, prateado pelo efeito da luz da lua.

Embora Abby sempre tivesse o cuidado de manter a distância, não era habitual que se calasse completamente. Deveria estar se queixando por quão inútil era procurar alguma pista das bruxas ou lhe castigando por ter ex-
amantes letais. Ou pelo menos, lhe dizendo como deveria conduzir.

Em vez disso, estava sentada com os ombros cansados, bebendo as ervas e... Repentinamente, o cenho de Dante se aprofundou. Estava cantarolando? Pelo sangue do Diabo. Definitivamente havia algo que andava mal nesta mulher. Reduzindo a velocidade do carro, ele esclareceu a garganta cauteloso.

—Abby?

—Mmmmmmm?

—Está bem?

—Só estava pensando.

Bom, isso não parecia tão mau. Pelo menos não tinha entrado em estado catatônico.

—O que está pensando?

—Todos os vampiros têm um Porsche?

Desconcertado, deu-lhe um rápido olhar. Era nisso que tinha estado tão absorta? Nas preferências de transporte dos vampiros?

—Claro que não— disse devagar — Conheço vários vampiros que preferem o Jaguar e inclusive um que acharia perfeito um Lamborghini. —Melhor dizendo, isso é o que ele desejaria.

—Ah! — agitou o dedo para ele. — Sabia que havia algo suspeito. Simplesmente supunha que esses ricos tinham vendido sua alma ao diabo. Ao invés disso, são todos demônios. Sim, tudo isto é uma grande conspiração. — Ela riu bobamente. Logo, tomou outro grande gole, virou a cabeça no suave couro do assento e o olhou com os olhos meio fechados. — O que aconteceu com os dias que um vampiro se escapulia através da rede de esgoto e vivia em uma úmida cripta?

Ele arqueou uma sobrancelha.

—Acredito que terminaram ao mesmo tempo em que os mortais decidiram engatinhar para dentro de suas covas.

—Ainda assim, deveria se converter pelo menos em morcego ou ter a testa muito pronunciada. Algo mais vampiresco.

Bem. Era oficial. Sem exceção, as mulheres mortais eram as criaturas mais imprevisíveis, caprichosas e dementes que jamais andaram na terra. E essa mulher era a campeã das campeãs em levar um vampiro à loucura. Um minuto estava aterrorizada, ao seguinte zangada, e logo, toda suave e vulnerável.

Ainda assim, esse risinho tolo e esse humor quase frívolo era uma mudança clara. Poderia pensar que estava bêbada se não fosse...Oh, condenado inferno. Os olhos de Dante se estreitaram quando a viu dar outro longo trago à bebida. Era isso. Tinha passado tanto tempo desde que Selena se converteu na Fênix que havia esquecido o efeito das potentes ervas. Ao longo dos anos, ela havia se acostumado à beberagem, mas houve um tempo que tinha reagido com o mesmo vertiginoso atordoamento.

— Abby? — murmurou.

— Mmmmm?

— Está bebendo as ervas de Selena?

— Sim. — sorriu alegremente. — E sabe, uma vez que se acostuma ao gosto amargo e aos grumos ocasionais, não é totalmente repulsivo. Faz sentir... formigamentos.

— Formigamentos?

Abruptamente ela fez uma careta.

— Exceto por meu nariz. Não posso sentir meu nariz. Ainda está aí, certo?

Dante engoliu a risada quando se estirou para lhe dar um ligeiro golpe no nariz. Quando estava bêbada era inesperadamente cativante.

— São e salvo no centro de seu rosto. — lhe assegurou.

— Bem. Eu não gosto muito dele, mas não quero perdê-lo.

— Não? É um nariz bonito de se ter. — percorreu seus pálidos traços durante um momento antes de voltar o olhar para as escuras ruas. — É um perfeito e fino nariz.

— É muito pequeno e têm sardas. — ela resmungou.

Dante apertou os dedos no volante enquanto girava para o parque que estava no limite do arvoredo.

—Mortais. —resmungou molesto— Por que se preocupam tanto pela aparência física? Não só desaparece rapidamente, mas também é insignificante.

Suas palavras foram recebidas com um ruído desdenhoso.

— Falou um que pertence às pessoas realmente formosas. — se queixou Abby— É fácil condenar a vaidade superficial quando se é como um deus grego.

Dante lhe deu uma rápida olhada.

— Pensa que pareço um deus grego?

— Na realidade, parece mais um pirata. Um pirata muito, muito perverso.

Um pirata? Isso parecia quase tão bom como um deus grego. É obvio, havia dito que era um perverso.

— De acordo, vou tomar isso como um elogio.

— Tem que saber que é magnífico.

— Bom, tudo isso está no reflexo, querida. — disse com voz seca— Não passo muito tempo me arrumando diante dos espelhos.

—Oh... esqueci— soluçou. — Sinto muito.

—Não é tão excitante como ter a testa pronunciada ou converter-se em morcego, mas pelo menos é vampiresco.

Ela assentiu lentamente.

— Suponho que é verdade. E tem as presas.

— Sim, tenho as presas.

Deixou sair um suspiro lânguido.

— Ainda assim, converter-se em morcego seria genial.

O sorriso de Dante se desvaneceu. Ela não tinha nem idéia do monstro em que era capaz de converter-se. Em sua mente tudo o que havia eram mitos e contos de fadas.

—Abby.

—O que?

— Acredito que já teve o suficiente dessas ervas por enquanto.

Houve uma breve pausa antes que lutasse por endireitar-se no assento.

— Pode ser que tenha razão. A cabeça está começando a me dar voltas.

Dante deu um pequeno golpe no interruptor para baixar o vidro, permitindo que entrasse no carro uma rajada de ar fresco.

— Melhor?

— Sim. — tirou a cabeça pelo vidro, respirando profundamente. — Sabe, acredito que essa beberagem contém licor.

Dante riu entre dentes quando reduziu a velocidade e conduziu o carro até detê-lo.

— Não se preocupe, querida, muito em breve estará desfrutando de um sorvete de chocolate em lugar de beberagens que parecem ter licor.

Colocando a cabeça para dentro, Abby lhe obsequiou com uma elevação de sobrancelhas.

— Por que paramos? Estamos perto do esconderijo?

— Isso é o que intento averiguar.

Piscou surpreendida.

—Pode senti-lo?

—De fato, espero cheirá-lo.

—Ugh! As bruxas fedem?

—As bruxas não, mas sim algo que há perto do esconderijo. —explicou com um sorriso— Quando Selena voltava das visitas, sempre trazia um aroma peculiar.

Abby inclinou a cabeça para um lado.

— Que tipo de aroma?

Dante deu de ombros.

— Não estou seguro. Só sei que quando retornava, eu evitava a casa durante dias. Era muito... peculiar.

Abby pensou durante um longo momento.

— Um açougue? Ou uma fábrica de curtidos?

Dante elevou as sobrancelhas ante a inocência de suas palavras.

— Teria reconhecido o aroma do sangue, meu doce.

— Oh... bem. Que tal uma refinaria de petróleo ou um curral de gado?

— Não, era mais como um campo de trigo podre.

Ela franziu o cenho. Dante não a culpava. Inclusive para um vampiro poderoso, um leve aroma que não podia definir era dificilmente algo com o que pudesse contar. Não era MacGyver.

Então, sem advertência, lhe apertou o braço com força.

—Oh, por Deus!

Imediatamente alerta, Dante olhou ao redor para assegurar-se de que não lhes atacavam.

— O que acontece?

—Sei onde está — murmurou.

—O esconderijo?

— Sim.

—Como?

—Faz anos, meu irmão mais velho trabalhou na fábrica de cereais. — explicou. — Quando voltava, a casa inteira cheirava a trigo podre durante horas.

Havia trigo podre no cereal? Infernos. Como se atreviam os humanos a estremecer-se ante a preferência dos vampiros pelo sangue? Pelo menos ele o ingeria sem estar podre.

— Merece a pena tentá-lo. — concluiu. — Em que direção?

—Sul.

Ligando o motor, Dante girou o carro para o sul. Não tinha garantia de que o esconderijo estivesse perto da fábrica, mas pelo menos era um lugar pelo que começar.

Quando o silêncio descendeu novamente, Dante jogou um olhar furtivo para a mulher que estava ao seu lado. Nesta ocasião, Abby não estava escondendo as potentes ervas ou cantarolando em uma agradável nuvem de névoa. Em lugar disso, suas sobrancelhas estavam franzidas, e mordiscava o lábio inferior como se estivesse profundamente pensativa.

Com esforço, resistiu à urgência de lhe perguntar no que estava pensando. Se nos últimos meses tinha aprendido algo a respeito desta mulher, era que podia escrever uma tese sobre a obstinação. Revelaria o que queria revelar e quando quisesse fazê-lo.

Foi vinte minutos depois que por fim voltou à cabeça para estudá-lo com uma expressão preocupada.

— Dante?

— Sim.

— Viper parecia zangado quando falou com ele.

De repente Dante apertou fortemente os dedos no volante. Tinha suposto que Abby estava muito ocupada assegurando-se de que nenhum dos hóspedes lhe atacasse o pescoço para dar-se conta da confrontação que teve com seu companheiro vampiro. Parecia que nem sequer um hotel cheio de vampiros e demônios abandonando-se em orgias podia mantê-la distraída.

— Não estava muito ansioso por entregar as chaves do seu Porsche favorito. — replicou com tom ligeiro. — Pode ser muito fastidiosamente possessivo com seus brinquedos.

—Não. — disse com um categórico movimento de cabeça. — Não acredito em você

— Bastante severo, querida — protestou.

—Não queria que me levasse ao esconderijo. Por quê?

Dante murmurou uma maldição em voz baixa. Maldito Viper e sua pobre imitação de mamãe galinha.

—Não pôde escutar o que estávamos dizendo. — tentou fanfarronar inutilmente.

— Sei que estavam discutindo e que ele tratava de convencer você de algo— lhe acusou. — Estava preocupado pelo que fariam a você no esconderijo, não é?

— Viper sempre desconfiou da magia.

— Dante, quero a verdade. — cruzou os braços sobre o peito, tomando claramente uma atitude de “não me faça de boba”. —Farão mal a você?

Ele deu de ombros.

— Necessitam-me.

— Necessitavam-lhe, mas agora tudo mudou — murmurou, chegando muito perto da verdade. — De fato, acredito que devemos reconsiderar o fato de procurar as bruxas.

— O que?

— Não quero que lhe façam mal.

Dante manteve um turvo olhar no caminho vazio. Apesar do prazer que lhe produziu sua preocupação, não queria converter esta mulher em uma mártir.

— Abby, não temos alternativa.

— Sempre há alternativas.

Sua expressão se endureceu ante as suaves palavras.

— Não se quer ver livre da Fênix? Elas as únicas capazes de transferir o poder a outro.

Houve uma longa pausa, e Dante quase se convenceu de que tinha forçado Abby a entrar em razão, quando ela esclareceu a garganta.

— Então talvez eu devesse ficar com a Fênix.

O carro foi para um lado perigosamente antes que Dante pudesse recuperar o domínio de si mesmo. Condenado inferno, a mulher nunca falhava em agarrá-lo com a guarda baixa. Reduziu a velocidade e lhe lançou um olhar descontente.

— Não sabe o que está dizendo — grunhiu. — Não foi preparada para se converter no Cálice.

— Selena foi? — perguntou-lhe elevando as sobrancelhas.

Ele fez uma careta quando recordou a sua antiga ama. Embora Selena houvesse sido humana, sempre tinha acreditado, de forma arrogante, que estava por cima de outros. Algo não surpreendente na filha de um duque que se considerava ao mesmo nível que seu próprio Deus. Selena tinha visto o poder e a imortalidade da Fênix como um direito mais que como um dever.

— Ela sabia no que se metia — murmurou.

Abby estendeu a mão para tocar ligeiramente seu braço.

— Então me diga.

Dante escolheu as palavras cuidadosamente. Não queria aumentar seu medo, mas por outro lado, tinha que assegurar-se de que entendesse meticulosamente por que era impossível para ela carregar tanta responsabilidade.

— Pode imaginar o que é ser imortal? — perguntou finalmente.

— Bom, posso imaginar que faz do seguro de vida uma questão discutível.

— Abby... — disse com voz áspera.

Ela deu de ombros.

— Admito que nunca tive uma razão para pensar sobre isso.

— Significa ver sua família e amigos murchar-se e morrer enquanto permanece exatamente igual — lhe informou bruscamente. — Significa ver a vida passar sem que nunca te toque. Significa estar completamente sozinha.

Abby lhe ofereceu uma risada sem humor.

— Minha assim chamada família, poderia posar para um pôster de famílias disfuncionais. Meu pai nos aterrorizava e logo nos abandonou, minha mãe se embebedava tanto que morreu antes do tempo e meus irmãos fugiram para Chicago assim que puderam escapar. — houve um breve silêncio. — Sempre tive que estar sozinha. — sussurrou na escuridão.

Dante se sobressaltou.

—Abby.

Ela inspirou abruptamente, lamentando o breve momento de vulnerabilidade.

—Que mais?

—Sempre será perseguida. — replicou agudamente, desprezando a urgência de lhe oferecer consolo. Tinha que fazer que

recuperasse o juízo. — A cada instante, alguém malvado estará planejando sua morte.

Ela virou no assento para olhá-lo diretamente.

— Mas disse que a Fênix está começando a ocultar-se.

— Está, mas sempre restarão os que possuem suficiente poder ou estão o suficientemente desesperados para te rastrear. Por isso eu estava preso ao espírito, como amparo.

Pôde sentir seu olhar percorrendo seu sério perfil.

— Então você pode me proteger.

Dante ficou rígido e a pele lhe picou com uma repentina quebra de onda de desgosto por si mesmo.

— Como protegi Selenia? — grunhiu.

— Dante, não pode se culpar...

— Não é questão de culpa; é questão de reconhecimento — replicou com um tom escuro. — Condenado inferno, nem sequer sei o que a matou. O que significa que quanto antes lhe entregue às bruxas, melhor.

— Dante...

— Não — girou a cabeça para atravessá-la com um olhar feroz. — Devemos fazer isto

pela Fênix, Abby. Deve ser protegida por aqueles que estão mais preparados para mantê-la fora de perigo.

Superada com clareza por sua estratégia, Abby franziu o cenho frustrada antes de atirar-se contra o suave couro do assento.

— Não briga limpo, sabe?

Seus lábios se curvaram com humor irônico.

— Um vampiro, doçura, nunca briga limpo. Só brigamos para ganhar.

Uma hora depois, Abby abria caminho resolutamente entre as más ervas que haviam crescido nos campos que rodeavam o parque industrial. Más ervas e aborrecíveis arbustos de espinhos mutantes por energia nuclear, descobriu ao parar pela enésima vez para tentar salvar suas calças da destruição. Diabos, nunca tinha gostado da natureza. Era suja e estava cheia de horripilantes criaturas e coisas que a faziam espirrar. E esta pequena excursão não fazia que tomasse mais carinho. Não podia nem imaginar por que as bruxas não tinham elegido um local no centro comercial. É obvio, as ervas e os espinhos

eram só uma pequena parte de seu atual desconforto, admitiu tristemente.

Os nós que retorciam seu estômago e a secura de sua boca eram devidos às bruxas que estavam procurando.

Dante era inflexível em que esta era a única opção, mas não estava muito convencida. Independentemente de seus nobres motivos, tinha sido testemunha dos gritos de piedade de Selena quando elas tinham forçado ao poderoso espírito a entrar em seu corpo e, pior ainda, de seu desprezo por Dante quando o tinham encadeado com sua magia.

Podiam ser de confiança umas mulheres capazes de semelhantes atos?

Sentindo náuseas nervosas apertarem seu estômago, Abby virou para olhar ao

homem que caminhava a seu lado. Necessitava urgentemente uma distração se não queria envergonhar-se fugindo e gritando de terror.

— Se pretende me fazer perder a cabeça com uma caminhada à luz da lua, Dante, tenho que te dizer que não estou impressionada — brincou com tom tenso.

Girando a cabeça, ele emitiu um familiar e perverso sorriso.

— Que vergonha, querida. O que pode ser mais romântico que uma agradável brisa noturna...

— Perfumada com o rançoso fedor da fábrica.

— Ou estar rodeado pela beleza da natureza.

— Más ervas que raspam e picam, e que me provocarão bolhas muito desagradáveis.

Ele riu ante suas palavras ácidas.

— Pelo menos tem que admitir que nunca tinha tido um companheiro mais bonito, encantador e sexy.

Bom, ele tinha razão, reconheceu ironicamente. Nem em suas mais selvagens fantasias pôde imaginar que semelhante homem diabolicamente arrumado existisse.

— Possivelmente — concordou a contra gosto. — Mas a maioria de meus encontros não vêm com um fardo de demônios, monstros e zumbis.

Uma sobrancelha negra se arqueou.

— Bastardos aborrecidos. Obviamente não entendem o forte encanto de uma verdadeira aventura.

— Aventura? — fazendo uma careta, Abby esmagou um mosquito com um tapa. — Uma aventura é caminhar através da Praça de São Marcos em Veneza, ou beber café em um encantador restaurante em Paris. Não abrir-se caminho através de um brejo em busca de bruxas.

— De fato, a última vez que tentei desfrutar de um café em Paris, quase me cortaram a cabeça na guilhotina — murmurou— Entende, querida? Tudo é questão de perspectiva.

Abby tropeçou para ouvir a confissão feita de forma indiferente.

— Bom Deus, poderia parar de fazer isso? — queixou-se.

—O que?

— Mencionar o passado de forma tão casual. E eu que pensava que era velha porque me lembro de Melrose com saudade.

Ele simplesmente riu. Maldita fosse sua alma de vampiro.

— Você foi quem tirou o tema de Paris. Só estava te oferecendo minha própria experiência na cidade.

Seu olhar escorregou sobre o formoso rosto banhado pela luz da lua.

— Então, estava em Paris durante o regime do terror?

— Por uns poucos e inesquecíveis meses — sorriu tristemente. — Sugiro que o visite quando não houver uma revolução em processo.

Abby pôs os olhos em branco. Ela na sedutora e sofisticada Paris? Sim, o dia em que lhe crescessem asas e tatuasse o traseiro.

— Levarei em conta quando a oportunidade destinada a nunca aparecer ande por aqui.

Nas sombras, os olhos como prata líquida a abrasaram.

— Quem sabe o que te proporcionará o futuro, querida? Faz uns poucos dias não esperava estar com um vampiro ou brigando para salvar ao mundo do mal.

— De fato, teria parecido muito mais provável umas luxuosas férias na França.

Estirando a mão, Dante tirou um cacho que tinha escapado da trança.

— É muito jovem para ser tão cínica.

— Sou realista, não cínica — corrigiu firmemente. — As férias em Paris não são para mulheres que ganham o salário mínimo e... — se calou abruptamente, com os olhos

alargados pelo horror. — Maldito seja o inferno!

Uma sutil tensão ardeu ao redor de Dante quando passou rapidamente uma escrutinadora olhada sobre eles.

— O que ocorre?

— Estou sem trabalho, e meu aluguel venceu.

Houve um momento de afiado silêncio antes que Dante inclinasse a cabeça para trás para rir de forma pouco pormenorizada. Franzindo o cenho, Abby fincou as mãos nos quadris.

— O que é tão engraçado?

Ele estendeu a mão para lhe agarrar o queixo com seus dedos.

— Converteu-se no Cálice de um poderoso espírito, enfrentou demônios, e dirige-se para se pôr em mãos de umas bruxas. E agora está preocupada sobre se poderá ou não pagar o aluguel?

Ao Abby lhe estreitaram os olhos ante sua diversão.

— Estou preocupada em passar os dias empurrando um carrinho de supermercado pelas ruas e dormindo sob os bancos do

parque... possibilidades muito reais que são tão más como qualquer demônio ou bruxa.

Ele franziu o cenho quando seus dedos vagaram até lhe acariciar a bochecha.

— Pensa que permitirei que lhe joguem à rua?

Uma forte dor oprimiu o coração de Abby. Logo, as bruxas poderiam remover o feitiço e Dante seria preso a outra. Por que ele iria lhe dedicar um único pensamento?

Eram pólos opostos, neste caso vampiro e mortal.

Mais preocupava do que queria admitir ao pensar em estar de novo completamente sozinha, Abby forçou um rígido sorriso em seus lábios.

— Bom, encerrou a sua antiga amante em um porão.

— Só em defesa própria — apertou seu rosto com os dedos, com uma expressão estranhamente sombria. — Prometi que nada te danificaria, Abby. Nada. É uma promessa que tenho intenção de manter sem importar o que nos proporcione o futuro.

Ela se forçou a tragar o nó que sentia na garganta quando seus dedos subiram para lhe

cobrir a bochecha. Por Deus, sabia como roubar o coração de uma mulher.

— Dante. — disse brandamente.

Ele deixou escapar um pequeno gemido de sua garganta quando pressionou a testa contra a dela.

— Oh, querida, se tiver um pouco de piedade em seu coração, não me olhe assim. Pelo menos não agora.

Um escuro e pecaminoso calor percorreu Abby quando se pressionou contra o duro corpo dele. Se não se encontrassem em um brejo espinhoso, ou se os demônios não estivessem perseguindo-os, ou se não houvesse perto bruxas à espreita, o teria atirado ao chão e feito o que gostasse com ele. Maldição, a fazia sentir-se quente e incômoda. Infelizmente, nenhum desejo podia mudar sua situação, e com um tremente suspiro, forçou-se a dar um passo para trás.

— Temos que encontrar o esconderijo. — disse com uma careta resignada.

Dante fechou os olhos brevemente, como se lutasse por recuperar o controle, antes de levantar a cabeça e percorrer com o olhar o céu adornado de estrelas.

— Sim, o amanhecer chegará logo.
Acabemos com isto.

Capítulo 9

Os últimos séculos tinham ensinado Dante algo mais que umas quantas lições. Nunca se alimente de um bêbado. Nunca dê as costas a uma mulher zangada. Nunca aposte por um cavalo que se chame Afortunado. Nunca enfrente a um demônio Chactol depois de beber uma garrafa de genebra. E nunca, nunca desconfie de seu próprio instinto.

Essa última lição tinha sido a mais difícil e a que melhor tinha aprendido, e era a razão pela que não se dirigiu diretamente ao esconderijo, apesar de haver conseguido capturar sua essência a tão somente um quilômetro e meio das fábricas abandonadas.

Enquanto se aproximavam com rapidez, decidiu que havia algo que não encaixava. Um calafrio gelado percorreu sua pele e o aroma de sangue fresco encheu o ar. Perto dali se produzia uma batalha. Uma batalha que tinha comprometido o uso de uma magia muito capitalista ocasionando um inegável massacre.

Rodeando as árvores que ocultavam o esconderijo da vista, Dante tentou determinar o perigo que ali estava. Não podia detectar

nenhum demônio, mas já não estava seguro de que as criaturas da noite fossem as que supunham a maior ameaça. Mas como, é obvio, era o que mais lhe preocupava.

Merda do diabo.

Não gostava da sensação de que estava sendo manipulado por esse inimigo desconhecido. Mas, que outra opção tinha a não ser seguir adiante?

Tinha que encontrar às bruxas. Embora o matariam. Um pensamento que o deixava louco. Jogando uma olhada sobre seu ombro, viu como Abby lutava para liberar sua camisa dos espinhos de um arbusto ao qual se enganchou. Um débil sorriso apareceu em seus lábios. Na verdade, era uma criatura da mais surpreendente. Tão estranha e extraordinária como a jóia mais apreciada.

Então, como se tivesse detectado seu escrutínio, ela girou a cabeça abruptamente para lhe jogar esse glorioso e zangado olhar que parecia reservar unicamente para ele.

— Maldição, se tivermos que caminhar em círculos, podemos ao menos fazê-lo em um lugar sem moscas e que tenha ar condicionado?

—Não estamos caminhando em círculos — negou instintivamente, só para fazer uma careta visível — Ao menos não exatamente.

—Suponho que tem algum tipo de visão de morcego, não?

Ele arqueou as sobrancelhas.

—Sabia que os morcegos são cegos?

Ela chiou os dentes.

—Então, visão de vampiro.

Ele deu de ombros.

—Posso ver o suficientemente bem, embora isso realmente não importa. Não estou procurando o esconderijo.

—O que?—seus olhos brilharam perigosamente sob o atenuado resplendor da lua— Lhe juro por Deus, Dante, que se está me levando através destas sarças mutantes para me fazer algum tipo de brincadeira, cravarei...

—Me cravará uma estaca, sim, já sei - disse com voz lenta—. Deveria tentar ser um pouco menos previsível, querida.

—Não me deu a oportunidade de te dizer onde vou cravar a estaca - lhe espetou.

Atravessou-lhe uma rajada de humor.

—Certo.

—Pelo amor de Deus, se não estamos procurando o esconderijo que demônios fazemos aqui fora?

—Disse que não estou procurando o esconderijo. — corrigiu brandamente— Estou tentando cheirá-lo.

Sua cólera decaiu lentamente assim que compreendeu seu engano.

—Oh! Teve sorte?

De novo, um tremor gelado escorregou sobre sua pele quando Dante virou para o esconderijo oculto.

—Está além dessa linha de árvores.

Estreitando os olhos, ela seguiu seu olhar.

—Terei que confiar em você já que não posso ver essa droga.

—Está ali.

—Então, o que esperamos? —disse franzindo o cenho desconcertada— Pensava que queria acabar com isto de uma vez.

—Há algo que não encaixa.

Sentiu a tensão de Abby ante sua brusca admissão. Obviamente, quaisquer que fossem seus sentimentos para ele, pelo menos tinha aprendido a confiar em seus instintos. Uma escura satisfação se alojou em seu coração,

mas foi tragada rapidamente por um estremecimento interior.

Condenado inferno, estava se comportando de forma tão parva como um mortal. Imagina, um vampiro imortal rebuscando as patéticas migalhas que lhe atirava.

Talvez devessem lhe cravar uma estaca.

—Como sabe que algo anda mal? — perguntou ela com um suave sussurro.

Fazendo um esforço, Dante retornou seus pensamentos de um puxão aos problemas atuais. Já tinha muito do que ocupar-se.

—Cheiro a sangue.

—Sangue?

—Muito sangue.

—Oh, Deus!

—Tenho que averiguar o que aconteceu.

Sem avisar, Abby estirou a mão para lhe agarrar os dedos. Sua calidez viajou rapidamente através de sua pele até lhe esquentar todo o corpo.

—Crê que atacaram às bruxas?

Não era necessário mentir. Não quando teriam que se aproximar do esconderijo.

—Sim.

—Eu... — ela se deteve brevemente, inclinando a cabeça para lhe dirigir um estreito olhar— Vai se aproximar e me obrigar a ficar aqui, não é?

—Não —rapidamente tomou uma decisão— Até que não saiba o que está acontecendo, não posso estar seguro de que não haja algo se arrastando ainda por aí.

Abruptamente, ela apertou seus dedos com mais força.

—Tinha que dizê-lo verdade?

—Não quero que baixe a guarda.

Ante sua advertência, emitiu um som de desgosto.

—Estou vagando na escuridão com um vampiro, procurando um grupo de bruxas que pode nos esfolar vivos. Crê que não estou o suficientemente em guarda?

Ele deu um pequeno puxão para aproximá-la, cavando brandamente sua face com os dedos.

—O que acredito é que o pior está por vir - murmurou.

—Perfeito — permitindo que seu olhar se encontrasse com o seu, acalmou-se momentaneamente. Então uma sombria percepção fez cintilar seus olhos; com uma

fraca sacudida da cabeça, deu um passo para trás com dificuldade— Suponho que o melhor que podemos fazer é terminar com isto.

Baixando subitamente a cabeça para ela, Dante pressionou um suave beijo em seus lábios.

—Permanece atrás de mim e se perceber alguma coisa diga-me - sussurrou isso contra sua boca.

Ela tragou com força quando ele se apartou.

—Prometo que será o primeiro em me ouvir gritar.

—Muito bem.

Mantendo seus dedos entrelaçados com força nos dela, Dante se dirigiu para a espessura das árvores. Atrás dele, Abby tropeçava e ocasionalmente amaldiçoava aos matagais, mas conseguiu estar ao mesmo tempo em que os compridos e fluidos passos dele. Em um quarto de hora tinham alcançado uma clareira.

Diretamente no centro havia uma estrutura de tijolo com várias dependências de madeira. Nada parecia indicar que estavam ante outra coisa que não fosse um sítio. De fato, era deprimentemente normal.

Precisamente o que as bruxas podiam desejar. Ao contrário dos vampiros, não tinham a habilidade de camuflar-se dos curiosos. Viam-se forçadas a ocultar-se a plena vista.

Abby caminhou vacilante a seu lado, com a testa franzida em perplexidade.

—Está seguro de que isto é o esconderijo?

—Sim — murmurou, mantendo-se nas sombras conforme se aproximavam com cautela à estrutura.

—Parece...

—Morto? —acabou a frase, detendo-se quando alcançaram uma grande janela lateral.

—Sim, isso o resume - conveio com tom trememente.

Uma rápida olhada através dos vidros também resumiu tudo. O açougue era impressionante, digna da alma mais negra, mas Dante não permitiu que sua visão o distraísse. Não restou ninguém para contar o acontecido.

Apartando-se, dirigiu o olhar para os edifícios restantes.

—Vai entrar? —perguntou Abby atrás.

—Não. Não posso entrar. - virou lhe oferecendo um irônico sorriso. — Na realidade, é algo bom.

—Por quê?

—Porque ao menos algumas bruxas sobreviveram ao ataque —explicou— Caso contrário a barreira estaria rota.

—O que?

Ante a visão de suas feições, que eram insuportavelmente frágil, seu coração morto crispou-se.

—Não importa. Devem ter fugido. Verei se posso perceber seu rastro.

Sua boca se abriu com consternação.

—Vamos caminhar mais?

Dante inspecionou o lugar. No momento estavam sozinhos.

—Pode me esperar aqui. Não irei longe.

Ela mordeu o lábio. O terror que lutava por manter a raia resultava quase visível enquanto considerava a escuridão que se abatia sobre ela.

—Sua definição de longe é grandemente diferente à minha - murmurou.

Ele colocou os dedos debaixo de seu queixo para lhe inclinar a cabeça para cima. Esperou até que encontrou seu olhar penetrante e lhe ofereceu um reconfortante sorriso.

—Só tem que chamar e virei correndo.

—Promete?

—Sobre meu coração que detesta quiche - disse brandamente.

Os lábios de Abby tremeram, embora seus olhos permanecessem escuros com inquietação.

—Isso servirá.

Emoldurando sua face com as mãos, Dante pressionou os lábios contra sua testa antes de apartar-se para olhá-la com uma sombria expressão.

—Abby.

—O que?

—Aconselho que permaneça longe das janelas. Está mal aí dentro. Realmente mal.

Depois da advertência, ele se dirigiu para os edifícios anexos. Se alguma das bruxas tinha fugido, deveria ser capaz de perceber seu rastro. Supôs que era muito esperar que se escondessem entre as árvores próximas. Durante três séculos, nunca lhe tinham posto as coisas fáceis.

Não olhe. Não olhe. Não olhe.

As palavras de Dante ressonavam na mente de Abby. Sabia que tinha razão. Não queria ver o que havia dentro. Deus sabia que nas últimas horas tinha visto o suficiente para

encher duas vistas. E o menos importante não era um cadáver em movimento que recusava permanecer em sua tumba.

Mas o mesmo feito de que não deveria olhar, assegurou naturalmente que seus pés se dirigissem para a janela e que sua cara se pressionasse contra o vidro. Durante um momento não pôde distinguir nada na escuridão, e um profundo sentimento de alívio a percorreu. Então, quando se preparava para ir, seu olhar se desviou para uma parede próxima e Abby cambaleou para trás com horror.

Havia tanto sangue... Estava salpicada por toda parte. E... outras coisas que nem sequer queria considerar.

Dobrando-se, teve uma arcada pelas crescentes náuseas.

—Tinha que olhar, verdade? —disse uma voz escura arrastando as palavras, enquanto um forte braço lhe rodeava os ombros e a aproximava.

—Não tinha que ter me dito que não o fizesse.

Dante pressionou a cabeça em seu ombro.

—De alguma forma, sabia que terminaria sendo minha culpa.

Mais reconfortada do que uma mulher racional deveria estar ante a carícia de um vampiro, Abby se obrigou a apartar-se.

—Encontrou algum rastro?

Inclusive na escuridão, ela pôde ver a careta que fez.

—Conduz até o anexo mais próximo, que resulta ser uma garagem.

Ela elevou os olhos ao céu.

—Não me diga. Foram-se no “bruxa móvel”?

—Algo assim.

Abby aspirou profundamente. Sabia que deveria estar decepcionada. Sem as bruxas, sua vida seguia estando em perigo. Toda classe de coisas horripilantes, repulsivas e meio mortas continuariam procurando-a. E a Fênix que tinha tomado seu corpo como alojamento continuaria remodelando-a como se fosse à habitação de uma residência de estudantes.

Mas a decepção que aninhava em seu coração se parecia extraordinariamente ao alívio.

—E agora o que? —exigiu realizando um esforço por soar resignada mais que demente.

Levantando a cabeça, Dante farejou o ar.

—O amanhecer se aproxima. Devo encontrar algum lugar até que se oculte o sol.

—Oh! Poderíamos voltar para as fábricas.

—Acredito que pode haver algo mais próximo. Pode caminhar?

Seus pés tinham ido desde mais à frente da dor até um irritável intumescimento.

—Arrumarei isso.

Um sorriso lento e enigmático curvou seus lábios.

—Nunca deixa de me assombrar, querida.

Sobressaltada pelas suaves palavras, Abby não teve tempo de perguntar o que queria dizer antes que lhe agarrasse a mão e a puxasse através da clareira em direção ao bosque.

Em silêncio — bom, Dante em silêncio e ela pisando em ramos, esmagando lama, murmurando juramentos e soltando um gemido de dor quando o dedo gordo do pé tropeçou em um tronco caído— caminharam através da escuridão. Abby perdeu rapidamente a noção do tempo enquanto se concentrava simplesmente em manter os pés em movimento. Ao final, Dante diminuiu a velocidade de seus passos.

—Aqui estamos - murmurou, esticando a mão para apartar a pesada cortina de hera que crescia a um lado de uma baixa colina—. Não é que seja de cinco estrelas, mas ao menos é escuro.

—E úmido - murmurou Abby enquanto se agachava para seguir Dante pelo estreito túnel que conduzia a uma pequena abertura circular.

Sentando-se na terra arenosa, ele deu um puxão em sua mão, empurrando-a ao lado de sua dura longitude.

—Olha deste modo, ao menos não estamos em uma cripta - assinalou com tom seco.

Embora não estava excessivamente impressionada com o teto baixo e as paredes cobertas de musgo, tinha que reconhecer que ao menos era uma vantagem não ter um cadáver ao redor.

—Isto quer dizer que teria que estar agradecida por estas pequenas vantagens?

—Bom, também está no prazer de minha companhia. Isso deveria fazer que inclusive uma cova úmida parecesse o paraíso.

—Deus, realmente deveria deixar de ser tão presunçoso, Dante - murmurou,

aproximando os joelhos ao peito e os rodeando com os braços.

Sentindo claramente o débil tremor que atravessou o corpo de Abby, Dante mudou de posição para estudar a palidez de seu rosto.

—Tem frio?

—Um pouco.

—Vem aqui - lhe rodeou os ombros com um braço e a puxou para aproximá-la a seu lado, reclinando a bochecha sobre sua cabeça - Deve esquentar quando o sol levantar-se

Não havia calor em seu corpo, mas isso não deteve um repentino golpe de calor que atravessou seu sangue como uma labareda. Maldição tinha passado muito tempo desde que se tinha encontrado entre os braços de um homem, vivo ou morto. Muito tempo desde que sentiu a embriaguez da paixão saciada. E não pôde negar que tinha desejado a Dante durante meses. A fome insaciável que a invadia não parecia ter o dom da oportunidade, maldita fora.

—Deveria tentar dormir - disse Dante rompendo o silêncio. Seus dedos brincavam descuidadamente com uma mecha de seus cabelos—. Estarei vigiando.

Com severidade, Abby voltou seus pensamentos aos problemas que os apressavam. Certamente, desejar este vampiro estava em segundo lugar, depois do perigo iminente.

—Estou muito nervosa para dormir.

—Não posso imaginar por que - disse secamente.

—Faço uma lista?

—Não faz falta.

Ela suspirou fracamente.

—Estamos realmente malditos, não é?

Houve uma pausa momentânea, como se Dante estivesse considerando com cuidado suas palavras.

—Não estou seguro de que me oporia a essas palavras, mas o ataque contra as bruxas há feito que nossa tarefa seja mais difícil.

—Quem poderia fazer tal coisa?

—Essa é a questão - seu tom tinha um fio letal, revelando que não estava tão tranqüilo como queria lhe fazer acreditar—. Um demônio não teria podido atravessar a barreira, mas um ser humano não teria podido causar tal destruição.

Ela estremeceu de horror.

—Deus, não, foi espantoso.

—A menos que...

—A menos que o que?

—Um ser humano que venerasse ao Príncipe poderia ter sido capaz de convocar uma grande quantidade de poder.

Abby não se incomodou em ocultar sua comoção. Nunca tinha considerado a idéia de que alguém que não fosse um monstro pudesse atacar com essa selvageria.

—Um ser humano?

Ele ficou rígido ante sua óbvia surpresa.

—Crê que só os demônios são capazes de maldade?

A aspereza de sua voz fez que se fixasse em sua tensa expressão.

—Não - disse brandamente—. Estou muito familiarizada com o que a gente malvada é capaz de fazer.

Ele fez uma careta com pesar.

—Sinto muito. Eu não gosto dos mistérios.

—Dei-me conta de que não me importam muito - murmurou, obrigando-se a contra gosto considerar todos os horrores que os tinham estado perseguindo durante os últimos dias—. Crê que a mesma pessoa que atacou às bruxas assassinou Selenia?

—Não sei.

Abby deixou escapar uma risada seca.

—Bem, ao menos determinamos muito bem que não somos Nancy Drew nem Hércules Poirot.

—Não - o sentiu esfregar a bochecha contra seu cabelo, e seus lábios pressionaram levemente contra suas têmporas—. Não sou um protetor muito bom, verdade, céu?

Ela inclinou a cabeça para trás, para fulminá-lo ante suas ridículas palavras.

—Não diga isso. Se não fosse por você, agora mesmo estaria morta.

Seus lábios se torceram ante sua feroz defesa.

—Em lugar disso, está oculta em uma cova, não mais longe de se liberar da Fênix que ao princípio.

Trocou de posição, e o movimento a aproximou com mais firmeza contra seu corpo duro. O coração dela saltou, golpeou e se alojou em alguma parte perto de sua garganta. Não pense nisso Abby, ordenou-se firmemente. Não pense nesses finos e peritos dedos roçando sua pele nua. Ou esses lábios acariciando suas partes sensíveis. Ou suas pernas envolvendo sua cintura enquanto ele...

OH, demônios!

Derreteu-se contra sua dureza e seus olhos se obscureceram ao compreender que estava cansada de brigar.

—Não me prometeu que estar com você faria que esta cova fosse o paraíso?

Bastante inteligente, apesar de ser um varão, Dante detectou imediatamente a mudança no ambiente. Os olhos prateados se obscureceram de desejo enquanto deixava vagar o olhar lentamente por seu rosto.

—Abby? —sussurrou.

Sem dar-se tempo para considerar seu impulsivo comportamento, Abby introduziu as mãos entre seu glorioso cabelo. Já tinha o coração disparado e era impossível parar sua agitada respiração.

—Não quero pensar nesses demônios, bruxas ou no resto de criaturas horríveis que tenta me matar.

Seus braços a envolveram, colocando-a com facilidade escarranchada sobre suas pernas, até ficarem cara a cara.

—O que quer? —grunhiu, passando os dedos ao longo de sua coluna vertebral.

O beijou com todo o desejo que a queimava por dentro

— Quero você.

Capítulo 10

Ela ouviu seu suave gemido quando as mãos masculinas se moveram para lhe embalar os quadris, os pressionando contra seu grosso membro.

— Abby?

Ela se arqueou, com o corpo ardendo. Demônios, neste momento se sentia totalmente como em casa nessa cova. Certamente seus impulsos eram tão primitivos como qualquer Neandertal. Ela queria e tomava.

— O que? — murmurou, inclinando a cabeça para trás enquanto os lábios dele mordiscavam sua garganta.

— Sabe que não está pensando claramente?

— Não me importa.

Sua língua seguiu seu caminho, queimando-a ao longo da linha de sua clavícula.

— É só que não quero que entre em razão e descubra algum ponto criativo para essa estaca com a que me ameaçava — lhe disse com voz rouca.

Em resposta, ela se inclinou para trás para poder tirar a camisa pela cabeça. Lançou-a de lado e rapidamente tirou o simples sutiã de algodão.

— Já aceitei que me tornei completamente louca. O que pode fazer um pouco mais de loucura?

O gemido atormentado de Dante ecoou na escura cova, e seus olhos cintilaram com um fogo prateado enquanto movia meigamente as mãos para lhe embalar os seios.

— Espero que esta loucura seja boa — sussurrou, claramente distraído, com os polegares massageando seus mamilos.

Ela tremeu de excitação.

— Sim.

Sua cabeça baixou e seus lábios se fecharam sobre a ponta de seu seio.

— É uma loucura melhor?

Os olhos de Abby se fecharam quando um prazer agudo e atormentador a percorreu.

— Ah... Deus! Sim.

Condenado inferno. Ainda atormentando o mamilo com sua língua, Dante atacou expertamente o fecho de seu jeans e, com a inteira cooperação do Abby, rapidamente teve-

a nua e de volta em seu colo. Atraindo-a para ele, beijou-a com uma fome desesperada.

— Sonhei com isto tanto tempo, querida. Tenho que saber que isto não é simplesmente outra fantasia.

— Não sou nenhuma fantasia — lhe assegurou ela.

Ele sorriu brandamente, enquanto baixava as mãos por suas costas para seus quadris.

— Isso é questão de opinião.

— Dante — sussurrou ela.

— É tão cálida. Poderia me afogar em seu calor.

—Acredita que estaria mais quente se tirasse um pouco de sua roupa? — ofereceu ela atrevidamente.

— Muito mais quente — seus movimentos foram trementes quando a ajudou a remover as últimas barreiras existentes entre eles.

Abby conteve o fôlego quando vislumbrou sua plena excitação, e uma dor repentina se arraigou profundamente dentro dela. Queria fazer disto uma lenta e deliciosa sedução, mas o pensamento de tê-lo enterrado

profundamente em seu interior, fez que abandonasse seu plano e simplesmente se unisse a ele em uma quebra de onda de calor pagão.

Obviamente interpretando mal sua vacilação, Dante lhe acariciou brandamente a bochecha.

— Está segura sobre isto, Abby?

— Sim — conseguiu dizer ela com voz áspera, lutando por controlar a quebra de onda de quente desejo. — Neste momento, é a única coisa da que estou segura.

Observando-a por um momento com um olhar penetrante, Dante emoldurou devagar seu rosto com as mãos, atraindo-a para frente para beijá-la com uma dolorosa doçura. Abby se fundiu com ele. Ela não tinha exagerado. Nesse momento nada lhe parecia mais correto que estar nos braços deste vampiro.

Sentindo uma estranha confiança da qual normalmente carecia, Abby percorreu o peito musculoso ligeiramente com as mãos. Sua pele era tão lisa como a seda, incitando-a a um toque mais íntimo.

Sem pensar, baixou a cabeça para posar os lábios sobre seus ombros, desfrutando do erótico prazer que fluía por seu sangue.

— Meu herói — sussurrou ela seguindo com suas carícias persuasivas. — Você gosta disto?

— Sim — grunhiu ele, com as mãos lhe agarrando os quadris, procurando manter o controle de sua crescente necessidade.

— E isto? — sussurrou ela, movendo-se lentamente para baixo.

— Deus! Sim.

— E isso?

— Abby — disse com voz afogada quando ela alcançou os músculos apertados de seu estômago.

— Sim, Dante?

— Segue assim e isso será uma fantasia — chiou ele.

Ela deu um risinho gutural enquanto esfregava deliberadamente o corpo ao longo de seu peito. Sentia vivo cada um de seus nervos, sensibilizados até um ponto próximo ao sofrimento.

— Só trato de te convencer que não sou nenhum sonho.

Sem advertência, colocou-a em cima de suas coxas. O ar se retirou do corpo dela quando a intensa ereção se colocou no úmido calor entre suas coxas.

Ela se moveu experimentalmente, o lento batimento do coração na parte inferior de seu corpo gozando quando a ponta do membro de Dante deslizou dentro de seu corpo. Entretanto, não entrou completamente, já que lhe segurou os quadris e a olhou com olhos ardentes.

— Tudo o que tem feito assegurou que isso é uma fantasia - murmurou ele.

— Necessita de mais provas? — brincou ela.

— Ah, não, é meu turno para beijar — a informou, atraindo-a para seus lábios. — E quero te beijar por toda parte.

Com um movimento lento e deliberado, Dante marcou seus lábios com um ardoroso beijo. Logo, movendo a boca sobre seu rosto, acariciou a longitude de seu pescoço arqueado.

Abby cravou os dedos em seus ombros quando ele a puxou implacavelmente para cima, agarrando o mamilo endurecido entre seus dentes. Ela deu um grito suave quando agarrou e chupou, com a cabeça arremessada para trás ante o insistente prazer que a percorria. Ele trocou sua atenção ao outro seio, conduzindo-a sem piedade a um torvelinho de paixão.

Queria-o dentro dela.

Queria o impulso de sua poderosa ereção sacudindo-a e levando-a maravilhosamente mais perto de seus limites

Mas enquanto ela tentava uni-los, ele a elevou com determinação ainda mais acima. Abby se encontrou de pé, tremendo, enquanto ele roçava com a boca os músculos contraídos de seu estômago. Gemeu em resposta, e seus olhos se abriram de repente quando ele baixou ainda mais e sua boca encontrou sua parte úmida.

Lutou momentaneamente para manter-se em pé quando sua língua acariciou a carne extremamente sensível.

Havia algo completamente decadente em estar em cima dele, enquanto a impulsionava expertamente a um ponto sem retorno.

Mas então a sensação a invadiu, e, fechando os olhos, simplesmente permitiu que Dante lhe desse prazer.

Com sedutor cuidado, sustentando seus quadris com mãos firmes, ele procurou até encontrar seu centro de prazer, Abby chiou os dentes quando ele acariciou com suavidade a crescente excitação, tão cativada com o calor que ele proporcionava, que quase foi muito

tarde quando bruscamente se separou de seu toque mágico.

— Não, Dante — ofegou.

Como se sentisse que ela desejava o ter dentro quando atingisse o clímax, Dante voltou a colocá-la de joelhos de modo que pudesse penetrar devagar sua suavidade.

Abby suspirou com alívio quando o pressionou para tê-lo mais profundo, sabendo que nunca havia se sentido tão bem como lhe tendo dentro. Por um momento simplesmente saboreou o sentir-se completa. Mas como ele permaneceu estranhamente imóvel, levantou a contra gosto suas pesadas pálpebras para olhá-lo perplexa.

— Dante?

— Você começou esta sedução, Abby — disse — Você deve terminá-la.

Com um sorriso lento, ela colocou suas mãos sobre o peito masculino e moveu ligeiramente os quadris antes de deslizar-se para baixo.

Dante gemeu e seus dedos lhe agarraram convulsivamente os quadris.

— Meu Deus! Vai matar-me. Outra vez.

Abby se moveu, elevando-se mais alto e depois baixando. Os quadris dele se

arquearam do chão coberto de areia, e um cenho doloroso se formou em sua testa.

Abby sorriu com satisfação embriagadora, desfrutando a fundo do conhecimento de que Dante estava completamente a sua mercê.

Por esse momento ele era dela. Estavam tão intimamente unidos como se fosse um.

Uma alma, sem importar que ele a possuísse ou não.

Um coração, pulsando ou não.

Um corpo.

Com movimentos lentos e deliberados, ela atormentou ambos levando-os a bordo do frenesi, negando-se a incrementar o ritmo incluso quando ele ofegou pedindo clemência. Só quando se deu conta de que seus músculos indevidamente se aproximavam de uma liberação explosiva, cedeu ante suas ofegantes ordens e permitiu que ele agarrasse seus quadris para bombear ritmicamente dentro dela.

Dante gritou de alegria uma vez que ela se convulsionava violentamente sobre ele. Durante um momento fora do tempo, flutuou na sorte pura, pressionada ante a carne que a invadia, até que com um suave gemido,

derrubou-se contra ele completamente exausta.

Estava sacudida pela força do prazer, mas estranhamente reconfortada pelos braços que a rodeavam pressionando-a contra a dureza de seu corpo. Era como se tivesse sido lançada do topo de um arranha-céu, só para descobrir que estava na segurança do abraço de Dante.

Possivelmente sentindo suas tumultuosas emoções, Dante lhe acariciou brandamente os cachos enredados e lhe deu um beijo consolador sobre sua testa.

— Está bem, Abby?

Ela se enredou contra sua força.

— Mais que bem.

— E não está considerando cravar alguma estaca licenciosa?

— Não neste momento.

— Bem... — soltou um suave riso quando seus lábios beijaram distraidamente sua aveludada têmpora. — Diferente da maior parte dos vampiros, desfruto de minha paixão sem a dor, o derramamento de sangue, ou a ameaça de iminentes estacas.

Inclinando a cabeça para trás com preguiça, ela encontrou seu olhar fixo brilhante.

— E o que acontece com Sasha?

Um sorriso decididamente satisfeito lhe curvou os lábios.

— Te disse que não há nenhuma necessidade de ser ciumenta, meu doce. Pus Sasha no passado no momento que você chegou à porta de Selenia.

Seu coração deu um salto quando o olhou franzindo o cenho.

— Não acredito.

Ele arqueou uma sobrancelha, com sua beleza mundana cruamente acentuada enquanto o rosado amanhecer fora da cova começava a dissipar a penumbra.

— Que Sasha está em meu passado?

— Que notou minha chegada à porta de Selenia — disse ela em tom seco.

Os dedos masculinos riscaram caminhos sem rumo sobre a pele nua de suas costas, e sua expressão se abrandou com divertimento.

— Ah, lógico que a notei. Como poderia não fazê-lo? — seus lábios se torceram com um indício de mofa para si mesmo. — Do momento que chegou, assolou-me essa

condenada pureza. Acossou-me até não poder conseguir te tirar de meus pensamentos. Sabia que ia te seduzir ainda antes de conhecer seu nome.

Ela soltou uma risada afogada ante sua escandalosa arrogância.

— Será possível ser menos arrogante?

Ele deu de ombros.

— Há alguns costumes que são inevitáveis.

Abby fez uma pausa. Ela não era muito filósofa. Demônios, nem sequer sabia o que realmente fazia um filósofo. Mas sim sabia que inevitável, destino ou providência não eram palavras em seu vocabulário.

— Não, não há nada inevitável — disse firmemente.

— Por que diz isso? — perguntou ele, mais curioso que ofendido

— Porque se o destino fosse inevitável, então eu seria uma vagabunda bêbada que trabalharia nas ruas em troca de uma garrafa de uísque.

Seu tom foi leve, mas sentiu que ele ficava rígido, pressionando os dedos contra sua pele.

— Não diga isso — grunhiu ele.

Ela se retirou para observá-lo com expressão sombria.

— Por que não? É bastante certo. Meus pais eram alcoólatras que não deveriam haver-se permitido ter um cão, e menos ainda seis crianças. Meu pai falava com seus punhos e nos fez a todos nós um favor quando se esqueceu de voltar para casa depois de uma bebedeira. Minha mãe deixava a cama o tempo suficiente para conseguir uma garrafa nova de uísque. Meus irmãos escaparam tão rápido como puderam, e fiquei sozinha para ver morrer minha mãe. Que tipo de destino creê que me esperava?

Com um puxão firme de suas mãos, lhe apertou as costas contra seu peito, descansando o queixo em sua cabeça.

— O destino não tem nada que ver com o lugar de onde vem ou como foram seus pais — disse com ferocidade. — O destino vem do coração e da alma. Você nunca poderia ser nada menos que extraordinária, Abby Barlow.

Agasalhada fortemente entre seus braços sentiu-se extraordinária. Não era a menina suja que vagava pelas ruas porque estava aterrorizada de voltar para casa. Ou a adolescente que mantinha as pessoas à

distância porque não queria que conhecessem a verdade sobre sua família. Ou inclusive a aborrecida e cada vez mais velha mulher que lutava simplesmente por ter um teto sobre sua cabeça. Ela era valente e atrevida. A amante de um vampiro. A mulher que tinha o destino do mundo em seu interior.

Um sorriso cansado saiu de seus lábios.

Deus salve ao mundo se ela era sua melhor esperança.

— Não sei se sou extraordinária — murmurou — mas definitivamente estou esgotada.

— Então dorme — seus lábios pressionaram gentilmente sobre seus cabelos — Prometo te manter a salvo.

Abby permitiu que se fechassem suas pesadas pálpebras.

Sem dúvida deveria estar fazendo planos e considerando suas opções. Ou inclusive voltando ao esconderijo para descobrir se podia encontrar alguma pista sobre o lugar onde haviam escapado as bruxas.

Quem sabia o que poderia estar espreitando-a inclusive agora?

Entretanto, neste momento, preferia representar o papel do Scarlett O'Hara ao de Lara Croft.

Consideraria tudo... manhã.

Dante era um cínico consumado.

Como podia não sê-lo?

Era um imortal. Fazia tudo, tinha visto tudo, tinha vivido tudo. E na maioria das ocasiões, mais de uma vez. Não existia nada mais que pudesse surpreendê-lo.

Salvo a mulher que atualmente embalava em seus braços.

Condenado inferno! Já se tinha assombrado por sua estranha coragem. E certamente, deslumbrado por sua beleza. Mas quando se entregou a ele com esse total e delicioso abandono...

Bem, era suficiente para fazer que inclusive uma criatura cansada da noite se sentisse um pouco aturdida. Uma risada sardônica torceu seus lábios, e sua mão percorreu brandamente os cachos femininos. Não estava acostumado a abraçar uma mulher durante horas enquanto dormia. Não era o habitual entre os vampiros. Por natureza eram criaturas solitárias. E inclusive quando estavam juntos, não procuravam essa terna

intimidade. A paixão era muito boa, mas uma vez satisfeita, não havia nenhuma razão para reter-se. Só os humanos sentiam a necessidade de ocultar os instintos animais atrás de envoltórios emocionais.

Talvez, concedeu com pesar, os vampiros não eram tão sábios como sempre tinha acreditado. Sensível ao movimento mais leve de Abby, Dante foi consciente do momento em que ela começou a mover-se. Umas pestanas negras revoaram e por fim se abriram para revelar uns olhos azuis sonolentos.

— Dante? — murmurou.

Seus braços instintivamente a apertaram.

— Estou aqui, querida.

— Dormiu?

Ele deu de ombros.

— Tenho pouca necessidade de sonho.

— Falando de necessidade, preciso ir lá fora.

Com uma careta pesarosa, Abby saiu de seu abraço e fitou a roupa disseminada. Dante também se levantou e seu fixo olhar não se separou de seus torpes movimentos.

— Não vá longe — advertiu quando ela se moveu para a entrada da cova.

Lançou-lhe um olhar torcido.

— Não se preocupe.

Bem poderia Abby haver-se economizado saliva, reconheceu Dante quando a viu sair da cova. É obvio que ia se preocupar. E inquietar-se. E maldito o sol que se escondia tão lentamente e lhe impedia de segui-la.

Se algo acontecesse, estaria completamente impossibilitado para salvar Abby. Passeou pela cova. Levou só cinco segundos. Passou os dedos pelos cabelos enredados e com impaciência o levou para trás para atá-lo na nuca. Levou-lhe quase três minutos. Voltou a passear. E outra vez. E outra vez.

Dez minutos mais tarde, estava considerando seriamente a idéia de sair da cova para assegurar-se que Abby ainda estava viva. Felizmente, o som de seus passos impediu sua morte sob o sol. Movendo-se tão perto da entrada como se atreveu, se pôs diretamente em seu caminho quando ela se lançou a seus braços.

Franziu rapidamente as sobrancelhas quando a sentiu tremer contra ele.

— Abby? Algo está mau?

Ela inclinou a cabeça para trás, abrindo muito os olhos.

— Não sei. Havia... sombras aí fora.

Dante reagiu esticando-se, considerando como poderia proteger esta mulher enquanto estivessem presos na cova. Maldição, não tinha contado com que alguém pudesse encontrá-los tão rápido.

— Sombras?

— Não, não era exatamente isso — sacudiu a cabeça, frustrada— Eram umas intrigas mais chapeados.

Ele elevou uma sobrancelha.

— Talvez fosse melhor tratar de falar em nosso idioma, meu amor. Não conheço a tradução de intrigas.

Virando, ela assinalou imperiosamente para a boca da cova.

— Ali.

Aproximando-se perigosamente ao raio de luz que perdia intensidade, Dante inspecionou as árvores próximas. Sua tensão se esfumou quando divisou as magras formas chapeadas que dançavam nas sombras.

— Ah!

— O que são?

Ele deu de ombros.

— Suponho que lhes chamaria criaturas fantásticas.

Ela trocou de posição para colocar-se a seu lado, aparentemente inconsciente de que seu doce calor o estava invadindo e causando todo tipo de reações deliciosas.

— Fadas?

— Tecnicamente são demônios — murmurou em tom distraído.

— Demônios?

Ele observou sua expressão assustada.

— Não tem que preocupar-se; são muito amáveis e muito tímidos. Por isso preferem lugares isolados.

Suas palavras eram para consolá-la, mas Abby elevou as mãos para pressioná-las sobre suas têmporas

— Isto é uma loucura.

— O que?

Ela lançou um profundo suspiro.

— Até dois dias, os demônios não eram nada mais que algo em um espetáculo de terror de série B. Agora me tropeço com eles cada vez que me dou a volta. Não podem ter aparecido de repente.

—Não — com um sorriso pesaroso, Dante a abraçou, movendo as mãos de forma tranqüilizadora por suas costas— Sempre estiveram aqui. Muito antes da gente.

— Então por que não os vi antes?

— Porque não olhava com esses olhos.

— O que? — ela piscou antes que lhe chegasse a compreensão— Ah! Quer dizer a Fênix?

— Sim — suas mãos continuaram percorrendo suas esbeltas costas, embora nem sequer pudesse enganar-se a si mesmo dizendo que o fazia para reconfortá-la— A maioria dos mortais preferem ver só o que desejam ver, e certamente, a maioria dos demônios possuem a capacidade de manter-se ocultos.

— Inclusive vampiros? — perguntou ela.

— Quando assim o decidimos — ao escutar um zumbido débil no ar, Dante virou Abby de volta para a estreita abertura, lhe rodeando a cintura com os braços— Olhe.

— Olhe o que?

Ele se inclinou para lhe sussurrar ao ouvido:

— O baile.

Durante um momento não pôde ver nada, e logo, justo quando Abby se movia impaciente, o sol deslizou pela linha de árvores e na escuridão crescente as formas prateadas

começaram a brilhar com uma cor luminescente.

Brilhando em tons carmesins, de esmeralda e de ouro, deslizavam-se uns entre os outros, com seus joguinhos travessos criando uma exposição deslumbrante de cor.

— Oh, Meu Deus — sussurrou Abby—. É tão formoso.

—Parece surpresa.

— É só que nunca esperei... — suas palavras se sossegaram como se desse conta de que tinha estado a ponto de revelar seu desprezo pelos demônios. Os lábios de Dante se torceram em um sorriso sem humor. Não podia culpá-la. Ainda estava horrorizada por tudo o que tinha passado. E os demônios que tinha encontrado até agora haviam sido da classe que inspirava sentimentos de medo.

— Beleza entre demônios? — terminou ele em tom seco.

Girando devagar, ela o colheu com a guarda baixa ao pressionar-se intimamente contra ele e olhá-lo com um sorriso profundo em seus olhos.

— Na realidade, já tenho descoberto que alguns demônios podem ser incrivelmente formosos — seus olhos se obscureceram e sua

mão se moveu para acariciar Dante de uma maneira enlouquecedora — E incrivelmente atrativos.

Ele grunhiu com feroz prazer.

— Está brincando com fogo, querida.

— É com o que estou brincando? — zombou ela.

— Cristo! Já sabia que seria um perigo quando te soltasse — grunhiu ele, agarrando-a fortemente em seus braços e levando-a ao fundo da cova.

Capítulo 11

Abby se sentiu... o que?

Saciada, certamente. Gloriosamente saciada.

Mas era mais que isso, decidiu enquanto jazia entre os braços de Dante esperando que escurecesse por completo. Sentia-se querida. Sim, essa era a palavra. Como se o que acabava de passar entre os dois tivesse sido mais que simplesmente um meio para passar o momento, esquecer os horrores das horas passadas, ou satisfazer o desejo de ter sexo.

Talvez porque era infernalmente carinhoso, ou porque tinha séculos de prática, ou simplesmente porque era Dante.

Em qualquer caso, sabia com absoluta certeza que poderia passar uma eternidade com a cabeça sobre seu ombro e suas mãos brandamente lhe acariciando as costas. Seus sonhadores pensamentos foram interrompidos por uma aguda espetada no pescoço.

Levantando a mão, golpeou ao irritante mosquito. Maldito.

Bom, era uma forma tola de despertar de um puxão de uma prometedora fantasia.

Provavelmente não fosse uma coisa tão má, reconheceu ironicamente.

Que iludida tinha que ser para começar a sonhar com cafés da manhã tardios de domingo e uma casa cheia de crianças com um vampiro?

Obviamente tinha agüentado muitos zumbis.

Houve outra feroz mordida sobre sua perna.

—Ohh... —Abby golpeou a panturrilha.

—Espero que não esteja em alguma perversa autoflagelação —murmurou Dante—. Supõe-se que é bastante sexy, mas nunca acaba bem.

Ela se sentou e coçou uma das intermináveis picadas.

—Estão me comendo viva.

Embora totalmente vestido, Dante ainda conseguia parecer pecaminosamente tentador com o preguiçoso sorriso que lhe curvava os lábios.

—Não sou culpado... para variar - os olhos de prata cintilaram nas sombras—. Embora não me importaria uma dentada ou duas.

Abby poderia ter tremido de prazer se não tivesse estado ocupada salvando o que ficava de sangue.

—Mosquitos - replicou, percorrendo com o olhar seus perfeitos traços. Então observou o perfeito cabelo que parecia ter acabado de ser modelado pelo Sassoon e a roupa que não tinha uma maldita ruga à vista. Era suficiente para fazer que a mulher mais saciada e querida se voltasse um pouco resmungona—. Suponho que não tem que preocupar-se pelas repugnantes sanguessugas.

Os lábios de Dante tremeram ante o fio de sua voz.

—Os mosquitos nunca foram uma moléstia, mas não posso dizer o mesmo de todos os chupa sangues.

Ela inclinou a cabeça para um lado, o breve mau humor esquecido.

—Como é?

—Como é o que?

—Ser um vampiro.

Uma negra sobranceira azeviche se elevou ante a brusca pergunta.

—Acredito que terá que ser mais específica, querida. É um tema bastante extenso.

Abby deu de ombros.

—É muito diferente de quando era humano?

Houve um leve silêncio, como se estivesse considerando quanta verdade poderia agüentar ela, antes de dobrar os braços sobre o peito e encontrar seu olhar curioso.

—Não tenho nem idéia - admitiu por fim.

Abby piscou, não esperando isso.

—Nasceu vampiro?

—Não, mas não é como nos filmes. Não me arrastei fora de uma tumba e continuei como se nunca tivesse morrido.

—Então o que aconteceu?

Ele endureceu a expressão quando buscou entre as antigas lembranças.

—Despertei uma tarde no porto de Londres e não podia recordar meu nome nem nada sobre meu passado. Era como se acabasse de nascer sem o mais leve indício de quem ou o que era.

Abby franziu o cenho ante as recortadas palavras. Que droga. Devia ter estado aterrorizado. Tinha sido suficientemente mau para ela aceitar que tinha uma... coisa pinçando em seu interior. Ao menos não tinha despertado sendo alérgica ao sol, viciada em

sangue e com umas poucas células cerebrais apagadas.

E o mais importante, tinha Dante a seu lado para aliviar seu medo. Isto, certamente, era a única razão pela que não estava sentada em uma habitação acolchoada.

—Bom Deus - sussurrou.

—Ao princípio acreditei que tinha estado de farra e que minhas lembranças voltariam em algum momento - disse ele com uma careta—. Provavelmente seguiria sentado no porto quando chegasse à alvorada se Viper não tivesse tropeçado comigo e me tivesse levado com seu clã.

Abby teve uma estranha imagem de saias escocesas e gaitas de fole. Nada algo que encaixasse com formosos e mortais vampiros.

—Clã?

—Uma espécie de família sem toda a culpa, as bebedeiras e rixas. —replicou ele.

Abby riu brandamente.

—Soa como minha família.

—Sim, não é tão mau se pode levá-lo.

Seu tom era frívolo, mas Abby não era tão parva para acreditar que tinha sido fácil.

Inconscientemente, apertou-lhe a mão.

—De todas as formas, deve ter sentido curiosidade sobre seu passado.

Dante baixou o olhar ao entrelaçar os dedos com os seus.

—Não realmente. Pelo acre aroma e a roupa esfarrapada, pude adivinhar que tinha sido um das intermináveis hordas de indesejáveis que infestavam a cidade.

—Mas, e se tinha família?

Durante uma mínima fração de segundo, seus dedos apertaram os seus quase dolorosamente; então se recostou outra vez contra a parede da cova com aquela enroscada facilidade.

—E o que tem? —exigiu-lhe ele—. Não os teria recordado. Teriam sido estranhos para mim. Ou pior.

—Pior?

Deliberadamente lhe sustentou o olhar.

—Jantar.

O estômago de Abby se apertou com horror. Maldição. Tinha-a advertido de que não esquecesse quem ou o que era realmente. Infelizmente, o fazia tão malditamente fácil.

—Oh.

—Era melhor para todo mundo permitir que o homem que tinha sido simplesmente morresse.

Não podia discutir isso. Nunca tinha acreditado em toda essa merda do Leave it to Beaver de todo modo. Definitivamente, havia vezes que era melhor para todos quando papai se partia e nunca olhava atrás.

Apertou as pernas contra o peito e descansou o queixo sobre o joelho.

—Deve ter sido muito estranho. Despertar e ser alguém desconhecido.

Quase distraidamente, Dante lhe elevou os dedos para seus lábios.

—Ao princípio, mas Viper me ensinou a apreciar minha nova vida. Ele que me deu o nome de Dante.

Era difícil imaginar Viper atuando como uma figura paterna. Parecia tão reservado e frio. Mas era óbvio que o vampiro mais velho tinha uma grande influencia sobre Dante. E por isso lhe tinha que estar agradecida.

—Por que Dante?

Ele sorriu ironicamente.

—Disse que tinha que aprender a ser mais um poeta que um guerreiro.

—Ah, Dante, certamente.

—Advertiu-me que um predador era mais que músculos e dentes. Um predador deveria utilizar sua inteligência para observar sua presa e aprender suas debilidades. Matar é muito mais fácil quando pode prever como reagirá.

Abby fez uma careta.

—Deus, pensava que meu panorama era deprimente.

Ele deu de ombros.

—Não se equivocava de tudo.

—O que quer dizer?

—Se tivesse sido mais rápido para sentir a armadilha, então aquelas bruxas nunca me teriam posto as mãos em cima.

Em um instante, Abby esteve de joelhos e lhe emoldurou o rosto com as mãos. Pensar que algum outro vampiro poderia ter estado ali, a não ser Dante, era suficiente para que seu estômago se apertasse de horror.

—E você não seria Dante - disse ela em tom severo.

Um estranho sorriso tocou os lábios do vampiro.

—E isso seria algo mau?

—Um pouco mais que mau - sussurrou ela.

Sem advertência, ele se inclinou para diante para plantar um beijo feroz e possessivo sobre seus lábios antes de separar-se a contra gosto para observá-la com um olhar penetrante.

—Embora eu adorasse ficar e brincar acredito que melhor será que nos movamos.

Abby ficou rígida. Mover-se? Sair à escuridão e enfrentar-se a qualquer inseto horripilante que os estivesse esperando?

Não soava nada atrativo. Não quando ela podia pensar em várias outras coisas que preferiria fazer na escuridão. Coisas que implicavam a um vampiro atrativo e talvez algum óleo perfumado...

—Temos que partir? —perguntou ela—. Ao menos aqui estamos a salvo.

Ele negou com a cabeça.

—Não, estamos muito expostos aqui. Sobre tudo uma vez que saia o sol.

Abby enrugou o nariz, aceitando que talvez tivesse razão.

—Aonde iremos?

Ficando de pé, Dante estendeu a mão para ajudá-la a levantar-se.

—Primeiro encontraremos o carro e logo retornaremos a Chicago.

Uma vez em pé, Abby fez um intento desesperado por sacudir o pó das calças. Estúpido, é obvio. O pó ajudava a cobrir as rugas.

—Por que Chicago?

Ele colheu um cacho perdido atrás da orelha.

—Porque Viper pode te manter protegida enquanto tento encontrar algum meio para localizar as bruxas.

Ela levantou a cabeça de repente, estreitando os lábios em uma linha que deveria advertir ao vampiro mais obtuso que não estava muito contente.

—Não estará pensando em ir atrás delas sozinho.

Suficientemente sábio para pressentir o problema antes que o golpeasse no topo da cabeça, Dante a observou com olhos cautelosos.

—Sou o único que conhece seu aroma.

—Não o único - chiou ela—. Há algo aí fora que as está caçando. Algo que as encontrou uma vez e as estripou como sushi. Um truque que estou segura adoraria te ensinar muito perto e em pessoa.

—Gráfico, mas verdadeiro - lhe concedeu—. Que é pelo que devo te levar ao Viper.

Ela plantou as mãos sobre os quadris.

—E pelo que não irá atrás das bruxas sozinho.

—Podemos discutir enquanto caminhamos - murmurou ele, tomando sua mão e tirando-a da cova—. Será uma mudança agradável não ouvir suas queixas dizendo que estou te levando em círculos.

Abby tomou um momento para apreciar a débil brisa que revolia o ar. Levava consigo um aroma que só podia supor tinha algo que ver com a natureza. Fazia a promessa de nunca ir a nenhuma parte que não tivesse pavimento ou uma Starbucks. Era bastante estranho estar rodeada por árvores e estrelas.

Não o bastante estranho, entretanto, para fazer que se esquecesse de que estava no meio de corrigir a hipótese errônea de Dante de que poderia caçar as bruxas enquanto ela ficava escondida.

—Não vai haver nenhuma discussão - disse ela, com sua melhor voz de professora de terceiro grau—. Não irá sozinho, e é definitivo.

Dante lhe dirigiu um sorriso superior.

—Admitirei que sua obstinação seja uma forma de arte, mas tive quatro séculos para aperfeiçoar a minha. Não tem nenhuma possibilidade.

O sorriso do Abby foi inclusive mais superior.

—Quatro séculos não são nada. Sou uma mulher.

—É - seu olhar fez uma viagem preguiçosa sobre sua desarrumada forma—. Uma formosa, gloriosa mulher que ronrona como um gatinho quando acaricio seu...

—Dante.

Seus lábios tremeram ante o rubor de Abby.

—O que? Eu gosto dos gatinhos.

Ela lutou por franzir o cenho.

—Só tenta me distrair.

—Funcionou?

—Eu... —Abby parou bruscamente quando um calafrio lhe roçou a pele.

Em menos de um instante, Dante esteve a seu lado, seu corpo tenso e disposto a golpear.

Tudo o que precisava era uma vítima.

—O que é?

—Há algo aí - balbuciou ela.

Ele elevou a cabeça e fechou os olhos. Durante um longo momento permaneceu em silêncio, e depois negou lentamente com a cabeça.

—Não sinto nada.

Qualquer outra noite, Abby teria encolhido de ombros e admitido que devesse estar imaginando-se coisas. Um breve calafrio não que era algo pelo que preocupar-se.

Entretanto, essa não era qualquer outra noite, e embora não fosse imortal há tanto tempo, não era completamente estúpida. Não ia ignorar seus instintos, que estavam fazendo que os cabelos da nuca lhe arrepiassem.

—Acredito que é a mesma coisa que nos atacou na casa de Viper.

Dante fez um grunhido baixo e profundo em sua garganta. Um som que não fazia nada para ajudar com os arrepios.

—Abominações - vaiou—. Onde?

—Diante de nós - replicou ela no momento, e logo menos segura se virou—. E acredito que atrás de nós.

Ele jogou uma olhada rápida a seu redor antes de lhe agarrar a mão e levá-la mais profundamente nas árvores.

—Por aqui.

Abby não tinha nenhuma intenção de discutir. Seu estômago já estava tenso com um temor gelado, e seu coração estava em algum lugar da garganta. Neste momento estava bastante disposta a correr até Chicago se fosse necessário.

Mantendo-se abaixados para evitar os ramos que bloqueavam o caminho, se apressaram para a escuridão. Dante com seu habitual silêncio elegante e Abby chocando atrás dele como um elefante louco com um tranqüilizador em seu traseiro.

As espetadas continuaram apesar da rápida fuga, de vez em quando se fazendo mais pronunciados e depois desaparecendo estranhamente. Entretanto, não necessitava de seus instintos para saber que estavam sendo perseguidos.

Os mortos vivos já não ocultavam mais sua presença, e caminhavam tropeçando-se atrás deles, fazendo inclusive mais ruído que ela. Ofegando e ignorando a pontada que lhe rasgava um flanco, Abby se perguntou brevemente como os cadáveres podiam se mover tão rápido. Pelo amor de Deus, estavam mortos, certo? A maioria sem dúvida mortos por uma overdose de carne, cigarros e cerveja.

Deveriam andar arrastando os pés como verdadeiros zumbis, não abrindo caminho pelos bosques como se fossem a maldita equipe do Quênia de atletismo.

Lutando por manter-se ao mesmo passo de Dante, Abby não estava preparada para que parasse de repente. Golpeando-se contra suas costas, só se manteve em pé porque o braço dele foi o bastante rápido para agarrá-la pela cintura.

—Maldição - grunhiu ela, aspirando baforadas profundas de ar—. Por que parou?

Os olhos de prata brilharam na escuridão, e seus traços se endureceram.

—Eu não gosto disso.

Abby tremeu, jogando uma olhada sobre o ombro ante o som inequívoco de uma horda avançando.

—Eu tampouco gosto, mas é condenadamente melhor que essas coisas nos apanhando.

—Disso que se trata - disse ele com voz áspera.

—O que?

—Poderiam nos haver rodeado, cortado qualquer fuga. Por que não o fizeram?

Abby franziu o cenho, apenas capaz de ficar quieta quando cada instinto lhe gritava que continuasse de qualquer maneira procurando um lugar seguro.

—Porque têm o cérebro malditamente morto.

Dante pareceu incrivelmente pouco impressionado por sua lógica.

—Pode ser que estejam mortos, mas estão sendo controlados por alguém.

—E o que?

Houve uma pausa enquanto os olhos de Dante se estreitavam em perigosas fendas.

—Estamos sendo guiados como patos.

—Guiados como patos? —Abby levou um momento para obter uma imagem mental—. Quer dizer como às ovelhas?

—Exatamente como às ovelhas.

—Mas... por quê?

Assombrosamente os formosos traços conseguiram endurecer-se ainda mais.

—Não acredito que queiramos averiguá-lo.

O coração do Abby se afundou desde sua garganta até o estômago. Se Dante estava preocupado, então devia ser mau. Realmente, realmente mau.

—Oh, Deus, o que faremos? —balbuciou ela.

—Suponho que, ou ficamos e lutamos, ou tentamos fugir.

Abby nem sequer teve que pensar.

—Voto pela opção de fugir.

—Então vamos - apertando o braço sobre sua cintura, Dante a puxou e deu um breve beijo em seus lábios antes de colocar-lhe sobre o ombro como um saco de batatas— Agarre forte, querida.

Abby deu um chiado assustado quando ele avançou com uma fluida velocidade que fazia as árvores se tornaram imprecisas ao passar. Certamente era mais rápido que tê-la andando torpemente atrás dele, mas descobriu que o balanço claramente a enjoava.

Fechando os olhos, combateu a náusea e se concentrou em algo, menos o chão ondulado que tinha por debaixo.

O aluguel vencia na sexta-feira. Não tinha trabalho. Ao menos não um remunerado. É obvio, a não ser que se oferecesse algo por salvar ao mundo de um Príncipe horripilante. Seu atual amante era um vampiro que também estava falido. E seu aniversário seria em menos de um mês.

Aquele tipo de pensamentos facilmente deveria tê-la distraído. Infelizmente, seu estômago seguiu tendo arcadas e rebelando-se.

Abriu os olhos de repente, esperando que isso a ajudasse.

Grande engano.

Um grito saiu de sua garganta quando viu os podres cadáveres começando a aproximar-se.

Com um grande salto, Dante avançou sobre uma árvore caída e com um movimento que fez Abby bater os dentes, colocou-a de novo em pé e a empurrou atrás dele.

—Beco sem saída - anunciou ele, com a voz sombria e as mãos preparadas para golpear.

Abby lutou para respirar. Movendo-se sigilosamente entre as árvores havia uma dúzia, possivelmente mais, de zumbis. Só podia agradecer a Deus que estivesse muito escuro para não ver mais que vagos contornos. Já era bastante horrível ser atacados por mortos vivos sem saber diretamente como encontrariam seu final.

—Parece que teremos que optar pela opção de ficar e lutar - disse ela com voz rouca.

—Abby — Dante se virou para olhá-la com angustiado pesar.

Ela realmente podia sentir a fúria e a sufocante culpa que o atravessava com raiva.

Sabia que se considerava responsável. Na mente dele, tinha-lhe falhado.

Levantando a mão, colocou-a com gentileza contra sua bochecha.

— Dante — sussurrou.

Soou um ramo rompendo-se atrás dela. Instintivamente se virou. E justo tão instintivamente gritou quando um ramo grande chegou zumbindo da escuridão diretamente para sua cabeça.

Capítulo 12

Dante soube que ia morrer no bosque.

Vampiro ou não, ele não era um super herói. Demônios, nem sequer um super herói podia lutar contra uma dúzia de zumbis e o mago escuro que podia sentir escondido entre as árvores.

Mas embora não fosse capaz de livrar-se de todos eles, esperava poder destruir o suficiente para que Abby pudesse usar seus poderes para ir passo para um lugar seguro.

Era uma jogada arriscada.

Também era quão única tinham.

Dante tinha conseguido abrir caminho através da primeira onda de assaltantes e se dirigia desesperadamente para a borda do bosque quando o mago apareceu abruptamente diante dele. Levantou a mão, e antes que Dante pudesse se esquivar golpeou-lhe com um feitiço que o fez sumir na escuridão.

Despertou preso a um frio e árido chão de pedra.

Estava vivo, e não estava sozinho. Permaneceu completamente quieto, sua mente pensando a toda velocidade.

Ele não tinha morrido, mas o que tinha sido de Abby?

Concentrando-se, foi em busca de sua presença. Nada. Nem sequer o familiar rastro da Fênix podia ser detectado. Se tivesse um coração, teria deixado de pulsar.

Condenado inferno.

Condenado, condenado inferno.

Com esforço, controlou seu crescente pânico.

Não poderia permitir-se perder o controle. Não quando ainda não estava seguro de que Abby tivesse morrido. Se ainda existia a mais remota possibilidade de que estivesse viva, tinha que fazer o que fosse para resgatá-la.

Só quando soubesse que não ficava esperança, teria o gosto de destruir tudo e a todos em seu caminho. Agarrou-se ferozmente a essa idéia quando uma mão suave e feminina desenhou um caminho íntimo sobre seu peito.

Dante apertou os dentes.

Alguma vez poderia ter considerado semelhante carícia como um convite a mais absoluta depravação.

Demônios, em outro tempo um mero olhar era suficiente para avivar suas paixões. Um vampiro raramente era exigente quando se tratava de sexo.

Agora, entretanto, logo ocultou um estremecimento de aversão.

Havia algo pegajoso e possessivo nos dedos que o acariciavam. E, mais importante ainda, não eram os de Abby.

—É tão belo - cantarolou uma voz junto a sua orelha. Dante não moveu nem um músculo.

Houve um som áspero mais longe, embora ainda muito perto para sua comodidade.

—Deixa de se fazer de idiota, Kayla.

Bom, ao menos eram dois, advertiu ele.

Dois aos que mataria. Caso pudesse liberar-se das correntes de alguma maneira.

—Você é que desfruta se fazendo de idiota por aqui, Amil, ou deveria dizer masturbando-se? —a fêmea arrastava as palavras com tom zombador, obviamente referindo-se às preferências sexuais do homem— Alguns de nós preferimos ter brinquedos bonitos quando jogamos.

—Se por acaso não o notou, esse brinquedo gosta de morder.

—Não se o mantenho preso —os dedos brincaram com os botões das calças de Dante—. Além disso, o perigo é a metade da diversão.

—Está doente. Sabe, não é?

—Todos estamos doentes, idiota, ou não adorariíamos ao Príncipe - a mulher emitiu uma risada afogada, aparentemente orgulhosa de suas diabólicas conexões—. Só sou honesta sobre minhas perversões. E este poderia fazer que a mulher mais pervertida gritasse de prazer.

Dante tinha toda a intenção de fazer gritar à mulher, pensou. Só que o prazer não teria nada que ver com isso.

—O professor disse que devíamos lhe deixar sozinho.

—O que o professor não sabe...

—Não seja idiota, o professor sabe tudo.

Ah. Dante silenciosamente tomou nota da informação. Este professor era claramente o poder que podia sentir ao longe. E tão odioso como tinha suposto. Informação que poderia usar a seu favor.

—Uma pena. Suponho que a cadela que capturamos está farta da bondade do vampiro.

—Essa cadela está a ponto de ser queimada no altar. Seguro que trocaria de lugar com você se quisesse.

Um tremor percorreu Dante. Deviam estar falando de Abby. Estava viva.

Maldito inferno. Conteve um gemido de doloroso alívio.

Não era muito tarde. Nada mais importava.

Essa vez não lhe falharia.

Logo notou a mão que agarrou seu membro.

—Tendo isso entre minhas pernas, quase poderia fazer que valesse a pena.

—Merda, Kayla, pensa alguma vez em outra coisa? —perguntou o homem com repugnância.

—Passou muito tempo.

—Uma hora?

A mulher deu um feio bufado de diversão.

—Bom, não o suficiente para considerar seu diminuto membro como uma tentação.

—Como se fosse arriscar minha saúde com uma puta que esteve com cada besta e demônio deste lado do Mississipi. Por que não

faz algo útil e se assegura de que o professor tem todo o necessário para a cerimônia?

Os dedos agarraram firmemente sua coxa e as unhas se afundaram em sua pele.

—Não vai lhe fazer nada verdade? Não quero retornar e lhe encontrar como um montão de cinzas.

—O professor o quer vivo e intacto — não se podia confundir o fio na voz do homem ou o fato de que mostrasse pouco respeito a seu senhor. Um homem que se considerava mais apropriado para ser tirano que criado, disse-se Dante — Sem dúvida o Príncipe terá algo que dizer sobre isso quando voltar.

—Talvez o possa convencer de me permitir alguma hora de diversão antes de assá-lo.

—E talvez faça a todos um favor e te converterá em uma cabra.

—Eunuco.

—Putá.

Terminado o infantil intercâmbio, Dante sentiu que os dedos da mulher davam uma última e ofegante carícia antes de levantar-se e partir.

Ele queria limpar a sensação de sua carícia, mas foi o bastante sensato para resistir

o impulso. Em seu lugar, contou lentamente até cem. Queria assegurar-se de que estava a sós com o homem antes de revelar que estava acordado e consciente do que o rodeava.

Ao fim, convencido de que a mulher não ia aparecer de repente para um interlúdio rápido com um vampiro inconsciente, Dante abriu os olhos só o suficiente para jogar uma rápida olhada.

Não havia muito que ver.

Como tinha suspeitado, estava em uma habitação deserta que parecia ter sido escavada clandestinamente. Suas correntes estavam ancoradas ao chão de pedra, e uma tocha solitária estava cravada perto da entrada que conduzia a um corredor escuro.

Não havia cadeiras, nem rochas soltas, nem sequer um pau que pudesse usar para fazer de alavanca nas correntes. Tinha que convencer a seu guardião para que o soltasse antes de poder lhe romper o pescoço.

Fixou o olhar no forte e surpreendentemente jovem mortal embelezado com uma túnica escura. Não podia determinar suas habilidades mágicas, mas não havia dúvida do escuro fio de poder que recebia do Senhor Escuro. Selvagem e não treinado, mas

nada que Dante tivesse intenção de menosprezar. Nem tampouco tinha intenção de menosprezar a enorme estaca que agarrava firmemente em sua mão.

Estava desesperado por chegar até Abby. Mas não tão desesperado para matar-se antes de poder salvá-la.

Fingindo um baixo gemido, Dante permitiu que seus olhos se abrissem completamente. Através da câmara, o homem agarrou ainda mais firmemente a estaca enquanto tentava aparentar satisfação.

Dante resistiu ao desejo de sorrir. Havia uma arrogância quebradiça no homem que faria sua tarefa mais fácil. Nada como o orgulho arrogante para fazer que um homem atue como um parvo.

—Ah, assim que o morto acorda. —o homem sustentou em alto sua estaca, se por acaso Dante tivesse passado sem ver a mortífera arma—. Aconselho que não se mova. A menos que seja aficionado à madeira atravessando o coração.

Dante curvou seus lábios enquanto se levantava o suficiente para apoiar-se contra a parede. Conservou bem escondidas suas

presas. Não permitiria ao idiota dar-se conta de que ele já estava morto.

—Dizem-me isso muitas vezes.

Seu captor estreitou o olhar, sem dúvida surpreso pela indiferença casual de Dante.

—Simplesmente não faça nenhum movimento brusco.

Dante arqueou uma sobancelha.

—Para que faria algum movimento brusco? Não tenho aonde ir - se tomou um momento para observar os arredores, enrugando o nariz ante o deserto do lugar—. Ao menos não no momento.

A confusão brilhou nos olhos pálidos antes que o homem elevasse seus lábios em um tenso sorriso.

—Bom intento, mas eu estava ali quando fez migalhas a seis de meus serventes em um esforço para salvar a essa mulher.

Dante deu de ombros. Interiormente amaldiçoou a si mesmo. Seis? Merda pensava que tinha destruído ao menos a nove.

—Não tinha muita escolha. Essas bruxas se asseguraram disso.

—Tal e como se assegurarão de que tente salvá-la do professor.

Dante fingiu considerar a acusação por um momento.

—Na realidade, não acredito.

O homem deu um passo inconscientemente mais perto. Infelizmente não o suficientemente perto para que Dante pusesse seus dentes nele.

—O que quer dizer?

As correntes ressonaram quando Dante moveu sua mão para as grossas paredes.

—Não sei o que acontece nessas cavernas, mas é a primeira vez em três séculos que a maldita Fênix não tem suas garras cravadas em mim. Obviamente te devo uma. E um vampiro sempre paga suas dívidas - seu sorriso se ampliou—. Sempre.

Passou um batimento do coração. Obviamente, seu guardião estava tentando usar o que penosamente chamava cérebro.

—Está dizendo que está livre da maldição?

—Quem sabe? — Dante apoiou a cabeça contra a parede—. Só digo que não sinto a mais mínima urgência de mover um dedo por essa cadela que me apanhou.

Passou outro batimento do coração.

—Não acredito.

—Como queira —deu de ombros— Diga ao menos se está morta.

O homem disparou um olhar revelador para a escura entrada.

—Ainda não.

Então, ela devia estar perto. Uma labareda de antecipação lhe percorreu antes que uma voz interior lhe recordasse que ela estaria fora de seu alcance a menos que pudesse tirar as correntes.

Com esforço, manteve seu ar de distante curiosidade.

—Ainda não? Por que vacilaria... ah. É obvio. Vai oferecê-la ao Príncipe, certo?

O humano ficou rígido ante o indício de mofa em sua voz.

—Quando for o momento.

Dante estudou com indiferença seu anfitrião, lhe permitindo ver sua diversão.

—Me deixe te dar um pequeno conselho, garoto - sussurrou brandamente—. Não espere muito. Há todo tipo de bestas aí fora que lhe matariam pela oportunidade de dar eles mesmos tal premio ao Príncipe. Quanto antes ofereça o sacrifício, antes obterá essa glória incrível.

A rigidez aumentou enquanto um indício de cor tocava as bochechas ainda arredondadas pela juventude.

—A glória pertence a meu professor.

—Professor? — Dante deu um bufo de incredulidade—. Está me dizendo que capturou a Fênix e a entregará para que outro colha as recompensas? Demônios, não tem cérebro? Oh, pode que seja coragem que te falta.

A cor se voltou púrpura, e o homem levantou a estaca em um movimento ameaçador.

—Cuidado com sua boca, vampiro. Nada me agradaria mais que fincar isso através de seu coração.

Dante simplesmente riu. Estava meio louco o pequeno mago. A ambição frustrada do homem era quase tangível no ar.

—Meu Deus, eu pensava que tinha sido dominado por essas bruxas - esfregou o sal um pouco mais profundo na ferida aberta—. Ao menos eu nunca permiti voluntariamente ser convertido em um idiota.

Os pálidos olhos o olharam com fúria, mas detrás da cólera havia uma fome fria que não podia ocultar de todo.

—Terei minhas recompensas.

—Alguns farelos deixados cair pelo grande professor? Patético.

—Se cale.

Dante cruzou os braços sobre o peito, amaldiçoando interiormente o som das correntes. Odiava as correntes. Faziam-lhe querer morder algo. Forte. Em lugar disso, sorriu com delicadeza.

—Poderia ter tido tudo. O poder, a glória um lugar ao lado de seu Príncipe — o sorriso se ampliou— Mas vamos, talvez você goste de ser um lacaio. Notei que a maioria dos humanos prefere serem ovelhas que lobos.

Um chiado vaiou através os dentes apertados do rapaz.

—Sei o que está tratando de fazer e não resultará em nada

Oh, estava funcionando. O homem quase babava com o desejo de arrebatrar o poder que sentia que lhe era negado.

—Olhe, importa-me pouco quem consiga matar a essa maldita Fênix, enquanto esteja bem morta —t Dante baixou o olhar para inspecionar uma unha— Tenho a intenção de sair desta caverna como um vampiro livre.

O homem riu sem humor.

—Crê que o Príncipe não quererá nada de você?

—Por que deveria?

Outro passo mais perto, embora ainda fora de alcance.

—Protegeu o Cálice.

Dante não se incomodou em levantar o olhar. Isso não queria dizer, entretanto, que não fosse ferozmente consciente da distância exata que os separava.

—Fui compelido pelas bruxas. Não foi como se quisesse estar preso como um cão.

—Duvido que seja tão pormenorizado.

—Diria que minhas oportunidades de sobreviver esta noite são grandemente melhores que as suas.

Um silêncio horrorizado encheu a câmara. Era óbvio que o parvo inclusive não tinha considerado o custo de devolver o poder escuro ao mundo. Típico. A maioria dos magos se preocupavam só pelas recompensas, nunca pelo sacrifício que seria exigido.

E sempre havia um sacrifício.

—Agora o que está balbuciando? —falou com voz áspera.

Dante levantou prazerosamente a cabeça para olhá-lo fixamente.

—Sabe que o Príncipe não pode sobreviver neste mundo sem alimentar-se? — perguntou— Necessita de sangue. Uma grande quantidade de sangue. Felizmente, estou descartado.

O cenho enrugou a testa do jovem.

—A mulher que contém a Fênix será o sacrifício.

—Abby? Logo é um aperitivo, inclusive para mim.

—Eu... —seus lábios se apertaram—. Há serventes.

Dante riu arrogantemente.

—Espero por seu bem que haja uma manada inteira de serventes. De outra maneira está a ponto de se encontrar colocado sobre o altar com uma faca no coração.

Agarrando a estaca com tanta força que quase a partiu pela metade, o mortal caminhou com passos largos e lentos para a estreita abertura. Muito longe de Dante, mas claramente enervado pelo pensamento de altares, facas e corações arrancados.

—Suponho que pensa que deveria te deixar ir para que me possa ajudar a derrocar ao professor?

—Eu? —Dante emitiu um som de repugnância— Por que diabos quereria te ajudar? Não é assunto meu quem matará a cadela. Sou livre de uma ou outra maneira.

O decididamente nervoso discípulo virou. Um tic em seu olho esquerdo revelava suas emoções pouco controladas.

—Não acredito que esteja tão despreocupado como quer me fazer acreditar. Acredito que sente algo pela mulher.

Dante abriu muito os olhos com falsa incredulidade ao tempo que interiormente admitia que o homem não fosse realmente o idiota que tinha suposto. Algo a recordar quando fosse o momento de matá-lo.

—Sou um vampiro, ofende-me. Não sinto nada por nada nem por ninguém. Embora... — deliberadamente permitiu que suas palavras se desvanecessem.

—O que?

—Ela é uma boa amante - sussurrou, esperando considerar sua despreocupação por uma simples mortal. Assim que esse parvo se desse conta que Dante viajaria aos infernos para salvar Abby seria o momento em que perderia toda vantagem—. As coisas que pode fazer com sua língua poderiam fazer que um

homem explodisse como um vulcão. Tenho que admitir que não me importaria ter um par de encontros, mas antes que seja entregue ao Príncipe. Deveria prová-la.

O desdém alterou as jovens feições.

—Nem todos somos animais.

—Ah... um homem que odeia às mulheres. Prefere aos homens? Ou um pouco mais exótico? —Dante sorriu burlonamente—. Tenho um amigo que poderia ser adequado para você.

Seu captor cuspiu no chão.

—Escória.

—Posso ser escória, mas não sou o que está a ponto de alimentar ao Príncipe - Dante ajeitou-se mais comodamente—. Dê minhas lembranças a ele.

A ponto de explodir o homem se lançou para frente, sua túnica revoando sobre sua magra figura.

—Se cale ou te calarei eu.

—Como diz?

Assim que Abby despertou, sentiu-se aliviada ao descobrir que estava viva. Poucas coisas pareciam pior que ser comida por

deteriorados zumbis. Nenhuma que lhe viesse à mente, de todos os modos.

Então abriu os olhos.

Só necessitou um momento para precaver-se que tinha sido levada do bosque até uma escura caverna de algum tipo. E que estava atada a algo parecido com um poste perto de um braseiro que vomitava uma fumaça pestilenta. E que não estava sozinha.

Poderia ter gritado se um tecido áspero não estivesse atado sobre sua boca. Um homem estava de pé frente a ela. Ou ao menos parecia ser um homem. Não estava disposta a precipitar-se ao classificar as espécies depois dos últimos dias. E havia algo que não parecia humano em sua pastosa pele branca e sua cabeça sem cabelo.

E é obvio ainda restava sua vestimenta. Que tipo de homem levava posta uma túnica pesada e um medalhão que parecia como se tivesse sido arrancado de algum carro esportivo?

Enquanto sua mente vagava sem rumo, a coisa se aproximou para acariciar com seu dedo a bochecha de Abby. Ela inspirou com dificuldade ao notar seu tato úmido e pegajoso,

perguntando-se desesperadamente onde estaria Dante.

Ele tinha que estar perto, disse-se. Possivelmente inclusive estava planejando seu resgate. Nem por um momento considerou o fato de que pudesse estar ferido. Ou, Deus não quisesse, morto. Esse caminho só conduzia à sombria e delirante loucura.

Em lugar disso fulminou ao homem que a olhava como se fosse um inseto imobilizado sob um microscópio. Uma descrição apropriada considerando que estava atada ao poste tão apertadamente que mal podia piscar.

—Tanto poder —ronronou ele com um estranho tom hipnótico— Ela bole com isso. É quase uma pena ter que matá-la.

Matá-la? Abby gemeu através do trapo embutido em sua boca. Não pensava que estivesse atada para uma festa de aniversário surpresa, mas matá-la? Malditas fossem Slena e essas bruxas. Obviamente estava ali para ser servida ao Príncipe como um peru no Dia de Ação de Graças.

Depressa, Dante rogou silenciosamente. Por favor, Deus, depressa.

Outra cara apareceu de repente em seu campo de visão. Esta pertencia a uma mulher

não muito maior que Abby, com uma cara pálida e afiada e um escuro arbusto de cabelo. Poderia ter sido atrativa se não tivesse sido pelo brilho antinatural em seus olhos marrons.

—Não parece tão perigosa — mofou a mulher.

O homem lhe dirigiu um olhar condenatório.

—Porque, como a maioria, só vê com os olhos, Kayla. Uma debilidade contra a que lhe adverti mais de uma vez.

—Não tem importância. Logo estará morta.

Abby não gostou do tom frívolo da mulher. Soava como se estivessem tirando o lixo em vez de cometer um assassinato a sangue frio. Com uma labareda de cólera, se perguntou se poderia fritar a essa cadela como fez com aquele zumbi.

—Sim, logo - o calvo desconhecido dirigiu o olhar para a fogueira—. A invocação do Senhor Escuro começou.

— Chamo Amil e o vampiro?

Dante. Abby fechou os olhos brevemente quando o alívio a percorreu. Ele estava perto. E de um momento a outro ia romper através da porta para chutar alguns traseiros.

Ignorante do perigo, o homem permitiu que um peculiar sorriso saísse de seus lábios.

—Ainda não. Estou esperando o momento apropriado para... recompensar meu leal companheiro.

Algo em seu tom oleoso captou a atenção de Abby, arrepiando os cabelos de sua nuca. A jovem, entretanto, só sorriu.

—Honra-me pedindo minha presença.

—Asseguro que sua presença é essencial - os escuros olhos arderam com um fogo frenético—. Seremos bentos por cima de todos os outros.

—Sim, certamente.

Houve um som através da câmara, e Abby voltou o olhar para descobrir a duas formas escuras perto de um canto. Estavam vestidos dos pés a cabeça com pesadas túnicas. Sem dúvida uma coisa boa. Abby não esperava nem por um momento que fossem realmente humanos.

A mulher não pareceu mais impressionada que Abby e seus lábios se curvaram quando agitou uma mão para as silenciosas testemunhas.

—Não deveria enviar fora essas... anomalias? Certamente não as quer perto quando retornar Sua Senhoria.

—Também são essenciais.

—Por quê?

—Logo o descobrirá.

A mulher emitiu um som áspero de desagrado.

—Odeio esta espera.

—A paciência possui suas próprias gratificações - ainda estudando Abby, o homem pareceu endireitar-se e sua cabeça virou para uma abertura perto dos serventes.

A mulher franziu o cenho.

—O que é professor?

—Sinto um... distúrbio. Retorna com Amil.

—Agora? E se o Prín...

Uma corrente gelada atravessou abruptamente o ar.

—Rápido! Retorna com o Amil.

Tanto Abby como a estranha mulher trocaram de cor ante o gélido fio de sua voz. Era a voz de um homem que mataria sem pensar-lhe duas vezes.

—É obvio - balbuciou ela ao fazer uma profunda reverência e escapar da habitação.

Aparentemente esquecendo Abby no momento, o homem observou as chamas oscilantes.

—Nada pode me deter. Não agora.

Capítulo 13

Dante estava esperando pela mulher. Esta passou por sua forma de sombra sem notá-lo, e depois foi muito tarde quando se moveu com rapidez para lhe cravar profundamente os dentes na garganta. Era incapaz de beber sangue humano, graças às bruxas, mas isso não o impediu de lhe rasgar a garganta.

Sem sequer baixar o olhar, deixou cair o corpo sem vida ao chão e voltou para as sombras para olhar a seu arrogante cúmplice entrar em pernadas na ampla câmara que tinham diante.

Tinha sido um jogo de meninos convencer Amil de que o liberasse das correntes. O mal sempre se voltava contra si mesmo, e o ambicioso cachorrinho não era completamente estúpido. Sabia muito bem que seu professor não duvidaria em dar-lhe como comida ao Príncipe.

Era precisamente o que ele faria se tivesse oportunidade. E felizmente seu inchado ego o fazia acreditar que podia controlar a um simples vampiro. Um engano que Dante estava

muito disposto a aceitar. Pelo menos até que obedientemente distraísse ao misterioso professor e permitisse a ele escapar com Abby sem ser importunado.

Se por acaso se interpusesse em seu caminho, Dante se asseguraria de que fizesse uma viagem ao inferno.

Movendo-se em um silêncio que nenhum humano poderia igualar, Dante se deslizou atrás de Amil enquanto este cruzava o lugar para deter-se diante de um homem magro e vestido em pesadas roupas. O professor. Dante estreitou o olhar ao sentir o poder que reluzia ao redor do mago.

Perigoso.

Muito perigoso.

Dante deslizou profundamente entre as sombras que rodeavam a caverna. Não desejava enfrentar-se diretamente com o mago. Não quando existia o risco que o matasse antes de liberar Abby.

Pensar em Abby fez que instintivamente seu olhar se movesse para ela, onde estava atada ao poste. Deliberadamente tinha evitado olhá-la com muita atenção. Era suficiente saber que estava viva e aparentemente sem dano. Perceber a evidente angústia que ela

sentia só o distrairia em um momento que com desespero necessitava manter a mente concentrada.

Apertando os dentes com fria fúria, continuou pelas sombras, movendo-se ao redor dos dois serventes encapuzados que se encontravam muito perto.

Na câmara, Amil ao fim estava enfrentando ao mago escuro.

—Professor.

Um formigamento gelado de poder percorreu o ar, fazendo inclusive estremecer Dante.

—Por que está aqui? —acusou o mago— Onde está Kayla?

Muito estúpido ou arrogante o velho mago não se deu conta de quão passado estava o jovem aprendiz que soltou uma risada entre dentes.

—Quão último vi é que estava sendo rasgada em migalhas de pedaços por um vampiro muito zangado.

Houve uma pausa furiosa.

—Permitiu que a besta escapasse?

—Pode-se dizer assim - disse Amil arrastando as palavras.

Situando-se atrás dos serventes, que ainda não tinham notado sua presença, Dante se estirou para rodear suas gargantas com os braços. Com um movimento suave, torceu ambos os pescoços até que rangeram, e os baixou até o piso. Em nenhum momento tinham visto vir à morte, e ele estava um passo mais perto da liberdade.

O professor emitiu um agudo vaio.

—Você, é um idiota. Um estúpido e ambicioso idiota.

—Não, não um idiota - negou Amil—. Pelo menos não tão idiota para me permitir me converter em um mero bocado para que te possa derrubar em sua própria glória.

Houve um batimento do coração assombrado, como se o professor não tivesse esperado que seu estudante se desse conta de seu destino final.

—Ah, possivelmente não tão idiota depois de tudo - sussurrou em um frio tom—. Diga, Amil, o que pretende fazer?

—O que deveria ter feito desde o começo. Matar-te e oferecer eu mesmo a Fênix ao Senhor Escuro.

Sem surpresa, o orgulhoso alarde só provocou uma risada no homem mais velho.

—Me matar? Você?

—Está fraco pela batalha com as bruxas - alardeou Amil, fazendo que Dante se parasse nas sombras.

O mago era responsável pelo açougue no esconderijo. Condenado inferno. Tinha que tirar Abby fora desta caverna o antes possível.

Afundando-se de volta nas sombras, Dante começou a percorrer o caminho para trás do mago.

—Mal pode conjurar suficiente poder para um feitiço de convocação - Amil continuou sua mofa.

O que poderia ter sido um sorriso curvou os magros lábios quando o mago agarrou o medalhão que tinha ao redor do pescoço.

—Não tão fraco como crê — apontando para o homem mais jovem, o mago golpeou.

Abby era muito consciente de que havia algum tipo de batalha mística entre os dois homens encapuzados. Era difícil não sabê-lo quando o mais jovem dos dois se estrelou abruptamente contra a parede só para ficar em pé com dificuldade e investir para o homem mais velho.

Sua atenção, entretanto, não estava nos magos brigando.

Tinha sentido Dante no momento que entrou no quarto. Atravessou-a uma alegria feroz que quase lhe parou o coração quando por fim o encontrou deslizando-se entre as sombras.

Estava vivo e livre e a caminho de tirá-la daquele horrível lugar.

Então sua alegria vacilou quando a luz se moveu e viu a úmida mancha avermelhada de sua camisa. Vagamente recordou ao homem jovem com túnica declarando que um vampiro estava rasgando em tiras, Kayla, mas de algum jeito não o tinha conectado com Dante. Não até que viu como deslizava entre as sombras para encarregar-se dos serventes com facilidade rápida e letal.

Era uma morte deslizante e silenciosa. Um assassino brutal que espreitava a sua presa sem compaixão.

Um calafrio percorreu sua espinha quando estudou as feições de alabastro fixas em uma máscara desumana e os olhos que brilhavam com um congelado fogo prateado.

Este era o vampiro contra o que a tinha advertido.

O demônio que espreitava depois da imagem do homem.

Outro calafrio a percorreu. Mas não de medo físico. Possivelmente era ridiculamente ingênua, mas não acreditava que fosse lhe fazer mal. Pelo menos não intencionalmente. Era mais pelo conhecimento de que tinha chegado a pensar em Dante como... o que?

Seu noivo?

Seu amante?

Deus, não sabia.

E agora não era o tempo de considerar tais pensamentos idiotas, disse-se a si mesmo com uma bofetada mental. Pelo amor de Deus, se Dante não a desatasse e tirasse da caverna, converteria-se em um sanduíche noturno para um espírito malvado. Certamente isso era mais importante que sua vida amorosa.

Houve um furioso chiado e sons de resistências dos dois homens brigando no meio da câmara, e uma sensação aguda de eletricidade no ar, mas Abby não desviou o olhar do vampiro que se aproximava. Enquanto o mantivesse a vista, sabia que estava a salvo.

Possivelmente uma certeza ridícula, mas, o que ia fazer uma mulher aterrorizada e a ponto de ser sacrificada? Incapaz inclusive de choramingar com a mordança na boca, Abby

olhou Dante aproximar-se mais. Seu olhar prateado manteve o seu, como se a obrigasse a não deixar-se levar pelo pânico.

Sim, fácil. Riu-se. Só as cordas atando-a ao poste impediam que desabasse no piso para poder balbuciar de terror.

Abby Barlow, salvadora do mundo.

Cuidadoso de evitar a atroz batalha no centro da câmara, Dante fluiu pelas sombras. O coração de Abby quase parou quando ele desapareceu atrás dela. Oh, Deus. Não podia vê-lo. E se desaparecesse? E se havia mais tipos malvados ocultos...?O contato de dedos frios e esbeltos em seu pulso pôs rápido fim a seus loucos pensamentos. Abby teria chorado de alívio se não se desse conta que ainda estavam bastante longe de estar seguros.

As cordas deslizaram sobre o piso, lhe mandando dolorosas espetadas pelos braços, já que seu sangue podia voltar para circular pelas veias. Sentiu os lábios de Dante na sua orelha enquanto lutava por tirar a mordaca da boca.

—Não diga nada - sussurrou ele, esperando que assentisse com a cabeça antes de permitir que a asquerosa mordaca caísse.

Abby aspirou várias baforadas profundas enquanto saía do poste e ia diretamente aos braços acolhedores de Dante. Ele a pôs perto, como se sentisse que sem seu apoio se desabaria. Entretanto, seu estado debilitado não lhe impediu de forçar suas trementes pernas a levá-la para a estreita abertura ao outro lado da câmara.

Ela mordeu o lábio para deter a resposta instintiva. Tinha estado quatro horas atada ao poste e todo seu corpo se sentia como se um caminhão a tivesse pego. Ainda assim, não tinha mais desejo que Dante de permanecer mais tempo nesta úmida cela.

Não quando o idiota de cara pálida a considerava um delicioso presente para o Príncipe Malvado.

Tinham alcançado a estreita abertura quando um grito que punha os cabelos em pé se elevou atrás deles.

—Não! —chiou o homem jovem—. Rendo-me! Eu...

Houve um horrível som e então um aroma que podia ser carne queimada.

Abby se engasgou enquanto Dante a colocava com rudeza sobre o ombro e se lançava pelo escuro corredor. Nesta ocasião

nem sequer notou a náusea pelo movimento. A única coisa que tinha era o medo absoluto, que lhe nublava a mente. Tendia a pôr todo o resto em perspectiva.

Movendo-se pela escuridão a uma velocidade que desafiava as leis da física, Abby rezou interiormente a cada deus e deidade nos que pôde pensar. Parecia um bom momento para cobrir todas as bases. O tempo não tinha significado para ela, mas lentamente começou a notar que se estavam movendo gradualmente para cima. Então, sem aviso, sentiu o inconfundível roçar do ar fresco sobre as bochechas.

OH, obrigado, obrigado, obrigado, sussurrou para o céu.

Estavam fora da deplorável caverna.

E o melhor de tudo, não parecia haver nenhum sinal de perseguição.

Ainda assim, o ritmo de Dante não diminuiu. Aparentemente não afetado por seu peso (uma alegria para sua vaidade em qualquer outro momento), lançou-se através de um grande cemitério, passou por uma igreja abandonada e pareceu ter visto um punhado de casa em mal estado, mas passaram tão imprecisas que era impossível estar segura.

Só quando estavam muito longe da caverna que Dante ao fim reduziu a velocidade e com cuidado a baixou até deixá-la em pé. Imediatamente Abby tremeu, e a mão dele agarrou-a pela cintura para mantê-la direita.

—Está ferida? —grunhiu, sua mão lhe agarrando o queixo para inclinar o rosto para sua inspeção.

Ela tremeu sob o brilho irresistível de seu olhar prateado e então se forçou a relaxar-se.

Esse era Dante.

O formoso e incrível vampiro que acabava de lhe salvar a vida.

—Nada que vinte anos de terapia não curem - lhe respondeu em uma voz que não estava muito firme—. O que eram esses tipos estranhos? Demônios?

O nariz de dele se agitou em ardente fúria.

—Eram o suficientemente humanos. Discípulos mortais.

Bom, isso não teria sido sua primeira opção.

—Discípulos?

—Adoradores do Príncipe - esclareceu—. Você os chamaria magos.

Os lábios dela se torceram. Bastante diferentes a amáveis anciões com largas barbas brancas e brilho nos olhos.

—O que explicaria a magia, suponho.

—Magia mais capitalista que um mero humano seria capaz de possuir - suas pestanas se juntaram como se o pensamento o preocupasse. O que fazia que lhe preocupasse. Muito. — Foi o mago ancião que atacou o esconderijo.

—Santo Deus — ela estremeceu em horror ao recordar o que tinha feito às bruxas. Como podia algum ser humano cometer semelhantes atrocidades?— Ia me dar como alimento a essa... sombra.

—Sim. Com a Fênix destruída, o Príncipe voltaria a caminhar livremente pelo mundo.

—Um mago. Simplesmente perfeito - Abby sacudiu a cabeça—Suponho que estará junto com os demônios e os zumbis que nos perseguiram.

—Com sorte não imediatamente. As batalhas com as bruxas e o jovem Amil o terão deixado débil. Não acredito que tenha muita pressa em enfrentar-me, não ainda.

Inconscientemente, o olhar do Abby se obscureceu.

—Não, não acredito que tenha muita pressa.

Dante demorou um batimento do coração em segurá-la abruptamente pelos ombros com firmeza. Sua formosa face estava séria sob a muda luz da lua.

—Te adverti, Abby - grunhiu ele—. Sou um vampiro. Um predador. Nada pode mudar isso.

Instintivamente ela levantou uma mão para pô-la sobre sua bochecha. Sua pele estava fria e suave sob sua palma, lhe enviando uma excitação familiar pelo corpo.

—Sei.

Com uma gentileza que lhe fez saltar o coração, Dante lhe colocou o cabelo detrás das orelhas.

—Assustei-te?

—Possivelmente um pouco - admitiu em voz baixa.

Algo que pôde ser dor brilhou em seus olhos prateados.

—Nunca te faria mal. Não importa o que acontecer.

Estando presa perto de seu corpo, ela não teve nem um momento de dúvida.

—Isso não é o que temi.

—O que foi?

—Acabo-me de dar conta de que tinha razão. Somos muito diferentes. Deus, nem sequer estou segura de que sejamos da mesma espécie.

Os braços dele se deslocaram para apertar-se mais contra sua cintura.

—Diferentes, mas unidos, querida. Ao menos até que a Fênix possa ser dado a outra -
lhe sustentou o olhar com facilidade—
Confiará em mim, Abby?

Não houve vacilação.

—Com minha própria vida.

Estranhamente sua rápida afirmação o fez ficar rígido. Como se o tivesse pego despreparado com sua pronta confiança.

—Eu... Oh Deus, Abby, se só soubesse...
— murmurou, baixando a cabeça para pressionar seus lábios com ternura contra sua boca.

Abby se arqueou de boa vontade para ele, suas mãos lhe rodeando o pescoço. Santo Deus, o necessitava. Seu toque. Sua força. Seu consolo.

Com suavidade Dante aliviou o horror das horas anteriores, seus lábios lhe acariciando a boca, suas mãos lhe agarrando os quadris.

Inclinando a cabeça para trás, Abby gemeu quando ele centrou sua atenção na curva de seu pescoço, mordiscando o pulso que pulsava com vertiginosa excitação.

—Se só soubesse o que? —perguntou-lhe ela sem fôlego.

As mãos dele se apertaram em seus quadris antes de afastá-lo suficiente para observá-la com um olhar nublado.

—Quanto tempo faz desde que me trataram como algo mais que um animal raivoso.

O coração de Abby se agitou enquanto roçava com os dedos seus sensuais lábios. Conhecia muito bem o sentimento de ser odiado e não desejado em sua própria casa. De ser posta em seu lugar com brutalidade quando se atrevia a desafiar seu pai. Como Dante tinha conseguido suportar seu cativeiro durante séculos, era algo que escapava a sua compreensão.

—Sinto —disse com voz rouca—. Ninguém merece ser acorrentado e retido contra sua vontade - lhe emoldurou a formosa face entre as mãos— Te juro que farei tudo o que possa para te liberar.

Os olhos de Dante arderam quando reclamou seus lábios em um beijo que ela sentiu até em sua própria alma. Abby gemeu, curvando os dedos dos pés em prazer. OH sim, este vampiro sabia uma coisa ou dois sobre beijar. Uma mulher podia passar a eternidade só sendo sustentada entre seus braços.

Passando as mãos com suavidade por seu acetinado cabelo, Abby se afundou no ardente calor. Estava viva contra todo prognóstico. Estava decidida a apreciar cada momento que lhe tinha sido concedido.

As mãos de Dante deslizaram lentamente pela curva de sua espinha enquanto o beijo se aprofundava. Sua ereção se pressionou contra o estômago dela e Abby se esqueceu de magos escuros, asquerosos zumbis e bruxas desaparecidas. Esqueceu-se de tudo exceto do crescente prazer ante o tato dele.

Durante meses tinha fantasiado com este homem. Agora que sabia de primeira mão o tipo de amante que era, sua fome por ele era quase insuportável.

Abby ouviu o áspero gemido de Dante quando elevou as mãos para lhe embalar a suavidade de seus peitos. Quando se arqueou

contra seu corpo, a contra gosto, ele se afastou.

—Cristo, o que estou fazendo? — murmurou, passando as mãos com rudeza pelo cabelo— Vamos antes que faça que nos capturem outra vez.

Agarrando sua mão, ele a guiou através das árvores, resmungando em voz baixa ante sua breve distração.

Abby também resmungou. Com toda certeza, só queria afastá-los o máximo possível do mago louco e sua turma de zumbis. Não parecia uma reação desmesurada pôr vários oceanos entre eles. Mas não pôde negar uma pequena sensação de frustração. Simplesmente, queria estar a sós com Dante sem a ameaça de morte horrível pendurando sobre suas cabeças. Umas poucas horas que pudessem desfrutar um ao outro em paz absoluta. Era suficiente para pôr a qualquer mulher um pouco resmungona.

Moveram-se em silencio durante o que pareceu uma eternidade. De forma intermitente, ele insistia em levá-la nos braços para que pudessem mover-se mais rápido, mas odiando sentir-se inútil, ela preferia caminhar atrás dele.

Ao final começou a se perguntar se Dante pretendia que andassem em círculos durante o resto da noite.

—Sabe aonde vamos? —perguntou-lhe com suspeita.

—Procurar ajuda — respondeu sem perder o passado— A próxima vez que enfrentar esses zumbis, pretendo ter algo que assuste a esses filhos de puta de volta a suas tumbas.

Ela não podia discutir com isso!

—Bom plano. Onde está este algo?

—Em Chicago.

—Me deixe adivinhar... Viper - disse em tom seco.

Isso ganhou um olhar rápido por cima do ombro.

—Como soube?

—Parece o tipo de ser que sente fascinação por coisas que assustariam aos zumbis.

—Sabe bem - sem avisar, parou abruptamente. Felizmente tinham deixado atrás as árvores e agora se encontravam no que parecia ser um campo abandonado—. Espera.

Apartando coisas do cabelo que por Deus esperava que fossem partes de folhas e ramos, Abby o olhou com um ligeiro cenho franzido.

—Não me diga que está perdido.

Virando-se, Dante elevou suas perfeitas sobrancelhas.

—Nunca me perco.

Abby pôs os olhos em branco.

—Falou como um verdadeiro macho.

Com um sorriso auto-suficiente, ele voltou a mover-se.

—Por aqui.

—Tem certeza? —exigiu ela— Não estará simplesmente me fazendo dar voltas até que tropeçemos com o carro?

—Nasceu tão irritante ou é uma habilidade que desenvolveu só para me chatear?

Seus lábios tremeram. Não podia negar que desfrutava provocando-o.

Culpa dele é obvio. Não deveria ser tão arrogante.

—Não crie ilusões. Sempre fui irritante.

—Nisso acredito - murmurou antes de lhe lançar um sorriso condescendente por cima do ombro enquanto assinalava o perfil dos

edifícios abandonados de uma fábrica justo a esquerda—. Ali.

Abby deixou escapar um suspiro embora interiormente estivesse aliviada ao dar-se conta de que só estavam a uma distância curta do carro de Viper. Daria sua alma por poder descansar suas doloridas pernas.

—Não tem que sorrir com ironia. É impróprio.

Dante riu entre dentes quando alcançou o carro e apoiou seu corpo contra o capô. Banhado na luz da lua, com a camisa meio aberta e o cabelo fluindo ao redor de sua perfeita face, parecia alto, escuro e comestível. Um saboroso e coberto ornamento, de fato.

Dobrando os braços sobre seu peito, ele permitiu que um desses sorrisos lentos e malvadamente travessos lhe curvasse os lábios.

—Acredito que me deve uma desculpa por ter duvidado de meus extraordinários poderes em algum momento.

Abby lutou por não derreter-se a seus pés. Tinha um pouco de orgulho.

—Que tipo de desculpa?

O sorriso se fez mais amplo.

—Tenho umas poucas idéias. Infelizmente incluem uma cama, velas perfumadas e muito creme de leite. Nenhuma das quais tenho à mão.

A boca do Abby secou.

—Os vampiros comem creme de leite?

—Não disse que iria comer.

De repente o ar pareceu muito espesso para respirar.

Sem dúvida tinha algo que ver com a imagem de ter Dante estendido sobre uma cama enquanto lhe lambia uma camada de creme em seu duro corpo.

—Descarado - grunhiu ela.

Ele jogou um olhar para os céus obscurecidos.

—Descarado e morto se não nos apressarmos. Chicago não está muito perto. Então vamos logo..

Juntando seus dispersos pensamentos, Abby tentou determinar quanta da noite já tinha passado. Um intento estúpido. Para ela a manhã chegava quando soava o despertador, normalmente cinco ou seis vezes.

—Se está preocupado, por que não conduz e você se esconde no porta-malas?

—Acredito que não.

—Por que não?

Era uma solução perfeitamente razoável.

É obvio, era um varão apesar do benefício de ser um vampiro. E com o típico comportamento masculino, olhava-a como se lhe tivesse sugerido que se castrasse.

—Prefiro me arriscar ao sol.

Os lábios do Abby se juntaram em uma linha.

—Está dizendo que uma mulher não pode conduzir tão bem como um homem?

—Estou dizendo que a única forma de me meter nesse porta-malas é se você se unir a mim - disse em tom seco—. Além disso, se Viper encontrar um arranhão no carro ou algo mais, ser um montão de pó será o menor de meus problemas.

—E por que pensa que arranharia...?

Suas palavras foram interrompidas com rudeza quando Dante a puxou contra seu peito. Uma vez ali, selou-lhe os lábios com os seus em um beijo breve e arrasador.

—Por favor, querida, podemos continuar a discussão no carro? —murmurou contra sua boca.

—Oh, continuaremos. —lhe advertiu, não querendo ser tão facilmente manipulada. Ao

menos não até que tivessem a cama e o
creme— Pode contar com isso.

Capítulo 14

Por fim, a promessa de Abby em continuar discutindo resultou ser uma ameaça vazia.

Seu amor por uma vigorosa briga não era equivalente ao cansaço que a embargava. Logo que Dante alcançou a interestadual a cabeça dela se inclinou para um lado e seus olhos deslizaram até fechar-se.

Resistindo ao desejo de deter o carro e simplesmente apreciar sua tranqüila beleza, Dante acelerou através das ruas vazias e alcançou a guarida de Viper muito antes que saísse o sol. Estacionou na parte privada da rua, e levou cuidadosamente Abby ao quarto que tinham compartilhado antes.

Estava mais à frente do cansaço quando depositou Abby na larga cama. Não só pelos excessivos esforços da noite, mas também pelo amanhecer. Ainda assim, se obrigou a deixar o quarto e procurar Viper em suas habitações privadas.

Encontrou o vampiro deitado despreocupadamente em um antigo divã vestido com uma túnica de brocado

pesadamente bordada com fio de ouro. O mesmo quarto teria feito à maioria dos colecionadores babarem de inveja.

Esparramados sobre tapetes tecidos à mão tinha dourados móveis esculpidos que uma vez tinham pertencido a um czar russo. As paredes estavam decoradas com tapeçaria de seda feita à mão, as portas de ébano eram enfeitadas com folhas de ouro e as arandelas adornadas com safiras e pérolas.

O que mais impactava eram as estranhas obras de arte que estavam cuidadosamente exibidas em cristaleiras com controladores de temperatura. O mundo pensava que a maioria estavam perdidas e inclusive algumas tinham sido completamente esquecida. Conjuntamente criavam uma entristecedora beleza que não era superada por nada em qualquer parte do mundo.

Rodeado por objetos apropriados para o palácio mais fino e sorvendo um brandy que custava mais que alguns pequenos países, cada centímetro de Viper parecia um aristocrata mimado. Somente quando se notava o frio e calculado brilho em seus olhos de meia-noite, a imagem do indolente hedonista se fazia em pedaços. Um brilho que

se fez mais pronunciado quando Dante relatou brevemente o que havia ocorrido desde que tinha deixado Chicago.

Ficando em pé, Viper o observou com uma expressão sardônica.

—Abominações, magos escuros, bruxas mortas... direi-te uma coisa, Dante, realmente sabe como escolher as suas mulheres.

—Exatamente não escolhi Abby, a Fênix o fez.

Uma sobrancelha perfeita, vários tons mais escura que o prateado cabelo, arqueou-se lentamente.

—Dá-se conta de que perdeu uma oportunidade perfeita para se liberar de suas correntes?

Dante sorriu sardonicamente. As correntes que o uniam a Abby nunca se quebrariam. Sem importar o que ocorresse com a maldita Fênix.

—Permitindo que Abby seja sacrificada? Nem por uma fortuna, demônios.

—Está mal, meu amigo —Viper cravou os olhos nele durante um longo momento— Conheço uma sacerdotisa de vodu que tem um conjuro que poderia...

—Obrigado, mas não é necessário — interrompeu firmemente— O que preciso é dessas malditas bruxas.

Viper apertou os lábios, mas foi uma agradável mudança que não seguisse com a discussão. Um alívio, considerando que o velho vampiro possuía a habilidade de dobrar a vontade de outros sempre que desejasse realizar o esforço.

—Está seguro de que algumas sobreviveram? —demandou em lugar de seguir discutindo.

—Ao menos umas quantas. Segui seus rastros até a garagem.

—Poderiam estar em qualquer parte.

—Não estarão longe da Fênix —assinalou Dante —. Inclusive se não sabem a posição exata ou quem contém o Cálice, sentem sua presença. Infelizmente não tenho nenhuma maneira das contatar.

—Difícilmente chamaria a isso ser desafortunada —o magro nariz se alargou com desagrado — Uma lástima que o mago não as erradicasse totalmente.

Um sentimento que Dante tinha estado totalmente de acordo até que Abby foi obrigada a carregar a Fênix. Agora sua única

preocupação era encontrar a maneira de libertá-la de sua carga.

—Já falamos que isto, Viper.

—E sabe meus sentimentos.

—Em horripilante detalhe — Dante elevou uma mão para esfregar os músculos tensos de seu pescoço— Me ajudará?

—Sabe que não tem que perguntar. Pode ser que te considere um parvo consumado, mas sempre te cobrirei as costas.

—Obrigado - murmurou Dante com genuína sinceridade.

—O que necessita?

—Amparo —respondeu prontamente— Algo o suficientemente pequeno para levar em cima, mas capaz de tratar com os zumbis.

Um sorriso sacudiu as comissuras dos lábios do Viper.

—Sem dúvida tenho algo adequado em minha câmara secreta - replicou. Dante sabia que a câmara de Viper poderia armar a países inteiros. Seu arsenal de armas ia desde protótipos roubados dos melhores cientistas a armas antigas, bentas com poderosa magia — Que mais?

—Acredito que alguém deveria vigiar ao mago. Convocou poderes que foram esquecidos durante séculos. Poderia ser um problema.

—Ah —os escuros olhos brilharam abruptamente com antecipação— Talvez me aproxime para lhe fazer uma visita. Não luto contra um mago decente desde Idade Média.

Dante franziu o cenho. Por regra general, Viper conseguia evitar mesquinhos encontros. A diferença da maioria dos vampiros, não sentia a necessidade de provar nada desafiando a cada demônio que cruzasse em seu caminho. Essa era uma das razões pela que Dante preferia sua companhia a de outros.

Mas havia uma parte de Viper que não podia resistir a um desafio. Se pensava que podia haver algo ali fora que lhe desse uma batalha digna, não duvidaria em lançar-se a isso com uma pistola preparada. Ou mostrando as presas.

—Tome cuidado —avisou Dante severamente— Não duvido que tenha em reserva alguns truques sujos.

Viper riu arrogantemente com fria diversão.

—Confia em mim, Dante, ninguém pode me igualar em truques sujos.

—Isso acredito totalmente - resmungou, estendendo a mão para agarrar o ombro de seu amigo quando seus joelhos ameaçaram dobrando-se.

—Meu Deus, não está parando em pé - grunhiu Viper, com um indício de preocupação tocando suas feições—. Vá à cama. Porei um guarda fora de suas habitações. Você e sua Abby estão a salvo aqui.

Dante inclinou a cabeça com alívio.

—É um bom homem, Viper.

—Repete isso por aí e te picarei em pedacinhos como se fosse bacon e te deixarei ao sol - advertiu o velho vampiro.

Sentindo cada um de seus quatrocentos anos, Dante abriu passo de volta através de obscurecidos vestibulos. Ao menos teria algumas horas de descanso. Nenhum mago, bruxa, zumbi ou demônios. Somente Abby.Seu céu.

Entrando no apartamento privado, encaminhou-se diretamente ao dormitório só para deter-se e escutar o inconfundível som da água ao salpicar. O cansaço se esfumou enquanto um débil sorriso lhe curvou os lábios. Alterando seu curso, dirigiu-se ao quarto de banho e deu um passo através da

porta para estudar a mulher submersa na enorme banheira.

Falando do céu...

Se seu coração ainda pulsasse, então teria parado em seco ante a vista da branca pele resplandecendo a luz da vela como a mais estranha pérola e os cachos de mel emoldurando sua doce face. Felizmente, o resto de seu corpo funcionava a perfeição.

Dante permitiu que seu olhar passeasse por seus suaves seios até o tentador triângulo de pêlos entre suas coxas, e sentiu como ficava duro. Dolorosamente duro, reconheceu quando sua ereção se apertou contra os botões de suas calças. Com clareza recordou a percepção de seu calor quando a tinha sustentado em seus braços e o doloroso prazer quando o tinha cavalgado até o final.

Ah, doce céu, queria-a.

Não, necessitava-a. Com um desespero que punha em ridículo à mera luxúria. Silenciosamente chutando suas botas e tirando a camisa, Dante caminhou para frente e deteve-se perto da banheira.

—Isso é uma festa privada ou qualquer um pode unir-se? —murmurou brandamente.

Com óbvio esforço, Abby levantou as pálpebras para observá-lo com um sonolento olhar.

— Dante —ronronou, sem tentar cobrir suas deliciosas curvas— Não te ouvi retornar.

Conteve uma maldição quando sua ereção se inchou em resposta à bela vista que tinha abaixo.

Queria beijar cada centímetro de sua molhada e escorregadia pele. Afundar-se entre suas coxas e saborear seu calor. Observar aumentar seus olhos com prazer quando entrasse nela e empurrasse aos dois a um prazer sem julgamento.

Sua mão tremeu pela força de seu desejo enquanto a estendia para acariciar com os dedos a curva do pescoço feminino. Podia sentir a brandura de sua pele, o calor de seu sangue ao precipitar-se.

—Pensei que estaria dormindo a essas alturas - murmurou.

Ela lançou um suave suspiro.

—Isso está tão gostoso que não posso me obrigar a sair.

Dante sorriu lentamente.

—Tenho algo com o que se sentiria ainda melhor

Os olhos de Abby se obscureceram enquanto um sorriso de pura tentação curvava seus lábios.

—Não sei —seu olhar permaneceu fixo em seu peito nu— Isso está bastante alto na lista do que se sente bem.

Ficando em pé, Dante se desfez rapidamente das calças antes de unir-se a ela na água quente. O vapor se nublou a seu redor, lhe enchendo com perfume de baunilha e mulher, excitando o predador que sempre espreitava sob a superfície. Com um grunhido de satisfação, ele a atraiu a seus braços enquanto virava com suavidade, ancorando-a em cima de seu dolorido corpo com as pernas montando escarranchado em seus quadris.

Sorriu a seus alarmados olhos enquanto lhe alisava cuidadosamente os cachos úmidos atrás das orelhas.

—Querida, está a ponto de aprender uma lista inteiramente nova.

Abby conteve a respiração conforme as mãos passaram roçando a curva de seu quadril para cavar seu traseiro e pressioná-la firmemente contra seu palpitante membro.

—Pensa que é tão bom? —sussurrou.

Dante riu arrogantemente enquanto levantava a cabeça para morder a base de sua garganta.

—OH, melhor, muito melhor.

—Eu... —inclinou a cabeça para trás quando lhe deu um pequeno beliscão, seus quadris movendo-se em silencioso estímulo— OH...

Dante gemeu. Sua pele lhe fascinava. Tão suave. Tão quente.

Lambeu um faminto caminho para seus seios. O animal nele simplesmente desejava empurrar dentro dela e encontrar a liberação. Havia algo interessante em um veloz e suarento orgasmo. Mas não com Abby, concedeu. Isto não era sexo. Não era um acoplamento sem sentido. Era uma união que podia sentir correta em seu morto coração.

Saboreando seu doce sabor, Dante rodeou seu tenso mamilo com a ponta da língua. Com suaves carícias a provocou até que ouviu sua respiração em vaios, e lhe agarrou a cabeça entre suas mãos.

—Por favor - murmurou.

—É isto o que quer, querida? —demandou, fechando os lábios perto do pico para sugar com tenra urgência.

—Sim.

Seus dedos se enredaram no cabelo dele e suas pernas se separaram até poder esfregar-se contra a longitude de sua ereção.

Ele fechou os olhos ante a intensa sacudida de brilhante prazer que o atravessou.

Condenado inferno. Nunca, em toda a vida, havia se sentido tão bem. E nem sequer estava dentro dela.

A água quente emergia entorno deles, e as velas cintilavam, somando-se às eróticas sensações. Ele arqueou os quadris para cima, movendo as mãos para acariciar o interior de suas coxas. Lentamente riscou desenhos em sua molhada pele, simplesmente desfrutando de seu tato. Poderia ficar assim uma eternidade, precaveu-se com uma diminuta sacudida de surpresa.

Simplesmente os dois, a sós e em paz.

Ainda provocando a dura ponta de seu seio com a língua, deslizou as mãos mais acima, abrindo mais suas pernas, as apartando até que descobriu seu centro. Suas pestanas baixaram à medida que ele passou um dedo entre suas suaves dobras.

— Dante - sussurrou.

Mordiscando um atalho para o abandonado seio, esfregou ligeiramente as presas sobre seu sensível pulso enquanto um dedo acariciava o interior de seu liso calor. Abby gemeu, enredando as mãos em seu cabelo. Ele foi para trás para olhar o rubor que se estendia por suas maçãs do rosto. Meu Deus era tão bela. Um anjo exótico que estava a seu alcance. Com lenta habilidade, acariciou profundamente com o dedo o interior dela. Ao mesmo tempo usou o polegar para acariciar a diminuta protuberância de prazer.

—Te sinto tão bem - resmungou, acariciando com a língua a ponta de seu mamilo— Tão pronta para mim.

—Não se detenha - ofegou ela.

Dante deixou escapar uma risada sufocada.

—Não há força na terra que me possa deter agora, querida.

Suspirando brandamente, Abby deixou que suas mãos percorressem a suavidade do pescoço masculino e os músculos de seus ombros. Seu toque era ligeiro, mas um caminho de fogo seguia à esteira de seus dedos. Um estremecimento de prazer passou através do corpo de Dante. Durante séculos

tinha saído a procurar vampiros e demônios para aliviar suas necessidades. O sexo feroz e sem sentido satisfazia seu humor frustrado. Além disso, as mulheres humanas eram uma complicação que não necessitava.

Agora se dava conta de quanto esteve perdendo. O toque suave, persistente. O perfume feminino de desejo. Os deliciosos jogos preliminares que o faziam estremecer-se com desejo.

Como se lesse sua mente, Abby abaixou a cabeça para pressionar os lábios em seu peito. Com beijos úmidos se moveu para chupar seu sensível mamilo, e suas mãos acariciaram os duros músculos de seu estômago.

—Condenado inferno — gemeu quando ela vacilou brevemente e logo capturou sua tensa ereção em um terno apertão.

—Talvez não seja o único com habilidades, querido - brincou enquanto o acariciava da base à ponta e baixava outra vez.

Dante vaiou ante as deliciosas sensações que lhe sacudiam. Habilidades? Não. Seu toque não era mera habilidade. Era magia.

Seus quadris instintivamente se balançaram para empurrar seu membro em

seu agarre. Meu Deus sentia-se tão bem. Muito bem.

Assombrosamente, pôde sentir a deliciosa pressão construindo-se profundamente dentro dele. Seu clímax já vinha e ele ainda estava longe de terminar com esta mulher. Apertando os dentes, Dante se concentrou no tato dela sob seus dedos. Evocou toda a habilidade que tinha acumulado durante séculos para aumentar a excitação de Abby. Seu gemido de prazer foi tudo o que necessitou para assegurar-se de que não tinha perdido a habilidade.

—Vem para mim, Abby - murmurou brandamente.

A respiração dela se agitou enquanto seus dedos o apertaram.

— Dante.

—Isso, querida — a animou, usando o polegar para levá-la até o pico.

Perdido no deleite de observar sua face enquanto se aproximava do clímax, Dante não estava preparado quando ela repentinamente ficou quieta em cima dele, com um pequeno sorriso tocando seus lábios.

—Abby? —inquiriu brandamente.

Seu sorriso se ampliou e a água se agitou quando ela desviou abruptamente seu peso. Com uma velocidade que pegou Dante despreparado virou-se para um lado, pondo-o com facilidade em cima dela. Ele titubeou torpemente por um momento e poderia haver protestado pela repentina interrupção se as pernas dela não se separassem e se enroscassem ao redor de sua cintura.

Esticando as mãos, Abby lhe embalou a face.

—Você começou isto, Dante; você termina - murmurou com um brilho nos olhos.

Ele riu arrogantemente quando ela lançou suas mesmas palavras à cara.

OH sim. Tinha intenção de terminar isto. Para satisfação de ambos.

Sua risada afogada se converteu em um gemido quando pressionou em seu disposto calor. Ela levantou os quadris para responder a seu impulso, e ele soube que se não estivesse já morto, certamente lhe mataria. Que homem podia resistir a tal êxtase?

Graças a Deus que era um vampiro. Tinha a intenção de resistir ao êxtase muitas vezes mais antes que o dia terminasse.

Um momento depois, Abby jazia envolta nos braços de Dante em meio da enorme cama sentia-se agradavelmente cansada e saciada. Tal como uma mulher devia sentir-se depois de uma grande sessão de sexo. Infelizmente também se sentiu mais que um pouco assustada. Encolheu-se enquanto acariciava ligeiramente com os dedos o ombro de Dante, que ainda estava ruborizado do vapor.

Quem o teria suposto? Ela tinha chegado ao clímax com antecedência. Bom, ao menos o que poderia tomar-se por um clímax, considerando as sacudidas que havia sentido. Inclusive tinha alcançado o clímax com Dante. Um glorioso, maravilhoso e devastador clímax. Mais de uma vez. E ainda se sentia em chamas em qualquer lugar que ele tocasse. Era um fogo que não acabava nunca.

Era... antinatural. E a envergonhava. E, sobre tudo, assustava-a.

Sentindo o olhar curioso de Dante, Abby levantou a contra gosto a cabeça.

—Sinto muito - disse brandamente.

Suas sobrancelhas se franziram com perplexidade.

—Por quê?

Ela fez uma careta.

—Quase te fervo como a uma lagosta.

Um lento sorriso curvou seus lábios enquanto a puxava para aproximá-la ainda mais. Uma instantânea sacudida de excitação percorreu velozmente a coluna vertebral de Abby ao perceber que seu corpo voltava a despertar.

Jesus! Os vampiros pareciam ser insaciáveis quando se tratava de sexo. Não é que ela queixasse-se. De fato, seu primeiro pensamento foi, estupendo!

—Uma lagosta muito, muito contente— murmurou ele—. Asseguro-te que cada queimadura valeu a pena.

Ela mordeu o lábio inferior, a repugnância por si mesma retornando com força.

— Dante.

Ele acariciou com um dedo sua bochecha ruborizada.

—Não foi sua culpa, Abby. Agora tem poderes que ainda não entende, e muito menos controla. É normal que causem uns poucos efeitos secundários, alguns dos quais são mais agradáveis que outros.

Seu rubor se fez mais fundo quando deliberadamente recordou sua flamejante força

nova, sua velocidade e sua resistência aparentemente interminável.

Todos presentes de Fênix, ao parecer.

E as incríveis gratificações quando se tratava de fazer amor.

—Me alegro que possa encontrar alguma graça na situação.

Os olhos de prata cintilaram com diversão.

—Confia em mim, querida, pode rir ou pode chorar. Não mudará nada.

—Para você é fácil dizê-lo —resmungou— Você não sabe o que é perder o controle de seu corpo e... —Suas palavras se cortaram abruptamente quando ele arqueou uma negra sobranceira como o azeviche—. Oh...

—Dizia?

—Um pouco incrivelmente estúpido - resmungou ela ironicamente—. Suponho que sabe

Ele assentiu lentamente com a cabeça.

—Muito bem.

Ela suspirou exasperada.

—Pensava que se algum ser tomasse seu corpo, ao menos poderia ter a educação de te deixar um manual. Poderia me matar ou, pior, matar a alguém mais enquanto ando a provas.

Distraidamente Dante brincou com um cacho que jazia sobre sua bochecha.

—Suponho que um ser superior acredite que simplesmente deveria saber suas regras e leis.

—Um ser superior?

—A Fênix é adorada como uma deusa por aqueles que lutam contra o Senhor Escuro.

Adorada. Caramba. Uma garota poderia acostumar-se a algo como isso.

—Uma deusa, não é? —tentou assumir uma aparência régia, franzindo os lábios e alargando o nariz — Quer dizer que tem que fazer uma reverência e me bajular?

Ele deixou escapar uma suave risada afogada, e esse brilho malicioso retornou a seus olhos prateados.

—Não luto contra o Senhor Escuro, querida - murmurou, roçando com os lábios sua têmpora e sua bochecha, descendo pela curva de seu pescoço—Mas não me importa fazer uma reverência e saborear esta gloriosa doçura.

A Abby tampouco importava que fizesse uma reverência. De fato, se não estivesse tão alucinada, teria dito que seguisse rapidamente com a reverência.

Em lugar disso, tocou-lhe a face ligeiramente.

— Dante.

Ele mordiscava sua clavícula, já estava distraído.

—Hmmm?

—Não quero te machucar - disse brandamente.

Dante parou antes de separar-se para observá-la com expressão perplexa. O coração de Abby deu uma débil revoada. Meu Deus era tão belo. Quase perfeito. Poderia passar o resto da eternidade simplesmente olhando-o.

—Não me machucará, Abby - a reconfortou em voz baixa.

—Como sabe? Quando eu... —vacilou Abby torpemente— Quando estamos juntos, os poderes saem descontrolados.

Os lábios de Dante tremeram ante seu acanhamento. Não foi uma surpresa. Jazia nua em seus braços depois de uma sessão de três horas de sexo. E agora não podia dizer em voz alta a palavra orgasmo. Quem teria imaginado.

—Estou disposto a me arriscar.

Os lábios femininos se apertaram ante seu tom de diversão.

—Isto não é uma piada.

Seus olhos se estreitaram lentamente.

—Abby, o que acontece?

—É perigoso...

—Não —a interrompeu— Sabe que sou imortal. Não, há algo mais. Tem medo.

Ela trocou de posição. Ele sondava em lembranças e emoções que tinha mantido encerradas durante anos. Lembranças que teria apagado de seu cérebro se pudesse.

—É obvio que tenho medo — resmungou— Tenho esta coisa dentro que está mudando tudo e não posso fazer uma maldita coisa para detê-la.

Sua mão lhe acariciou os cabelos de forma tranqüilizadora.

—É compreensível, mas penso que aqui há algo mais. Diga-me do que tem medo.

Ela tragou pesadamente antes de obrigarse a enfrentar seu olhar interrogativo.

—De perder o controle

—O controle do que?

—De mim mesma —aspirou profundamente— E se machucar alguém?

Houve um breve silêncio enquanto ele considerava suas palavras. Então, com

cuidado, tocou a feia cicatriz que danificava seu ombro.

—Como alguém machucou você?

Abby se sobressaltou. Não ante seu contato, a não ser ante a dor de escavar em seu violento passado.

—Presente do meu pai em uma de suas violentas bebedeiras - disse com voz entrecortada.

A expressão de Dante permaneceu estóica, mas não havia dúvida da fúria letal que transmitiam seus olhos.

—O que aconteceu?

—Não estava de acordo com meus intentos de deter os golpes dirigidos a minha mãe e me apunhalou com uma garrafa de cerveja quebrada.

Suas presas brilharam abruptamente a débil luz da vela. Moveu a mão para tocar a diminuta cicatriz redonda em seu antebraço.

—E aqui?

Abby estremeceu e o frio correu por seu sangue. O monstro que caminhava de noite. O medo de um menino. Para ela nunca tinha sido o homem do saco. Tinha sido seu pai.

—Uma queimadura de cigarro quando tratei de esconder seu uísque.

As feições de Dante ficaram suspensas, ferozmente lhe recordando o predador que tinha espreitado pela caverna do mago para resgatá-la.

—Onde está? —grunhiu, fazendo que lhe arrepiasse os cabelos da nuca.

—Morto.

Os olhos dele eram implacáveis.

—Há maneiras de alcançar inclusive a um morto. Viper...

—Deus, não — sussurrou ela com genuíno horror— Não quero pensar que poderia estar em qualquer parte exceto apodrecendo em sua tumba.

Sentindo facilmente sua angústia, Dante pressionou seus lábios contra a parte superior de sua cabeça.

—Shh... Está tudo bem, Abby. Já não pode te machucar mais.

Ela fechou os olhos com força. Ele não entendia. Mas por outro lado, ninguém o fazia. Ninguém que não tivesse vivido sua infância.

—Não é isso —levantou o olhar— Não quero ser como ele.

Ele se sacudiu com surpresa.

—Condenado inferno, Abby, nunca poderia ser como ele.

Ele logo sentiu quando as emoções de Abby se elevaram.

—Como sabe? —exigiu cruamente— Não sabemos o que esta Fênix me poderia fazer.

Dante segurou seu queixo com os dedos, obrigando-a a encontrar seu agudo olhar.

—Sei que só atacará para proteger-se. Selenia era incapaz de machucar alguém. Um fato que a incomodava muitíssimo. Provinha de um tempo que ninguém piscaria se queria golpear um criado. Inclusive se o matava a golpes - fez uma careta ao recordar de má vontade—. Não houve um dia que ela não desejasse me atar a um poste e me ter açoitado.

Ela o observou com precaução, querendo desesperadamente acreditar em suas suaves palavras.

—E o que aconteceu com a água?

Ele tomou sua mão e firmemente a colocou contra a suave seda de seu peito.

—Não estava mais quente que a maioria dos balneários. Simplesmente possuo uma maior sensibilidade ao calor —sacudiu a cabeça— Você não é seu pai, Abby. Nunca poderia ser cruel. Simplesmente não está em sua natureza

Ela sorriu ironicamente ante sua arrogante segurança.

—Soa muito seguro para ser um vampiro que só me conhece faz uns poucos meses.

Ele arqueou uma sobrancelha negra como o azeviche.

—Isso é porque sou um vampiro sábio. Posso ler sua alma, Abby, e é tão pura e bela como nenhuma que tenha visto.

Abby se perdeu em seu olhar. Nunca tinha tido ninguém que lhe dissesse essas coisas assombrosas. Nem seus desprezíveis pais. Nem seus irmãos. Nem sequer esse estranho punhado de homens que quiseram lhe levantar a saia. Sentiu-se cálida e extraordinariamente querida. Também aliviou o que ficava de sua persistente repugnância.

Não era seu pai. Era pura e bela. Bom, isso era o que Dante acreditava. E isso era tudo o que verdadeiramente importava. Estendendo as mãos, embalou-lhe sua impressionante face e o puxou para um longo beijo.

Muito em breve estariam lutando contra as forças do mal. Maldita sua sorte. Seria uma parva por não desfrutar deste estranho momento de paz.

Os lábios de Dante aterrissaram em sua boca com um beijo abrasador, e seu corpo reagiu com seu usual agudo ronrono de excitação. Seus dedos encontraram o mamilo dela já duro, e os agudos gemidos se juntaram os seus.

Arqueando-se para sua ereção, Abby se deixou levar pelo escuro desejo.

Capítulo 15

Abby despertou nua e desorientada. Não era algo mau. Especialmente quando ainda estava quente e sentia o formigamento do contato de Dante. Mas se deu conta de que não gostava de estar nua, desorientada e sozinha.

Engatinhando sob os lençóis, descobriu que bondosamente alguém tinha deixado um par de calças jeans e uma camiseta em cima da penteadeira. Também havia uma nova tanga branca de renda e um sutiã fazendo jogo. Fez uma careta. Nunca tinha sido uma mulher de tanga. Provavelmente porque não tinha tido mais que duas desde o colégio..

Os mendigos, entretanto, não tinham opções. Depois de colocar rapidamente a diminuta roupa íntima, passou a camiseta pela cabeça antes de entrar brandamente no quarto exterior.

Uma onda de alívio a percorreu quando descobriu Dante em pé ao lado da geladeira, com aspecto extraordinariamente magnífico em um par de calças de couro e uma camisa de seda negra sem abotoar. Seu sedoso cabelo

estava ainda solto ao redor de seu rosto de alabastro e a luz da vela brilhava tenuamente em seus olhos de prata.

Magnífico, certamente.

Tão magnífico que Abby só depois ela notou a taça de sangue vazio que colocou a um lado quando se aproximou dele. Um tremente sorriso avançou pelos lábios do vampiro enquanto permitia que seu olhar passasse lentamente e com apreciação por seu corpo apenas coberto com a camiseta.

—Preciosa, querida. Muito formosa.

Abby pôs os olhos em branco, embora interiormente se inchasse de satisfação. E por que não? Ninguém exceto Dante a tinha feito sentir como se fora merecedora de levar tanga.

—Que horas são?

—Quase as nove.

Abby piscou surpreendida.

—Por que não me despertou?

—Precisava descansar —ele colocou a mão na geladeira para agarrar uma taça de plástico— Beba.

Abby observou o oferecimento com o nariz enrugado.

—Suponho que o que me oferece não será essa estupenda taça de sorvete de creme, certo?

Seu sorriso se ampliou.

—A seguinte coisa melhor.

Ela pensou no xarope verde com um estremecimento.

—Mentiroso.

Ele avançou para colocar a taça entre seus resistentes dedos e seus lábios roçaram a parte superior de seus cachos.

—Proponho um trato. Você termina isso e eu te comprarei tantos sorvetes de creme como pode tomar.

Abby aspirou brevemente o masculino perfume de sua colônia antes de dar um passo atrás para observá-lo com um olhar desconfiado.

—De acordo, o que acontece? Zumbis? Magos? O fim de mundo?

Uma sobranceira negra como o azeviche se arqueou.

—Do que está falando?

—Nunca é assim tão amigável.

Dante deixou escapar uma surpreendida risada afogada.

—Eu? Querida, eu não sou difícil — inundando um dedo no decote da camiseta deu um puxão para inspecionar o sutiã que apenas a cobria— É obvio, há momentos que é menos difícil que em outros. Como quando...

Apartou sua mão com tapa.

— Dante, não vou me distrair.

O vampiro lambeu significativamente as presas.

—Na realidade, acredito que eu já o estou.

Maldição. Seus mamilos se endureceram. Com determinação evitou derreter-se em um atoleiro.

—Está tramando algo. O que é?

—Nada.

—Tenta-o outra vez.

Vacilou e Abby sentiu que os músculos de seu estômago se fechavam hermeticamente. Não ia gostar disto.

—Tenho uma coisa que devo fazer - confessou por fim.

—Que coisa?

—Vou voltar para a casa de Selena para ver se há alguma pista de onde poderiam ter ido as bruxas.

Ela considerou suas palavras durante um momento antes de inclinar a cabeça assentindo e deixando de a taça com a substância viscosa.

—Não é uma má idéia. Deixe tomar uma ducha e...

Dante estendeu a mão para agarrar seus braços firmemente.

—Vou sozinho, Abby.

—Não.

—Sim.

Seu temperamento se elevou enquanto lhe afundava um dedo no peito. Com força.

—Maldito seja, Dante, é muito tarde para tentar me manter separada do perigo.

—Não vou permitir que corra riscos desnecessários.

—O único risco é me deixar sozinha. Supõe-se que é meu guardião.

A expressão dele se endureceu ante sua teimosa determinação.

—Não estará aqui sozinha. Viper te protegerá.

Abby não estava impressionada. Viper poderia ser todo o deliciosamente bondoso que quisesse, mas a última vez que ficaram neste hotel, quase tinham morrido.

—Dos zumbis? —exigiu, golpeando com o dedo— Dos magos escuros? —golpeando, golpeando— Dos insetos horripilantes dos que ainda não sabemos nada?

Agarrando-lhe os dedos, Dante os levantou para sua boca para dar um beijo prolongado.

—Estará em guarda esta vez, juro-o. Nada passará por cima dele.

—Não me importa.

—Abby...

Rodeou-lhe sua estreita cintura com os braços e pressionou a face contra seu peito.

—Maldito seja, não posso ficar só — resmungou— Se algo te acontecer, então não poderei seguir.

Dante lhe acariciou os cabelos ligeiramente.

—Terá que fazê-lo.

—Não, não posso —retrocedeu para observá-lo com um cenho decidido— Estamos juntos nisto e se você sair daqui te seguirei. Juro que o farei.

Com a mandíbula levemente apertada, ele sacudiu a cabeça com pesar.

—Verdadeiramente é uma moléstia, querida.

—Mas uma moléstia muito formosa — respondeu uma voz hipnótica e rouca diretamente atrás dela.

—Deliciosa — esteve de acordo outra voz profundamente rouca.

Com brusca surpresa, Abby virou para descobrir a dois vampiros varões estando muito perto para sua comodidade.

—Santo... Deus — sussurrou, abrindo muito a boca.

Dante era um pirata moreno e formoso. Viper era um aristocrata exótico.

Estes dois...

Eram ímãs sexuais.

Deuses de luxúria.

Simplesmente não havia outras palavras.

Gêmeos idênticos eram altos com a polida pele dourada dos antigos egípcios. Seus rostos estavam cinzelados à perfeição. Altas maçãs do rosto com agressivos narizes e nobres testas. Seus amendoados olhos negros estavam perfilados com espesso Kohl, e tinham um indício de cor em seus lábios cheios. Os longos cabelos de ébano estavam penteado em uma trança que pendurava sobre suas costas, roçando a diminuta tanga branca que era tudo

o que levavam para cobrir os mais notáveis corpos alguma vez vistos.

Rei Tut, tome agora, murmurou-lhe uma voz renegada no interior de sua mente.

Abby sacudiu a cabeça, tratando de desfazer-se de sua ofegante reação. Uma tarefa mais difícil do que deveria ter sido. Então o braço de Dante lhe rodeou o ombro e o puxão místico de fascinação se rompeu.

Aspirou profundamente enquanto Dante se encrespava a seu lado.

—O que fazem aqui? — demandou com voz fria.

—O professor Viper solicita sua presença — murmurou um dos gêmeos.

—O professor Viper? — Abby fez uma careta— Acredito que se excite com isso.

Dois pares de olhares negros luxuriosos se moveram em sua direção, ambos passando uma quantidade desmesurada de tempo inspecionando sua forma meio vestida. Algo que Abby poderia ter tomado como um elogio se não tivesse suspeitado que especulassem sobre seu sangue, se era A positivo ou B negativo em vez de seus duvidosos atrativos.

—Protegeremos à humana enquanto você vai — afirmou Tut Um.

—Será nosso prazer — repetiu Tut Dois.

Abby deu um passo mais perto do vampiro a seu lado.

— Dante?

Ele deu um beijo reconfortante na parte superior da cabeça.

—Por que não se veste e vejo o que quer Viper?

Lançou-lhe um olhar cauteloso.

—Eles não...

—Nos ordenou a não te saborear — interrompeu o primeiro intruso, dando um passo suficientemente perto para que ela se visse coberta por sua fragrância rica e picante.

—Ou te levar a cama — acrescentou o segundo com um indício de arrependimento enquanto se movia para aspirar profundamente o aroma de sua pele — A menos que seja o que deseja.

Ambos sorriram revelando umas presas brancas como a neve.

—Possuímos muitas habilidades.

— A maioria não machucaria a uma humana.

Dante a arrastou abruptamente para trás, sua face uma sombria máscara de predador.

—Toquem e desejarão não ter levantado nunca de entre os mortos.

O gêmeo mais próximo simplesmente deu de ombros, ainda farejando seu cabelo.

—Certamente é a humana que tem que escolher, não?

—Ela já escolheu — replicou Abby enquanto agarrava a mão de Dante e o puxava para dormitório. Olhando por cima do ombro, assinalou com o dedo o tapete aos pés nus dos gêmeos — Simplesmente... fiquem aí e não se movam.

—Um desperdício — murmurou brandamente um deles.

—Certamente — concordou o segundo.

Fechando a porta atrás deles, Dante puxou para olhá-la de frente.

—Devo falar com Viper. Estará bem?

Ela mordeu o lábio, posando o olhar na porta.

—Posso confiar neles?

Ele sorriu sem humor.

—Não, mas temem Viper e não são o suficientemente parvos para brincar com sua fúria. Não lhe incomodarão sem convite

—Convite? — piscou com incredulidade—
Você pensa que os convidarei para...?

Ele elevou um ombro.

—Poucas mulheres podem resistir a eles. Atraíram com enganos algumas das mulheres mais belas e poderosas a sua cama. Cleópatra. Rainha de Saiba. Dizem que inclusive as esposas de muitos presidentes.

—OH, Deus meu — Abby abriu muito os olhos— Quais?

—Tem importância?

O fio em sua voz advertiu Abby que esse não era o momento de insistir em suculentas intrigas.

—Só em um contexto histórico.

Um sorriso curvou os lábios de Dante enquanto a atraía mais perto.

—Abby.

Ela levantou a mão para fazer um ligeiro desenho em seu peito.

—Mentiria se dissesse que não são magníficos, mas não quero qualquer vampiro, quero você.

—Bem — seus lábios lhe acariciaram as têmporas— Não é de boa educação converter em pó um companheiro vampiro antes do jantar. Além disso, Viper tende a ficar um pouco resmungão quando perde um de seus valentões.

Ela lançou um pesaroso suspiro.

—Falando do Viper, suponho que deveria sair ver o que quer.

Dante passou a língua ao longo da linha de sua mandíbula.

—Estarei de volta logo que possa.

Um delicioso tremor percorreu velozmente sua coluna vertebral, mas Abby se negou a deixar-se distrair por completo. Agarrando a parte dianteira de sua camisa, voltou para lhe observar com um cenho franzido em advertência.

—Não vai tentar sair às escondidas a minhas costas?

Ele arqueou uma sobrancelha negra como o azeviche.

—Serviria de algo?

—É obvio que não.

O vampiro suspirou.

—Não se preocupe, querida, embora odeie admiti-lo, só posso procurar o que Selena possa ter deixado por aí para que qualquer o encontrasse. Para descobrir seus segredos, precisarei de você.

—O que quer dizer?

—Explicarei isso mais tarde —depositou um marcante beijo em seus lábios antes de ir

para a porta— Oh, poderia querer esperar até que volte para jantar —disse com um seco sorriso sobre seu ombro— A última vez que provou as ervas, tiveram um efeito bem... potente em você. Não iria querer que seus cães guardiões fizessem uma idéia equivocada.

Foi antes que Abby pudesse encontrar algo bastante pesado para lhe lançar à cabeça.

Maldita velocidade vampiresca.

Enquanto percorria de carro às escuras ruas de Chicago, Dante se encontrou tão nervoso como se estivesse em pé em meio a uma tormenta elétrica. Uma sensação pouco familiar e que encontrava impossível de apartar.

Condenado inferno, o que lhe estava acontecendo?

Como tinha prometido, Viper tinha reunido uma bolsa grande de lona cheia de uma variedade de armas místicas. Até lhe tinha dado um telefone celular programado com os números de diversos demônios e vampiros com os que poderia contatar em caso de uma emergência. Junto com seus poderes

sobrenaturais, havia poucas coisas mortais ou imortais que pudessem esperar lhe superar.

Era quase invencível.

Mas quase invencível não era o bastante bom, concedeu, olhando para onde Abby estava sentada no assento do lado.

Havia muitas criaturas malditas que queriam morta esta mulher. Um engano, um cálculo equivocado e...

Apertou a mandíbula com sombria determinação.

Não. Não haveria enganos. Nenhum cálculo equivocado.

Ignorando seus sombrios pensamentos ou simplesmente mantendo sob controle seus nervos, Abby sacudiu a pesada bolsa que Dante tinha colocado em seu colo.

—Não me disse o que contém a bolsa — disse rompendo o silêncio.

—Amparo.

Elevando as sobrancelhas com curiosidade, abriu de um puxão o pesado zíper e deixou escapar uma tosse sufocada.

—Meu Deus, está seguro de que Viper não se equivocou?

—Seria refrescante pensar que Viper de vez em quando poderia cometer um engano, mas infelizmente nunca ocorre. Por quê?

—Aqui dentro não há nada mais que trastes velhos.

Dante ocultou sua diversão.

—Trastes velhos estranhos e sem preço. Asseguro-lhe isso.

Sacudindo a cabeça enquanto pinçava entre os amuletos, talismãs e feitiços, Abby tirou uma delicada adaga com uma folha lhe serpenteando que resplandecia com símbolos místicos gravados no metal.

—O que é isto?

Dante estremeceu instintivamente.

—Um keris.

—Um quê?

—É uma adaga bendita de Bali.

—O que faz?

Ele esboçou um sorriso irônico.

—Usa a ponta afiada para apunhalar as pessoas.

Abby pôs os olhos em branco.

—Engraçadinho.

—Possui feitiços de amparo. Viper acredita que será efetiva contra qualquer mal que o mago escuro possa conjurar.

—Oh —sustentou a arma para ele— Não a deveria levar você?

Ele estremeceu ante o poder da folha.

—Com cuidado, querida, funciona contra mim igual contra outras coisas malignas, assim não acredito que queira ondeá-la em minha direção

—Oh, sinto muito — com um movimento abrupto, deixou-a cair de volta na bolsa— Por que Viper tem uma arma que mata vampiros?

Dante deu de ombros enquanto dirigia o carro para o exclusivo bairro que uma vez tinha sido sua casa.

—Melhor em suas mãos que nas de seus inimigos.

—Certamente não seria melhor que a destruísse por completo? —assinalou com lógica indiscutível.

—Viper é um colecionador muito fanático para destruir um artefato sem preço como este — lhe lançou um olhar rápido— Além disso, nunca sabe quando poderia necessitar de tal arma.

Os olhos do Abby se abriram muito.

—Quer dizer...

—As batalhas entre vampiros são estranhas mas não impossíveis.

—Maldição.

Dante devolveu sua atenção à estrada.

—Efetivamente.

Abby ficou em silêncio quando ele digitou no teclado do controle remoto que sustentava em sua mão e abriu os familiares portões de ferro. Lentamente conduziu ao longo do caminho arborizado que serpenteava para a isolada mansão da Slena.

Dante não precisou ver Abby fechar repentinamente com força os punhos ou o endurecimento de sua expressão para sentir sua crescente tensão. Estava onde sua vida tinha sido alterada para sempre. Não o tinha esquecido.

Detendo o carro e desligando o motor, começou a estudar seu frágil perfil com um cenho de preocupação.

—Abby?

—É bem pior do que acreditava — resmungou, com o olhar cativado pelas janelas quebradas e o telhado, que tinha sumido a metade.

Ele soube que ao final teria que ocupar-se da propriedade, mas não tinha nenhuma pressa. As defesas que Slena tinha colocado ao redor da casa manteriam fora qualquer um

que não fosse convidado. Incluindo os ladrões mais desesperados.

Brandamente lhe tocou o ombro.

—Quer ficar no carro?

Abby aspirou profundamente, virando para enfrentar seu olhar penetrante.

—Não.

Recolhendo um amuleto que Viper lhe tinha prometido que rebateria a magia usada para animar a um zumbi, Dante o colocou à força na cintura de suas calças. Suas adagas já estavam bem asseguradas em suas botas e com um movimento de sua mão, assinalou a Abby que devia colocar o keris em sua capa e atá-la à cintura. A capa o protegeria da poderosa bênção mas daria fácil acesso a ela para usar a adaga em caso de necessidade.

Nesta ocasião, o demônio, a bruxa, o zumbi ou o mago obteriam mais do esperado.

Deixaram juntos o carro e se dirigiram acima para a terraço, passando rapidamente pelas portas duplas. Entrando no vasto vestibulo, Dante instintivamente se dirigiu para a escada principal quando abruptamente Abby tropeçou com as partes quebradas de um vaso no chão de mármore. Colocou-lhe um braço ao redor dos ombros enquanto ela

observava a porcelana feita pedaços com uma estranha fascinação.

—Se acalme - murmurou.

Passou um momento antes que ela sacudisse a cabeça e fixasse sua atenção nas escadas que agora estavam queimadas e cobertas de gesso e partes de madeira do teto.

—Está inclusive pior do que recordava. Meu Deus, como pôde acontecer isso?

Dante apertou a mandíbula quando a imagem do corpo sem vida de Selena passou como um relâmpago por sua mente. Nada deveria ter sido capaz de destruí-la. Certamente não algo que ele não tinha sido capaz de sentir.

—Não sei, querida

—Pensa que foi o trabalho do mago? — perguntou.

Dante franziu o cenho.

—É possível, suponho.

—Não soa muito convencido.

—Se foi um criado do Príncipe, então Selena deveria ter sentido sua presença, igual você fez com os zumbis — assinalou—. Além disso, tinha sido o Cálice durante muitíssimo tempo e se tornou incrivelmente poderosa. Não

posso imaginar que inclusive o melhor mago se atrevesse a desafiá-la.

Ela assentiu lentamente com a cabeça.

—Acredito que tem razão, o que quer dizer que seguimos sem estar nada perto de descobrir o que aconteceu com Selena.

—Sente algo?

Abby fechou os olhos e aspirou profundamente. Dante se deu conta que ela tratava de concentrar seus recentemente descobertos poderes para registrar a casa vazia.

Por fim abriu os olhos e tremeu fracamente.

—Não, não há nada.

Ele ficou de frente a ela. Não lhe tinha passado despercebido o pequeno e débil tremor.

—O que foi isso?

Abby deu de ombros ao obrigar-se a esboçar um sorriso.

—Simplesmente tenho insetos horripilantes.

—Insetos horripilantes?

—Nervosismo.

Dante sacudiu a cabeça.

—Está falando em inglês?

—Já sabe, como se alguém acabasse de caminhar sobre minha tumba.

Ele nem sequer pensou quando abruptamente a capturou com seus braços e a puxou contra seu peito.

—Nunca mais diga isso - vaiou.

Os olhos de Abby aumentaram com assombro e ele se deu conta muito tarde de que suas presas estavam completamente estendidas e sem dúvida tinha a cara em sombria advertência. Não lhe importou.

No momento era todo vampiro.

— Dante? —disse com voz rouca e incerta.

—Nunca tente ao destino - grunhiu.

—Isso é simplesmente um dito.

—É perigoso - a avisou, seus instintos de predador em pleno alerta ante a mera menção de Abby em sua tumba— Não devemos fazer nada para chamar a atenção sobre nós.

Ela piscou, sobressaltando-se por suas palavras.

—É supersticioso?

—Vivi durante séculos. Há muito poucas coisas nas que não creio.

—Oh - pensou sobre suas palavras antes de assentir com a cabeça—Suponho que tem razão.

Apertou mais os braços enquanto pressionava sua testa contra a dela.

—Não deixarei que nada te faça mal.

—Sei — disse brandamente, embalando sua face com as mãos.

—Mas se algo me acontecer...

Sua ordem foi interrompida. Um acontecimento altamente incomum, tendo em conta que raramente deixava que nada nem ninguém interrompesse um decreto direto.

Mas por outro lado era ainda mais estranho que Abby pressionasse seus lábios contra sua boca.

Pareceu-lhe que o mundo inteiro se detinha.

Infelizmente seu beijo foi muito breve e justo quando ele começava a reagir, ela se apartou para lhe observar com um severo cenho.

—Não, Dante — replicou, como sempre ignorando o fato de que ninguém lhe dizia que não— Você mesmo o disse, não deveríamos tentar ao destino.

Não se incomodou em discutir. Por que deveria? Seria mais simples dar um golpe na cabeça contra a parede e terminar contudo.

Além disso, Viper saberia vir por ela se algo lhe ocorresse. Deixaria as coisas assim.

—Basta — com um movimento fluido, levantou-a em seus braços. Uma vez que se certificou de que estava segura, dirigiu-se com facilidade para as escadas— Não acredito que seja sábio atrasar-se aqui mais do estritamente necessário.

Os braços dela se fecharam instintivamente ao redor de seu pescoço.

—O que estamos procurando?

—Selena tinha uma caixa forte que mantinha protegida mediante poderosos feitiços. Espero que agora que você leva a Fênix, possamos encontrar uma maneira de abri-la.

—Se sobreviveu à explosão.

Ele sorriu lentamente. Nem sequer o fim do mundo teria afetado ao feitiço.

—Sobreviveu. Se agarre.

Deu um pequeno chiado quando ele se agachou e logo em um fluido salto estavam no alto das escadas.

—Merda, não sabia que podia fazer isso
—respirou— Que outras surpresas têm?

Dante sorriu lentamente.

—Querida, tenho suficientes surpresas para te manter adivinhando uma eternidade.

—E suficiente ego para que se dure além disso.

—Iria me querer de qualquer outra maneira?

Abby pôs os olhos em branco.

—Não tínhamos pressa?

A contra gosto se agachou para pô-la em pé. Não sentia nenhum perigo perto, mas não ia permitir que o pegassem novamente desprevenido. Queria estar preparado para atacar se fosse necessário.

—Tome cuidado por onde pisa. As pranchas do piso de madeira não são inteiramente estáveis.

—Sim, as explosões mágicas tendem a fazer um inferno das pranchas do piso de madeira.

Apesar de seu tom frívolo, era o suficientemente sábia para ser cautelosa ao avançar pelo vestíbulo escurecido. Dante estava perto, atrás dela. Tão perto que

facilmente sentiu o repentino calafrio que estremeceu seu corpo.

—O que foi isso? —exigiu.

—Nada.

—Sentiu algo — esticou a mão para agarrá-la no braço, puxando para que parasse— Há algo aqui?

Um cenho apareceu em sua testa. Não era o cenho franzido de “não enche o saco” que ela reservava somente para ele, mas um aviso de não poder explicar o que estava sentindo.

—Não é isso. É... não sei, como um eco.

—Do feitiço que Selena lançou?

—Talvez — bruscamente se esfregou os braços com as mãos— É diferente, de certa forma. Não mau, a não ser...

Elevou-lhe o queixo, obrigando-a a encontrar-se com seu olhar fixo.

—Abby?

—É difícil de explicar.

—Tenta-o.

Seus olhos se estreitaram. Uma advertência silenciosa de que ao final ele pagaria por seu tom arrogante. Não nesse momento, entretanto.

—Uma vez passei por uma planta química que bombeava desperdícios tóxicos no rio. Não

era nada que realmente pudesse ver-se, mas havia um certo aroma e algo corrupto no ar que me arrepiou. Isso é o que sinto agora.

—Algo corrupto.

—Sim.

Dante emitiu um grunhido baixo com sua garganta. Era um predador. Um assassino letal. O feito de que não pudesse sentir o perigo espreitando no ar fazia que desejasse destruir algo. Um pouco de bruxaria.

—Há algo que estou perdendo - sacudiu com força a cabeça—. Maldição. Por aqui.

Tomando a mão de Abby, conduziu-a abaixo pelo vestíbulo. Considerou um pequeno milagre que conseguissem dar uma dúzia de passos antes que Abby cravasse seus pés.

—Um momento. Aonde vamos?

Olhou-a por cima do ombro.

—Confia em mim.

Maldição. Palavras equivocadas.

Seus pés quase furaram o piso quando recusou mover-se.

—Confiar em você? Outra vez?

—Levei-te alguma vez por um mau caminho? — a boca de Abby se abriu com muita boa vontade. Claramente necessitava uma distração. Nunca perdia uma

oportunidade. Dante deslizou para frente e cobrir sua boca em um beijo veloz e faminto—. Não responda a isso — murmurou contra seus lábios.

As mãos dela o agarraram firmemente pelos braços enquanto se arqueava instintivamente contra ele. Merda do diabo. Dante sentiu seu ardente calor queimando-o. Lambeu sua pele e ardeu a fogo lento seu sangue. Seus dentes se apertaram. A vontade que tinha de agarrá-la e levá-la contra a parede foram firmemente empurradas a um lado. Nunca teria o suficiente dessa mulher. Mas agora não era o momento nem o lugar, repreendeu-se severamente.

Apartando-se, agarrou-lhe a mão e a puxou firmemente vestíbulo abaixo antes que recuperasse seus sentidos. Empurrando a um lado uma estátua quebrada, assinalou a parede

— É isso.

—É isto o que?

—A caixa forte.

—Onde?

Dante pôs o dedo no centro do papel pintado.

—Aqui.

Abby lançou um estreito olhar furioso.

—É isto algum tipo de número de Abbot e Costello?

Os lábios de Dante tremeram apesar da urgência de sua situação.

—A caixa forte está incrustada na parede e foi protegida. Depende de você romper o feitiço.

—Eu? Não sou bruxa.

—Selena não era uma bruxa, querida — estendeu a mão para tocar sua bochecha — Seu poder veio da Fênix.

—Um poder que teve trezentos anos para aprender a controlar, não três dias.

—Você pode fazer isto.

Seu cenho franzido ameaçou cravá-lo.

—É fácil para você dizê-lo. Demônios, nem sequer sei como começar.

—Simplesmente se concentre — urgiu brandamente.

—Na parede?

—Na caixa forte atrás da parede — Dante retrocedeu para observá-la com atenção.

Odiava pressionar assim Abby. Ela tinha aceitado que levava a Fênix. Agora esperar que exercesse sua magia era quase como esperar que um pássaro voasse só uns momentos

depois de sair da casca de ovo. Infelizmente, não tinham escolha. Deviam encontrar às bruxas. Um longo silêncio encheu o vestíbulo e então a mão do Abby elevou-se e esta moveu nervosamente os dedos. Dante franziu o cenho em confusão

— O que faz?

—Tratando de lançar um maldito feitiço.

—Meneando os dedos?

—É uma... coisa. Uma coisa tola, mas uma coisa — zangada soprou um cacho vagabundo de sua testa— Agora, importa-se? Trato de me concentrar.

Ele levantou as mãos.

—Por favor, concentre tudo o que necessite.

Houve outro silêncio. Um longo silêncio. E logo um pesado suspiro.

—Maldição — virou para olhá-lo com expressão de derrota— Não posso fazer isto.

Dante lhe agarrou os ombros com as mãos. Esta mulher possuía o suficiente poder para rasgar a cidade inteira. Mais poder do que ele alguma vez poderia sonhar. Não permitiria que a dúvida interpusesse em seu caminho.

—Abby, matou um cão infernal, lutou contra zumbis e escapou de um mago escuro. Pode fazer isto.

Ela fez uma careta.

—O que tenho feito é transitar de um desastre a outro e o único milagre é que não nos matei durante o processo.

—Acredito em você, embora você não creia em você mesma.

—Coisa que não diz muito sobre sua inteligência.

Ele a sacudiu levemente. Por que não lhe advertiu Viper de que as mulheres mortais eram tão teimosas como demônios Stlantd?

—Abby.

Ela encontrou seu furioso olhar com o seu igualmente furioso antes de dar um frustrado suspiro.

—De acordo, de acordo. Tentarei outra vez.

Capítulo 16

Abby fechou os olhos com força. Mesmo assim podia sentir Dante revoando por detrás como um abutre. Podia sentir sua tensão. Sua férrea determinação. Esperava que ela realizasse alguma espécie de fórmula mágica. Uma piada é obvio. Era tão provável que jogasse margaridas pelas orelhas quanto abrisse magicamente alguma porta mística.

Ainda assim, tinha que provar algo. Enquanto levasse a Fênix, seria caçada. E pior, Dante veria se forçado a protegê-la, embora significasse o fim de sua existência.

Até agora, a estúpida sorte os tinha mantido vivos. Mas cedo ou tarde, se topariam contra algo que ele não pudesse derrotar. Depois ambos estariam mortos. Não podia permitir que acontecesse isso.

Ignorando o sentimento de que não estava fazendo nada salvo parecer uma idiota, Abby enfocou severamente seus pensamentos. Tinha matado a um cão infernal e queimado um zumbi. De acordo, não sabia como que diabos tinham feito, mas algo tinha que ter dentro dela que pudesse usar.

Imagina a parede, disse-se a si mesmo. E no meio da parede uma caixa forte. Uma caixa forte como as dos velhos filmes que gostava. Uma caixa forte grande e prateada com uma fechadura negra de combinação e um pequeno trinco. Concentrando-se intensamente na imagem, não notou o débil zumbido no ouvido. Não até que o zumbido foi mais que um toque de campainha. E logo se transformou em um seco ruído que a lançou tropeçando para trás em surpresa.

Abriu os olhos e olhou fixamente com admiração a grande caixa forte agora claramente visível na parede e aberta.

—Santo Deus — sussurrou.

As palavras logo tinham saído de seus lábios e Dante estava a seu lado para pô-la em pé com suavidade.

—Está ferida?

Ela ficou uma mão sobre o coração, precavendo-se de que quase lhe saía do peito.

—Viverei. É essa a caixa forte que queria?

—Sim.

—O que há dentro?

—Livros.

Virou-se para olhá-lo com incredulidade.

—Está brincando? A mulher deixa vasos Ming e Picasso sem preço por aí jogados como se acabassem de cair de uma prateleira de vendas de alguma loja em oferta e enche uma caixa forte oculta de velhos livros mofados?

—São livros de feitiços.

—Está seguro?

Arqueou uma sobrancelha.

—Sou um vampiro; posso sentir o poder, mas não a magia real. Diga-me isso você.

Ela mordeu os lábios antes de obrigar-se a colocar a mão nas lôbregas sombras e sair com o punhado de livros.

Não estava segura do que esperar. Escritos antigos envoltos em couro e ouro. Pergaminhos enrolados com pesados selos. Frascos de cama e vassouras. Algo exceto os refugos de biblioteca que tinha entre as mãos.

—Me parecem velhos livros normais — abriu de repente o livro que estava acima só para espirrar quando uma nuvem de pó encheu o ar— Livros sujos e velhos.

—Não me diga que é uma ignorante despreocupada?

—Uma o que?

Ele soltou uma suave risada afogada.

—Não importa, querida.

Abby esfregou o nariz enquanto lançava a Dante um olhar perplexo. Outra vez estava desarrumada e coberta de pó enquanto ele seguia ali sem um cabelo fora de seu lugar.

Maldito fosse.

—Esses nos ajudarão a chegar até as bruxas? —inquiriu.

—Há algo escondido nas páginas.

—Quer dizer alguma classe de código? — perguntou Abby

—Como números de telefone ou nomes ou um mapa de um esconderijo escondido? — zombou ele.

Bom, claro. Ficou a folhear as páginas para ocultar seu rubor. Ninguém a havia acusado nunca de ser um gênio, mas normalmente não era uma completa idiota.

—Não, não há nomes ou mapas — resmungou ela— Somente um montão de poesia realmente má. Meu Deus escuta essa...

—Abby — interrompeu Dante abruptamente—, não acredito...

—Círculo do Cálice sagrado,

Volta seu poder à escuridão e malícia.

Elementos de terra e ar,

Água e fogo se combinam para compartilhar.

Ouçá nossa súplica e conhece nossa causa...

Abby ficou perplexa quando as palavras começaram a arder como fogo na página. Ou a ecoar misteriosamente através do ar enquanto pronunciava o estranho feitiço. Só sabia que uma poderosa compulsão repentinamente a tinha apanhado em suas garras e o mundo a seu redor desapareceu.

Não podia deter as palavras que fluíam. Nem sequer quando uma dor aguda e feroz começou a pulsar profundamente dentro dela. Era como cair por um escarpado. Não havia calma até que chegava ao fundo. Inclusive se este fundo supunha um fim surpreendente e sangrento.

Podia ter estado cantarolando até a eternidade se repentinamente não tivesse sido atacada por atrás.

Sem nenhuma advertência, Abby se encontrou com um par de fortes braços envolvendo-a. Teve tempo de grunhir em confusão antes de ser lançada contra o chão. Sua cabeça golpeou com um agudo ruído surdo.

—Maldição — piscou para apartar as estrelas que dançavam diante de seus olhos enquanto lutava por ficar de joelhos— Dante, simplesmente podia ter golpeado ligeiramente no ombro...

Suas palavras se apagaram quando se deu conta de que Dante não era responsável por sua queda. Em lugar disso, seu olhar caiu em uma estranha mulher encurvada diretamente ante ela.

Oh, sim, definitivamente estranha, concedeu.

Lutando através da névoa que ainda se aferrava a seu cérebro, Abby estudou a mulher morena e magra. Parecia o suficientemente humana. Apesar da exótica beleza de seus compridos cabelos negros como o azeviche e seus traços perfeitamente elaborados, havia uma vitalidade ardente que parecia mais mortal que imortal. E seus duros músculos eram do tipo que pertenciam a um atleta muito são em vez de à fluida força de um vampiro.

Ainda assim, havia um perigo apenas domesticado resplandecendo nos dourados olhos enviesados e uma tensão no corpo enroscado que a fazia parecer...

Mortífera.

Abby olhou de esguelha com dissimulação e seu coração se encolheu quando divisou Dante jazendo sobre o chão, com os olhos fechados.

Merda.

Não sabia o que lhe tinha feito essa criatura, mas se era o suficientemente forte para pôr fora de combate um vampiro, que oportunidade tinha uma insignificante mortal de superar à intrusa?

Nenhuma maldita oportunidade.

Sua única esperança de salvar Dante parecia estar em conversar com ela para escapar do perigo. Uma perspectiva que lhe atemorizava. Ignorando o instinto de correr ao lado Dante, Abby se concentrou severamente na mulher ante ela. Tinha que ser bom que não tivesse acabado o que tinha começado. Verdade?

Com cuidado de não fazer movimentos bruscos, respirou profundamente.

—Quem é?

Os olhos dourados se estreitaram.

—Deve parar.

—Parar? Parar o que?

—O feitiço. É perigoso

Abby lambeu os secos lábios, aliviada ao notar que a dilaceradora dor que a havia estado destruindo começava a mitigar-se.

—Perigoso para quem?

—Para seu companheiro, em primeiro lugar

Companheiro? Abby levou um momento para entender que se referia a Dante. Seus olhos aumentaram com horror enquanto seu olhar voava para o vampiro ainda inconsciente.

—Eu fiz isso?

—O feitiço... — sem prévio aviso, a mulher jogou a cabeça para trás e um grunhido baixo saiu de sua garganta. Abby ficou rígida quando observou à criatura levantar uma mão para arranhar o pescoço. Quase como se estivesse lutando contra algum inimigo oculto.

Abby avançou com o cenho franzido, estendendo uma mão.

—Está ferida?

A mulher vaiou. Realmente vaiou. Justo como um gato.

—Não me toque.

A mão do Abby parou sabiamente, mas seu olhar permaneceu fixo nas marcas de garra que a mulher fez no pescoço.

—Está sangrando.

—Exigem minha volta. Não posso...

Houve outro grunhido e logo com um movimento impreciso, a criatura ficou em pé e saltou ao vestíbulo. Desapareceu na escuridão antes que Abby pudesse abrir a boca para chamá-la.

Bom, isso era horripilante.

Por um momento, Abby permaneceu paralisada no lugar. Tinha visto muitos espetáculos de horror para saber que só porque uma besta tinha deixado o quarto não significava que ainda não espreitasse nas sombras.

Quando nada se equilibrou com uma faca de açougueiro ou cuspiu fogo da porta, engatinhou torpemente inclinando-se sobre o corpo horrendamente quieto de Dante.

— Dante? — com grande cuidado, embalou-lhe gentilmente a cabeça em seu colo, e suas mãos acariciaram freneticamente sua bela face— Dante... Oh, Deus, por favor, desperta.

Não se moveu. Nem sequer se sacudiu durante o que pareceu uma eternidade. Abby o chamou, implorou e inclusive rezou. O pânico estava aparecendo sua desagradável cabeça

quando por fim elevaram-se suas pestanas para revelar seus prateados olhos aturdidos.

—Abby? —sua sedosa voz estava estranhamente rouca— O que aconteceu?

Ridiculamente sentiu correr as lágrimas pelas bochechas enquanto ria com alívio.

Não o tinha matado.

Graças aos deuses.

—Você me pergunta isso? —grunhiu ela— Não tenho a menor idéia do que está acontecendo desde que esta loucura começou. Um minuto estava a meu lado e ao seguinte estava no chão.

As sobranceiras de Dante se juntaram enquanto silenciosamente tratava de recompor seus pensamentos fragmentados.

—O feitiço — por fim respirou— Estava me rasgando.

Abby fez uma careta.

—Sinto muito. Não sabia o que estava fazendo.

Um débil sorriso tocou seus lábios.

—Tudo bem. Precisamos ir a algum lugar seguro para que possa recuperar as forças.

Abby estava totalmente a favor disso. Especialmente quando essa estranha mulher poderia aparecer repentinamente a qualquer

momento. Uma história para contar a Dante quando não jazesse a beira da morte por seu estúpido intento de abracadabra.

—Pode se mover?

Ele fechou os olhos para avaliar suas lesões.

—Se puder me ajudar a levantar.

Abby mordeu os lábios ao escorregar uma mão sob seu ombro e lhe ajudar a ficar em posição vertical. Se Dante realmente tinha baixado sua testosterona o suficiente como para pedir ajuda, então tinha que estar mau.

Cambaleou-se pesadamente contra ela e Abby lutou para mantê-lo direito.

—Nunca chegaremos ao carro —disse ela— Deveríamos chamar Viper.

—Não. Se pode me ajudar a descer ao porão, posso me recuperar em minha guarida.

Ela piscou com surpresa enquanto o conduzia automaticamente para a próxima escada de serviço.

—Tem uma guarida?

—É obvio. Um vampiro necessita mais que janelas coloridas e uma cama suave para encontrar-se a gosto.

—Oh — Abby se sentiu incrivelmente estúpida. Até esse momento, nunca tinha

considerado o fato de que Dante tinha caminhado livremente pela casa durante o dia.

Alcançando as escadas, ajudou-lhe a agarrar o corre mão e juntos começaram a caminhada descendente.

—Oh, o que? — perguntou ele, com a mandíbula apertada para combater a óbvia dor.

—Acabo de me dar conta de que quando trabalhava aqui, estava sempre acordado durante o dia. As janelas coloridas lhe protegiam?

Dante conseguiu esboçar um tenso sorriso.

—Sempre que não me pusesse diretamente diante da janela.

Respirando forte, Abby pressionou uma mão contra o peito para assegurar-se de que não se tropeçasse para frente.

—Os vampiros não são criaturas da noite?

—Por regra geral.

—Mas você prefere o dia?

—Digamos que possuía uma vontade irresistível de alterar meus hábitos.

Abby recordou a natureza exigente de sua chefe. A mulher tinha sido uma déspota no que se referia a sua própria comodidade.

—Suponho que Selena exigiu que estivesse disponível para ela.

—Sem importar suas exigências, Selena nunca foi capaz de me obrigar a aceitar sua preferência pelo dia — seu tom foi arrogante quando lhe lançou um olhar de lado— Só uma mulher conseguiu isso, querida.

Seus olhos se alargaram enquanto o rubor tocava suas bochechas.

—OH.

Apesar da estranha debilidade que ainda lhe atendia o corpo, Dante encontrou um sorriso lhe curvando os lábios enquanto Abby lhe ajudava a descer ao profundo porão.

Estendeu a mão para acionar a alavanca escondida de sua guarida. Sempre se tinha deleitado em trazer um indício de cor às bochechas de Abby. Contudo o que tinha padecido em sua vida, e tinha padecido mais do que qualquer mulher deveria fazê-lo, ainda conseguia ser encantadoramente inocente.

O painel girou para dentro para revelar o quarto que tinha chamado casa desde que veio a Chicago. Acendendo a luz, esperou que Abby

entrasse antes de fechar a porta e colocar as armadilhas invisíveis que lhes deveriam proteger no momento.

—Não toque a porta — advertiu a Abby enquanto se dirigia à geladeira e agarrava uma garrafa de sangue—, acrescentei umas poucas surpresas para qualquer parvo que me incomode enquanto durmo.

Sabidamente Abby se afastou da pesada porta de aço.

—Que classe de surpresas?

—Suficiente eletricidade para deter seu coração, um dardo envenenado que te porá as vísceras como mingau, uma maldição que enrugará as partes nobres de um homem até...

—De acordo, isso entra dentro da categoria de muita informação — interrompeu-a antes que seus olhos se aumentassem abruptamente—. Meu Deus. E se me tivesse tropeçado acidentalmente com esta porta? Teria ficado frita, convertida em mingau ou enrugada?

Tomando um profundo gole de sangue, Dante se sentiu aliviado ao ver que sua força voltava velozmente. O que fora que lhe tinha ocorrido ao menos não era permanente.

—Talvez frita ou convertida em mingau — lançou um olhar mordaz abaixo de sua cintura— Não tem o equipamento adequado para ser enrugada.

—Falo a sério — plantou as mãos nos quadris— Poderia ter morrido.

Os lábios de Dante se crisparam. Não tinha intenção de confessar que tinha sido vividamente consciente de sua presença na casa incluso durante seu mais profundo sono. Que não tinha dado um passo sem que ele o seguisse. Não poderia haver-se aproximado de sua guarida sem que ele fosse consciente disso. Aproximava-se muito à obsessão.

—Estava vivendo com um poderoso Cálice e um vampiro, querida. Minha porta oculta era o menor de seus problemas.

Os lábios dela se crisparam a contra gosto com humor.

—Sente-se melhor?

—Sim. O que fosse que ocorreu parece desvanecer-se.

—Graças a Deus.

—Sim.

Houve um momento de silêncio antes que a curiosidade por fim vencesse as boas maneiras e Abby começou a olhar

discretamente ao redor de sua guarida secreta. Dante bebeu o que restava do sangue enquanto observava suas expressivas feições.

O quarto tinha pouco que ver com a pretensiosa mansão. Diferente de Selena, ele preferia o elegante ao chamativo. A cama era grande mas construída em simples mogno com uma colcha dourada e negra para fazer jogo com o tapete. Os móveis eram robustos e as paredes estavam quase escondidas pelas pesadas estantes desde o chão ao teto com sua coleção de livros estranhos.

Sacudindo fracamente a cabeça, Abby avançou para o escritório para tocar sua impressora e o computador portátil de tecnologia de ponta.

Dante acabou outra garrafa de sangue e seus lábios tremeram.

—Passa algo?

—Não é exatamente o que estava esperando.

—Esperava morcegos e esqueletos poeirentos?

Ela virou para olhá-lo com um débil sorriso.

—Parece mais apropriado para um professor de universidade que para um perigoso vampiro.

Deixando de lado a garrafa ele se aproximou rondando à esbelta mulher.

—Está insinuando que sou aborrecido?

Sentindo um repentino calor no ar, Abby o olhou com precaução.

— Dante, deveríamos decidir o que vamos fazer depois.

Tinha razão, é obvio.

Outra vez sua brilhante idéia os tinha conduzido a que quase os matassem. E as bruxas seguiam tão escorregadias como sempre. Ainda pior, tinham acabado todas as idéias a respeito de como rastrear o esconderijo. Mas seus pensamentos se negavam a manter-se concentrados no problema que tinham entre mãos.

Quantas noites tinha estado deitado nessa cama sem poder dormir, atormentado com fantasias sobre Abby? Com que freqüência tinha lutado contra a vontade de enrolá-la para atraí-la a seu lado. Pode ser que nunca tivesse posto um pé nesta guarida, mas sua presença atormentava cada centímetro dela. Continuou

avançando e não se deteve até que a teve firmemente envolta em seus braços.

—Não respondeu a minha pergunta, querida. Me acha aborrecido?

Sentiu como ela continha a respiração e seus místicos olhos azuis se escureciam com conhecimento.

—Não deveríamos nos distrair — protestou, embora suas mãos já estivessem deslizando para acima por seu peito para lhe rodear o pescoço.

—Muito tarde.

Com um movimento suave, agarrou-a em seus braços e a colocou em meio da cama. O ar escapou de seus pulmões conforme Dante começou a liberá-la energicamente das incomodas roupas.

— Dante.

Jogando a um lado seus sapatos e suas meias estendeu as mãos para tirar a adaga embainhada e logo voltou a mover-se para abrir o zíper de suas calças.

—Não sabe quantas noites me atormentou, querida — com rapidez, tirou-lhe as calças num puxão e voltou à atenção para sua blusa— Te vigiando, te cheirando,

sentindo seu perfume, seu calor. Foi realmente suficiente para enlouquecer um vampiro.

Um rubor tocou suas bochechas quando lhe tirou a blusa e a observou com um olhar sonolento.

Condenado inferno, era um bocado delicioso.

Estendida sobre a colcha dourada e negra, levando nada mais que o sutiã e a tanga de renda, faria que o vampiro mais refinado ofegasse de necessidade.

Sua persistente debilidade foi substituída por uma gigantesca onda de necessidade pura.

Sustentando seu olhar, Abby sorriu lentamente.

—Bem...

Dante arqueou as sobrancelhas ao pôr as mãos a cada lado de sua cabeça e pressionar a parte inferior de seu corpo contra o dela.

—Bem?

As mãos lhe percorreram os braços e o peito, onde começou a abrir os botões de sua camisa.

—Você me atormentou bastante também — explicou Abby.

Ele baixou a cabeça para lhe acariciar o lugar sensível debaixo de sua orelha.

—Por que não veio a minha cama?

Sua camisa foi grosseiramente tirada do corpo.

—Crê que me meto na cama com cada vampiro que encontro? —perguntou.

O demônio dentro dele se encolerizou.

—Acredito que o único vampiro com que irá à cama de agora em diante serei eu. Pode apostá-lo.

Inclinou-se para lhe morder a orelha e foi recompensado por um agudo estremecimento de desejo que percorreu o corpo de Abby. Seu próprio corpo já estava duro e dolorido enquanto beijava um caminho descendo por seu pescoço e lutava para desfazer-se das roupas restantes. Logo, usando as presas completamente estendidos, lhe tirou o sutiã.

Abby ficou sem fôlego quando seus dentes lhe raspavam a delicada pele e Dante conteve um gemido.

—Condenado inferno, oxalá pudesse te saborear — resmungou enquanto procurava seu endurecido mamilo com a língua.

Os dedos de Abby se enredaram em seu cabelo enquanto se arqueava para cima.

—Saborear? Quer dizer, beber meu sangue?

—Não há nada mais íntimo que compartilhar sangue — murmurou—. E nada mais erótico.

—Isto parece suficientemente erótico — gemeu—. Não estou segura de poder agüentar mais.

Dante lambeu a parte inferior de seu seio enquanto deslizava as mãos sobre sua pele suave. Seu calor lhe penetrou no corpo, em seu coração morto.

— Se surpreenderia, querida — lhe assegurou enquanto se colocava mais firmemente entre suas pernas— Ainda não começamos a explorar as possibilidades.

Suas pernas lhe rodearam os quadris com óbvio convite.

—Quer dizer creme de leite?

—Creme, morangos... Algemas.

—Algemas? Em seus sonhos, querido. Eu...

Com uma risada suave, Dante entrou em seu úmido calor. A pura sensação ondeou através dele quando lhe cravou as unhas nos ombros e ofegou de prazer.

—Oh sim.

—Oh sim — sussurrou enquanto abaixava a cabeça para beijá-la com terna necessidade.

Enterrado profundamente em seu interior, Dante fez uma pausa para saborear a sensação de estarem tão intimamente entrelaçados. Não importava se tinham uma eternidade para explorar-se, nunca se cansaria desta mulher. Nunca teria bastante de seu doce calor. Nunca estaria o suficientemente perto. Abrindo os olhos ante sua vacilação, Abby o observou com um olhar penetrante.

— Dante? Passa algo mau?

Tocou-lhe a testa com os lábios.

—Tudo está perfeito, meu amor - murmurou, empurrando os quadris mais profundamente antes de retirar-se lentamente para empurrar outra vez— É perfeita.

Abby apertou as pernas ao redor de sua cintura, com sua bela face ruborizada.

—Apenas perfeita?

—Nunca discuta com um vampiro. Sempre temos razão — um grunhido saiu de sua garganta quando ela levantou os quadris e seu membro se afundou até o fundo. Condenado inferno. Necessitava mais.

Precisava conectá-la a ele de uma maneira que os unisse para sempre— Abby?

Ela ofegava enquanto ele seguia bombeando em seu interior.

— Dante, esta conversa não pode esperar? É um pouco difícil pensar agora. Lambeu-lhe os lábios com a língua.

—Quero te dar algo.

As unhas de Abby se afundaram mais profundamente, lhe enviando um estremecimento de prazer que o atravessou.

—O que?

—Um presente

Ela gemeu.

—Agora?

—Agora

—Mas...

Era óbvio que estava chegando velozmente ao clímax, por isso Dante baixou o ritmo.

—Quero te dar meu sangue.

Abby abriu muito os olhos, um indício de aversão que deixou ver que não tinha nem idéia da honra que lhe oferecia.

—Eu... hum... É muito louvável, mas tenho que ser sincera e te dizer que beber

sangue está bastante alto em minha lista de coisas asquerosas.

Ele sorriu amavelmente.

—Abby, um vampiro não oferece seu sangue facilmente a outro. É um estranho símbolo de confiança porque dá poder ao que o ingere.

—Poder? Crê realmente que necessito mais? Não parece que possa controlar o que tenho.

—Poder sobre mim.

Ela ficou quieta embaixo dele.

—Como?

Dante lhe roçou brandamente as bochechas com os lábios e lhe mordiscou com gentileza os lábios inchados.

—Será parte de mim. Sentirá minhas emoções, conhecerá meu coração e me sentirá onde queira que possa estar — se afastou para olhá-la profundamente aos olhos— Incluso se estou escondido no profundo da terra para cicatrizar.

Abby levou um longo momento para dar-se conta do alcance de sua fé nela. Poder sentir suas emoções, saber se mentia, ser capaz de descobri-lo até quando fosse mais

vulnerável...Poucos vampiros alguma vez ofereceriam tal confiança.

Não a qualquer um.

Por fim parecendo sentir a profundidade de sua oferta, Abby franziu um pouco o cenho.

—Por quê? Por que faria isso?

—Porque assim é como escolhe um vampiro a sua companheira — disse sem titubear— À mulher que amará por toda a eternidade.

Seus olhos azuis se suavizaram com uma ternura que brilhou tenuamente por todo o corpo do vampiro.

—Oh, Dante — suas mãos se moveram para lhe emoldurar a face— Será uma honra para mim ser sua companheira.

Sustentando-lhe o olhar, Dante elevou a mão para o pescoço. Antes que pudesse protestar, usou uma unha para fazer uma pequena incisão. Só depois que sentiu o precioso sangue começar a gotejar por sua pele, pôs uma mão detrás da cabeça de Abby e pressionou sua boca na ferida.

—Bebe — lhe ordenou brandamente.

Houve um momento de vacilação antes que sentisse os lábios de Abby se abrindo e brandamente chupar sua força vital.

Dante quase saltou da cama quando seu corpo se embriagou com o desejo cru e primitivo.

Santo inferno.

Sabia o que experimentaria Abby. Com seu sangue nas veias, seus sentidos seriam mais definidos, mais lúcidos, mais brilhantes. O mundo mesmo pareceria mais enfocado. E, claro, seria consciente dele de um modo que os mortais não podiam nem imaginar.

Mas não se deu conta da natureza puramente erótica de deixá-la alimentar-se dele. A paixão e a fome lhe alagaram. Uma necessidade entristecedora de marcá-la como dele.

Enredou os dedos em seu cabelo ao pressioná-la mais perto. Sentiu-se como se estivesse sendo consumido, e nada tinha sido tão glorioso. Com cada puxão de seus lábios, os quadris de Dante começaram a empurrar adiante e a necessidade aumentou até uma dor insuportável. Ela gemeu. Ele grunhiu. Agarraram-se o um a outro. Avançaram juntos.

E então os poderes da Fênix dentro de Abby começaram a arder a fogo lento e flamejaram, envolvendo-os em uma capa de sufocante calor.

Dante sufocou um gemido de prazer emocionado enquanto empurrava até o mesmo centro que ela. O desejo os nublou, conduzindo-os para o topo, até que, com um clímax explosivo, arderam juntos em chamas.

Capítulo 17

Ainda ofegando e molhada de suor, Abby flutuou lentamente de retorno a terra.

—Uauu... —sussurrou.

O sexo com Dante era como correr uma maratona. Só que muito mais divertido.

Movendo-se para o lado, ele a agarrou entre seus braços.

—Uauu, na verdade.

Ela apertou os lábios no peito dele, notando distraidamente que a pele era fresca e seca. Teve medo de levantar o olhar. Sem dúvida seu cabelo também era perfeito.

Malditos vampiros.

Um sorriso curvou bruscamente seus lábios.

Seu vampiro.

Fechou brevemente os olhos, absorvendo as desconhecidas sensações que se haviam instalado profundamente dentro dela. Como um sussurro dentro de sua mente, podia sentir Dante. O pequeno resplendor de seu prazer satisfeito. O amor violento que fluía por cada parte dele. E, mais profundo, o temor doentio de que não seria capaz de protegê-la.

Abriu os olhos de repente para descobrir Dante observando-a com um olhar penetrante.

—Não tinha a menor idéia —sacudiu ligeiramente a cabeça— É tão intenso.

—Como se sente?

—Fabulosa — olhou-o e ele riu com um atraente sorriso de pirata, fazendo-se mais atrativo pelas presas que ainda estavam completamente estendidos. Quão estranho era isso? De repente seus olhos se alargaram com horror

— Ah.

Seus braços a apertaram.

—O que acontece?

—Não me converterei em um vampiro, verdade?

—Não — deixou cair um beijo no topo de seus cachos, felizmente sem sentir-se insultado— Converter a alguém é um pouco mais complicado. E nem sequer poderia ser possível enquanto você seja o Cálice. A Fênix faria algo para proteger-se.

Tranqüila de não estar a ponto de transformar-se em nada desumano no momento, se aconchegou mais perto a seu duro corpo.

—Desejo que permaneçamos aqui.

—Escondidos do mundo?

—Pelo menos em umas prolongadas férias - jogou a cabeça para trás para encontrar seu olhar prateado— Acredito que nós merecemos uns poucos dias livres, não está de acordo?

Olhou-a durante um momento com um olhar de pena.

—Não posso imaginar nada que me fizesse mais feliz.

—Mas?

Ele piscou.

—Como sabia que havia um mas?

Abby deu um suspiro.

—Em meu mundo, sempre há um mas.

—Às vezes é uma mulher muito estranha, querida.

—Pensava que era formosa, valente e sexy como o inferno.

—Tudo isso — concordou ele rapidamente, com um sorriso débil jogando em seus lábios—, e ocasionalmente estranha.

—Bastante irônico vindo de um vampiro.

Ele se agachou para lhe dar um rápido beijo nos lábios. Muito breve.

—Odeio dizer isso, mas não podemos nos demorar mais tempo.

Isso não era o que queria ouvir. Não quando se sentia quente e satisfeita, e o melhor de tudo, segura.

—Temos que ir agora?

—É muito arriscado permanecer aqui por mais tempo. Se a casa está sendo vigiada, então poderíamos nos encontrar rodeados pelo tipo de criaturas que ninguém quer encontrar em uma noite escura.

—Mas não poderiam entrar aqui, certo?

Ele levantou os ombros.

—Provavelmente não, mas cedo ou tarde teremos que ir.

Ele virou na cama e antes que ela pudesse apreciar a vista de seu duro corpo de alabastro, já estava impecavelmente vestido do Gucci e com aspecto absolutamente delicioso.

Maldição. Isto começava a ser uma verdadeira moléstia para ela.

—Se estivamos a salvo, por que temos que ir? —demandou ela.

Ele levantou uma de suas sobrancelhas negras como o azeviche.

—Não quererá estar encerrada em um quarto com um vampiro faminto, querida. Embora não posso beber sangue humano, não duvido que me possa pôr um pouco irritável.

Além disso, duvido que as bruxas sejam o suficientemente tolas para aparecer em nossa soleira.

Lançando um suspiro, Abby se incorporou e apartou seus enredados cachos longe de seu rosto.

—Bem, sigamos em frente e façamos o correto. Pelo menos, pode me alcançar as roupas que me tirou.

—Seu desejo é uma ordem para mim - com uma exagerada reverência, inclinou-se para recuperar as roupas que estavam dispersas por toda parte.

—Não é isto o que se supõe que um gênio... — suas palavras se interromperam quando viu Dante tomar as roupas nas mãos e então ficar lentamente rígido.

Com uma estranha expressão, aproximou a camisa ao nariz.

— Dante? Está cheirando minha camisa?

Seus olhos brilharam com um resplendor perigoso.

—Cheira a demônio.

Abby ficou rígida. Acaba de dizer que ela cheirava como um demônio?

Provavelmente tinha sofrido insultos piores, mas nesse momento não podia pensar em um.

—Me desculpe?

Ele fez outra profunda inalação.

—Não reconheço a classe, mas estive definitivamente perto de um demônio.

Ah. Bem, isso era melhor.

Por pouco.

—Sim, estive perto de um demônio — jogou um olhar mordaz— Tão perto como se pode estar. Não o recorda? Sei que é velho, mas vá à merda.

Sua expressão permaneceu inacessível. Duramente.

—Um demônio, não um vampiro.

Seu sangue se agitou dentro dela. Abby podia sentir facilmente sua concentração letal. Um predador depois de um rastro.

—Isso é impossível — se queixou ela. Teria sabido se algum demônio tivesse esfregado sua camisa como o faria qualquer mulher normal... — Ah!

—O que?

Abby se esbofeteou a testa com a palma da mão. Cristo devia estar perdendo o juízo.

—Havia uma mulher estranha que interrompeu meu feitiço - confessou ela.

Abby tremeu quando o sangue de Dante se esquentou com fúria.

—Que aspecto tinha?

Lutou por recordar. Tinha estado ligeiramente preocupada nesse momento.

—Humana, em grande parte, embora fosse muito mais elegante que uma simples mortal. E incrivelmente forte.

—Tinha a forma de um humano?

—Sim. Uma mulher formosa. Tinha o cabelo escuro e uns assombrosos olhos dourados. Ah, e a pele tinha um estranho resplendor de bronze.

Os olhos dele se aumentaram quando levantou a camisa para seu nariz uma vez mais.

—Um demônio do Shalott? Pensei que todos tinham fugido deste mundo. Atacou-te?

—Sim... não.

Apunhalou-a com um penetrante olhar

—Abby?

Ela deu de ombros impotente.

—Acredito que procurava passar o tempo. Poderia ter me matado, mas fugiu. Disse que alguém a chamava.

—Maldição.

—O que acontece? —Abby se sentou na beira da cama— É perigosa?

—Não sei, e isso é o que me deixa louco — sacudiu bruscamente a cabeça— Devemos sair daqui, agora.

—Aonde vamos?

—Ver se posso encontrar o rastro do Shalott. Quando estavam neste mundo, eram assassinos. Se podemos segui-la até seu empregador, possivelmente descobramos o que fazia aqui.

Havia um fio em sua voz. Um agudo entusiasmo pela perseguição.

—Assassinos? —perguntou ela.

—Assassinos muito efetivos. Se qualquer de nós tivesse sido seu objetivo, já não estaríamos aqui para contar a história.

—Merda — Havia um fim para os repelentes insetos que habitavam a noite?— Dante.

—Sim?

Ela mordeu o lábio inferior. Se esta assassina era tão mortífera, não tinha vontades de ir a sua perseguição.

—Importa a razão pela qual esteve aqui? Não pode ter uma conexão com as bruxas.

—Há alguma conexão.

—Como sabe?

—Há um feitiço sobre ela.

—Pode cheirar isso?

—Posso cheirar o temor. E um demônio Shalott não teme a nada exceto à magia.

Maldição. Ele era bom.

—Poderia ser esse mago horrível.

—Já estaríamos mortos se o fosse.

Houve um silêncio sinistro enquanto Abby se obrigou a tragar. Ele tinha razão. O mago psicopata já a teria assando lentamente sobre um fogo ou em uma tumba.

—Suponho que sim.

Dante avançou para colocar as roupas em suas mãos.

—É a única pista que temos neste momento, querida. Acredito que devemos segui-la.

—Está bem.

Soube que suas palavras soavam petulantes, mas não pôde evitá-lo enquanto colocava suas roupas e jogava para trás seus cabelos. Sua idéia de excitação era alugar um filme e comer pipocas. Não uma sessão de gladiador com uma turma de demônios.

Esperando em silêncio que ela se recuperasse de seu ataque de auto compaixão, Dante deu um passo para frente para lhe entregar sua adaga embainhada.

—Não se esqueça disto.

—Maldição — ela lançou um débil suspiro— Deveria havê-la utilizado antes. Grande salvadora do mundo resulto ser.

De repente estive nos braços de Dante, com a bochecha roçando a dele.

—Não diga isso, Abby. Não há outro mortal que ainda estivesse vivo depois de tudo que passou.

Não era verdade, é obvio. Mas de toda forma a fez sentir-se melhor.

Colocou a cabeça contra o peito dele.

—Não entendo como isto me aconteceu. Não sou nenhuma assassina escolhida ou uma jaqueta de demônios. Demônios, nem sequer sabia da existência de demônios — seus lábios se torceram— A menos que conte meu pai.

—Possivelmente foi o destino - murmurou ele.

—Então o destino não presta.

Uma risadinha saiu de sua garganta quando deu um passo atrás para observá-la com um olhar penetrante.

—Está preparada?

—Não.

Puxou-lhe brandamente o cabelo.

—Vamos.

Dante tinha menos vontade que Abby de abandonar a paz de sua guarida. Que mais podia desejar um vampiro? A mulher que tinha escolhido como sua companheira. Uma enorme e cômoda cama. Nenhum telefone, nenhum vizinho, nenhum parente. Radio por satélite para que nunca perdesse uma partida dos Cubs.

O paraíso.

Desgraçadamente ainda havia hordas de demônios, magos, e zumbis esperando a mínima oportunidade para apanhá-los. Tomando sua mão, levou-a para a porta, detendo-se quando tocou a fechadura e amaldiçoou em voz baixa.

Em silêncio a porta deslizou até abrir-se e ele deu um passo para frente.

Imediatamente se deu conta de que algo estava mau.

—Espera — sussurrou.

Abby se deteve instintivamente.

—Há algo aí fora?

Ele farejou lentamente o ar. Havia humanos perto. Pelo menos quatro. E um deles era-lhe muito familiar.

—O mago está aqui. Vamos.

—Merda — ele a ouviu aspirar profundamente— O esperamos aqui?

Dante não vacilou.

—Não. O mago conseguiu utilizar o poder do Senhor Escuro. Com o tempo, será capaz de descobrir esta guarida.

O rosto de Abby empalideceu. Se não levasse a Fênix em seu interior, ele poderia lhe apagar as horríveis lembranças do mago e sua turma de zumbis. No momento era outra carga que ela teria que levar sobre os ombros.

—A porta...

—Não podemos permitir que nos apanhem.

—Então tentamos escapar?

—Acredito que nesta ocasião a cautela nos será mais útil.

Os olhos dela se alargaram. Estava pensando que ele tinha perdido o juízo.

E possivelmente tivesse razão.

—Pensa se mover furtivamente entre eles?

—Sim.

—Genial.

—Confia em mim.

Da garganta de Abby saiu um grunhido baixo.

—Um dia desses.

—Por aqui — intensificou o apertão sobre os dedos dela e a tirou do quarto. Em silêncio se moveram para a parte traseira do porão. Alcançando a parede, Dante se agachou para tirar o ralo que escondia um corredor secreto. Nenhum vampiro que se apreciasse estava a salvo sem uma passagem secreta.

A seu lado Abby deixou escapar um ofego sufocado.

—Um túnel?

—Leva além das grades — explicou ele, sustentando seu olhar— Caminhe dois blocos para o norte e espera no rincão atrás do carvalho grande. Pode recordar isso?

Levou-lhe um momento para entender suas palavras.

—Não, Dante. Não irei sem você.

—Se não deixar um rastro falso, então estarão sobre nós antes que possamos alcançar a saída. Além disso, devo averiguar qual é a direção que o Shalott tomou quando abandonou os terrenos.

Ela estendeu a mão para lhe agarrar o braço. Ele se estremeceu quando sentiu o calor de seus dedos sobre sua camisa.

A Fênix reagiria a suas emoções até que ela aprendesse a controlar seus poderes.

—Não pode...

Brandamente se liberou de seu apertão, levando seus dedos aos lábios.

—Não tema, querida. Sou muito rápido para que possam me fazer dano.

Não se sentiu obrigado a lhe explicar que pensava enfrentar ao molesto mago e terminar de uma vez com sua interferência. A “divulgação completa” era para os advogados, não para os vampiros. Embora a maioria das pessoas parecessem acreditar que não havia muita diferença entre os dois. Uma sanguessuga era muito parecida com a outra.

—Tem alguma armadilha mágica?

Ele arqueou uma sobrancelha.

—Não estou completamente indefeso. Este foi uma vez meu lar. Tenho algumas armadilhas próprias.

—Dante.

Deu-lhe um beijo na palma da mão e retrocedeu.

—Não há argumentos que valham.

Ela franziu o sobrecenho ante seu tom severo.

—Está muito apegado a dar ordens, vampiro.

—E você muito apegada a ignorá-la, Cálice — sustentou seu olhar durante um longo momento— Deve fazer isto por mim.

—Eu não gosto.

—Sim, sei — se virou ao lado da entrada do túnel e olhou como ela se agachava a contra gosto e dava um passo na escuridão. Deu-lhe o celular. — Não saia do túnel se pressentir que alguém está perto. Chama rapidamente ao Viper e ele virá.

Os olhos do Abby brilharam com frustração.

—Não se atreva a permitir que te aconteça algo Ou...

—Me cravará uma estaca em alguma parte desagradável? —terminou por ela.

—Sim.

Ele roçou seus lábios em um beijo prolongado.

—Terei muito cuidado

Capítulo 18

Rafael cantou um singelo feitiço enquanto se movia pela destroçada casa. Encontrava-se frustrado por depender da magia que qualquer novato de mais baixa categoria podia realizar. Magia que não tinha utilizado desde que era um coroinha inexperiente. Mas depois do desastre de perder o Cálice quando estava a seu alcance, não era o suficientemente insensato para ousar utilizar os poderes do Senhor Escuro.

Não tinha vivido tantos anos por ser estúpido.

O Príncipe possuía o desagradável costume de castigar aos que o decepcionavam. Não havia necessidade de atrair a atenção sobre si mesmo. Chegando ao vestibulo, deteve-se e estendeu as mãos. Dando uma ordem, estudou os espirais de cor que apareceram brevemente na escuridão.

—Eles estiveram aqui - disse com satisfação aos três discípulos que se detiveram atrás dele em respeitoso silêncio. Ou possivelmente em um aterrorizado silêncio. Desde a morte de Amil, uma tensa cautela

reinava entre os fiéis. O que convinha perfeitamente Rafael. Ele preferia de longe ser temido que respeitado. O medo só alimentava seu poder. Observou como as cores começavam a desvanecer—. Um vampiro, um humano e... ah, o mascote das bruxas.

—As bruxas têm o Cálice? —uma débil voz demandou detrás dele.

Um frio sorriso curvou seus lábios quando virou para os serventes que o esperavam.

—Não. Ela ainda esta perto. Posso sentir seu poder. Procurem na casa. E recordem que desejo vivo ao Cálice.

O mais velho dos discípulos deu uns passos para frente.

—O que fazemos com o vampiro?

—Matem-no.

Os três se fundiram na escuridão como verdadeiras sombras, ao tempo que uma gargalhada aterrorizadora ressonava no vestibulo.

—Fácil de dizer; nem tanto de realizar.

Rafael se esticou antes de forçar-se a fingir uma indiferença que estava longe de sentir. Não podia permitir que o vampiro se

desse conta que estava sem seus poderes. Não se queria sobreviver.

—Bem, bem — arrastou as palavras, colocando suas costas contra a parede. Não permitiria à besta mover-se furtivamente por detrás—. Se não é esse o fiel cão de caça... Terá crescido tanto a arrogância de suas senhoras que acreditam que um lastimoso vampiro pode me derrotar? Ou simplesmente estão desesperadas?

—Nada disso — uma voz imaterial flutuou pelo ar— Somente me cansei dessa tediosa perseguição.

—Então, felizmente para você, está a ponto de finalizar. É tempo de acabar com você de uma vez por todas, vampiro.

Dante estava preparado quando o mago lançou de sua mão um raio de fogo em sua direção. Com sua velocidade desumana, esses truques de salão eram um esforço esbanjado. Algo que o mago tinha que saber. Dante permaneceu cauteloso ao aproximar-se. Não ia ser capturado por nenhuma armadilha oculta.

—Me diga, como está Amil? —provocou, estendendo seus sentidos para procurar perigos ocultos.

Um sorriso tocou os magros lábios.

—Achou que os deveres de um servente lhe eram muito difíceis de dirigir. Decidiu que converter-se em um sacrifício para o Príncipe era mais de seu gosto.

—Que nobre de sua parte.

Um sorriso depreciativo tocou os pastosos rasgos.

—Era um chorão e débil verme que deveria ter sido estrangulado ao nascer. Mesmo assim, serviu a seu propósito.

Houve outro raio de energia que se estrelou contra a parede e queimou a madeira. Fastidiosamente, Dante não podia notar nada mais que o advertisse da intenção do mago. Não se arriscaria até estar seguro que não havia surpresas desagradáveis.

—O Príncipe sempre demandava uma boa e ensangüentada porção de carne de canhão para poder manter-se satisfeito. Contudo, deve ser muito difícil encontrar vítimas bem dispostas hoje em dia.

O mago deu de ombros.

—O Príncipe nunca precisou que um sacrifício esteja bem disposto.

—Uma deidade encantadora.

—Uma deidade poderosa.

Dante riu com simulada alegria. Queria ao mago distraído e com a guarda baixa. Absolutamente preparado para cometer um engano. Seu último engano.

—Tão capitalista que foi condenado ao desterro por um punhado de bruxas humanas.

Da garganta do homem saiu um profundo grunhido.

—Seus devotos lhe falharam, por haver-se deprimido e dormido nos louros. Assegurarei-me que isto não aconteça outra vez.

O vampiro estava se aproximando pouco a pouco. Uma vez que tivesse as presas profundamente afundadas em sua garganta, o mago estaria indefeso. Este necessitava de suas cordas vocais para murmurar seus feitiços.

—E crê que te recompensará generosamente?

Um orgulho próximo ao fanatismo intensificou o anguloso rosto.

—Governarei a seu lado.

Esta vez a risada de Dante foi genuína.

—É ainda mais parvo que Amil. O Príncipe governa sozinho, e os que o veneram não são mais que insetos sob seu poder.

—Como sabe, vampiro? Não venera nada. Não crê em nada.

—Pelo menos sou o suficientemente sábio para não entregar minha alma a alguém que, com segurança, não me oferecerá mais que traição.

O mago pinçou em seu bolso para tirar um pequeno cristal. Dante vacilou. Por que utilizaria um brinquedo mágico quando possuía o medalhão do Senhor Escuro?

Uma azulada chama golpeou em sua direção. Bateu contra o piso, e a mansão gemeu como se um furacão a derrubasse ao chão. Dante se esquivou facilmente do perigo, sua mente em estado de hiperatividade. Embora não podia detectar a magia, ainda podia sentir o poder que rodeava ao mago. Havia

uma energia latente que poderia destruir o bloco por completo, mas ainda assim o mago rechaçava aproximar-se dela. Por quê?

Dante levou um longo momento para dar-se conta por fim da verdade. É obvio. Com um riso baixa, despediu-se das sombras que o

tinham envolvido. O mago não invocava ao Senhor Escuro porque estava aterrorizado de que seu deus possivelmente estivesse esperando a oportunidade de vingar-se por lhe haver falhado.

Era perfeito.

Deu um passo para frente, com os braços dobrados com negligência sobre seu peito.

Observando sua aproximação, o mago lambeu os lábios.

—Suponho que tenta me manter ocupado para que a mulher escape —vociferou ele— Um esforço inútil. Meus serventes logo a terão a seu alcance.

Dante somente sorriu.

—Conheço alguns de seus serventes e não te posso dizer que esteja excessivamente preocupado.

Sem advertência, lançou-se contra o corpo gasto. Queria acabar com isto. Abby estava sozinha e embora estivesse completamente seguro da habilidade dela para enfrentar-se contra inimigos humanos, ainda havia demônios capazes de detectar a presença da Fênix.

Afundando profundamente suas unhas nos braços do homem, permitiu que suas

presas se alargassem. Antes de estar preso ao Cálice, teria deixado seco ao homem. Agora teria que contentar-se lhe arrancando a garganta.

Lástima.

Abaixou a cabeça. Desgraçadamente o mago não estava preparado para ser sacrificado sem brigar. Com fria determinação, o mago combatia, seus cantos em voz baixa enchendo a escuridão incluso enquanto rebuscava em seu bolso para tirar uma lisa estaca de ébano.

Um jorro de luz encheu de repente o vestibulo, cegando Dante e forçando-o a retroceder. Uma estaca era uma estaca e ele não permitiria que o excesso de confiança ocasionasse a morte. Rodeou com cuidado ao homem, esperando uma oportunidade.

O mago deu uma olhada em seus braços ensangüentados.

—Sabe que não há nenhuma necessidade de que sejamos inimigos? Poderia te liberar da escravidão. Me entregue o Cálice e me assegurarei de que seja posto em liberdade.

Com fluidez Dante estendeu a mão para cortar o rosto do homem.

—Crê que confiaria em você?

O mago estremeceu mas sua compostura nunca fraquejou.

—Por que não? Não ganho nada te matando. No momento, é um obstáculo, mas se você se afastasse, poderíamos chegar a ser aliados valiosos.

—Tentador, mas acredito que não.

—As bruxas lhe têm intimidado? — mofou-se ele, sustentando despreocupadamente a estaca em seus dedos como se tivesse esquecido que a tinha. Dante não era estúpido. O mago esperava provocar sua ira e assim ter a oportunidade de golpear— Patético.

O vampiro deu de ombros.

—Não tem nada que ver com as bruxas.

—Então... — o mago riu repentinamente—. Ah, é obvio. Está gostando da garota. Está muito mais que intimidado; está completamente castrado.

—Na realidade, não adivinhou a razão mais óbvia de por que me nego a unir forças contigo.

Os frios olhos se estreitaram.

—E qual é?

—Eu não gosto de você.

Ao fim dando-se conta que Dante não ia ser intimidado ou coagido, o mago apertou o medalhão ao redor do pescoço. Teria que arriscar-se à ira de seu professor se não quisesse morrer nesse vestibulo.

Dante se agachou, preparando-se para o próximo ataque.

A pesar do abafadiço ar da noite, Abby tiritava.

Era por algo mais que a arrepiante viagem pelo túnel infestado de aranhas. Ou a compreensão que ao estar na esquina sozinha ela bem podia estar levando um cartaz que dissesse "Vem me comer" a cada demônio de Chicago.

Era mais a presença de Dante que penetrava em sua mente. Possivelmente não fosse capaz de ler seus pensamentos, mas suas emoções eram patentemente claras. Ele não estava deixando um rastro falso. Nem tampouco seguindo o aroma do estranho demônio.

Estava confrontando ao mago.

Podia sentir seu mortal propósito como se fora próprio.

Que o inferno o leve!

Ela ia a...

Sua imaginação lhe falhou, mas ia ser realmente, realmente mau. Pensando em possíveis vinganças, Abby se congelou quando ouviu o som inconfundível de passos aproximando-se.

—Estou cansado desta merda. Eu não sou um sabujo fanático —murmurava uma voz masculina— A perdemos.

—Se cale e segue procurando. A menos que queira voltar com o professor e confessar que falhou - demandou uma voz gelada.

Em silencio Abby se apertou contra um arbusto ao lado de uma árvore. Seus perseguidores pareciam ser humanos, mas não estava excessivamente aliviada por isso. Não depois de ter visto o que o mago fez com o esconderijo.

—Ela pode estar em qualquer lugar.

—Me escute, imbecil - esforçando-se por ver através das folhas, Abby viu um homem baixo e rechonchudo agarrando pela garganta um menino com o rosto coberto de espinhas.— Quando encontrei Amil, estava esparramado sobre o altar como um porco assassinado. Não tenho a intenção de me unir a ele no inferno. Pelo menos ainda não.

Outro homem com a constituição de um defensor traseiro e que possuía uma expressão de selvagem estupidez, apertava as mãos em punhos.

—Possivelmente o vampiro nos faça um favor e mate ao bastardo - grunhiu ele.

O homem rechonchudo virou para encará-lo.

—Está disposto a arriscar sua vida por um vampiro indefeso? —esperou que algum dos outros homens falasse. Obviamente não eram tão estúpidos como pareciam quando viu ambos deixar cair as cabeças para estudar os dedos dos pés—. Bom. Se separem e procurem por este bloco.

Houve um momento breve e cheio de tensão, como se os dois imbecis estivessem considerando lhe cravar uma faca ao outro tóco. Não havia honra entre ladrões. Então, aparentemente entrando em razão, deram-se a volta e caminharam a contra gosto rua abaixo.

Abby se forçou a ficar completamente quieta enquanto esperava. Havia todo tipo de esconderijos por registrar. A maioria daqueles lugares eram muito mais apropriados para esconder-se que seu triste e espaçado arbusto.

O homem não saiu. Nem sequer foi longe. Ficou tão enraizado nesse lugar como um carvalho antigo. Parecia que seu golpe de má sorte permanecia firmemente intacto. Com um grande gesto que teria ocasionado sua risada em circunstâncias normais, o fastidioso toco mexeu no bolso de sua pesada túnica e tirou uma pedra estranha pendurada em uma corrente. Sustentando-a para cima e começou a cantar em voz baixa.

Abby não sabia o que a pedra fazia, mas estava segura que não seria nada bom. Absolutamente nada bom, reconheceu ela quando a pedra resplandeceu com um matiz púrpuro e um sorriso afetado tocou a redonda cara.

—Está perto, Cálice. Posso lhe sentir — se moveu, procurando-a perto dos carros estacionados. Esquadrinhou os ramos da árvore. E indevidamente pulverizou as folhas do arbusto— Olá. O que temos aqui?

Ela deveria estar horrorizada aterrorizada. Ou ligeiramente temerosa. Em lugar disso estava sincera e realmente chateada. Maldito seja. Ela não estava procurando problemas. Tudo o que queria era encontrar às bruxas e acabar com todo esse

ridículo assunto. Por que demônios não podiam deixá-la sozinha? Enquanto seu gênio aumentava, também o fez um quente formigamento que enchia seu sangue.

A Fênix em seu interior se preparava para fazer o necessário com o fim de proteger-se. E não havia uma maldita coisa que pudesse fazer para detê-la.

Apertando-se contra os espinhosos ramos, levantou a mão em alto.

—Retrocede.

—Ou o que? Gritará?

—Não quero te ferir.

Houve um golpe antes que gargalhasse com uma desagradável risada.

—Me ferir?

—Sim.

—Não tem nem a habilidade nem o valor. Esse é o problema com você “garotinha do papai” —olhou deliberadamente para baixo—. Não têm escrotos.

O fogo ardeu com mais ímpeto. Totalmente infernal. Por que não se calava o idiota e ia? O tinha advertido, não? É obvio que ele possuía testosterona. Uma advertência oferecida por ser uma mulher era tão boa como

ondear uma bandeira vermelha diante de um touro.

—Digo que se não me deixar sozinha será você quem não terá nenhuma bola.

—Crê que seu vampiro virá pressuroso te resgatar? Posso te prometer que ele já está em uma tumba, onde pertence.

Abby sacudiu a cabeça. Não sabia muito, mas sim que Dante não estava em nenhuma tumba. Não até que pusesse suas mãos sobre ele.

—Não, ele está vivo.

O homem deu de ombros.

—Não importa. Logo estará morto ou convertido a nosso bando. O professor tem um talento especial para recrutar — o rosto ovalado se endureceu— Inclusive a aqueles que nunca quiseram adorar ao Senhor Escuro.

—Não é muito tarde - insistiu ela—. Pode ir.

—Ir?Ninguém se vai. Não a menos que tenham vontade de morrer —grunhiu ele— Esbanjou grande parte de meu tempo. Vamos.

—Não.

—Merda - Levantou um punho ameaçador—. Crê que não te farei mal? O

professor disse que lhe queria viva, mas não disse em que estado.

Abby não duvidou de sua vontade de feri-la nem um momento. Pressentia que obtinha um grande prazer em pegar as pessoas mais fracas que ele.

Igual a seu pai.

Mas ele não era demônio ou zumbi, nem sequer um poderoso mago.

Ela sabia no mais profundo de seu coração que podia ganhar com terrível facilidade.

—Cretino, irei, mas primeiro tem que retroceder - replicou ela, esperando ganhar algo de distância.

—Pensa que sou tão estúpido? —os pequenos e brilhantes olhos se estreitaram quando esticou a mão para agarrar um punhado de cabelo—. Tive o suficiente, vamos.

Os olhos de Abby lacrimejaram quando puxou grosseiramente seu cabelo. Ela se encontrou caindo e por puro reflexo, aferrou-se ao braço do homem. Só tinha pensado em evitar plantar a cara no chão, mas no instante em que suas mãos tocaram o pulso do homem, um jorro de calor estalou de sua palma.

O homem deu um agudo grito ao soltar sua mão e sustentá-la perto do peito.

—Você... rameira. Estúpida rameira — gemeu, com um ódio malévolo brilhando em seus olhos— Pagará por isso.

Uma dor esticou o estômago de Abby. Reconhecia essa expressão. O fazia. Tinha-a ouvido muitas vezes. Revivendo outros instantes de horror, observou como o homem apertava o punho e o levantava para golpear.

Não. Ficou em pé. Não outra vez. Nunca outra vez mais.

Preparando-se para lhe lançar um atroz gancho de direita, o homem estava muito cegado pela fúria para considerar que uma mulher dez centímetros menor e quarenta e cinco quilos mais leve pudesse lhe vencer.

Não até que ela saltou para frente e colocou as mãos no centro de seu peito. A fumaça começou a subir enquanto ele rugia de dor, mas Abby não fraquejou. O aprendiz de mago a mataria se tivesse oportunidade. Não pensava dar-lhe.

Em algum recôndito lugar de sua mente, Abby foi consciente de que Dante se aproximava rapidamente. Estranhamente ele

parou ao lado da árvore em vez de misturar-se na briga.

Ela não sabia se o fazia por medo de que o torrasse por confusão ou porque temia distraí-la. E nesse momento estava muito ocupada para que se importasse.

Agarrando os braços, o homem lutou por aproximá-la.

—Pagará por isso — ofegou ele.

Abby chiou os dentes quando ele apertou mais forte. Um horrível fedor começou a encher o ar. O aroma de tecido queimado. E o que suspeitava ser carne queimada. Então, justo quando acreditava que não poderia suportar mais, seu agressor deu um grito estrangulado e com um puxão desesperado se afastou dela tropeçando.

Durante um curto momento considerou segui-lo. Não duvidava que fosse um homem malvado capaz de machucar um bom número de pessoas inocentes. Mas, embora estivesse preparada para proteger-se, soube que era incapaz de perseguir deliberadamente a um homem que fugia e terminar com ele. Isso ia além de terreno conhecido.

Em lugar disso caiu de joelhos e aspirou ar profundamente.

—Agora pode sair, Dante. Sei que está aqui.

Capítulo 19

Dante saiu de atrás da árvore com um débil sorriso. Reconhecia esse tom mal-humorado. Significava que Abby era muito consciente de sua atividade extracurricular com o mago escuro e não estava absolutamente contente com ele.

—Fez bem, querida. Esse parvo pensará duas vezes antes de enfrentar você outra vez.

Ela caminhou para ele, plantando as mãos nos quadris.

—Por que não me ajudou?

—Queria minha ajuda?

Isso a fez vacilar brevemente. Sua natureza independente a fazia quase impossível confessar que poderia necessitar de ajuda. De qualquer um. Por fim deu de ombros.

—Não é próprio de você ficar afastado e me ver lutar.

Dante levantou uma sobrancelha ante a desconhecida frase.

—Lutar?

—Me defender dos tipos maus.

Agarrou-a pelos braços para aproximá-la. Respirou profundamente seu quente aroma. Um aroma que agora continha seu próprio sangue. Aquele conhecimento o percorreu com um prazer puramente masculino.

Os olhos dela se estreitaram.

—Tomei seu sangue; sei que houve algum tipo de luta.

Os lábios dele se moveram nervosamente.

—Mas bem um pequeno desacordo.

— Dante...

Cavou-lhe o queixo com a mão.

—Abby, encontrei o mago, intercambiamos um punhado de ameaças, tive-o agarrado, e como um parvo permiti que desaparecesse. Nada mais.

—Tem sorte de que desaparecesse. Adverti sobre o que te aconteceria se fosse ferido.

Ele sorriu quando posou o olhar em sua boca. Certamente já lhe tinha permitido que o arreganhasse o bastante, não? Definitivamente era tempo de passar a atividades mais interessantes.

Suas mãos estavam descendo para os quadris de Abby quando ela empurrou contra seu peito.

—Espera.

—O que?

—Não vai distrair-me.

Os dentes de Dante lhe mordiscaram o lóbulo da orelha.

—Isso poderia ser divertido.

Ela tremeu fracamente antes de retroceder com severidade e dobrar os braços sobre o peito.

—Não. Mentiu-me.

Ele aceitou com pesar que não poderia distrair Abby. Ela estava ardendo com a necessidade de arreganhá-lo severamente. Uma pena. Passada a imediata ameaça, podia pensar em melhor forma de passar o tempo.

—Isso é bastante severo - protestou brandamente.

—Disse-me que iria deixar um rastro falso e captar o aroma daquele demônio - bateu-lhe com o dedo no peito—. Não disse nada sobre fazer alarde de sua testosterona com esse maldito mago.

—Vai ser uma moléstia até que possamos nos desfazer dele. Estou cansado de olhar sobre o ombro.

—O...?

—Não — Dante sacudiu aborrecido a cabeça. Esteve preparando para a batalha. Não tinha considerado a idéia de que o bastardo usasse seus poderes para evitá-lo—. O covarde escapou a toda pressa em lugar de lutar como um homem.

Mais golpes em seu peito.

—Passou algo mais que simplesmente o mago escapando. Pude te sentir, e sei que houve algum tipo de luta.

—Com muita dificuldade uma luta. Ou inclusive uma escaramuça - estirou os braços—. Olhe, nem um arranhão.

—Parecia se defender bem.

Ela se inclinou para trás para apunhalá-lo com o olhar.

—Bem, o que aconteceu?

—Nada.

—Podia te sentir atrás da árvore e sei condenadamente bem que morria por aparecer e matar esse homem O que te deteve?

Jogou-lhe para trás um cacho extraviado.

—Tinha que saber que não vacilaria em lutar.

Ela fez um som estrangulado.

—Deus Santo, estive em uma guerra a grande escala durante dias. Por que vacilaria agora?

—Esteve lutando contra demônios e zumbis, não humanos. Em sua mente há uma diferença - indicou ele—. Tinha que saber que poderia vencer o medo de machucar a outro.

Um rubor cobriu suas bochechas.

—Oh.

O dedo de Dante lhe acariciou os lábios.

—Está bem?

Seus lábios se curvaram com um severo sorriso.

—Tão bem como posso estar agora mesmo.

—Sem arrependimentos? —pressionou ele.

Ela se tomou um momento jogando uma olhada por volta da rua agora vazia.

—Na realidade... não. Isto pode ser horrível para mim, mas é agradável saber que não me deixei levar pelo pânico na hora da verdade.

Puxou-a para aproximá-la. Era uma lição que tinha que aprender por si mesmo. Mas tinha sido um inferno permanecer afastado e

lhe permitir descobrir sua força. Preferiria ter estacas cravadas a passar por isso outra vez.

—É uma mulher poderosa. Eu gosto disso - deslizou os lábios sobre sua têmpora—. Atraente.

—Há algo que não ache atraente?

—O que posso dizer? Os vampiros são insaciáveis.

Ainda considerando se deveria voltar a pô-la entre os braços e lhe dar vários beijos, virou-se abruptamente, suas presas se estenderam e suas mãos se frisaram em garras. Um vampiro estava perto e não estava disposto a correr riscos.

Nesse momento, Viper saiu das sombras e dobrou os braços sobre seu peito. Inclusive ao olho de Dante parecia uma ameaça letal, com seu grande corpo vestido com roupas negras e seu pálido cabelo sustentado com um pesado broche de prata. Um antigo predador que não vacilaria em matar.

O familiar sorriso zombador torceu seus lábios.

—Realmente, Dante, pensei que já estaria metido até os joelhos com as bruxas, e aqui está, jogando com seu novo brinquedo.

Dante levantou uma sobrancelha.

—O que faz aqui?

—Seguia o rastro de seu mago.

—Muito tarde — Dante fulminou com o olhar o escuro imóvel de Selena—. Já fez sua magnífica aparição.

—E agora?

—Sua magnífica saída. Chamou o Príncipe.

Viper deu de ombros.

—É só questão de tempo.

—Está demonstrando ser uma moléstia.

—Não o são todos os magos?

—Conseguí feri-lo. Deveria ser capaz de seguir o aroma de seu sangue.

Um batimento do coração passou enquanto Viper deslizava seu olhar à silenciosa Abby.

—Não tem pressa por se liberar de mim, não é, Dante?

Estava-o, é obvio. Era o bastante possessivo para ofender-se pela maneira em que Viper olhava Abby.

—Tenho meu próprio rastro que seguir.

Como se sentisse a inquietação que formigava em Dante, Viper deliberadamente caminhou para Abby e lhe tocou o cabelo ligeiramente.

—E jogos a jogar, não é? — ficou quieto, baixando a cabeça para cheirar seu pescoço antes de lhe agarrar o braço e virá-lo para cima— O que é isto?

Como nunca foi pessoa que se deixasse manipular por ninguém, Abby lutou contra o agarre do vampiro.

—Ouça. O que está fazendo?

O olhar assombrado de Viper saltou para Dante.

—Emparelhou-se com ela? Bem, bem. Felicidades.

Tardamente notando o que tinha capturado a atenção de Viper, Abby observou os intrincados caracteres vermelhos que agora tatuavam a longitude de seu antebraço.

—Santa merda. O que é isto?

Viper sorriu.

—Ela não sabe?

Abby o apunhalou com um fixo olhar.

— Dante?

Ele considerou brevemente o prazer de atar Viper ao redor da árvore com um bonito laço.

—Disse que quando tomasse meu sangue, estaríamos emparelhados - recordou a Abby.

Ela se via longe de estar apaziguada.

—Não me disse que ia parecer uma motociclista do inferno. Sairá?

—Não.

—O que significa?

Ele abriu a boca, mas Viper foi mais rápido.

—Que foi marcada. Nenhum outro vampiro pode te ter agora.

Dante fechou os olhos, perfeitamente preparado quando ouviu que Abby aspirava profundamente. Não sabia muito sobre mulheres humanas, mas sim que tinham uma feroz aversão a ser tratadas como uma propriedade.

—Marcada? Marcou-me?

—Para toda a eternidade — acrescentou Viper em tom suave.

Dante deu um grunhido baixo.

—Não está ajudando, Viper.

Viper piscou com fingida inocência.

—Ah, queria que lhe mentisse? Deveria me haver dado alguma sinal.

—Vá —não houve confusão no tom de ameaça— Vá matar um mago.

De repente a expressão de Viper ficou sombria quando se moveu para pôr uma mão no ombro do amigo.

—Tome cuidado. O Príncipe está chamando a seus subordinados. A cidade está cheia de demônios. A maioria de muito mau gênio.

Dante assentiu levemente e observou Viper desaparecer entre as sombras. Só quando estavam sozinhos se aproximou cautelosamente de Abby e lhe segurou brandamente a mão.

—Abby, isto não fará mal a você— seus dedos se moveram sobre a marca. O demônio dentro dele uivou de triunfo ante o símbolo de propriedade, mas era o bastante sábio para manter sua expressão pormenorizada—. Isto é... como uma aliança de casamento. Um símbolo do meu amor por você.

—Uma aliança de casamento se pode tirar. Estou marcada para sempre.

Ele não necessitou do sangue de Abby para sentir a tensão que zumbia por seu rígido corpo. Um cenho lhe franziu as sobrancelhas.

—Abby? Isto não é sobre a marca, não é?

Ela tremeu quando se obrigou a encontrar seu penetrante olhar.

—Não parecia verdade até agora. É aterrador.

—Eu?

—Não, é obvio que não. É só que nunca pensei em passar minha vida com alguém. Depois do matrimônio de meus pais...

Ao fim dando-se conta da fonte de seu repentino ataque de nervos Dante lhe pôs um braço sobre o ombro e a aproximou. Esperava que seu pai se queimasse no inferno.

—Não somos seus pais — murmurou brandamente—. Eu nunca poderia te fazer dano. Nunca.

Ela pressionou o rosto contra seu peito.

—Não sei ser uma companheira. Estive sozinha toda minha vida.

—É o que quer? Estar sozinha?

Ele sentiu o estremecimento que a percorreu.

—Não, mas, e se te decepção?

Ele tocou com os lábios a parte de acima de sua cabeça.

—Me ama?

—Sim, te amo.

—Então é tudo o que importa.

Ela se retirou, sua face estava pálida sob a luz da lua.

—E se não for o suficiente?

A mão de Dante lhe embalou o pescoço.

—A marca não é uma prisão, Abby. Não há nada que te impeça de se afastar sempre que queira.

—E você? —exigiu—. O que significa a marca para você?

Ele vacilou um momento antes de admitir a verdade.

—É minha companheira. Nunca haverá outra.

Suas suaves palavras pareceram pegá-la despreparada. Então incrivelmente Dante sentiu que a tensão começava a afastar do corpo dela e seu rosto mostrava uma expressão pesarosa.

—Sinto muito. Não sei o que está mal comigo — seus braços lhe rodearam a cintura— Normalmente não sou uma pessoa histérica.

Ele saboreou a sensação do calor dela que emanava para seu corpo. Não estava seguro de como ou por que tinha permitido que ela se convertesse em uma parte tão vital de sua vida, mas sabia que nunca sobreviveria se algo lhe acontecesse.

—Não posso imaginar o que está mal - brincou ele, enredando os dedos em seu cabelo quando a familiar quebra de onda de desejo começou a lhe endurecer os músculos—. Não é como se houvesse adquirido um espírito não desejado, ou ter sido caçada por demônios, ou quase sacrificada por um mago escuro.

Ela sorriu quando se apertou contra ele.

—Penso que foi a tatuagem que me pôs um pouco louca.

—Não o pensamento de ser minha companheira?

Uma agradável diversão apareceu nos olhos dela.

—Isso depende.

—Do que?

—Uma companheira não é quão mesmo uma esposa, certo?

Ele deu de ombros vagamente.

—Importa?

—É obvio que importa. Não tenho nenhuma intenção de passar o resto de minha vida sendo algum tipo de criada sem salário.

Abby sua criada?

Dante conteve uma risada de incredulidade.

—Não se preocupe, querida, sou fácil de agradar - lhe assegurou com uma expressão ingênua— Uma vez que tenha esfregado o chão, lavado minha roupa e servido sangue enquanto sento-me diante da televisão, terá muito tempo para fazer seus cerzidos.

O cotovelo dela se cravou em seu flanco.

—Certzidos? Mas bem estarei afiando minhas estacas.

Com um sorriso Dante lhe deu um golpezinho na ponta de seu nariz.

—Estive cuidando de mim mesmo durante séculos, querida, e sendo brutalmente honesto, se quisesse uma criada, poderia cativar a qualquer humano para que me obedecesse.

—Cativar?

—Um truque que possuem todos os vampiros.

As sobrancelhas dela se elevaram.

—Tratou alguma vez de me cativar?

Um dedo se moveu lhe perfilando os lábios.

—Nunca.

—Por que não?

—Porque eu gostava de você— disse simplesmente.

Ela piscou.

—Você gostava?

—Eu gostava de sua inocência, sua honestidade, sua negativa a se compadecer apesar da sorte tão negra que tinha tido, e é obvio - sorriu lentamente—, esse corpo delicioso que não faz mal à vista. Não queria que fosse uma adúladora tola. Queria a você.

—Ah — ela aspirou profundamente—. Segue me surpreendendo.

—E como é isso?

—Quando nos encontramos pela primeira vez, esperava que fosse arrogante, perigoso e atrativo.

—Tudo é verdade. Sobre tudo a parte de atrativo.

—Nunca esperei que fosse amável.

Ele abaixou o olhar assombrado. Amável? Nunca tinha sido acusado disto antes. E com razão. Até que as bruxas o capturaram, tinha sido um caçador que se alimentava de qualquer parvo que cruzasse em seu caminho. E inclusive depois de ter sido preso, tinha sido um guerreiro letal que podia matar sem piedade. Foi só com Abby que descobriu as emoções mais suaves que não sabia que possuía.

—Não fui até que chegou.

Ficaram quietos agarrando-se na escuridão, absorvendo o prazer de estar simplesmente juntos.

Ao final Abby se retirou fazendo uma careta.

—Quer ir à busca das bruxas?

—O que quero é te ter nua e suando debaixo de mim — murmurou.

Deu-lhe uma cotovelada.

—Talvez queira estar nua e suando em cima de você.

—Deus - ficou duro ante a imagem—. Trata de me matar?

—Pensei que fosse imortal.

—Nem sequer os imortais podem agüentar esse tipo de tortura - abaixou a cabeça para lhe roubar um rápido beijo—. Vamos antes que esqueça que demônios se supõe que tenho que fazer.

Distraidamente, Abby permitiu que ele a conduzisse de volta à destrocada mansão. Uma parte dela sabia que deveria estar em guarda. Deveria estar-se preparando para tudo, desde zumbis a cães infernais e a magos saltando dos arbustos. Demônios, nesse ponto, não se

surpreenderia muito se um duende aparecesse saltando.

Seu instinto de conservação neste momento, entretanto, não podia competir com as estranhas tatuagens que brilhavam como fogo carmesim sob a luz da lua.

Companheira. Santo Deus.

Parando de repente entre as sombras da mansão, Dante voltou-se para

olhá-la com um sorriso que parecia suspeitamente orgulhoso de si.

—Deixa de se arranhar, querida. Fará uma chaga.

—Parece estranha — elevou o braço—. Como se supõe que vou sair em público com isto?

O ar aumentou.

—Ninguém o notará.

Ela sacudiu o braço ante seus olhos.

—Está de brincadeira? Parece que me embebedei com tequila e terminei no Xangai.

—É invisível para todos exceto para os demônios.

—Oh — seu braço caiu— De verdade?

—De verdade.

—Então, por que posso vê-la?

Ele se inclinou para olhá-la fixamente aos olhos.

—Porque é especial.

Absurdamente levou um momento para dar-se conta do que significava.

—Genial. Primeiro meus olhos se tornam azuis e agora meu braço é vermelho. Há alguma outra mudança corporal sobre o que deveria me advertir? Um chifre? Língua bífida?

Ele deu de ombros, tomou o braço e a conduziu a casa, para a escada de serviço.

—Bom, tem a cauda, mas uma vez que se acostume ao meneio, logo nem notará que está ali.

Golpeou-lhe o braço.

—Tem sorte de estar morto.

Ele sorriu amplamente.

—E você se queixa como se fosse minha esposa.

Seus lábios tremeram. Deus era tão formoso. E inteligente, forte, sensível e... e perfeito. Uma rajada de calor percorreu seu corpo antes que dirigisse com severidade pensamentos ao assunto atual.

—Por que vamos voltar a casa?

—Não podemos deixar os livros de feitiços. São muito perigosos para deixá-los por aí.

—É verdade — estremeceu ao recordar a estranha magia que a tinha agarrado quando leu o feitiço. Foi uma experiência que não repetiria muito cedo— O que acha que Selena fazia com eles?

Ele fez uma pausa no patamar e virou para olhá-la.

—Essa é a pergunta, certo?

—Talvez devamos revisar o que sabemos.

—Revisar o que sabemos? —repetiu com um sorriso débil—. Lei e Ordem? CSI? Monk?

—Agatha Christie.

—Ah.

—Poderia ajudar — Abby se apoiou contra a parede, dando-se conta de repente do cansada que estava. Os últimos dias estavam cobrando em seu corpo— Pelo menos não fará mal.

Ele assentiu lentamente com a cabeça.

—Certo. Onde começamos esta revisão?

Abby piscou. A boa vontade dele em escutar sua opinião sempre a pegava de surpresa. Ninguém, ninguém nunca tinha feito isso antes.

—Suponho que com Selena — começou vacilante— Disse que pensava que estava agindo de forma estranha antes... da explosão? Sendo sincera, eu pensei que simplesmente estava louca.

Ele estreitou o olhar quando recordou.

—Estava mais reservada que de costume. Ia e vinha à mansão sem me levar e logo desapareceria em suas habitações durante horas.

—Pensa que visitava as bruxas?

—Sim.

—Conseguiu os livros de feitiços delas?

—Essa seria minha conjectura.

Abby mordeu o lábio enquanto tentava que os estranhos acontecimentos tivessem sentido.

—Em que tipo de feitiço estava trabalhando? Tinha medo de algo?

Os lábios de Dante se curvaram quando seu olhar cintilou sobre ela.

—Nesse momento não me preocupou. Tinha assuntos mais... interessantes a considerar.

O calor voltou, com interesse.

Maldição, ele não deveria distraí-la tanto.

—E agora? —pressionou ela severamente.

—Existe a possibilidade que as bruxas encontraram-se com o mago e seus seguidores —disse ele— Se sentiram seu poder, tomaram medidas para proteger-se.

—Isso tem sentido — ela vacilou, sentindo a frustração que fervia a fogo lento dentro dele— Não crê que essa seja a resposta.

Ele a estudou um momento.

—Te dar meu sangue foi uma coisa perigosa.

—Diga-me o que está te incomodando.

Ele se moveu com inquietação.

—Se tivessem estado preocupadas com o mago, não haveriam sentido a necessidade de esconder de mim. Ao contrário, me teriam enviado para tratar com a ameaça.

—E?

—E o feitiço que cantou obviamente era para danificar demônios, não humanos.

Tocou seu braço. Tinha-lhe contado do demônio que a atacou, mas esquecido de dizer sobre a agonia dilaceradora que a tinha perfurado um momentos antes que o feitiço tivesse terminado.

—Talvez não.

—O que quer dizer?

—Quando estava em meio daquele feitiço, senti... dor.

As sobrancelhas dele se juntaram e seus dedos se elevaram para lhe tocar a face como se precisasse assegurar-se que estava ilesa.

—Que classe de dor?

Ela fez uma careta.

—Como se alguém empurrasse um atizador quente em mim.

—A Fênix?

Ela tratou de recordar, só para dar de ombros.

—Não sei. Só houve dor e logo o demônio me golpeou por trás e se foi.

A frustração de Dante se fez mais profunda enquanto girava para caminhar sobre o patamar.

—Isto não tem sentido.

—Depois dos últimos dias, vai ter que ser mais específico - disse ela ironicamente.

—Ainda não sabemos o que as bruxas estavam tramando, quem matou Selena, ou o que demônios têm que ver o mago com tudo isto.

—Diz que não sabemos nada.

Seu grunhido baixo arrepiou a nuca de Abby.

—Há uma conexão. Só temos que encontrá-la — estendendo o braço, pegou-a pela mão e seguiu ao longo do corredor— Temos que encontrar essas malditas bruxas.

Capítulo 20

Moveram-se rapidamente pela casa às escuras, detendo-se só quando alcançaram o vestibulo onde Selenia tinha oculto sua caixa forte.

Dante estava concentrado nos aromas que enchiam o ar quando sentiu Abby cravar os pés. Virou-se para descobri-la coibida através das sombras.

—Está seguro que o mago partiu? — perguntou ela.

—Só há uma forma de saber. — sussurrou diretamente ao seu ouvido—Você primeiro.

Ela pôs os olhos em branco.

—Muito divertido.

—Se o mago estivesse perto, lhe teríamos ouvido gritar pedindo clemência —lhe assegurou ele— Viper não perde tempo quando está caçando.

Dirigiu-lhe um olhar ardiloso.

—Então o que está te incomodando?

Ele fez uma careta. Ia demorar um pouco para acostumar-se a isso de ter uma companheira.

—Algo cheira estranho.

—Não sou eu não é?

Seus lábios se curvaram.

—Não.

—O demônio?

—Não. O aroma é humano, embora estranhamente mascarado.

Abby andou pelo corredor e ficou tensa antes de dirigir a Dante um olhar brilhante.

—O que fez todas essas marcas carbonizadas na parede?

Ele deu de ombros.

—A casa explodiu, querida. Há um montão de manchas chamuscadas.

—Não estavam ali antes — colocou as mãos nos quadris— O mago as fez quando estavam lutando certo?

—Abby, o mago já não nos preocupa. Viper cuidará dele.

—O fato é que me disse que tinham tido um pequeno desacordo.

—Ninguém morreu — falou ele em um tom perfeitamente razoável, lançando um olhar sobre o inconfundível dano. Seus olhos se atrasaram no tapete chamuscado antes de apertar os dentes— Maldição.

—O que houve?

—Os livros de feitiços desapareceram.

—O mago?

Dante sacudiu a cabeça. O mago não tinha mostrado interesse nos livros.

—É mais provável que o demônio tenha voltado para recuperá-los. Junto com uma bruxa.

—Estiveram aqui e nós perdemos isso?

Ele meditou durante um longo momento. Maldito seja, odiava sentir que estava dando voltas como um idiota. Especialmente quanto temia estar pondo em perigo a vida de Abby.

—Foi um risco absurdo —grunhiu ele— Deveriam ter sabido que o mago escuro estava perto.

—Realmente deviam querer esses livros.

—Sim.

Bruscamente, Abby o agarrou no braço.

—Ah...

—O que?

—Crê que queriam os livros a ponto de matar por eles?

Dante deu de ombros.

—As bruxas não vacilam em matar se acreditam que alguém se interpõe em seu caminho. São completamente desumanas.

—Inclusive a Selenia?

Ele franziu o cenho.

—A Selena?

—Possivelmente queriam os livros e ela não estava com vontade de entregar-lhes.

A lembrança da personalidade reservada de Selena cruzou pela mente de Dante. A mulher certamente era suficientemente arrogante para estar metendo-se na magia que as bruxas tinham proibido. Ou inclusive para procurar poderes que lhe dessem o controle do esconderijo. Mas inclusive enquanto considerava a idéia de uma batalha entre as bruxas e Selena, estava sacudindo a cabeça.

—Não. Selena era o Cálice. Nunca teriam posto em perigo a Fênix. Proteger seu espírito é todo o propósito de sua vida.

Abby fez uma careta.

—Ah. Só era uma idéia.

—Uma idéia muito inteligente.

Seus olhos se estreitaram.

—Está sendo condescendente comigo?

—Por que quereria ser condescendente com você? — perguntou ele com surpreendida curiosidade.

—Sei que não sou muito brilhante, mas tampouco sou estúpida.

Dante a olhou com assombro como se estivesse vendo o Diabo, já que era a mulher mais desconcertante que tinha conhecido.

—É obvio que não é estúpida. Sempre me pareceu surpreendente que uma mulher tão inteligente pudesse contentar-se trabalhando como subordinada de alguém como Selena, quando obviamente poderia fazer algo melhor.

Os olhos dela se obscureceram, quase como se estivesse aliviada.

—Isso pagava as contas. Acredite, não era tão mau como alguns lugares que já trabalhei.

Tomando sua mão, levou-a pelo corredor para a escada de trás. O rastro do demônio ia desvanecendo cada vez mais e não tinha intenção de perdê-lo. Nesse momento era sua única pista sobre o esconderijo.

—Poderia fazer algo com sua vida. Ser o que quiser — lhe disse ele brandamente.

Lutando por manter-se ao passo de suas largas pernadas, ela deixou escapar uma curta risada sem humor.

—Como? Meu pai e irmãos me abandonaram quando ainda era uma menina e minha mãe nunca deixou o sofá até que as bebedeiras a levaram a tumba quando eu tinha dezessete anos — a sentiu estremecer-se

enquanto tirava a luz dolorosas lembranças de seu passado— Abandonei a escola e consegui um trabalho para que não me arrastassem para alguma instituição de menores. Tenho sorte de não ter acabado rondando pelas ruas.

Com um suave movimento, estendeu as mãos para segurá-la em braços e apertá-la contra seu peito. Sua natureza feroz e implacável o fazia esquecer-se de que ela tinha uma carência humana de resistência incluso com o poder adicional da Fênix. E Deus sabia que era muito obstinada para reconhecer que precisava descansar. O fato de que nem sequer fizesse um murmúrio de protesto quando ele tomou-a em seus braços lhe disse quão débil devia estar.

Chegando às escadas deu um fluido salto para descerem e estudou sua face muito pálida.

—Nunca teria rondado pelas ruas. Tem muito valor e poder para esse destino.

Seus traços se endureceram.

—Necessita-se mais que valor para sobreviver.

Em uma piscada, Dante estava fora da casa e se movia velozmente pelo caminho da parte de trás.

—Já não precisa ter medo. Sempre estarei aqui.

—Não ter medo? Acha que alguém que abandonou os estudos e não pode pagar o aluguel tem que salvar o mundo e não esteja assustada?

—O mundo está em muito boas mãos.

A cabeça dela descansou contra seu peito e riu ironicamente.

—Está louco.

Ele se arriscou a olhar para baixo enquanto deixavam o imóvel, e afrouxou a um passo mais cauteloso. Inclusive estando tão cansada e desarrumada como estava, nunca tinha visto uma mulher mais formosa.

—O que mais gostaria de fazer?

Não houve dúvidas.

—Viajar.

—Viajar para onde?

—A qualquer lugar. A todos.

Ele parou na estrada e cheirou o ar até que captou o aroma do demônio que afastava-se da cidade.

—Muito ambicioso.

Ela se aconchegou mais perto dele, criando um doloroso calor que estendeu os

músculos de suas coxas e uma variedade de outras partes prazenteiras de seu corpo.

—Quando era pequena e meu pai vinha para casa bêbado e furioso me escondia sob minha cama com um velho globo terrestre que a professora me tinha dado — murmurou ela—. Fechava os olhos e apontava um lugar, então imaginava que estava em um navio viajando para lá. Em minha mente estive por todo mundo.

Uma dor aguda o atravessou. Esta mulher tinha sido traída por aqueles que deveriam tê-la protegido e amado. Tinha lutado contra monstros em sua própria casa e logo tinha sido jogada no mundo sem ninguém que permanecesse a seu lado.

Mas agora todo isso tinha acabado.

Pertencia-lhe.

Ele dedicaria sua vida, ou inclusive sua morte se fosse necessário, para assegurar-se que ela nunca fosse ferida, ou estivesse sozinha, ou atemorizada outra vez.

—Algum dia irá — jurou o brandamente— Prometo-lhe isso.

Os braços lhe rodearam o pescoço, quase como se sentisse sua escura determinação de

fazer o que fosse necessário para mantê-la a salvo.

—Nós iremos. Depois de tudo, deve-me uma lua de mel.

—Lua de mel. Eu gosto como soa — sem pensar, estendeu seus pensamentos para lhe acariciar brandamente o rosto.

Seus olhos se abriram surpreendidos.

—O que acaba de fazer?

Dante curvou os lábios enquanto trocava deliberadamente seus pensamentos para lhe embalar um firme seio.

—Quer dizer isto?

—Posso te sentir me tocando. Como pode fazê-lo?

—É minha companheira.

—Mas... — ela ofegou quando ele atormentou seu mamilo até convertê-lo em um ponto duro— Pára de fazer isso.

—Você não gosta?

—Posso fazer isso em você?

—Não a menos que tome seu sangue.

Ela cerrou os olhos.

—Isso não é justo.

Dante riu entre dentes enquanto se inclinava para lhe plantar um beijo nos lábios.

—A vida nunca é justa, querida.

—Diga-me uma novidade. —resmungou ela, esquadrinhando com o olhar a escuridão que os rodeava— Estamos seguindo o rastro do demônio?

—Por enquanto.

Ela virou a cabeça para olhá-lo com o cenho franzido.

—Está preocupado.

Ele cheirou o ar. O aroma do sangue se tornou mais forte. Ele preocupou-se.

—A Shalott foi ferida.

—Viper? — perguntou ela.

—Está rastreando o mago.

Ela ficou sem respiração.

—As bruxas?

—Pode ser que a tenham castigado.

—Por quê?

—Escapou de suas garras.

Lentamente a baixou pondo-a em pé. Um vago sentido de ameaça estava arrastando sobre sua pele. Ainda não podia localizar com toda precisão a fonte do mal-estar, mas queria ser capaz de golpear rapidamente.

Abby se aproximou, sentindo sem dúvida sua pontada de alerta.

—Crê que foi enviada para me apanhar?

—Acredito que é uma possibilidade.

—Então por que não o fez?

Ele deu de ombros. No momento tudo o que podia fazer era especular.

—Se ela estiver em poder das bruxas não é por sua escolha. Os Shalott são criaturas ferozes e independentes, se rebelam contra as ordens cada vez que podem.

—Como você.

Ele sorriu ironicamente.

—Sim.

Houve um momento de silêncio antes que Abby se movesse para estar diante dele.

—Devemos resgatá-la.

—A um demônio? — perguntou-lhe surpreso.

—Poderia ter matado aos dois. Ou ao menos me levar para longe enquanto você estava inconsciente. Acredito que lhe devemos.

Ele levantou a mão para deslizá-la por seus revoltos cachos.

—Se for possível a libertaremos. Mas primeiro devemos encontrá-la.

Viper deixou que o homem caísse ao chão e lambeu as presas para limpá-las. Não tinha muita afeição pelos aprendizes de mago, mas o

guarda devia ser eliminado e odiava esbanjar sangue perfeitamente válido.

Não que o homem tivesse muito amparo. Um sorriso curvou os lábios de Viper. Apesar da pequena medalha que o proclamava como discípulo do Príncipe, não tinha sido rival para a força de Viper. A batalha não tinha feito mais que lhe abrir o apetite.

Com uma sacudida de sua mão, usou seus poderes para afundar o corpo inerte na terra. O sangue fresco que corria por seu corpo aumentava sua força e agitava ao escuro predador que havia nele. Estava em caça e mataria qualquer coisa que encontrasse pelo caminho.

Deslizando-se pelo cemitério entrou na enorme cripta e facilmente encontrou a entrada aos túneis abaixo dela. Deteve-se para cheirar o ar. Podia cheirar humanos. E um punhado de demônios menores que estavam dispostos a servir mortais em troca de amparo. Nada que fosse um perigo para ele.

Nada salvo o mago.

Fundindo-se com as sombras, baixou lentamente os degraus. Embora fosse sempre crédulo, Viper não era estúpido. Um vampiro não vivia tantos séculos como ele ficando

torpemente em perigo. Se o mago utilizava o poder do Senhor Escuro, seria um inimigo formidável. Seria necessária tanta astúcia como habilidade para ser melhor que ele. Uma forma perfeita de passar a tarde reconheceu com um frio sorriso.

Encontrou dois guardas em seu caminho ao interior do santuário. Em ambas as ocasiões matou-os com silenciosa eficiência e seguiu adiante sem perder um passo. Os poucos demônios que sentiu foram o suficientemente sábios para escapular-se antes que pudesse cruzar-se em seus caminhos.

Com velocidade mortal chegou à entrada da câmara mais abaixo. Parou para estudar com cuidado o quarto ante ele.

Era uma habitação grande, mas vazia, provida de um grande braseiro no centro do chão de pedra. Diante do ardente fogo, um homem alto estava ajoelhado em óbvia adoração. O mago. E em sua mão sustentava um látego de couro com o que açoitava suas próprias costas a ritmo constante.

Viper curvou os lábios com desprezo.

Encontrou-se com um bom número de humanos que tinham vendido suas almas ao Senhor Escuro. Por poder, imortalidade, por

amor ao mal, convertiam-se em gostosos serventes que sacrificavam tudo e a todos por agradar a seu vicioso professor. Inclusive a eles mesmos. Patéticas criaturas.

Mas perigosas, recordou-se. Muito perigosas.

Apesar da distância, sentiu facilmente a antiga força que radiou através da habitação. O mago era obviamente um favorito do Príncipe e isso lhe permitia convocar mais profundamente seu poder. Era um pouco assombroso que tivesse resultado tal moléstia para Dante.

Permitindo que suas presas saíssem, Viper flexionou os dedos e deslizou pelas sombras da habitação.

—Hum, cheiro o sangue de um... não inglês — se deteve para cheirar o ar e teve um calafrio— Ah, um saxão. Uma lástima. O último saxão que devorei me fez sentir mal durante dias. Besta imunda.

Ficando em pé, o mago agarrou o pesado medalhão que lhe rodeava o pescoço e esquadrinhou a habitação procurando o inesperado intruso.

Um esforço inútil. Viper não podia ser visto a menos que o desejasse.

—Cooper. Johnson — a voz do homem continha uma inequívoca estridência enquanto chamava a seus guardas. Bom, ao menos era o suficientemente inteligente para ter medo— Breckett.

—Morto, morto e morto, sinto muito - ronronou Viper em tom frio.

O homem deixou escapar um rouco grunhido enquanto retrocedia para perto das chamas.

—Se mostre vampiro.

—Mais tarde, possivelmente. Se você se comportar.

—Covarde.

Viper riu enquanto deslizava pelas sombras.

—Estou intrigado. Por que um todopoderoso mago estaria escondendo-se nestas escuras covas golpeando-se sem sentido? É do tipo que se deleita com a autoflagelação? — fez uma pausa enquanto lia os escuros e confundidos pensamentos que o mago não podia ocultar— Não, prefere infligir dor a outros. Deve ser uma compensação para o Senhor Escuro.

—Não tenho problemas com você. Parte agora e não tentarei te deter.

—Mas eu sim tenho problemas com você.

—Pensa me desafiar?

—Não, penso te matar.

—Louco — grunhiu o mago— Você arderá sobre o altar do Príncipe.

—Na realidade, você será o único a arder. Mas não até que tenhamos um pequeno bate-papo. Sente-se — levantando uma mão, Viper se moveu para frente, forçando o mago a ajoelhar-se com o poder de seu encanto. Não seria capaz de submeter ao homem todo o tempo. Mas tentaria fazer suas perguntas antes de ter o prazer de matá-lo— Agora me diga o que sabe das bruxas.

Capítulo 21

Um tremor percorreu Abby quando se aproximou rondando Dante. Parecia estar fazendo-o freqüentemente nos últimos tempos. As duas coisas, estremecer-se e rondar. E ficar na escuridão perguntando-se que demônios tinha acontecido a sua vida.

Faz uma semana teria estado em seu diminuto apartamento, metida em sua diminuta cama. Nunca teria tido conhecimento sobre as horrendas criaturas que aterrorizavam a noite, ou temido converter-se em um sacrifício assado em honra a alguma desagradável deidade.

Seu olhar deslizou para cima atrasando-se no tenso e perfeito perfil do vampiro próximo a ela. O coração deu uma repentina sacudida. Talvez tivesse estado segura em sua cama, mas teria estado sozinha. E desventurada.

Acontecesse o que acontecesse, por muito que um exército inteiro de bestas, demônios e bruxas se cruzassem em seu caminho, jamais lamentaria os acontecimentos que a tinham

conduzido para esse momento. Ter Dante perto valia qualquer preço.

Enquanto esse conhecimento se fixava profundamente no interior dela, Dante se moveu inquieto e ela sentiu uma quebra de onda de frustração percorrendo-o.

Sua mão se estendeu para lhe tocar o braço.

—O que sente?

—O demônio está perto.

—Quão perto?

Lançou-lhe um sorriso irônico.

—Abby, não sou um GPS. Só posso dizer que está perto.

—Então as bruxas não devem estar longe.

—Sim.

Abby sentia-se ligeiramente enjoada. Uma sensação provocada cada vez que pensava nas mulheres que tinha visto em sonhos. As mulheres que podiam ter sua vida, assim como a de Dante, em suas mãos.

—Começamos a procurar pelas casas?

Ele levantou a cabeça e farejou o ar. Ela não soube o que cheirou, mas isso sacudiu fortemente a cabeça.

—Não quero cometer o engano de andar às cegas. Prefiro ter alguma idéia a enfrentaremos.

—Posso...

—Não.

Abby se enrijeceu ante o tom cortante de sua voz. Não era que quisesse particularmente arrastar-se só pela escuridão. Demônios, mas bem queria lhe cravar um garfo nos olhos. Mas não aceitava muito bem as ordens. Nunca o tinha feito, nunca o faria.

—Bem, não ficarei parada aqui, na escuridão, toda a noite — informou ela bruscamente— Estou cansada, tenho fome e meu humor está se tornando malditamente irritável.

Ele levantou uma sobrancelha.

—Diria que a transformação já é aparente.

— Dante.

O braço dele rodeou os ombros de Abby.

—Existe mais de um meio para descobrir às bruxas.

—E esses são?

Levou-a pela deserta e silenciosa rua para a buliçosa estrada apenas um bloco de distância.

—Confia em mim.

Ela pôs os olhos em branco ante as palavras familiares.

—Pelo menos poderia-me dizer aonde vamos?

—Já verá.

Ele dobrou a esquina e caminharam passando por elegantes restaurantes com seus discretos toldos e lojas fechadas que não punham etiquetas de preço em seus artigos. O tipo de vizinhança onde as mulheres como ela eram seguidas pelo segurança da loja.

Abby enrugou o nariz quando se encontrou rebocada sem descanso para uma cafeteria localizada na calçada oposta, que ainda estava lotada com garotos esnobe e executivos corporativos.

—Estou começando a reconsiderar isso de ser companheira.

—De verdade, querida, deve ter mais fé em mim.

—Tenho, é só que...

—Só que?

Abby se deteve repentinamente para encontrar-se com seu olhar direto.

—Tenho medo — admitiu bruscamente.

O braço de Dante puxou-a e seus lábios roçaram ligeiramente o topo de sua cabeça.

—Não permitirei que nada aconteça com você, Abby. Tem minha palavra.

—Mas o que me diz de você?

—Também me cuidarei.

Ela se afastou com expressão carrancuda.

—Não sabemos o que as bruxas farão.

—Descobrirão um novo Cálice e libertará você da Fênix.

—E você será o guardião de uma nova mulher.

Sua expressão se relaxou.

—Ah... está com ciúmes.

—Possivelmente um pouquinho.

Seus dedos lhe embalaram o queixo.

—É minha companheira. Inclusive se quiser estar com outra mulher, não poderia.

—Mas serei mortal outra vez.

—Com isso nos preocuparemos depois. Por hora devemos nos concentrar em nos desfazer da Fênix. Até que o façamos, correrá perigo — seus lábios pararam um momento em sua testa antes que uma vez mais a empurrasse rua abaixo, detendo-se ante a grande janela da buliçosa cafeteria. — Esse lugar servirá.

Ela deu uma olhada nos clientes, que eram mais magros, mais ricos, e mais bonitos que ela.

—O que é este lugar?

—Uma cafeteria.

—Posso ver isso. Por que estamos aqui?

—Por causa disso.

Ele assinalou um lugar diretamente sobre a janela. Por um momento Abby não pôde ver nada salvo os vermelhos tijolos do edifício. Então, quando as nuvens se deslocaram, pôde distinguir um estranho hieróglifo que resplandecia a luz da lua.

—Um grafite?

—Esse símbolo assinala que o dono é... não humano — seu braço baixou para apontar a janela onde um homem alto servia as mesas.

Os olhos de Abby aumentaram. Uauu. Nunca tinha visto nada parecido. Grande e musculoso com a constituição que até um lutador profissional teria invejado estava vestido com uma camisa frouxa, verde, coberta de lantejoulas, e com calças de pele de leopardo que pareciam estar pintadas sobre ele. Ainda mais chamativo era o cabelo vermelho, brilhante e comprido que fluía por suas costas como um rio de fogo.

Era uma exótica mariposa que gotejava uma sensualidade quase evidente no ar.

—Deixe-me adivinhar, E.T.? — disse ela descaradamente.

Dante fez uma careta.

— Um fantasma do diabo.

Não tinha sido sua primeira hipótese. Mas bem a centésima.

—Não é algo grande para ser um fantasma do diabo? —inquiriu ela, franzindo o cenho quando o perdeu de vista e então, sem advertência, uma pequena explosão no ar fez que o tivesse ante ela.

—Não qualquer fantasma, sou um príncipe entre os fantasmas — corrigiu ele em tons ricos, realizando uma elaborada reverência— Troy, as suas ordens, e bombozinho, grande é definitivamente melhor — levou uma mão para a parte baixa de seu estômago e tocou a si mesmo com um sorriso sedutor— É obvio, não espero que só creia em minhas palavras. Estou disposto a te demonstrar meus bens se quiser. Acima tenho muitos quartos vazios onde pode provar em privado meus artigos.

—Isso não será necessário — a voz de Dante cortou o ar com todo o calor de uma bola de neve na Antártida.

Virando ele inspecionou Dante com clara apreciação. Obviamente era um fantasma com uma gama variada de gostos.

—Bem, olá. Carne fresca... justo como eu gosto.

—Podemos falar?

O fantasma do diabo se aproximou enquanto lambia os lábios.

—Há melhores coisas que poderíamos estar fazendo.

Dante nem sequer piscou.

—Isto é importante.

—Delicioso — percorrendo com uma mão o braço de Dante, ele se inclinou para frente e inalou profundamente. De repente a criatura se esticou, e, retrocedendo, deu a ambos um ofendido e furioso olhar— Estão emparelhados. Partam.

Abby se encontrava entre a incredulidade e a diversão. Este não era um duende travesso que dançava em um jardim ou que fazia travessas brincadeiras aos imprudentes. Mesmo assim, havia algo estranhamente

fascinante sobre Troy, Príncipe dos Fantasma do diabo.

Dante não se divertia. Estava sinceramente molesto.

—Só levará uns instantes — Dante tirou o relógio do pulso e o sustentou de tal forma que o ouro pudesse brilhar sob a luz das luzes.

O nariz de Troy pareceu retorcer-se quando se inclinou para frente para estudar o caro relógio.

Por fim se endireitou e mostrou com uma grande mão o beco próximo.

—Vão por trás. Há uma porta que leva às habitações privadas.

Desapareceu tão facilmente como tinha aparecido, mas Abby não teve oportunidade de apreciar o surpreendente truque, já que Dante segurou sua mão e puxou-a para as sombras da parte traseira do edifício.

—Por Deus, o que são os fantasmas do diabo?

Ele deu um suspiro cheio de aversão.

—São criaturas frívolas e de pouca confiança que desfrutam dos prazeres da carne e é obvio, de criar caos.

—E este dirige uma cafeteria?

Ele deu de ombros.

—Os fantasmas do diabo podem passar por humanos quando querem e são verdadeiramente bons com os negócios.

—E estamos aqui por que...?

—Qualquer demônio na vizinhança virá aqui para compartilhar informação.

Abby estremeceu. Deus Bendito! Os demônios se infiltraram nos subúrbios de classe alta? Logo o que? A Casa Branca? Oh não. Nem sequer pense nisso, Abby, disse-se severamente.

— Dante, crê que é uma boa idéia passar mais tempo com demônios tendo em conta que me consideram uma espécie de Santo Gral?

—Não há nenhum outro demônio dentro —assegurou ele— Somente quero falar com o fantasma. Ele terá ouvido qualquer rumor que esteja circulando.

—Diz que os demônios vêm aqui para beber café e fofocar?

—É uma forma de vê-lo. Se houver bruxas na zona estarão mantendo um olho sobre elas. — fez uma pausa para abrir a porta. Logo, deteve-se um momento para esquadrinhar com cuidado o quarto antes de empurrá-la pela soleira e fechar a porta.

Com um movimento de sua mão, as suaves luzes se acenderam com um resplendor e Abby deu grito sufocado.

—Merda — sussurrou ela, repassando com o olhar o amplo quarto. Nunca tinha visto tanto veludo vermelho e objetos laqueados reunidos em um lugar. Claramente os demônios sentiam uma preferência pelo exuberante e opulento.

Tocando seu braço Dante lhe lançou um olhar de advertência.

—Não toque em nada.

—Por quê?

—Os fantasmas tendem a encantar algumas de suas coisas. Um só toque e se sentirá obrigada a retornar a esta cafeteria repetidamente.

Ela enrugou o nariz.

—Não é de se admirar que sejam bons empresários.

—Não nos prejudicará.

Em menos de um instante, Troy entrou no quarto, estendendo imperiosamente a mão. Dante, solícito, deixou cair seu relógio na palma aberta e o fantasma o inspecionou com olho de perito.

—Me permita examiná-lo. Ouro... verdadeiro. Diamantes... verdadeiros. Um pequeno arranhão no vidro — franziu os lábios e deixou cair o relógio no bolso de sua camisa— Posso dar meia hora. Querem sentar? Uma xícara de café?

Dante segurou o braço de Abby e deu um apertão de advertência, antes de sacudir a cabeça com suavidade.

—Nada, obrigado. Não levará muito tempo.

Troy jogou para trás sua juba chamejante.

—O que posso fazer por vocês?

—Procuramos bruxas.

O olhar esmeralda se moveu para Abby.

—Ah. Desejas uma poção ou possivelmente um feitiço? Tenho um amigo que prometo não lhe defraudará.

Dante respondeu.

—Essas bruxas estarão vivendo em um esconderijo e não se interessam em poções. Têm poder. Muito poder.

Os belos traços mudaram bruscamente a uma expressão de aversão.

—Ah... essas bruxas.

Dante deu um passo para frente.

—Conhece-as?

—Vieram faz uns quantos dias. O valor dos bens raízes esteve caindo como chumbo após.

Abby piscou confusa.

—Os bens raízes?

—Os demônios estão inquietos. Estas bruxas não são como outras. Não veneram a beleza e a glória da Mãe Terra. Obtêm seus poderes com sacrifícios de sangue. Vários duendes do Sespi simplesmente desapareceram.

Sacrifícios de sangue? Abby mordeu o lábio inferior. Isso não soava bem. De fato, estava se convencendo cada vez mais de que procurar essas bruxas era uma idéia muito má.

Se Dante estava surpreso, não o demonstrava. Sua face de alabastro parecia esculpida em mármore.

—O que sabe sobre elas? — perguntou.

—Sua casa é a maior monstruosidade de estilo vitoriano ao final da Avenida Íris.

—Quantas?

—Dez.

—A casa está protegida?

O fantasma fez uma careta.

—Muito bem protegida. Têm uma Shalott domesticada que cuida do terreno.

—Sim, nos encontramos com ela— murmurou Abby.

Dante parou um momento analisando a informação.

—Algum feitiço que as vinculem?

—Nenhum que se detectou.

—Devem estar conservando sua força — murmurou ele.

Troy se adiantou, com um sorriso nos lábios e um brilho malvado nos olhos, tocando levemente os cabelos de Dante.

—Espero que elas estejam em seu menu para o jantar, formoso. Começam a afetar o negócio.

Dante sorriu friamente.

—Por agora só quero falar com elas.

—Uma pena — o fantasma deu um dramático suspiro e se moveu para Abby. Acariciou-lhe os cabelos como fez com Dante. Então lentamente se inclinou para lhe cheirar o pescoço. Abby se forçou a ficar ainda mais quieta. O Príncipe dos Fantasma parecia inofensivo, mas era suficientemente grande para esmagá-la com uma mão— O que é esse aroma? Há algo dentro de ti...

—Isso é tudo o que necessitamos — com um suave movimento, Dante se interpôs entre Abby e Troy, com o corpo inteiro vibrando cheio de perigo— Obrigado por seu tempo.

Os olhos esmeraldas se estreitaram, mas com um sorriso sardônico o fantasma realizou uma profunda reverência.

—O prazer foi todo meu — jogou uma olhada sobre o ombro de Dante para apunhalar Abby com um sorriso ardiloso— Ainda assim, acredito que o melhor será que não voltem. Meu estabelecimento possui uns poucos feitiços secundários para apagar as tendências mais ferozes de meus clientes, mas não acredito que nada pudesse deter o derramamento de sangue se captassem seu aroma, minha preciosa.

—Não retornaremos — prometeu Dante, tirando a empurrões Abby do quarto e retornando ao beco. Uma vez que a porta fechou, esquadrinhou as sombras— Bem, temos a informação que queríamos. Agora, que demônios fazemos com ela?

O porão parecia ter sido tirado de um filme de terror. O piso estava cheio de terra,

sujo com excrementos de ratos e ratos. Gastos muros de pedra estavam úmidos com uma capa escorregadia de mofo. Inclusive o ar era pesado e estava cheio de um escuro sentido de perigo. Tinha o tipo de atmosfera que faria a maioria das pessoas fugissem de terror.

Mas Edra era feita de um material mais duro. Não tinha nenhum apego pelas sombras, mas estava disposta às utilizar para seus próprios planos. E depois de séculos combatendo a escuridão, por fim tinha aceitado que unicamente enfrentando-se diretamente ao mal poderia terminar com ele de uma vez e para sempre.

Colocando uma vela no grande altar que tinha ordenado construir depois que se viu obrigada a fugir do esconderijo secreto nos subúrbios da cidade, mexeu no bolso da túnica e tirou um pequeno amuleto. A escuridão pareceu fazer-se mais profunda, a vela piscou. Um frio que impregnava os ossos se arrastou pelo ar.

Edra sorriu. Tanto poder.

Suficiente poder para mudar ao mundo.

Um suave roçar na porta foi a única advertência de que alguém se aproximava. Com pressa controlada, Edra deslizou o

amuleto em seu bolso e murmurou algumas palavras.

As poucas bruxas que ficaram não podiam conjurar um feitiço de vínculo e muito menos ser o suficientemente sensíveis à aura escura que rodeava o amuleto. Ainda assim, não estava disposta a correr nenhum risco. Não agora. Não quando estava tão perto do êxito que podia saboreá-lo.

Com um gemido, forçou suas intumescidas articulações a ajoelhar-se ante o altar e dobrou a cabeça em oração. Não se mexeu até que sentiu a mulher parada a seu lado e, por fim, levantou a cabeça.

A intrusa era magra, com o cabelo castanho e murcho. Tinha sem dúvida um nome, mas Edra nunca se incomodou em aprendê-lo. A maior parte daquelas que alguma vez tinha gostado estavam agora mortas e longe. As bruxas mais novas eram só um mal necessário.

—O demônio vive?

—Vive, mas suas feridas são graves — informou a mulher com um cenho— Salty se viu obrigada a curá-la.

—Não deveria ter se incomodado. Muito em breve não necessitaremos dessa criatura -

Edra não se perdeu a moléstia que cintilou nos olhos escuros, e ficou em pé. Deliberadamente permitiu que seu poder enchesse o quarto. Às vezes seus subordinados precisavam recordar que sob sua frágil aparência de doce velhice havia uma vontade capaz de destruí-las sem nenhuma misericórdia— Tem algo a me dizer?

A bruxa vacilou por um momento antes de ajeitar os ombros.

—Prometeu-nos durante o ano anterior que nos desfaríamos dos demônios, mas não estamos mais perto de obter nossas metas e agora muitas de nós morreram.

—Não é minha culpa que Selenia se convertesse em uma ambiciosa e usasse os livros de feitiços antes que pudesse ajudá-la ou que o mago a atacasse sem advertência — o espetou molesta.

—Deveríamos ter estado melhor preparadas.

A mão de Edra descendeu para seu bolso para tocar ao amuleto.

—Sugere que falhei?

—Sugiro que estávamos muito seguras de nosso poder.

—E deseja desafiar minha autoridade?

Possivelmente sentindo sua iminente morte, a bruxa retrocedeu apressadamente.

—Não. Simplesmente quero que nos retiremos para reunir nossa força. Continuar com o plano enquanto somos tão fracas é uma loucura.

—Impossível. Todos os sinais estão alinhados. Devemos atacar enquanto podemos.

—Mas nem sequer sabemos onde está a Fênix. A Shalott nos falhou.

Um brilho de ira percorreu a bruxa antiga antes que se esforçasse por apartá-la. Não podia distrair-se. Não agora.

Um frio sorriso tocou seus lábios.

—O Cálice está perto. Ainda agora nos busca.

A bruxa mais jovem piscou com surpresa.

—Sente-a?

—Sim — um tremor de antecipação estremeceu seu corpo— Prepara o sacrifício. Nosso tempo se aproxima.

—Mas...

—Não faça que me repita — advertiu Edra com uma voz letal— Prepara o sacrifício.

Não de tudo estúpida, a mulher mais jovem estava retrocedendo apressadamente para a escada.

—Sim, senhora.

Despedindo-se de sua companheira com um gesto da mão, Edra se concentrou no vago conhecimento que a cada momento se voltava mais próxima sua realização.

Por fim.

Apesar de todos os cruéis reversos. Apesar das mortes. Apesar do fracasso de seus subordinados. Seu sonho estava a ponto de converter-se em realidade.

—Vem a mim - sussurrou brandamente.

Capítulo 22

—É esta.

Agachada ao lado de Dante entre os frondosos arbustos, Abby estudou a casa. Localizada bem longe da rua e quase oculta detrás das sebes, era uma estrutura envelhecida de estilo Vitoriano. Embora usar a palavra envelhecida possivelmente fora muito amável. Mais exato seria dizer que estava desmoronando. Inclusive nas sombras era fácil notar a pintura separando-se das paredes e a terraço que se cambaleava. Se Norman Bate necessitasse uma casa de veraneio, ela acabava de encontrar.

Abby sacudiu a cabeça. Meu Deus! A única surpresa seria não ter uma mãe morta escondida em algum quarto e um louco homicida rondando pelo terreno.

—Droga — disse Abby em voz baixa— Isto é tão... horripilante.

Dante estava totalmente em modo predador. Com estranha facilidade, fundiu-se com as sombras e se manteve imóvel. Não houve nenhum movimento nervoso por parte dele, nenhuma queixa em voz baixa porque o

arbusto cravava nas costas. Demônios, nem sequer havia uma respiração tediosa que agitasse o ar.

Se ela não fosse intensamente consciente da tensão enroscada dentro dele, talvez pensasse que tinha se convertido em pedra. Mudando ligeiramente de posição examinou de perto as feições de alabastro quase irreconhecíveis. Esse não era o amante carinhoso nem o sensual pirata. Era o vampiro guerreiro que lhe enviava um calafrio de inquietação pela coluna.

Sentindo seu olhar fixo ele virou para apunhalá-la com seus olhos prateados.

—Sente algo?

—Sim — distraidamente esfregou os braços. Os arrepios sobre toda a pele tinham começado do momento em que Abby tinha pisado nos terrenos da casa— Mas não sei o que é.

—Me diga — sua voz era um sussurro de veludo.

—É como se quase pudesse escutar seus murmúrios dentro de minha mente. Não posso entender as palavras, mas sei que estão aí.

—As bruxas?

—Suponho que sim — ficou sem fôlego ao ver que as presas brancas surgiam e suas mãos se transformavam em garras. O demônio aparecia com toda sua força— O que foi isso?

—O que?

—Acaba de grunhir?

—Não gosto disso — seu olhar voltou para a casa e seu tom foi inexpressivo— Está muito silencioso.

—Não me surpreende que queiram passar despercebidas depois de terem sido atacadas pelo mago. Não seria normal que estivessem tendo uma festa.

—E ainda assim não têm feitiços para proteger a casa.

—E a Shalott?

Ele farejou o ar.

—Deve estar dentro da casa... Ou morta.

Abby tremeu. Ou morta...

Não eram umas palavras que ajudassem a reforçar a confiança de uma garota.

Lambeu os lábios ressecados.

—Então suponho que nada nos pode deter certo?

Dante virou a cabeça lentamente para ela, com expressão séria.

—Sim, há uma coisa.

Ela enterrou a cabeça entre as mãos enquanto deixava escapar um áspero suspiro.

—Sabia. Simplesmente sabia. O que é essa coisa?

—Esta é uma casa particular.

—E...?

—E não posso entrar sem um convite.

Abby levantou a cabeça de repente.

—Está brincando, não é?

—Não.

—Não vive em uma cripta e não pode se converter em morcego, mas precisa de um convite para entrar em uma casa? — gemeu Abby.

Uma leve diversão suavizou seus olhos inexpressivos.

—Queria que fosse mais vampiresco.

—Só quando é conveniente.

—Perdão.

Enrugou o nariz, dando-se conta da ridícula que estava sendo.

—Não, é melhor assim — se obrigou a dizer— Até que saibamos o que vai acontecer, preferiria que se mantivesse bem longe das bruxas.

Ele não moveu nenhuma pestana, mas Abby percebeu seu aborrecimento. Genial,

simplesmente genial. Havia conseguido ferir seu orgulho. Isto significava que sem dúvida se lançaria de cabeça ao perigo mais próximo.

Às vezes sua própria estupidez a assombrada.

—Quer que me esconda nos arbustos?

— Dante, quão único tem sentido é que nos separemos — disse Abby tratando de arrumar as coisas— Necessito que esteja preparado para me resgatar se preciso for.

—Não vou deixar que entre aí sozinha.

Ela tocou seu braço. Estava frio e inflexível como o granito.

—Não temos outra opção.

Suas presas cintilaram à luz da lua. Não era uma visão muito tranqüilizadora.

—As bruxas sabem que está aqui. Em algum momento vão sair para encontrar você.

Isso tampouco ajudava a acalmar seus nervos. Especialmente se Dante se via obrigado a retirar-se antes que as bruxas decidissem deixar-se ver. Ela preferiria entrar agora e saber que tinha respaldo.

—Não temos tanto tempo. Vai amanhecer logo.

—Então retornaremos amanhã de noite.

— Dante, acredito...

Com enorme rapidez, ele a apertou contra seu peito e o ar brilhou e estalou a seu redor.

—Merda Abby, não posso deixar que entre — grunhiu.

Se ela tivesse um pouco de juízo teria ficado aterrorizada. Companheiro ou não, esse homem a podia esmagar sem esforço. Ou pior, lhe cortar a garganta. Mas foi a irritação que lhe pôs rígidas as costas e fez aparecer um cenho em sua cara.

—Prometo que não correrei nenhum risco. Encontrarei-me com as bruxas e...

—Não.

—Me escute Senhor Macho, eu tomo minhas próprias decisões.

O nariz arrogante se alargou.

—Não nisso.

Ela rangeu os dentes.

—Essa discussão já está se tornando velha, Dante. Não sou uma menina. Para ser sincera, acredito que nunca fui uma menina. Não me dão ordens, nem você nem ninguém.

Ele estudou suas feições ruborizadas fixamente.

—Se morrer, eu morro — disse simplesmente.

O ar escapou do corpo de Abby. Observou suas tensas feições.

—Morrerá porque sou sua companheira?

—Não, porque você é a razão de minha existência.

—Oh — Abby ficou aniquilada pela crua beleza de suas palavras. Era difícil manter-se toda irritável e independente quando estava fazendo que seu coração se derretesse. Maldito fosse. — Dante ...

Com um dedo lhe tocou os lábios para deter suas palavras e virou a cabeça para o jardim descuidado que rodeava a casa.

—Alguém se está aproximando — sussurrou no seu ouvido.

Os dedos apertaram o braço de Dante, enquanto um agudo medo lhe perfurava o coração. Essa era a razão pela que estava ali, é obvio, mas isso não acalmava o frio que lhe apertava o estômago.

Essas mulheres não eram a associação local de jardineiras. Não a iriam convidar para tomar chá e comer pão-doce. Eram bruxas poderosas que podiam prender um vampiro com seus feitiços e controlar um espírito antigo que mantinha o mundo seguro dos demônios.

Seria uma parva se as subestimava.

Ignorando a debilidade de seus joelhos, Abby se obrigou a permanecer levantada. Pelo menos, enfrentaria ao que vinha em pé. Não escutou Dante mover-se, mas sabia que estava parado atrás dela.

Uma mulher magra de face estreita apareceu entre as sombras. Parando diante de Abby, assombrosamente fez uma profunda reverência.

—Milady, por fim chegou — disse em tom solene, indicando o óbvio.

Abby olhou Dante por cima do ombro.

—Milady?

—Selena nunca deixou de ser uma mulher da nobreza. Obviamente, você herdou seu título.

—Desejaria que só tivesse herdado isso — resmungou.

A bruxa esclareceu garganta, ignorando descaradamente o vampiro que estava alguns passos atrás.

—Se puder me acompanhar, milady. Minha senhora a está esperando.

Milady? Senhora?

A mulher devia ter passado os verões trabalhando no Festival do Renascimento.

Abby endireitou os ombros.

—Só se Dante também está convidado.

A cara magra se endureceu brevemente com desgosto.

—É obvio. O protetor deve acompanhar ao Cálice. Por aqui.

Virando, a mulher se dirigiu para a escura casa. Tinha chegado o momento. Abby apertou uma mão contra seu tremente estômago.

Em silêncio, Dante permaneceu parado diante dela.

—Está preparada? — perguntou-lhe.

Por um momento, Abby deixou que seu olhar examinasse as belas feições. Certamente nada horrível poderia acontecer enquanto ele estivesse perto, não?

—Tão preparada como posso estar — respondeu com uma careta.

—Não baixe a guarda — advertiu— E fique perto de mim.

—Acredito que vou vomitar.

Ele deu um passo intencional para trás.

—Então, isso de ficar perto de você foi uma metáfora, não?

A contra gosto, os lábios de Abby se curvaram ante sua brincadeira. Sabia que ele

estava tratando de acalmar a horrível tensão que a invadia.

— Supõe-se que o amor é para o bom e para o mau.

Ele elevou as sobrancelhas.

—O amor não chega tão longe.

—Obrigada.

Suas mãos lhe emolduraram o rosto com gentil cuidado.

—Abby, pode fazer isto.

Respirando profundamente, Abby assentiu lentamente com a cabeça,

—Sim.

Os olhos prateados flamejaram.

—Então, vamos converter você em humana de novo.

Viper ajustou os punhos de renda cuidadosamente antes de voltar sua atenção ao mago encurralado na parede. O aroma do sangue enchia o ar. Podia ser que o mago fosse um ancião, mas sangrava como qualquer humano quando sua cabeça batia contra uma parede de pedra.

Infelizmente, apesar do delicioso aroma, não sentia nenhum impulso de secar à patética criatura. A adoração do mago pelo Senhor Escuro fazia que seu sangue estivesse tão poluído como seu negro espírito.

Viper fez um rápido movimento com a mão quando o mago tentou conjurar um fraco feitiço para apanhá-lo. O homem já estava fraco por seu encontro com Dante. E estranhamente os intentos de chamar seus poderes escuros não tinham tido êxito. Viper só podia supor que o Príncipe não estava feliz com seu discípulo.

Não tinha estado à altura de um vampiro antigo.

—Acredito que o que temos aqui é um problema de comunicação — burlou Viper enquanto olhava as feições pastosas.

—Vá para o inferno — disse o mago com voz rouca.

—Sim, em algum momento, sem dúvida — suspirou Viper— Esperava fazer isto sem excessiva violência. Além disso, essa é minha jaqueta favorita e é uma merda ter que limpar tecido cerebral. Ainda assim, o prazer de te matar valeria a pena o esforço.

O homem que uma vez fora orgulhoso se encolheu em medo.

—É um vampiro. O que te importa o que acontecer com as bruxas?

—Oh, não sinto amor por elas. Por mim, podem-se fritar no inferno. Meu interesse só é pelo bem-estar das pessoas do meu clã. Sério, calculou mal quando atacou Dante.

—Ele é um peão das bruxas.

—Está equivocado — mais rápido do que o olho mortal poderia seguir Viper lhe fez um corte profundo na bochecha.

O mago gritou com os olhos alargados pelo terror.

—Se me matar, então você também morrerá.

—Crê que seu deus vai vingar a morte de um adulator patético como você? — Viper curvou os lábios em um sorriso sarcástico— É mais provável que me mande uma cesta de frutas.

O homem elevou a mão em um gesto de rendição.

—Deve me escutar. São as bruxas.

—O que têm elas?

—Têm a intenção de te assassinar.

Viper estreitou o olhar. Não confiava no humano. Um homem assim venderia sua alma, se ainda a tivesse, para salvar a pele. Mas Viper podia cheirar o ácido desespero que gotejava de sua transpiração. O mago realmente acreditava que as bruxas eram um perigo.

—As bruxas tentam me assassinar? Por quê?

—Eles querem mortos. A todos.

Agachando-se lentamente, Viper estendeu a mão para agarrar o homem pela garganta. Ante o primeiro indício de mentira, mataria a esse verme miserável. — Me conte mais.

Dante ardia com violência enquanto seguia a contra gosto à bruxa que os estavam conduzindo para a casa. Assim que cruzou a soleira e o familiar aroma de feitiços cozinhando, ervas secando e outros escuros perfumes menos reconhecíveis chegaram a seu nariz, seu estômago encolheu.

Era um fedor que conhecia muito bem. As bruxas estavam preparando um sacrifício. Ele tinha intenção de assegurar-se de que o

sacrifício não incluiria Abby ou a ele mesmo. Sem importar a quem tivesse que matar.

Ficando perto, atrás de Abby, varreu as sombras com seus sentidos. Se souber que está caindo em uma armadilha, ainda é uma armadilha?

Era algo a considerar.

As habitações eram grandes e estavam vazias, com altos tetos que davam a impressão de um grande espaço. Entretanto, o ar era fechado e úmido, com um calor que pressionava incomodamente Dante. Em sua mente, lembrava a porões sujos e paredes de cárcere. Quando chegaram ao que uma vez devia ter sido um formal salão, a bruxa parou na soleira.

—Senhora, trouxe o Cálice — disse em tom reverente.

Houve um movimento na escuridão e um cântico baixo antes que a suavidade da luz das velas apartasse a penumbra.

Com rígidos movimentos, uma mulher pequena e quase frágil levantou de uma cadeira. A primeira vista, parecia uma bondosa vovó, com o cabelo cinza e a face enrugada. Só quando se notava esses duros olhos marrons,

se fazia óbvio o frio e implacável poder que possuía.

Conseguindo esboçar um sorriso tenso a velha bruxa parou diante de Abby.

—Milady. E o guardião — o duro olhar passou sobre Dante antes que a mulher agitasse uma mão para a habitação cavernosa— Passem e sejam bem-vindos.

Dante sentiu a vacilação de Abby antes que se movesse com cautela para sentar-se em uma cadeira de couro ao lado da vazia chaminé. Ficou atrás dela, com o corpo tenso e preparado para atacar.

Durante um momento, o implacável olhar de Edra examinou sua postura protetora, como se estivesse julgando se ia ser um estorvo para seus planos.

O que seja que decidiu não se fez visível na face anciã. Mas como ainda estava em pé, supôs que a mulher tinha decidido que não era uma ameaça. Por agora.

Em uma piscada, a atenção da bruxa voltou para a face pálida de Abby.

—Ainda não fomos apresentadas, embora me sinta como se nos conhecêssemos estreitamente. Sou Edra — seu olhar se estreitou— E você é?

—Abby Barlow.

—Ah, a servente —murmurou— Teria que ter me dado conta de que seria a única o suficientemente perto para poder tomar a Fênix.

—Não queria — assegurou Abby com secura à mulher— Se tivesse sabido o que ia acontecer, teria saído gritando na direção oposta.

—É compreensível — algo que sem dúvida se supunha que devia ser compaixão apareceu na enrugada face— Parece exausta, carinho. Posso te servir um pouco de vinho?

Abby esclareceu nervosamente a garganta.

—Não, obrigada.

—Bom — houve um curto e espesso silêncio—Se encontra bem? Não teve nenhuma dificuldade levando a Fênix?

—Além de ser perseguida por quase cada demônio e mago escuro de Chicago?

Uma mão enrugada se moveu em um gesto imperioso.

—Quis dizer fisicamente. Não teve nenhuma dor? Nenhuma enfermidade?

—Meus olhos se tornaram azuis e tenho tendência a incendiar às pessoas, mas, além disso, sinto-me bem.

—Bom isso é um alívio. Mesmo assim... — a mulher se aproximou para inclinar-se sobre a cadeira, ignorando o grunhido de Dante ao estender a mão para acariciar a bochecha de Abby— Talvez não se importe que tome um momento para me assegurar de que a Fênix está ilesa após os... feitos recentes.

Abby tremeu um pouco sob o contato da bruxa, mas não se afastou.

—Se for necessário.

Edra fechou os olhos enquanto murmurava em voz baixa. Dante não podia sentir a magia, mas sabia que a estava tecendo. Apertou os punhos. Condenado inferno, como odiava isto.

—Está bem, graças à bendita Deusa — sussurrou a bruxa. De repente, sem advertência, deixou escapar um grito sufocado e retrocedeu tropeçando e apertando uma mão sobre o coração— Ah...

Abby apertou os braços da cadeira.

—O que?

Com um esforço, a bruxa lutou para recuperar a compostura. Entretanto, sua mão permaneceu de uma cor vermelha intensa.

A Fênix a tinha atacado.

Que diabos significava isso?

—Possui muito poder, muito mais que Selena — estreitou o olhar antes de assentir levemente com a cabeça—. Sim, fará bem.

Nada parva Abby examinou a bruxa com tensa suspeita.

—Farei bem o que?

—Ser o Cálice, é obvio.

As palavras foram suaves, mas Dante não acreditou nem por um momento. Sua mão baixou ao ombro de Abby enquanto olhava à bruxa com fria ameaça.

—Estamos aqui para que retire o espírito do corpo de Abby.

As velas chisparam abruptamente. Uma advertência pouco sutil do poder que a bruxa mantinha guardado.

—Impossível — soltou Edra— A Fênix já tomou posse de seu corpo.

—Então encontre outro maldito corpo — grunhiu Dante.

A mão enrugada se elevou.

—Cuidado, besta.

A violência pendia do ar e com um movimento nervoso, Abby se levantou da cadeira.

—Olhe, entendo sua preocupação, mas de maneira nenhuma posso ser seu... Cálice — balbuciou, em um intento óbvio de deter um derramamento de sangue— Eu não pedi isto, nunca fui treinada e, honestamente, estou farta de que coisas horrendas estejam tratando de me assassinar.

Edra lhe lançou um olhar fugaz, mas sua atenção permaneceu em Dante —Agora está conosco. Ocuparemos-nos de seu treinamento e de te manter a salvo.

—Como fez com Selena? —burlou-se Dante.

—Selena propiciou sua própria queda.

—Como?

—Não está em posição para perguntar o que ocorre dentro do esconderijo — soltou Edra.

—Mas eu sim estou — interrompeu Abby de novo— E quero saber o que aconteceu com Selena.

—Discutiremos o tema de Selena mais tarde.

Dante ocultou um sorriso ante a ordem imperiosa na voz da bruxa. Estava destinada a fazer que Abby chiasse os dentes.

Não se viu decepcionado ao ver que sua companheira estreitava o olhar e mentalmente resistia com obstinação.

—Não. Quero saber como morreu.

Edra ficou rígida. A velha bruxa estava acostumada a dirigir suas subordinadas com um punho de ferro. Inclusive Selenia tinha admitido a contra gosto sua autoridade. Surpreendentemente, entretanto, algo que poderia ter sido cautela brilhou por um instante sobre o rosto enrugado da bruxa enquanto estudava a moça.

—Tentou realizar um feitiço além de suas habilidades — confessou abruptamente.

—Que tipo de feitiço? — pressionou Abby— Que fazia?

—A... Protegia dos demônios.

Estava mentindo.

O conhecimento flutuou espessamente no ar.

—Pensei que a Fênix podia proteger-se por si mesmo - respondeu Abby.

—Contra a maioria dos inimigos.

—Temia ser atacada?

—Isso sempre é um temor — a face enrugada se endureceu com ódio— A escuridão ronda e espera a oportunidade para recuperar o que perdeu. Há forças malvadas no mundo que não pararão por nada até nos destruir.

—Sim, conheci uns quantos — murmurou Abby— Por isso quero esta... esta coisa fora de mim e dentro de alguém que saiba o que está fazendo.

Houve uma tensa pausa antes que a bruxa estendesse a mão para dar um tapinha no braço de Abby, em um movimento incômodo.

—Consideraremos o que é melhor que se deve fazer, mas primeiro creio que deseja um pequeno descanso. Posso sentir seu esgotamento.

A mulher deu a volta e se dirigiu para a porta antes que Abby pudesse discutir. Dante se moveu mais rápido. Em uma piscada, estava parado na entrada da porta, com as presas descobertas.

—Abby necessitará de suas ervas.

Edra piscou surpreendida ante sua repentina aparição, antes que uma expressão

de majestoso desgosto se refletisse em sua magra cara.

—É obvio.

—E eu necessitarei de sangue.

A expressão de desgosto se aprofundou.

—Sim, ocuparemos disso.

Dante esperou um longo momento antes de mover-se a um lado para permitir que a bruxa saísse da sala. Esperava que tivesse sentido com que ferocidade desejava assassiná-la nesse momento.

Capítulo 23

Abby se sentia como uma garrafa de champanhe que tinham sacudido até ameaçar em explodir. Não sabia que seus nervos poderiam estar tão tensos, nem que se podia sentir tanto frio em uma habitação que era sufocante.

Pior, não sabia se o que a punha tão nervosa era estar na guarida das bruxas, ou a visão de seu amado em pé na soleira da porta.

Nas sombras, Dante poderia ter sido esculpido no mais puro mármore. Não havia nenhuma expressão nas feições de alabastro. Nenhuma chama de vida nos apagados olhos prateados. Nem sequer um músculo se movia no elegante e alto corpo. Poderia ter sido um formoso manequim se não fosse pelas presas que brilhavam sob a luz das velas.

Por fim, ela pigarreou.

— Dante?

Não houve nem uma piscada de uma pestana.

— Sim?

— Parece um pouco incomodado, está bem?

Passou um longo momento antes que uma ondulação o percorresse e se virasse lentamente para encontrar seu olhar.

—Eu não gosto de estar aqui.

—Eu tampouco — murmurou Abby, envolvendo os braços ao redor de sua cintura — Aqui é sufocante, mas estou gelando. Não tem nenhum sentido.

Suas sobranceiras descenderam.

—Magia?

Abby refletiu. Como se fosse uma perita. Demônios, nem sequer era uma aficionada. Mais bem um bufão torpe. Mesmo assim, podia sentir algo no ambiente. Uma sensação de presságio que formigava por toda sua pele e lhe aferrava o estômago.

—Mais parece magia esperando acontecer — tentou explicar a estranha sensação— É como uma tormenta aproximando-se. Pode sentir a eletricidade no ar antes que sequer golpeie.

—Assim, o que estão tramando?

Ela tiritou ao aproximar-se para colocar-se diante de Dante. Tinha esperado que conhecer as bruxas acalmaria seus imprecisos medos. Em troca o impulso de escapar era mais irrefreável que nunca.

Havia algo... fétido no ar.

Como um indício de enfermidade apodrecendo-se sob a superfície.

—Não sei — pôs a mão sobre seu braço— Possivelmente simplesmente deveríamos ir, Dante.

—Não — cobriu a mão com a sua. Sua expressão era sombria— Não até que esteja a salvo.

—Ela não parecia como se estivesse muito ansiosa por me liberar da Fênix.

—Se a convencer de que não vai ser dirigida como um boneco será obrigada a encontrar um novo Cálice. As bruxas consideram a Fênix como algo próprio, e não perderão o controle. Embora isto signifique pôr em perigo o espírito.

—Quer dizer ser eu mesma?

Uma sombra de sorriso tocou os lábios de Dante.

—Exatamente.

—E você?

Sua expressão se fechou.

—Posso cuidar de mim mesmo.

Abby trouxe um suspiro. Era sua expressão de “sou-Neandertal-e-serei-imbecil-se-quiser’ que a irritava profundamente.

Vampiros.

—Não se o atam a um novo Cálice.
Estaria a sua mercê.

Ele elevou um ombro.

—Já estou a sua mercê. Não mudará
muito.

Ela juntou as sobrancelhas de repente.

—Quero te liberar.

—Uma coisa por vez, querida — levantou
a mão para lhe acariciar a bochecha —
Primeiro devemos nos assegurar que Edra
entende que fala a sério sobre se desfazer da
Fênix. Eu tinha esperado que ela já tivesse
elegido outro Cálice e estivesse ansiosa de nos
ajudar. Como é...

—O que?

Suas presas se fecharam.

—Pode parecer velha e débil, mas dirige a
magia como um gladiador dirige uma espada e
não lhe importa quem sai ferido quando dá um
golpe. Devemos tomar cuidado para convencer
que te libere sem que tema que possa ser uma
inimiga.

—Assim quer que resista à bruxa mas
não até o ponto de que queira minha cabeça
em uma panela.

—Algo assim.

Ela enrugou o nariz.

—Não pede muito.

Sua expressão era sombria.

—Isto é importante, querida.

—Sei — com um suspiro, apoiou-se sobre seu corpo sólido e se aproximou a ele, enquanto seus braços a envolviam.

Na distância, podia sentir a aguda tensão de um feitiço em preparação e cheirar as ervas e outros ingredientes mais asquerosos que se estendiam carregando o ar. A espessa porcaria se arrastava por sua pele. Mas estar abraçada pelos braços de Dante manteve a escuridão que rondava a raia.

Abby não sabia quanto tempo tinha passado, mas finalmente ele a moveu brandamente para o centro da habitação e virou para olhar à mulher que entrou levando uma bandeja de prata.

Abby piscou com surpresa quando a desconhecida pôs a bandeja em uma mesa baixa e se endireitou com uma rabada de seu cabelo loiro. Bom Deus, ela parecia que deveria estar estudando álgebra e paquerando com um jogador de futebol americano, não trabalhando de faxineira para uma manada de bruxas.

É obvio a idade não era necessariamente uma indicação de maturidade, recordou-se a si mesma com ironia. Quando tinha dezoito, Abby tinha visto mais da vida que a maioria das mulheres que a dobravam em idade.

Unindo as mãos, a garota manteve seu olhar cravado na face de Abby. Levou-lhe um momento para Abby dar-se conta que Dante era provavelmente o primeiro vampiro com o que a garota se encontrou. Ou ao menos o primeiro vampiro que ela sabia que era um vampiro.

—A senhora pediu que lhe trouxesse algo para beber — conseguiu gaguejar por fim.

Quase a contra gosto, Abby sentiu uma pontada de compaixão pela garota. Fora qual fora sua razão para unir-se às bruxas, estava claro que não era feliz. Estava gravado na tensão de seu corpo muito magro.

—Obrigada — disse Abby brandamente— Foi muito amável de sua parte.

Algo que podia ter sido surpresa brilhou nos olhos escuros antes que ela oferecesse um sorriso vacilante e virasse para a porta. Antes que Abby sequer se desse conta do que estava acontecendo, Dante estava de repente frente à garota. Os lábios de Abby se separaram para

protestar. A última coisa que precisavam era que uma bruxa novata tivesse um ataque de histeria no salão.

Assombrosamente, entretanto, a mulher não gritou de horror. Nem sequer gemeu. Em vez disso suas feições se voltaram frouxas e seus olhos frágeis, como se houvesse recebido um golpe na cabeça.

—Não quer ficar? — Dante sussurrou tão brandamente que Abby quase não ouviu suas palavras.

—Eu... há muito que fazer... devo... — a garota começou a gaguejar.

Dante assinalou com a mão uma cadeira próxima.

—Sente-se.

Com movimentos espasmódicos, ela se sentou.

Abby conteve o fôlego e deu um passo adiante.

— Dante? O que fez?

Ele se agachou frente à cadeira, sem que seu olhar abandonasse a face da bruxa.

—Ela é jovem e ainda não está treinada para evitar ser cativada.

—O que significa isso?

—No momento, está em meu poder.

Abby estudou a mulher, a qual estava agradavelmente perdida em seu estado catatônico, enquanto um calafrio baixava pouco a pouco por sua espinha.

—Vá à merda.

—Disse que podia fazer isto.

Ela tragou com força.

—Saber que pode fazê-lo e realmente vê-lo fazendo são duas coisas completamente diferentes.

—E agora tem medo?

Ela pensou um momento antes sacudir a cabeça. Podia perceber a verdade escrita no coração de Dante.

—Não.

—Bem — seus lábios se curvaram em um sorriso malvado— Eu nunca te cativaria querida. Não quero um brinquedo estúpido; quero a você. Sem importar a teimosa e mal-humorada que possa ser às vezes.

Ela não pôde deter seu próprio sorriso.

—Sempre diz as coisas mais bonitas.

Lentamente ele voltou sua atenção à silenciosa garota na cadeira.

—Me diga seu nome — demandou. Seu tom era baixo e fluido. Uma voz dourada que parecia brilhar no ar.

A garota se inclinou para frente com uma ardente necessidade de agradar ao homem que a tinha tão facilmente cativa.

—Kristy.

—Kristy, há quanto tempo está com as bruxas?

—Não muito — sua testa se enrugou como se temesse que pudesse desiludir ao vampiro— Apenas umas poucas semanas.

O olhar de Dante permaneceu firmemente unido à bruxa.

—Sabe da Fênix?

—É obvio. É a razão pela qual a seita existe. É a salvação de todas nós.

Dante arqueou uma sobrancelha.

—A salvação?

Um resplendor fervente tocou a cara da jovem bruxa.

—Com a amada Deusa, traremos o fim da escuridão. A luz brilhará por uma eternidade.

Abby se aproximou cautelosamente. Não entendia o que a garota estava balbuciando. Uma luz eterna, desterrar a escuridão, bla-bla-bla. Mas percebeu a repentina tensão de Dante. E isso foi suficiente para elevar a proverbial bandeira vermelha. Ignorando a

aproximação de Abby, ele se inclinou até que esteve quase nariz com nariz com a bruxa.

—Como trarão o fim da escuridão?

—Há um feitiço. Um feitiço para acabar com o mundo dos demônios para sempre.

—Deve ser muito poderoso.

—Sim — a garota estremeceu— Só a bruxa de mais talento pode esperar realizar o ritual. Isto matou... a última que o tentou.

—Quem foi a última em tentá-lo, Kristy? — as mãos de Dante se esticaram nos braços da cadeira— Foi Slena que tentou lançar o feitiço?

—Eu...

—E isso a matou? — sua voz teve um fio mortal.

Abby conteve o fôlego. Seus pensamentos voltaram para corpo quebrado de Slena e depois se lembrou dos livros de magia que tinham descoberto na mansão. Merda. Ela tinha aberto a caixa forte e os tinha posto ao descoberto. Deus, inclusive tinha tentado utilizá-los.

Agora já não estavam lá. Se algo ruim acontecer, seria culpa dela.

Uma expressão angustiada apareceu sobre a face juvenil.

—Eu... não devo dizer seu nome. Traiu a seita e foi castigada como devia haver sido. A senhora nos proibiu de falar dela.

—Sssh. Tudo está bem — ele aliviou a preocupação de garota— Edra está planejando tentar o feitiço?

A expressão da garota se limpou com alívio. Uma pergunta que ela podia responder.

—Sim, utilizará a Fênix para combater ao Senhor Escuro e acabar com os demônios.

A tensão em Dante chegou a ser quase dolorosa.

—Que demônios?

—Todos os demônios — a bruxa sorriu com uma alegria quase arrepiante— Por fim o mundo será puro.

Abby franziu o cenho, esfregando os braços enquanto a labareda de fúria de Dante corria através dela.

—Condenado inferno — disse em voz baixa.

Com um movimento brusco a bruxa ficou em pé. Algo que podia ter sido dor torceu seus lábios.

—Ela me chama. Devo ir.

Brandamente Dante ficou em pé e lhe enquadrrou a face com as mãos.

—Kristy, há algo mais que queira dizer?

Inclusive Abby tremeu quando o poder de Dante pulsou através do ar.

—O sangue foi manchado com prata — sussurrou a bruxa.

Abby ofegou mas Dante simplesmente assentiu com a cabeça. Era exatamente o que havia suspeitado.

—Irá com Edra. Não recordará que falou comigo. Trouxe a bandeja à habitação e foi. Entende? — murmurou ele.

—Trouxe a bandeja e a deixei — repetiu ela.

—Muito bem — Dante retrocedeu— Agora vá.

A bruxa saiu caminhando rigidamente. Com uma sacudida da cabeça, Abby estendeu a mão. Bom Deus havia tantas perguntas que tinham que ser respondidas. Tinha que saber o que estava acontecendo.

—Espera...

Dante segurou seu ombro e não lhe permitiu perseguir a forma que desaparecia.

—Deixa que se vá querida. Edra suspeitará se não responder a sua chamada.

Abby virou para encontrar seu firme olhar.

—O que quis dizer?

—Um açougue a grande escala — disse com voz áspera—. Não acreditei que Edra ainda pudesse estar tão sedenta de sangue.

—As bruxas realmente poderiam matar todos os demônios?

—Parecem acreditá-lo.

Abby lutou por respirar. Não podia contar quantas vezes tinha estado morta de medo durante os últimos dias. Quantas vezes pensou que alguma horrível criatura poderia despedaçá-la membro a membro. Mas por mais horrível que tinha sido, havia descoberto que nem todos os demônios eram monstros.

Meu Deus, Dante era um demônio. Viper. As formosas fadas. Troy, o ridículo Príncipe dos Fantasmas do diabo. E a Shalott, que preferiu ser torturada antes de entregá-la às bruxas.

Faria o que fora necessário para deter o genocídio.

—Merda. Temos que detê-la — murmurou sem ter nem idéia de como alcançar uma meta tão elevada.

Meio esperando que Dante investisse fora do quarto como um louco furioso se

sobressaltou quando simplesmente a contemplou com um olhar penetrante.

—Isso é o que quer? Detê-la?

—O que?

Seus dedos lhe tocaram a bochecha.

—Abby, se lutarmos contra Edra, pode ser que nunca seja capaz de se desfazer da Fênix.

Seus olhos se abriram ante as graves palavras.

—Crê que te sacrificaria por alguma razão?

Ele elevou elegantemente um ombro.

—Liberar ao mundo da maldade? Isso parece uma meta bastante nobre.

Ela se aproximou e aferrou o frente de sua camisa de seda em um agarre irado. Se tivesse podido, teria lhe dado uma boa sacudida. Tal e como estava tudo o que podia fazer era enrugurar o formoso material.

—O mal não pertence só aos demônios, Dante. Os humanos são tão capazes de pecar como qualquer criatura.

O olhar de prata nunca vacilou.

—A maioria nos consideraria monstros.

—Não. Nem todos os demônios são monstros igual a que nem todos os humanos

são santos — estremeceu fracamente— Além disso, nunca estaria de acordo com semelhante massacre. Não importa quão boa seja a intenção, seria um crime. Malvado.

Houve um momento como se ele procurasse determinar a profundidade de sua resolução. Ao final assentiu com a cabeça.

—Precisamos sair daqui.

Abby exalou um rouco suspiro.

—Graças a Deus.

Movendo-se para lhe agarrar a mão, Dante se dirigiu para a porta só para deter-se bruscamente.

—Merda — afastou Abby para o centro do quarto, sem parar até que alcançaram a mesa baixa que tinha a bandeja sem tocar.

—O que acontece?

—Alguém está se aproximando.

O coração lhe alojou na garganta enquanto o observava recolher a taça de sangue envenenada.

—O que está fazendo?

—Permitindo que Edra acredite que tenha se desfeito de um inimigo - movendo-se tão rapidamente que seria impossível segui-lo, atirou o sangue pela janela e voltou para seu lado. Então, inesperadamente, tombou-se no

chão— Se as bruxas acreditarem que estou morto, então terei um modo melhor de procurar uma maneira de escapar.

Abby mordeu o lábio. Não gostava deste plano. Não quando podia significar que seria separada de Dante.

—Mas Edra não saberá? — perguntou.

Ele arqueou uma sobrancelha.

—Que não estou morto?

—Sim.

—Abby, estou morto.

—Ah — ela fez uma careta.

Suas formosas feições se converteram em linhas sombrias.

—Tome cuidado, querida. Nos tirarei daqui tão rápido como posso.

Os passos estavam agora o bastante perto para ser escutados por ouvidos humanos.

—Faz com rapidez — sussurrou ela.

Dante deslizou profundamente dentro de si mesmo. A diferença da maioria dos humanos a anciã bruxa necessitaria mais que um cadáver imóvel para convencer-se de que estava morto. Felizmente, os vampiros podiam retirar-se suficiente dentro de si mesmos de

modo que só outro vampiro podia perceber a faísca de vida. Nenhum feitiço nem abracadabra revelaria a verdade.

Estendendo-se com seus sentidos, controlou a aproximação constante de Edra e a sensação de Abby quando se inclinou a seu lado e lhe tocou a face. Podia cheirar o doce calor de sua pele e abaixo dele, o forte aroma do medo. Combateu cada instinto para não alcançá-la com sua mente para consolá-la. Inclusive o menor indício de poder alertaria à bruxa.

Os passos cruzaram o quarto e Dante percebeu o aroma de ferro no ar. Estranho. A mulher devia estar levando um amuleto. E não o tradicional amuleto de madeira. Este era duro e escuro e levava com ele uma atmosfera de sombras negras.

—Milady, passa algo? —arrulhou Edra com falsa simpatia.

—Meu Deus, algo aconteceu a Dante! — não se podia confundir o temor na voz de Abby. Se era pelo terror de ser abandonada nas garras da bruxa ou porque realmente parecia incrivelmente morto, era impossível de saber— Deve me ajudar.

—É obvio, mandarei que chamem uma curandeira. Vem comigo.

A mão de Abby esticou em sua bochecha.

—Não posso lhe deixar aqui.

—Tem um talento para tratar aos não mortos?

—Não, mas...

—Então devemos procurar alguém que tenha.

Sua ordem era perfeitamente razoável, e Dante sentiu Abby ficar lentamente em pé.

—Muito bem.

Custou-lhe cada onça de sua força de vontade evitar ficar em pé de num salto deter Abby em sua lenta retirada.

Não queria que se fosse de seu lado. Para arriscar-se a estar sozinha com a Edra. Mas que alternativa tinham? Não podia atacar diretamente à bruxa. Não enquanto permanecesse unido à Fênix. E Abby ainda estava aprendendo com lentidão a dirigir os poderes que possuía.

Tudo o que ele podia fazer era permitir que a seita acreditasse que já não era uma ameaça e esperar uma oportunidade de resgatar Abby de suas garras. Depois disso... bem.

Ele trataria com “depois disso” quando viesse.

Obrigando-se a esperar e assegurar-se que ninguém estava a ponto de entrar no quarto, Dante se viu distraído por um golpezinho na janela.

Cautelosamente permitiu que seus sentidos se estendessem. Seus lábios se crisparam enquanto ficava em pé correntemente e cruzava o quarto para contemplar o vampiro que estava fora.

—Viper.

—Dormindo no trabalho? — perguntou-lhe o vampiro de cabelo prateado enquanto entrava pela janela aberta.

Dante levantou as sobrancelhas com surpresa enquanto Viper alisava seu casaco de veludo e ajustava os franzidos de seus punhos.

—Como entrou?

Um sorriso ardiloso tocou suas feições muito formosas. Estendendo a mão sob sua camisa, tirou uma bolsa pequena de couro que estava unida por uma correia de couro a seu pescoço.

—Um presente de uma sacerdotisa vodu.

Dante franziu o cenho.

—O que tem dentro?

—Uma variedade de pedacinhos desagradáveis e partes que são utilizadas para animar aos mortos — disse arrastando as palavras, com um sorriso cínico nos lábios—. Permite-me passar por um ser vivo.

Um objeto muito útil reconheceu Dante. E precisamente o tipo de bagatela que Viper colecionaria. Observou-o enquanto ele colocava a bolsa sob sua camisa. Suas sobancelhas se juntaram bruscamente.

—Condenado inferno, o que aconteceu a você? —perguntou Dante quando viu as queimaduras carbonizadas na carne lisa.

Com um movimento rápido de suas mãos, o velho vampiro fechou sua camisa para esconder as marcas.

—O mago escuro e eu tivemos um ligeiro desacordo.

—Que tipo de desacordo?

—Pensei que deveria morrer e ele não estava de acordo.

Dante sorriu ironicamente. Havia pouca utilidade em exortar Viper sobre tomar tais riscos. Uma vez que estava em caça, nada podia pará-lo.

—Presumo que o convenceu de seu modo de pensar?

—Finalmente — um indício de irritação esticou suas pálidas feições— Fui descuidado. Seu poder era maior do que esperava.

Assim o mago escuro estava morto. Um problema a menos com o que tratar.

—O que está fazendo aqui?

A presença de Viper de repente pareceu encher o quarto inteiro. Inclusive as velas se atenuaram.

—Antes de lhe rasgar a garganta, o mago jurou que as bruxas tinham intenção de enterrar a todos nós às profundidades do inferno. Decidi que não estava preparado para ir ainda.

Dante pôs uma mão no ombro de Viper. Não havia necessidade de palavras. Caçariam juntos como o tinham feito séculos atrás. Poucas coisas lhe poderiam ter dado mais esperança.

—As bruxas têm Abby — disse.

—Onde?

Dante parou um momento para alcançar sua mulher.

—Debaixo de nós. No porão.

Viper assentiu lentamente.

—Pode lutar?

—Não posso fazer mal às bruxas que formaram parte do feitiço que me ata à Fênix. As bruxas mais novas não devem resultar um problema.

Viper sorriu para revelar suas presas.

—Eu cuido disso.

—Também há uma demônio — lhe advertiu— Precisaremos nos assegurar que não esteja planejando uma surpresa desagradável.

Viper inclinou a cabeça para trás para farejar profundamente o ar. Os olhos se abriram com surpresa.

—Uma Shalott. Assim não desapareceram todos. Que interessante.

Dante fez uma careta ante o brilho febril nos olhos de meia-noite. Dizia-se que o sangue de um Shalott era um afrodisíaco para os vampiros. O que sem dúvida explicava por que tinham escolhido ir com o Senhor Escuro. Sem seu amparo, seriam caçados até a extinção pelos vampiros.

—Você se encarregará de Edra; eu me ocuparei da demônio — disse Dante com dureza.

—Por que, Dante? Não me diga que foi seduzido pela criatura? —mofou Viper— Que dirá Abby?

—Ela quer que liberemos o demônio.

Viper ficou quieto.

—Por quê?

—Porque pôde nos ter matado e não o fez.

—Humanos — Viper sacudiu a cabeça enquanto uma emoção impenetrável obscurecia seus olhos— Tão débeis.

Ajeitando os ombros, Dante olhou para a porta.

—Está preparado para isto?

Viper se moveu para colocar-se a seu lado.

—Qual é o plano?

Capítulo 24

Abby mordeu o lábio inferior enquanto os cabelos de sua nuca se arrepiavam e suas palmas começavam a suar. Era a mesma sensação que tinha experiente quando tinha cinco anos e tinha entrado na casa enfeitada de um parque de atrações, e tinha passado quase duas horas agachada em um canto escuro com muito medo para mover-se e poder escapar para a porta.

Não tinha sabido por que estava assustada. Só que percebia algo na escuridão que esperava para devorá-la. É obvio, com a maturidade que dá a idade, era fácil olhar para trás e dar-se conta de que seu medo tinha sido causado por uma combinação de estímulos, escuridão asfixiante e ter sido abandonada na casa por sua mãe.

De todos os modos, o sentimento de ser devorada tinha sido muito real. Justo como o era neste momento. Levantando os ombros com gravidade, Abby permitiu que a conduzissem através dos escuros e vazios quartos, até que a anciã bruxa por fim fez uma

pausa para abrir uma porta e começar a descer pela estreita escada.

Já não era uma menina. Não se agachava em cantos. Contra-atacava com vontade. Bem... talvez não com vontade. Mas bem com uma combinação de arrasto, resistências e esfolamentos. Mas nunca voltaria a ser uma vítima voluntária.

Um aroma rançoso de terra úmida e mofo se enroscou sobre Abby quando alcançaram os degraus finais. Vacilou quando a completa escuridão a cegou momentaneamente.

—Não tenha medo — sussurrou Edra, e sua face se fez de repente visível como um fogo florescendo a vida em um grande braseiro—. Não há nada aqui que possa machucar você.

Nada exceto você, sussurrou silenciosamente Abby.

—Por que estamos aqui?

A bruxa se deslocou através do chão.

—Há algo que quero ensinar a você.

Edra caminhou para o que parecia ser uma larga laje de mármore ao lado do braseiro. Tinha toda a pinta de ser algo que ficaria sobre uma tumba. Na beirada do mármore estavam meticulosamente preparadas velas negras e ervas seca. E no centro havia um estranho

símbolo desenhado com um denso e coagulado líquido que brilhava com um matiz negro avermelhado.

O estômago de Abby se fechou quando a contra gosto seguiu a mulher.

—O que é isto?

—Meu humilde altar — a bruxa se esticou para acariciar a pedra fria com uma mão reverente— Não é o que desejava oferecer à querida Deusa, mas me vi obrigada a deixar muitas coisas depois do ataque do mago.

—Por que estamos aqui?

A diminuta cabeça virou para transpassar Abby com um brilhante olhar fixo. Abby fez uma careta. À luz cambiante da vela, a mulher parecia um lagarto enrugado.

E quase tão cálida.

—Para mudar o mundo, milady.

Abby se moveu com inquietação.

—Isso é um pouco ambíguo.

—Este é o tempo que a glória máxima da Fênix será revelada. Seu poder desencardirá o mundo.

Desencardirá o mundo.

Certamente soava mais agradável que o assassinato de massas.

—Desencardir o mundo do que? — exigiu ela, precisando ouvir a mulher admitindo suas malvadas intenções.

—Do Mal.

—De novo, um pouco ambíguo — rodeou a cintura com os braços. Qualquer porão escuro e úmido era horripilante, mas com as velas, a laje mortuária e uma substância viscosa que poderia ser ou não sangue, isto levava o horripilante a um novo nível— Exatamente que mal vamos desencardir?

—O demônio é obvio. E aqueles que adoram ao Senhor Escuro.

—O Senhor Escuro foi banido deste mundo.

A impaciência, assim como algo que poderia ter sido cólera, apertou os lábios da mulher mais velha. Obviamente ela não era uma grande entusiasta de pôr suas decisões em debate.

—Sua imundície ainda corrompe o mesmo ar que respiramos. Ele chama a seus discípulos e eles acodem. Todos eles devem ser eliminados — disse com aspereza.

Abby lambeu os lábios.

—E espera que a Fênix faça isso?

—É obvio. A Deusa querida estava destinada a governar — estendeu suas mãos nodosas como aceitando a adoração de uns discípulos invisíveis— Tal como eu tenho a intenção de governar. Nosso tempo por fim chegou.

Meu Deus! A mulher estava louca.

Venha depressa, Dante, sussurrou silenciosamente. Por favor, se apresse.

—Entendo seu desejo. É sem dúvida admirável, mas certamente há outros meios de combater o mal, não? — procurou apaziguá-la. Sossegar a pessoa louca. Sempre tinha sido seu lema.

Absurdamente a bruxa pareceu ultrajada em lugar de calma.

—Entender? — moveu-se para ficar em pé diretamente em frente de Abby— O que é o que poderia entender moça?

—Entendo a diferença entre o bem e o mal.

—Até faz uns dias, pensava que os demônios não eram nada mais que contos de fadas.

Abby comprovou que seu terror era tragado por uma cólera crescente. Maldita seja! Ela não tinha querido ser nenhum estúpido

Cálice. Ou ter monstros perseguindo-a. Ou ser uma espécie de salvadora do mundo.

Mas agora que tinha sido obrigada a estar nesta posição, não ia ser intimidada para converter-se no mal contra o que se supunha que lutavam.

—Talvez não soubesse, mas agora me dei conta de que há muitos tipos de demônios. Nem todos são malvados.

—O vampiro — assobiou Edra— Te seduziu.

Abby apertou as mãos.

—Isto não tem nada que ver com Dante. Não formarei parte de um assassinato em massa.

A bruxa se aproximou o suficiente para envolver Abby em um aroma ácido de suor e dentes de alho.

— Lutou contra a escuridão durante os últimos três séculos? — disse asperamente— Deu sua alma para manter o horror a raia? Viu a mulheres inocentes assassinadas como porcos sob a magia de um mago imundo?

Quase a contra gosto, Abby retrocedeu tropeçando. Seus olhos poderiam lhe dizer que podia agarrar a frágil anciã e agitá-la bastante. Seu coração lhe advertiu que a bruxa poderia

agitar uma varinha e esmagá-la como a um inseto.

—Sou o Cálice —alardeou— Não pode me obrigar a realizar um feitiço.

—Eu preferiria que se unisse a mim — Edra levantou uma mão para apontar com seu dedo diretamente entre os olhos de Abby— Mas podemos fazê-lo do modo difícil.

Ah Deus, aqui vem a parte em que se esmaga ao inseto.

—Não... espere...

As palavras mal deixaram seus lábios quando uma dor cega explodiu em sua cabeça e Abby caiu de joelhos. Segurava a cabeça quando, de repente, compreendeu que ia morrer. Ninguém poderia sobreviver a tal dor.

Dante, onde demônios está?

Viper e Dante deslizaram entre as sombras enquanto os sons de passos ressonavam através do corredor. Aspirando profundamente, Dante se inclinou perto de seu companheiro e sussurrou diretamente em seu ouvido:

—Dois homens, ambos humanos — suas presas se alargaram— Me encarregarei deles. Você procure Abby.

Viper fez uma pausa.

—Está seguro?

—Não posso ferir Edra. Você pode.

Um sorriso frio tocou os elegantes traços.

—Será meu prazer.

Nem sequer o ar se moveu quando Viper desapareceu de seu lado. Permanecendo nas sombras, Dante esperou que os homens passassem diante dele. Só então saltou para frente, derrubando com força ao guarda mais próximo. Sentiu o segundo homem agarrar seu braço. Sem jogar um olhar em sua direção, Dante lançou-o contra a parede próxima. Houve um ruído surdo e um gemido quando o atacante escorregou para o chão.

O homem debaixo dele lutou por alcançar algo sob sua avultada figura. O vampiro sorriu ironicamente, sabendo que o parvo sem dúvida queria chegar até uma arma. Ou não sabia que um vampiro o atacava ou não tinha nem idéia de que as balas não podiam danificar aos não mortos.

Agarrando um punhado de cabelo, Dante golpeou o denso crânio contra o chão, e logo

outra vez. Sentiu que o corpo se afrouxava e ficou em pé. Ambos os homens estavam sem sentido, mas não pensava deixá-los a vista. Abrindo uma porta próxima, voltou para os homens inconscientes e os jogou com facilidade dentro do quarto estreito. Com a mesma velocidade, atou-os com seus cinturões e fechou a porta.

Avançou de novo silenciosamente. A sua frente havia um acre aroma de sangue. Viper, sem dúvida. A menos que as bruxas se unissem, não seriam rivais para o poderoso vampiro. Ignorando o potente aroma, Dante se dirigiu para a parte traseira da casa. O fraco aroma da Shalott o conduziu pela biblioteca vazia para um pequeno armário que tinha sido fechado com chave e barras de ferro.

Embora não era uma barreira para vampiros, Dante apostaria que aquele ferro era uma ameaça para a Shalott. Com uma careta ante o inevitável ruído, ele arrancou as barras da porta, as lançando de lado enquanto dava uma olhada sobre seu ombro para assegurar-se de que ninguém chegava ao quarto para enfrentar-se com ele.

O quarto estava vazio, mas sua distração momentânea não ficou sem castigo quando a

porta explodiu para fora e uma esbelta figura saltou para frente para golpeá-lo em o queixo com um duro chute. Com um grunhido que era tanto de moléstia como de dor, Dante se virou para descobrir a demônio encolhida em gesto ameaçador.

Havia uma beleza letal, quase embriagadora, em suas pernas magras e nos cabelos negros soltos, mas Dante não tinha nenhum interesse em seus atributos físicos. Ou inclusive na nuvem de feromônio que encheram o quarto. Sua união com Abby o fazia impermeável a seu potente encanto.

Em lugar disso, preparou-se para outro ataque. Ela não conseguiria outro golpe fácil. Sustentando uma mão elevada, observou-a com o cenho franzido.

—Me permita falar.

Suas mãos se flexionaram em advertência.

—Fique atrás, vampiro.

—Isso pode ser difícil de acreditar, mas vim para ajudar você.

Seus lábios se curvaram.

—E tudo o que tenho que fazer é permitir que tenha uns sorvos, verdade? Obrigada, mas não.

Dante apertou os dentes. Tinha nascido alguma vez uma mulher —humana, demônio ou de outro tipo— com a que não terei que discutir?

—Não tenho nenhum desejo de seu sangue, Shalott — espetou ele—Mas necessitarei de suas habilidades.

—Esquece — balançou brandamente, como uma cobra disposta a atacar— Primeiro verei você morto.

Dando-se conta de que ela pensava que ele se referia a suas habilidades hereditárias para seduzir aos vampiros, fez um impaciente gesto com a mão.

—Necessito suas habilidades de combate — permitiu que seu olhar se deslizasse para os cortes selvagens que desfiguravam seus braços e a parte superior de seu torso. Apostaria que ela possuía mais em suas costas. Tinha sido açoitada como se fosse um animal— Tenho a intenção de acabar com as bruxas.

Ela ficou quieta, juntando as sobrancelhas de repente.

—É impossível. São muito fortes.

—Não depois que quase foram aniquiladas pelo mago. Não podem agüentar contra dois vampiros e uma Shalott.

Ela cheirou o ar como procurando decidir se dizia a verdade.

—Por que deveria confiar em você?

—Estou tão preso como você.

Ela conteve a respiração.

—A besta.

—Sim.

Sem prévio aviso, endireitou-se e Dante exibiu suas presas. Promessa ou não, se a mulher atacava-o outra vez, lhe arrancaria a garganta.

Em troca, olhou-o ferozmente com um indício de alarme.

—A Fênix está aqui? — perguntou— Deve levá-la daqui.

—Isso é exatamente o que tenho a intenção de fazer. Com sua ajuda.

—Se elas realizarem o ritual...

—Pode lutar? — interrompeu ele.

—Sim. O feitiço só pode me obrigar a acudir quando elas me convocam.

Ele sorriu com ironia.

—Quis dizer se está bem o bastante para lutar. Feriram-lhe.

Ela pareceu momentaneamente surpreendida por sua preocupação. Como se isto fosse quão último ela esperasse. Então,

como envergonhada por sua demonstração de vulnerabilidade, elevou o queixo orgulhosamente.

—Posso lutar.

—Então vamos.

Houve um tenso instante antes que ela desse um vacilante assentimento com a cabeça e saíssem do quarto um ao lado do outro. Nenhum se sentia cômodo tendo ao outro em suas costas.

—O porão — resmungou ele e com um assentimento ela se dirigiu pelo corredor para o que ele esperava fosse à entrada das escadas.

Quando se aproximaram da cozinha, entretanto, ela reduziu seu passo enquanto lhe lançava um cenho em advertência.

—Aí diante usaram magia.

Dante deu uma turva sacudida de cabeça enquanto se inclinava para tirar as adagas de suas botas. Poderia ter pegado uma arma dos guardas que tinha capturado, mas o último que queria era algum vizinho bisbilhoteiro que chamasse a polícia. Duvidava que pudesse convencer à pessoa mais exemplares de Chicago que dois vampiros e um demônio eram os tipos bons.

Deslizando na cozinha, o olhar fixo de Dante cintilou sobre o círculo de bruxas que nesse momento mantinham Viper preso com um feitiço. Grunhindo com fúria, o vampiro mais velho lutava com tudo o que tinha, mas era óbvio que no momento estava apanhado.

Por sorte, suas resistências asseguraram que as bruxas estivessem despreparadas ante a aproximação de Dante. Necessitavam de tudo o que tinham para manter Viper enjaulado. Obrigado a deter-se enquanto determinava qual das mulheres tinha sua algema, Dante se sobressaltou brevemente quando um borrão passou veloz como um raio e a Shalott se lançou para a bruxa mais próxima. Houve um forte alarido seguido rapidamente por outro quando Dante lançou sua adaga às costas de uma bruxa que cantarolava.

Dando-se conta muito tarde do perigo, as bruxas se viraram para enfrentar sua última ameaça e o feitiço vacilou. Dante correu para frente justo quando Viper sorria com cruel antecipação.

Ao final, a batalha foi curta e brutal. As bruxas mais velhas foram mortas às mãos de Viper e Shalott, enquanto que Dante usou seus poderes para cativar as bruxas mais jovens.

Agora estavam sentadas, agachadas no chão, cuidando de suas feridas e esperando as ordens de Dante obedientemente. Seu ligeiro toque tinha sido quebrado facilmente seus espíritos. Nem sequer podiam mover-se no chão sem sua permissão.

Recuperando sua adaga, enxugou o sangue antes de deslizá-la de volta a sua bainha. Quando se endireitou, viu Viper andar devagar com passo majestoso para o demônio feminino e os olhos do vampiro brilharam com um fogo perigoso.

—Ah, a Shalott — murmurou Viper em tom sedoso— Formosa.

Movendo-se até que suas costas estivessem contra a parede, a demônio elevou uma mão em advertência.

—Não se aproxime.

Viper riu entre dentes.

—Não farei mal a você.

A Shalott jogou para atrás sua longa juba de cachos cor azeviche. Dante sufocou um gemido ante o movimento inconscientemente provocador. Com a sede de sangue que corria quente no ar, a demônio faria melhor em desempenhar o papel de uma vítima passiva que desafiar diretamente Viper.

—Sim, ouvi isso muitos vezes — mofou ela— Em geral diretamente antes que alguém trate de me fazer dano.

Sem surpresa, Viper deslizou para frente e Dante o seguiu rapidamente, justo detrás dele.

Maldito seja não tinham tempo para essa tolice.

Pensando quanta força seria necessário para deter o decidido vampiro, Dante se encontrou deslocado completamente a um lado quando Viper bruscamente olhou para o alto e cheirou o ar.

—Humana — aspirou.

Os olhos da Shalott se alargaram.

—O que?

—É mestiça.

Sem advertência, a demônio saltou sobre Viper e o tombou no chão. Acabou sentada em seu peito.

—Não me pressione vampiro — grunhiu ela.

Viper riu enquanto se virava para enviá-la ao chão, sujeitando-a com seu corpo bem maior.

—Não tome mais do que possa mastigar, humana.

Dante já tinha agüentado o bastante. Seu corpo inteiro vibrou com a necessidade de encontrar Abby e a tirar daquela casa.

—Vamos lutar contra as bruxas ou entre nós? — exigiu bruscamente.

Viper assentiu com a cabeça quando se levantou e puxou brandamente pela mão a Shalott para levantá-la do chão.

—Teremos que terminar nosso jogo mais tarde, encanto — murmurou enquanto se movia diretamente para a porta quase escondida na despensa— O trabalho primeiro, infelizmente.

Capítulo 25

Parecia uma lástima deixar a escuridão. A escuridão era cálida e tranquilizadora, e não tinha uma bruxa psicopata ou um zumbi asqueroso. E o melhor de tudo, a escuridão não tinha a dor aguda que podia sentir espreitando na parte posterior da cabeça.

Infelizmente, junto com a dor estava também a sensação onipresente de Dante. Embora estivessem separados, podia sentir sua fria fúria enquanto lutava para chegar a seu lado. Até que pudesse chegar ao porão, dependeria dela evitar que Edra usasse a Fênix para levar a cabo seu demente feitiço.

Maldição.

Absorvendo lentamente a dor aguda que tinha na cabeça, Abby abriu os olhos de golpe para descobrir que estava atada com correntes a uma laje de mármore.

Por alguma razão, não estava nem um pouco surpreendida com isso. Segurou um gemido e então, como qualquer louco que alguma vez se encontrou preso, instintivamente lutou contra as correias de couro que a sujeitavam.

Foi um esforço inútil, é obvio. As correias não estavam muito apertadas, mas a prendia. Ainda assim, com esse movimento tinha roçado o braço contra a cintura e se lembrou que tinha a adaga em sua capa. A camisa tinha servido para esconder a arma e felizmente a bruxa não tinha pensado em revistá-la.

Se pudesse liberar os braços para usá-los.

Discretamente mexeu-se para um lado. Como esperava, a correia se cravou em seu braço esquerdo, mas afrouxou a pressão no outro. A ponto de descobrir se poderia menear o braço livre, foi interrompida quando uma sombra caiu sobre a mesa.

—Ah, despertou — Edra sorriu com gelado prazer.

Obrigando-se a permanecer perfeitamente quieta, Abby olhou enfurecida aos olhos de lagartixa.

—Deve para isso — disse os dentes.

—É muito tarde. O feitiço terá início logo.

A bruxa se aproximou, agarrando o que parecia um cálice de prata. Abby se encolheu contra o frio mármore. Não sabia o que havia

no estranho cálice, mas estava segura que não queria sabê-lo.

Ante seu movimento, as velas piscaram e sua atenção foi capturada por um vulto imóvel no centro do piso.

O coração lhe parou enquanto piscava, e então piscou de novo.

Não era um vulto. Era o corpo de uma mulher com o cabelo negro e curto, e um tipo de maquiagem gótica que só permitia determinar que fosse uma moça.

E muito, muito morta.

Jazia no duro chão, com os olhos completamente abertos como se captasse uma surpresa sem fim e a boca também aberta. O mais horrível de tudo era o feio corte que lhe danificava a garganta e permitia que o sangue coagulado formasse um atoleiro na sujeira debaixo do queixo.

Abby ofegou enquanto lutava contra uma crescente náusea.

—Por todos os infernos. Você a matou? — grasnou.

—Uma magia tão capitalista exige sangue.

A contra gosto, Abby voltou o olhar à mulher parada sobre ela.

—Está louca. Está louca de pedra.

Uma mancha vermelha cobriu suas pastosas bochechas.

—Fecha a boca. Não sabe nada dos sacrifícios que agüentei — vaiou— Durante três séculos consagrei minha vida a esse momento. Enquanto Selena se mimava, se cuidava e se rodeava de luxos eu me escondia nas sombras e a protegia. Encarei ao mal e o mantive a raia. Investiguei no coração da escuridão e me preparei para acabar com aqueles que queriam destruir a Fênix. Sou eu quem salvará o mundo.

Abby se moveu ainda mais para um lado, afrouxando mais o braço. Tinha que liberar-se. Não poderia raciocinar com a lunática. Toda a prudência que uma vez pôde haver possuído se tinha ido faz muito.

—E por isso rasgou a garganta de uma garota inocente? — demandou, decidida a manter a mulher muito zangada para notar os estranhos movimentos.

—Sua morte servirá a uma causa superior — não havia nenhum brilho de remorso— É um destino que todos devemos aspirar.

—Notei que você não se ofereceu como sacrifício.

O cálice tremeu nas mãos de Edra.

—Cale a boca, cadela asquerosa. Deitou-se com um vampiro. Não é digna de ser o Cálice.

—Má sorte. Sou tudo o que tem.

—Muito em breve ensinarei a você um pouco de respeito, da mesma maneira que ensinei Selena.

Movimentos, movimentos.

—Melhores valentões que você o tentaram.

Só por um momento, Abby pensou que tinha empurrado à bruxa muito longe. O brilho febril em seus olhos se obscureceu em uma pura fúria e seus lábios se curvaram em um grunhido.

A tentação de dizer “Ao inferno salvar o mundo, vou castigar a cadela como se merece” manteve-se próxima a Edra, mas com esforço se afastou da completa loucura.

—Não! Não me distrairá! Não agora!

Introduziu as mãos no bolso de sua túnica e tirou um pequeno objeto de metal. Abby franziu o cenho. Depois de todas as coisas horríveis que tinha suportado durante

os últimos dias, havia meio que esperado que a bruxa tirasse uma faca, uma serpente ou ao menos um coelho mágico.

O pequeno amuleto parecia assombrosamente inofensivo.

Ao menos até que descansou sobre o centro de seu peito. No princípio não houve nada. Só uma sensação fria que lhe percorreu a pele. Então, justo quando começava a ter a esperança de que a peça de ferro fosse falsa, o aroma de fumaça começou a encher o ar.

Abby gritou quando o amuleto ardeu facilmente através da malha fina da camisa e tocou a pele. O metal estava marcando sua pele e não havia nenhuma garantia que se detivera antes que entrasse em seu corpo para queimar seu coração.

—O que está fazendo? —ofegou, lutando para liberar a adaga de sua capa. Já não importava se a bruxa se dava conta do que estava fazendo. Se não se libertasse, o feitiço seria completado ou estaria morta.

Nenhuma era uma alternativa aceitável.

Felizmente, Edra fechou os olhos enquanto sustentava o cálice diretamente sobre o amuleto.

—O amuleto me ajudará a obter o poder da Fênix — murmurou.

—Para, está me queimando.

A mulher começou a cantar em voz baixa e com a dor cortante lhe atravessando o corpo, Abby pôde sentir o movimento do espírito nela. Com um duro esforço, se ajeitou para liberar a adaga, mas seu braço permaneceu preso pelas correias.

Deus querido, não ia conseguir a tempo

Inspirando profundamente, gritou com tudo o que tinha.

— Dante!

Estando já nas escadas, Dante se moveu a uma velocidade incrível para colocar-se no centro do porão.

Suas mãos se apertaram ao descobrir Abby atada à mesa de mármore com a bruxa rondando a seu lado. Inclusive na distância podia dar-se conta do fedor da carne queimada.

—Abby...

— Dante, está fazendo o feitiço.

—A besta — os olhos de Edra se abriram de repente para prender Dante com um olhar

febril— Deveria ter sabido que não morreria tão facilmente. Bem, não tema. Não serei tão descuidada dessa vez.

—Parem! — grunhiu Dante quando sentiu Viper e a Shalott a suas costas.

—Não podemos deixar que complete o ritual — disse Viper em tom gelado.

—Há uma barreira.

Viper amaldiçoou em uma língua antiga.

—Odeio magia — virou a cabeça para a Shalott— E você? Pode romper o feitiço?

A demônio negou com a cabeça.

—Não.

Dante apertou os dentes. Queria uivar de frustração. Ou matar alguém.

Estar tão perto e não ser capaz de alcançar Abby era insuportável. Bordeando a barreira, emitiu um grunhido baixo com a garganta. O círculo tinha sido completado. Estava fechado até que a bruxa tivesse terminado o feitiço. Nunca tinha se sentido tão desamparado em sua vida.

E maldito seja se gostava!

Dante continuou seguindo a linha do círculo e procurou algo com o que distrair à bruxa. Se pudesse fazê-la vacilar por só um momento, a barreira se romperia. Não poderia

levantá-la de novo antes que ele e Viper estivessem sobre ela.

De qualquer modo, era mais fácil dizê-lo que fazê-lo. Não havia nada no porão que servisse de alguma ajuda. Negando-se a desistir, moveu-se até estar diretamente atrás da bruxa.

Abby gemeu brandamente e o olhar de Dante se moveu instintivamente para onde estava atada à laje. Durante um momento não pôde ver nada através da bruma vermelha de fúria. Tinha que chegar a ela. Agora.

Então sua atenção foi capturada pelo reflexo das velas na adaga que tinha na mão. Deteve-se o dar-se conta de que estava usando o keris para cortar a correia de couro.

Seu olhar ficou cravado no dela enquanto silenciosamente a incentivava a ir mais depressa. Edra já estava inclinando o cálice para verter o sangue sobre o amuleto. Estava completando o ritual que a permitiria dobrar o poder da Fênix a sua vontade.

Se o feitiço era recitado, não seria capaz de resgatar Abby. Ou a si mesmo. Lançou um olhar de relance para assegurar-se de que Viper se deu conta do intento de fuga de Abby. O vampiro mais velho assentiu levemente com

a cabeça. Moveram-se juntos, preparados para atacar no momento que a barreira fosse destruída.

A Shalott escolheu um ponto diretamente em frente da bruxa. Um demônio com táticas bélicas.

Quem diria.

Inconsciente de tudo salvo do feitiço que estava lançando, Edra sustentou o cálice por cima de sua cabeça e então o baixou lentamente para derramar uma medida de sangue espesso diretamente sobre o amuleto.

Dante se paralisou.

O feitiço estava começando.

Ele muito bem poderia estar morto antes que Abby pudesse liberar-se. O sangue golpeou o amuleto e chispou contra o ardente calor. Um estranho murmúrio encheu os ouvidos de Dante e ele golpeou seus punhos inutilmente contra a barreira.

—Abby — disse asperamente.

Como se sentisse seu crescente pânico, Abby apertou os dentes e rompeu o último pedaço de couro. O amuleto em seu peito pareceu cintilar quando apartou o ferro ardente de sua pele e lutou por sentar-se.

Atrás, Dante viu como Edra ficava paralisada pela comoção.

Em sua arrogância, tinha pensado que nada poderia parar seu glorioso intento de poder. Certamente não uma mulher pequena sem nenhuma habilidade para exercer a magia, nem reclamação para as artes mais escuras.

Não tinha contado com a teimosa determinação de Abby.

Algo que ele tinha aprendido a não menosprezar.

Ignorando a óbvia dor que debilitava seu corpo, Abby se ajeitou para incorporar-se, usando o impulso para cortar com o keris. Sentindo tardiamente o perigo, a bruxa retrocedeu de um salto, evitando um golpe mortal.

Felizmente, a adaga conseguiu lhe fazer um corte no braço, enviando o cálice a estelar-se contra o chão.

Mais importante, com sua concentração destruída, a barreira se desvaneceu em névoa.

Com um rugido, Viper cruzou a habitação e sujeitou à bruxa contra o chão. Dante já estava ao lado de Abby, soltando as últimas correias e agarrando-a em seus braços.

—Não! — levantando as mãos em advertência, Abby saltou da mesa com um giro e lutou para manter o equilíbrio— Não me toque!

Muito devagar, Dante a rodeou para enfrentá-la, elevando as sobrelanceiras.

—Abby, o que acontece?

Ela rodeou a cintura com os braços.

—Estou me queimando.

Dante assentiu lentamente. Inclusive na distância podia sentir o calor saindo em ondas de seu corpo.

—A Fênix?

—Sim — ela se virou para a bruxa que estava no chão— O feitiço começou.

—Viper, mate-a — grunhiu Dante.

— Com prazer.

Baixando a cabeça para afundar as presas no pescoço da bruxa, Viper deixou escapar um grunhido baixo e então assombrosamente retrocedeu voando enquanto Edra lutava por sentar-se. Em sua mão estava o amuleto.

—Merda — Dante estava se movendo quando Edra levantou a mão para golpear Viper outra vez.

Entretanto, por mais rápido que se movesse a explosão de poder era mais veloz. Amaldiçoou quando se deu conta que nunca chegaria a tempo. Então, sem advertência, a Shalott saltou sobre Viper, recebendo o golpe em suas costas e desabando-se sobre o assombrado vampiro.

Dante virou de novo para fulminar com o olhar à bruxa, que com dificuldade lutava por ficar de pé.

—Não pode me machucar — ofegou, possivelmente mais para tranquilizar-se a si mesmo que para recordar a Dante sua impotência.

—Ainda não, mas logo verei você no inferno.

Ela riu grosseiramente.

—O feitiço começou. Ninguém o pode parar agora.

Rapidamente voltou sua atenção para Abby e encontrá-la de joelhos. Estava gemendo enquanto se balançava para frente e para trás.

—Deus... Abby.

—Não pode ouvir você. A Fênix tomou o controle e logo a Deusa liberará o poder que reclamei — a selvagem risada veio outra vez— Está a ponto de morrer, vampiro.

—Não! — com um grito, Abby se levantou.

Dante tropeçou para trás quando a força de sua presença flamejou abruptamente através da habitação.

Não podia reconhecer sua companheira.

Sob a luz das velas, sua pele pálida brilhava com uma luminosidade estranha e os olhos azuis se tornaram de um carmesim brilhante, como se houvesse chamas acesas atrás deles. Inclusive seus cabelos pareciam flutuar em uma brisa invisível enquanto elevava os braços por completo e começava a andar para a bruxa.

—Amada Deusa — sussurrou a bruxa enquanto ficava de joelhos lentamente.

Dante tratou de avançar só para gritar quando uma onda de calor o lançou ao chão. O mesmo ar estava chispando ao redor de Abby, fazendo impossível alcançá-la.

Condenado inferno, ia incendiar a casa com eles dentro. Depois de conseguir matar a cada demônio.

Começando por ele.

Lutando contra a escuridão que ameaçava esmagá-lo, Dante se obrigou a ficar de joelhos.

—Abby, deve parar... — grunhiu.

—Não — Abby não apartou a atenção da bruxa ajoelhada— Isto deve terminar agora.

Merda. Não podia se mover. Não podia fazer nenhuma maldita coisa.

—Abby.

Alcançando à mulher mais velha, Abby estendeu a mão.

—Se levante.

—Sim — com dificuldade, a bruxa se ajeitou para levantar-se, com uma expressão adúladora em sua cara— Esperei tanto tempo para me banhar em sua glória. Para contemplar a inteira maravilha de seus poderes.

—Conhecerá a totalidade de meus poderes, Edra.

As palavras saíram da boca de Abby, mas a voz não pertencia a ela. Tinha sido consumida completamente pelo espírito em seu interior.

—Bendita seja, ama! Bendita seja!

Apanhada e sustentada pelo ardente fogo dos olhos de Abby, a bruxa caminhou lentamente para frente. Dante franziu o cenho quando Abby enlaçou os braços ao redor da mulher. Que demônios estava fazendo a Fênix?

Escutou Viper e a Shalott gemendo atrás dele, mas seu olhar não se desviou de Abby enquanto ela fechava os olhos e inclinava a cabeça para trás. Durante um momento não houve nada. Só a pulsante escuridão que se aferrava a ele com a promessa da morte. E então, surgindo do nada, houve uma violenta explosão.

Dante voou para trás, aterrissando com um forte golpe contra uma polida parede. Os ouvidos lhe zumbiam e estava bastante seguro de que seu cérebro se deslocou.

Mas surpreendentemente, não estava morto.

Ao menos, não de momento.

Sacudindo a cabeça para limpar a névoa, procurou freneticamente através da espessa fumaça que enchia o ar. Um medo agudo o percorreu quando se deu conta de que a escuridão invasora tinha sido varrida pela chama. E inclusive mais espantoso, a atadura que lhe tinha mantido prisioneiro durante os últimos três séculos, tinha sido tirada bruscamente.

Estava livre. Mas a que preço?

Não.

Demônios, não.

Não podia acreditar que Abby estivesse morta. Não podia acreditá-lo.

Engatinhando sobre as mãos e os joelhos, cruzou o sujo chão até o último lugar em que tinha visto Abby. Levou-lhe uns poucos segundos percorrer a pequena distância, mas a Dante pareceu que tinha passado uma eternidade.

Ao final sua mão se encontrou com um braço estendido. Rangeu os dentes ao obrigarse a tocar a pele suave como a seda.

Um toque foi suficiente.

Pôde sentir sua alma.

Estava viva.

Sua cabeça tocou ligeiramente o chão frio antes de mover-se para agarrar o corpo imóvel entre seus braços. Ignorou o desastre que jazia a uma curta distância.

Ficou muito pouco da Edra.

Sem dúvida havia partes e pedaços dispersos pelo porão. Certamente o que ficou dos restos queimados não poderia somar um corpo inteiro.

Um sorriso frio lhe tocou os lábios.

Era um final adequado para a bruxa.

—Abby — enterrou a cara em seu cabelo, abraçando-a com força.

Sentiu-a remover-se e se retirou para olhar os brilhantes olhos azuis.

— Dante? —sua cara estava coberta de fuligem, tinha o cabelo chamuscado e havia sangue em seu queixo.

E nunca tinha estado tão formosa.

Depositou um cuidadoso beijo em seus lábios cortados.

—Fez, querida — disse com voz rouca— Terminou com o feitiço.

—Eu não — sua voz era áspera e rouca, como se sua garganta tivesse sido queimada— A Fênix.

Não se permitiria ser utilizada para destruir sem motivo.

—Quieta. Discutiremos mais tarde. Por enquanto tudo o que importa é que está viva.

Um débil sorriso tocou sua boca.

—E ainda sou uma deusa.

Ele deixou escapar um riso suave.

—Isso parece.

—Me adorará?

Ele passou os lábios pelos escuros hematomas que danificavam sua formosa pele.

—Querida, tenho intenção de adorar você cada noite pelo resto da eternidade.

Epílogo

Duas semanas depois, Abby estava deitada na cama da guarida de Dante, vendo como ele acendia cuidadosamente as velas que tinha disposto por toda a habitação.

As bruxas tinham fugido ou tinham sido sepultada depois da morte de Edra, pondo fim a seita. Não era uma grande perda para Abby, considerando que tinham pretendido utilizá-la

como uma espécie de catalisador para trazer o fim do mundo.

Era certo que agora carregava um espírito místico, mas cada vez ficava melhor em dissimular seus poderes daqueles que queriam vê-la morta e ser um Cálice tinha vários benefícios.

Sem ser o menor deles a promessa de uma eternidade com Dante.

Sobre eles, a mansão de Selena estava sendo reconstruída lentamente, acabada com janelas, tintas e uma nova biblioteca para a vasta coleção de livros de Dante. E, é obvio, as novas guias de viagem que tinha comprado para Abby.

Em sua lua de mel, Dante tinha prometido levá-la ao redor do mundo. Mas primeiro deveriam compartilhar a cerimônia que lhes converteriam realmente em companheiros.

Removendo-se entre os travesseiros, Abby tirou o lençol de seda negra que era tudo que lhe cobria o corpo nu.

—Entendo que Selena e Edra estavam em uma luta de poder para decidir quem iria liberar o mundo de demônios e converter-se em uma espécie de semideus — murmurou

com voz preguiçosa— Mas ainda não entendo por que esperaram tanto para tentar usar o feitiço. Poderia pensar que logo que Selena se converteu no Cálice deveriam ter tentado usar seu cilindro mágico.

Acendendo a última das velas, Dante se virou para olhá-la com uma sobrancelha elevada.

—Cilindro mágico?

Ela conteve a respiração.

Vestido só com um roupão de seda negra e com o cabelo emoldurando a face de alabastro, parecia totalmente um pirata malvado. Hummm...

Com esforço, lutou contra seu ataque de luxúria.

—Sabe o que quero dizer.

Ele deu de ombros.

—Pelo que pude descobrir entre os escritos de Edra, parece que estavam esperando que as estrelas estivessem corretamente alinhadas.

—Oh!

—Claramente, não se deram conta de que a Fênix possuía uma mente própria e que destruiria a qualquer um que procurasse usá-lo para um ato tão demoníaco.

Abby estremeceu. Ainda tinha pesadelos do tempo que tinha passado no porão com a Edra.

—Não até que fosse muito tarde.

— Chega querida — a tranqüilizou— Não vamos arruinar nossa noite com pensamentos sobre as bruxas.

Não, o mais seguro era que não, estive de acordo Abby, deslizando o olhar sobre o perfeito corpo masculino.

—É muito atraente para que algo arruíne essa noite.

Os olhos prateados brilharam enquanto se movia para colocar-se na cama, a seu lado.

—Muito atraente?

Abby sorriu enquanto tirava amavelmente o roupão.

—Certamente apesar da sua idade não estará ficando cego, não?

—Não posso usar um espelho para me assegurar, assim devo depender de você.

Com o roupão atirado no chão, Abby percorreu a suave perfeição de suas costas com as mãos.

—Bem, suponho que não vou te jogar da minha cama por enquanto.

Suas presas cintilaram à luz das velas. De repente pareceu incrivelmente exótico e completamente um vampiro.

—Nossa cama — corrigiu brandamente.

O coração de Abby parou enquanto olhava fixamente seus olhos prateados.

—Nossa cama.

Com um lento movimento, Dante jogou o lençol a um lado para permitir que o ar frio assaltasse sua pele nua.

—Está preparada?

As mãos dela se apertaram em suas costas.

Com a morte de Edra, o feitiço que impedia Dante de ser capaz de beber sangue humano havia sido quebrado. Agora funcionava inteiramente como um vampiro.

E estava ansioso por completar a cerimônia que os atariam.

Abby assentiu com firmeza.

—Estou preparada.

Movendo-se com cuidado sobre ela, Dante se colocou entre suas pernas. Então lhe apartou os cabelos do pescoço com gentileza.

Abby se esticou instintivamente.

—Não fique assustada — disse com voz rouca— Prometo a você que não te farei mal.

Aspirando profundamente, Abby relaxou os tensos músculos.

—Não estou assustada.

—E está segura de que isso é o que quer? Uma vez que te tenha emparelhado comigo, não há como voltar atrás.

Era uma advertência familiar. Se tivesse sido por ela, teriam se emparelhado no momento em que saíram do porão. Dante, entretanto, tinha resultado ser extraordinariamente teimoso, rechaçando as exigências dela até que tivesse tempo suficiente para considerar as conseqüências.

—Já passamos por tudo isto.

—Sim, mas...

Segurou sua face com as mãos.

—Dante, se cale e me faça sua.

Os olhos prateados arderam ao mesmo tempo que um sorriso malicioso lhe curvava os lábios.

—Sim, minha deusa — murmurou, baixando a cabeça para a exposta garganta.

Apesar de suas valentes palavras, Abby não pôde negar que ao menos esperava algo de dor.

Não precisava ser médico para dar-se conta que introduzir um par de presas na pele tinha que causar um pouco de mal-estar.

Ainda assim, não se permitiu estremecer ao sentir sua língua lhe acariciando brandamente o pulso da base do pescoço. Dante pararia no momento que sentisse sua tensão.

—Meu amor — sussurrou.

E então mordeu.

Os olhos de Abby se alargaram com assombro. Não tinha doído. Não houve nada mais que um deslize de fria pressão e depois uma sacudida de prazer tão intensa que se sacudiu contra Dante.

—Meu Deus! — sussurrou quando o calor cintilou através de seu corpo para juntar-se em um desejo ardente na boca de seu estômago.

Agarrou-lhe as costas com os dedos, tirando sangue enquanto arqueava os quadris em uma silenciosa súplica de alívio.

Dante enredou as mãos em seus cabelos enquanto continuava bebendo seu sangue e com um movimento suave, entrou profundamente nela. Abby ofegou e as sensações eram tão intensas que temeu desmaiar.

Tremendo, Abby se abriu a seus golpes dominantes. Gemeu com cada impulso, elevando os quadris para encontrar os seus com selvagem abandono. A crescente pressão era deliciosa. Incrível. E se não alcançasse logo o clímax temia que realmente pudesse explodir.

— Dante... Por favor.

Seu riso suave acariciou o pescoço, mas parecendo entender seu desespero, acelerou o ritmo até que ela se arqueou embaixo dele e com um débil grito encontrou a liberação.

Ofegando e exausta, Abby abriu os olhos lentamente para descobrir Dante olhando o braço. Lentamente virou a cabeça, vendo como a familiar tatuagem carmesim começava a deixar-se ver no antebraço do vampiro.

Um sorriso presunçoso tocou os lábios de Dante quando se virou para observá-la com uma reluzente olhar.

—Sabia que poderia te fazer minha — murmurou com tom arrogante.

Emoldurando-lhe o rosto Abby deixou que seus polegares percorressem a curva das presas.

— Dante, fui sua no momento que entrei nesta mansão e encontrei um malvado pirata me esperando.

—Minha amada... Por toda a eternidade.

—E deusa — lhe abaixou a cabeça para um prolongado beijo— Não esqueça da deusa.

Ele riu enquanto com as mãos começava a despertar energicamente seu corpo, de volta à vida apaixonada.

—Como poderia esquecê-lo?

FIM